

ISSN-0103-5576

TRAVESSIA

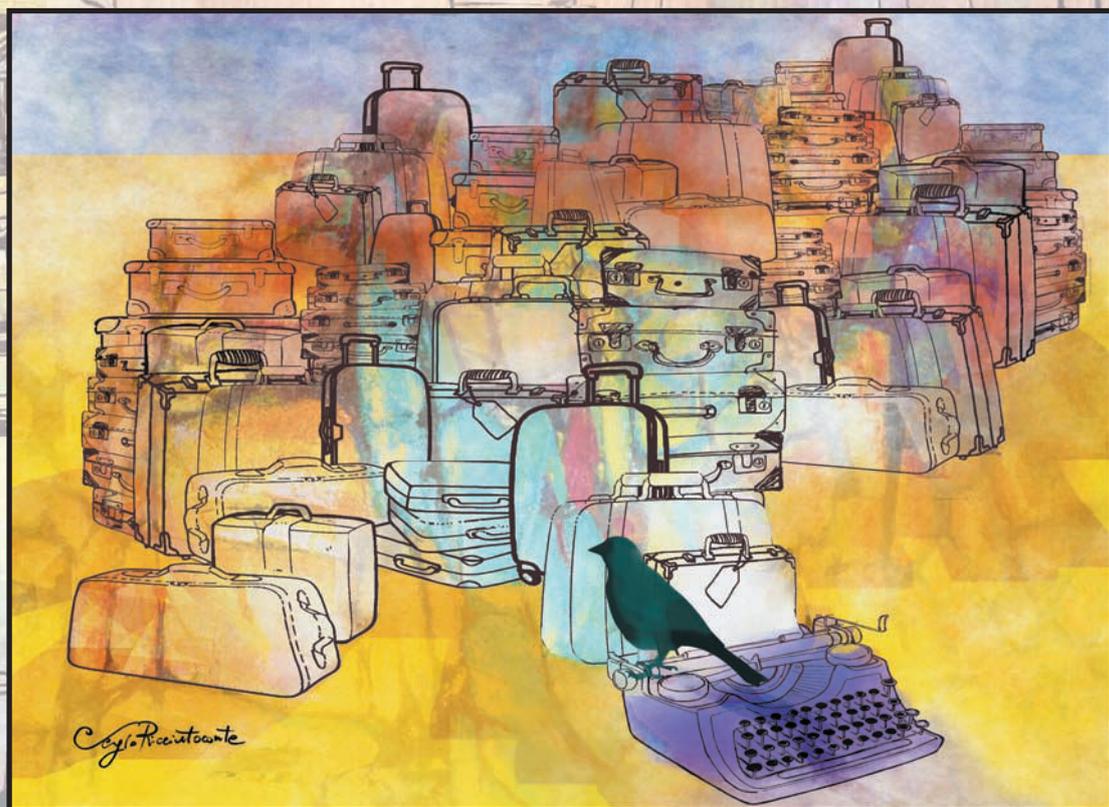


CEM
CENTRO DE ESTUDOS MIGRATÓRIOS

revista do migrante

81

Publicação do CEM - Ano XXX, nº 81, Julho - Dezembro/2017



TRINTA ANOS DE TRAVESSIA

Trabalho

Política

Cultura

Identidade

Mulheres

Emigração/Imigração

TRAVESSIA - Revista do Migrante

Publicação do CEM - Centro de Estudos Migratórios (Federação Internacional dos CEMs J. B. Scalabrini), de natureza interdisciplinar, que visa contribuir para o intercâmbio entre a ampla e diversificada produção do conhecimento e aqueles que atuam em movimentos sociais e pastorais junto aos migrantes.

Diretor do CEM

Paolo Parise

Editor

José Carlos Pereira

CONSELHO CIENTÍFICO

Alfredo José Gonçalves (Pia Soc. dos Miss. de S. Carlos/Scalabrinianos),
Carlos Bernardo Vainer (IPPUR/UFRJ), Dulce Maria Tourinho Baptista (PUC/SP),
Francisco Nunes (Casper Líbero), Giralda Seyferth (Museu Nacional/PPGAS/UFRJ)
José Jorge Gebara (UNESP), Lelio Alberto Mármora (Universidad de Buenos Aires),
Lorenzo Prencipe (CSER/Roma),
Marcia Anita Sprandel (Gt. Migrações Internacionais da ABA e CEMI/Unicamp,
Mária Aparecida de Moraes Silva (UNESP),
Oswaldo Mário Serra Truzzi (UFSCar), Sidney Antonio da Silva (UFAM)

CONSELHO EDITORIAL

Ana Carolina Gonçalves de Leite (UFES), Ana Cristina Arantes Nasser (USP),
Carlos Freire Silva (USP), Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira (UNESP-Rio Claro),
Fernando Antonio Lourenço (CERES/IFCH/Unicamp), Heinz Dieter Heidemann (USP),
Helion Póvoa Neto (NIEM e IPPUR/UFRJ), José Carlos Pereira (CEM/SPM e CERES/IFCH/Unicamp),
Léa Francesconi (USP), Margarida Maria de Andrade (USP),
Mariagrazia Santagati (Università Cattolica – MILANO), Marilda Aparecida de Menezes (UFABC),
Neusa de Fátima Mariano (UFSCAR), Odair da Cruz Paiva (UNIFESP),
Rosana Baeninger (Nepo/IFCH/Unicamp), Sidnei Marco Dornelas, cs (Assessor CNBB),

PARECERISTAS AD HOC

Gustavo Tentone Dias (UNIMONTES), Patrícia Villen (UNICAMP),
Tatiana Waldman (Museu da Imigração)

Colaboradora de revisão

Dirce Trevisi P. Novaes

CENTRO DE ESTUDOS MIGRATÓRIOS

Rua Glicério, 225 - Bairro Liberdade
01514-000 - São Paulo / SP - Brasil
Fone: (11) 3340-6952

travessia@missaonspaz.org

cem@missaonspaz.org

www.missaonspaz.org

Capa - Sergio Ricciuto Conte
sergioricciuto@gmail.com
www.sergioricciutoconte.com.br

SUMÁRIO

Albergados	09
Ambiente	11
Associações	14
Crianças	20
Cultura	28
Educação	42
Emigração/imigração.....	53
Família	73
Fronteiras	78
Gênero	85
Gerações	87
Grandes obras	90
Habitação/moradia.....	93
Identidade	100
Imprensa/mídia	122
Indígenas	126
Indocumentação	136
Literatura	141
Memória	150
Mercosul	163
Metrópole	166
Migração Sul-Sul	181
Mulheres	181
Nomadismos	194
Outros temas	199
Pastoral do migrante	200
Política	214
Preconceito/xenofobia	234
Questão agrária	238
Redes	246
Refugiados	250
Religião	260
Retorno	278
Saúde	288
Sociabilidades	299
Temporalidades	303
Trabalho	306
Violência	334

Apresentação

30 Anos de Travessia

José Carlos Pereira

Esta edição da revista do migrante celebra 30 Anos de Travessia nos sertões, florestas, ares, mares, oceanos, desertos, trilhas marcadas pelas buscas por dignidade, lutas por direitos, violências, pobreza, resistências, estratégias, conquistas, cujos enredos e desenredos políticos, econômicos, culturais e sociais ocupam lugar importante na tessitura da história humana, em particular da própria visão de mundo que os migrantes desenvolvem e transformam permanentemente ao longo de sua marcha denunciadora de problemas sociais, anunciadoras de outras formas de organização social possíveis e transformadora.

A ideia dessa edição nasceu originalmente da proposta de realização de um seminário comemorativo dos 30 anos de Travessia. O seminário seria caracterizado por um diálogo intergeracional entre alguns dos primeiros colaboradores de Travessia e colaboradores das novas gerações de pesquisadores sobre o mundo da migração. Das conferências, palestras e relatos apresentados no seminário nasceria a edição 81 de Travessia. Os textos desses colaboradores passariam pelo labor ordinário do Conselho Editorial e seriam publicados na presente edição.

Em julho de 2017 recebemos a visita do Pe. Alfredo José Gonçalves, um dos fundadores de Travessia, para ministrar o Curso “Migração e Doutrina Social da Igreja”, na Missão Paz. Aproveitando os dias do curso para convidar o Pe. Alfredo à participar do seminário, e falando sobre a edição 81 de Travessia, ele sugeriu de fazermos uma edição catálogo da revista.

Tendo em vista a trajetória de Travessia e sua contribuição para pesquisadores, lideranças populares, pastorais sociais e outros grupos e setores sociais comprometidos com a compreensão mais profunda do mundo da migração e as condições sociais determinantes nas ações dos migrantes ou por essas mesmas ações determinadas, consideramos que uma edição catálogo pudesse apresentar, em síntese, o amplo arco de questões sociais, econômicas, políticas e culturais vinculadas ao fazer, desfazer e refazer cotidiano dos migrantes em suas trajetórias e que foram publicadas em Travessia. A sugestão do Pe. Alfredo José Gonçalves foi aceita.

A ideia do catálogo, inicialmente, era fazer uma listagem dos títulos de artigos, relatos, entrevistas, textos literários ou resenhas publicadas pela revista. Mas, essa ideia acabou adquirindo outros adornos como

fazer um catálogo temático. Isto é, sistematizar os textos publicados por temas na composição do catálogo.

Mas considerando o caráter da migração como um fenômeno social total (Mauss, 2005; Sayad, 1998), a composição temática do catálogo não seria tão fácil. Como seria a organização por tema? Quais os critérios para a sua classificação? Optou-se por considerar como critério para a classificação temática o título e as palavras-chave do texto como seu núcleo central. Efetivamente constaria título, autor/es, resumo, edição.

Todavia, uma vez organizados, os temas não poderiam ser tomados como estanques em si mesmos. Pois, a migração, sobretudo após o fim da segunda Guerra Mundial, tornou-se um dos fenômenos sociais mais dinâmicos e complexos seja como questão social seja como questão sociológica. Da segunda metade do século XX para cá, vivenciamos um contexto histórico de mudanças rápidas e profundas nos instrumentos e formas de comunicação, nas formas de organização do trabalho, sobretudo com a intensificação da automação, por um lado, e, por outro, a desregulamentação dos contratos e a chamada flexibilização das leis trabalhistas que desembocou na legalização da terceirização das atividades meio e fins da produção; a intensificação da violência, dos conflitos bélicos intra e entre países que, até meados do século XX ocorriam entre intervalos temporais, tem ocorrido de forma ininterrupta e provocado milhares de mortes, bem como a migração forçada de outras milhares de pessoas que buscam salvar e buscar um novo começo para suas vidas; as mudanças ambientais provocadas tanto por fenômenos naturais (terremotos, tsunamis) como pela implementação de grandes projetos, seguidos do manejo predatório dos recursos naturais implicando em enchentes devastadoras e secas calcinantes que põem outros milhares de pessoas em marcha forçada; o avanço criminoso da pobreza sobre metade da população mundial (3,6 bilhões de pessoas), enquanto oito pessoas detêm a mesma riqueza que todas elas somadas; o permanente aumento das pessoas que procuram refúgio ou são deslocadas; as crianças migrantes e refugiadas; a ampliação e intensificação dos conflitos fronteiriços em vista das políticas restritivas à mobilidade humana nesses espaços; etc.

Essas mudanças atingem todas as esferas das relações sociais e, sobretudo, a migração que, por si, apresenta ao menos uma condição social imperativa baseada na interação, sempre conflituosa e dinâmica, entre culturas diferentes. No cotidiano dos migrantes, esta interação implica em um delicado jogo de alteridades no qual o migrante é e não é, está e não está, partiu e não partiu, ficando numa espécie de intersecção truncada entre a inserção social e a negação de direitos na sociedade onde chegou. Diante disso, destaca-se a intensa dinâmica dos migrantes em busca de trabalho, terra, moradia, acesso à saúde, à educação, à água potável, a espaços onde possam expressar e vivenciar suas crenças,

tradições e dinâmicas culturais que caracterizam a migração como um fato social total (Mauss, 2005; Sayad, 1998).

Em termos teóricos metodológicos, essa totalidade do fenômeno migratório ajuda a pensar a migração como um processo social dinâmico, determinado por fatores estruturais como economia, política, por um lado, e, por outro, como um fenômeno social engendrado por sujeitos, seja como práticas decorrentes de suas ações e estratégias para viabilizar a sua reprodução, ascensão ou mobilidade social seja como reações às situações extremas de risco de morte, violações de direitos, mudanças ambientais que implicam em migrações forçadas inscritas nos dramas de refugiados, deslocados e apátridas como recuso final para salvaguardar ou buscar um novo começo para as suas vidas.

Ainda na perspectiva teórico-metodológica pode-se notar que há uma intersecção entre os temas que contribuem para os debates contemporâneos em torno da capacidade elucidativa de categorias analíticas como “local de origem”, “local de destino”, “migração temporária”, “migração econômica” ou ainda em torno do alcance de propostas metodológicas como o “estruturalismo” apontando para fatores estruturais como determinantes exclusivos da migração e temas que apontam para a necessidade de considerar novas categorias analíticas como “lugar de trânsito ou passagem de migrantes”, “campo ou espaço migratório” Flores, “circularidade migratória”, “redes”, “agências” (TARRIUS, 1996; Flores, 2010; MENEZES, 2012). Estas não seriam exclusivas, mas complementares às categorias estruturalistas e que, combinadas entre si, podem tocar o fundo das questões sociais que determinam as migrações, mas que também por elas são determinadas.

As novas categorias não são propostas analíticas que negam a forte influência de aspectos estruturais, sobretudo vinculados a economia política, determinando as migrações. Na verdade, a proposta é de complementaridade em vista de destacar as relações micro sociais dos migrantes que viabilizam suas ações de resistência, organização social, formação de redes, projetos familiares, agências e estratégias procurando escapar das mais diversas formas de violência e exploração e se colocarem também como protagonistas.

Reconhecer aos migrantes capacidades de reação ao determinismo das causas e estruturas sociais, sobretudo da economia política, não é negar a hegemônica atuação dessas forças sobre os projetos e ações objetivas e subjetivas sobre eles e seus projetos. Na verdade, reconhecer neles a capacidade de reação é não os tomar como “coisas” operacionais no processo histórico; é não considerar como pressuposto que eles se ajoelham diante de um fato consumado, diria Leon Trotsky, em vista das dificuldades para germinar e engendrar futuras mudanças em um sistema político, econômico, cultural hegemônico opressivo como o capitalismo.

Em síntese, é reconhecer nos migrantes, mesmo acossados ou estiolados pela negação de direitos, a capacidade de combinar força, estratégias, agências, saberes duramente aprendidos em sua estrada pedregosa e lutar por sua dignidade.

É nesse sentido que, embora o presente catálogo esteja organizado por temas, eles não são estanques em si mesmos. Ao contrário, o leitor, pesquisador perceberá que alguns textos arrolados no tema “trabalho” poderiam também constar nos temas “política”, “questão agrária”, “mulheres”, “moradia”, “refúgio”, etc. respectivamente ou simultaneamente. Observados aqueles critérios e essas perspectivas teórico-metodológicas, os textos publicados nas oitenta edições ordinárias e em uma edição especial, O Retorno, Abdelmaleck Sayad, de Travessia foram sistematizados em 39 temas (Albergado; Ambiente; Associações; Crianças; Cultura; Educação; Emigração/imigração; Família; Fronteiras; Gênero; Gerações; Grandes obras; Habitação/moradia; Identidade; Imprensa/mídia; Indígenas; Indocumentação; Literatura; Memória; Mercosul; Metrópole; Migração Sul-Sul; Mulheres; Nomadismos; Pastoral do migrante; Política; Preconceito/xenofobia; Questão agrária; Redes; Refugiados; Religião; Retorno; Saúde; Sociabilidades; Temporalidades; Trabalho; Violência; Outros temas, em geral textos de apresentação ou editorial de Travessia.

O leitor poderá sentir a ausência de temas como “temporários” ou “sazonais”, “tráfico de pessoas”, etc. Estes temas estão presentes de forma transversal e expressiva em outros temas mais abrangentes como “trabalho”, “questão agrária”, “religião”, “mulheres”, “moradia”, “política”, emigração/imigração, “violência”, “refúgio”, etc.

De acordo com aqueles critérios e observações, os cinco temas mais recorrentes sobre os quais foram publicados artigos/relatos/entrevistas são: Trabalho (36), Emigração/Imigração (49), Identidade (43), Política (45) e Cultura (36). Já os cinco temas menos recorrentes foram: Migração Sul-Sul (2), Albergados (6), Gênero/sexualidade (6), Mercosul (6), Temporalidades/ espaços (6). Considerando a intersecção entre os diversos temas que compõem o catálogo, o tema “gênero/sexualidade” talvez seja um dos mais emblemáticos. Embora apareça entre um dos menos recorrentes, ele pode figurar com força no tema “Mulher” ou ainda em outros como “Trabalho”, “Cultura”, “Emigração/imigração”, etc.

É importante observar que, na maior parte dos textos vinculados a um tema, ou direta e indiretamente a mais temas, a análise ou narrativa não se restringem a migração como um fenômeno em si mesmo. Análise e narrativa estão, quase sempre, apontando para as ações dos sujeitos históricos produzidos e produtores da migração e suas interfaces políticas, econômicas, culturais, sociais.

Assim, este catálogo apresenta artigos, relatos, entrevistas, contos

e poesias caracterizados pelo labor científico, pela sensibilidade artística ou pela observação de atentos observadores que transitam das relações sociais estruturais para as micro estruturais; articulam a narrativa acadêmica com outros estilos de linguagem mais acessíveis e que possibilitam ao próprio migrante, à liderança popular, ao acadêmico, ao gestor, ao agente de pastoral, ao público em geral, se apropriarem do conteúdo de forma crítica e como uma ferramenta que lhes auxilie na compreensão de suas trajetórias e na transformação social como um processo histórico dialético simultaneamente determinante e também resultado de sua ação.

Em âmbito geral, os 30 anos de Travessia compõem parte do trabalho mais amplo desenvolvido pela Congregação Scalabriniana, cujo carisma com os migrantes articula mística, espiritualidade, serviço, articulação e incidência política. Particularmente, os 30 anos de Travessia são resultado de um trabalho coletivo de pessoas que, generosamente, cedem parte de seu tempo para que a revista ganhe corpo, formato, conteúdo e, principalmente, contribua para a compreensão das realidades dos migrantes. Sem cometer injustiças com a memória dessas pessoas, cabe ressaltar o trabalho do Pe. Alfredo José Gonçalves, diretor do CEM à época de fundação de Travessia; de Marilda Aparecida de Menezes, a primeira editora da revista; e de Dirceu Cutti que a sucedeu. Todos eles urdiram ou teceram fios que compõem esse complexo, difícil, desafiador, mas também belo trabalho que chega até hoje e nos provoca a seguir rompendo fronteiras com os migrantes.

Você que lê e ou participa direta e indiretamente da produção de Travessia, ou que está “descobrimo” a revista agora, esperamos que permaneça contribuindo para que Travessia, oxalá, possa continuar contribuindo para a compreensão e divulgação das travessias dos migrantes em busca de melhores condições de vida e, efetivamente, para a transformação social, as lutas por reconhecimento, o “direito a ter direitos” (Arendt, 2007) e a justiça social, sinônimos de democracia e historicidade talhadas com nossas mãos, paradoxos, alteridades, fazer, desfazer, refazer como sugere o poeta Manoel de Barros.

Retrato do artista quando coisa

Manoel de Barros

*A maior riqueza
do homem
é sua incompletude.
Nesse ponto
sou abastado.*

*Palavras que me aceitam
como sou
— eu não aceito.
Não aguento ser apenas
um sujeito que abre
portas, que puxa
válvulas, que olha o
relógio, que compra pão
às 6 da tarde, que vai
lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.
Perdoai. Mas eu
preciso ser Outros.
Eu penso
renovar o homem
usando borboletas*

Referências

- ARENDDT, Hanna. *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2007.
- BARROS, Manoel de. *Retrato do artista quando coisa*. São Paulo: Record, 1998.
- FLORES, Sara Maria Lara. *Migraciones de trabajo y movilidad territorial*. Estados Unidos Mexicanos, LXI Legislatura, Cámara de Diputados, 1 de jan de 2010 - 373 páginas
- MATOS, Cristina. *Migrações: decisões individuais e estruturas sociais*. Texto de discussão nº5/93. Lisboa-PT, S/D.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosacnaify, 2005.
- MENEZES, Marilda Aparecida de. *Migrações e mobilidades: repensando teorias, tipologias e conceitos*. In: TEIXEIRA, paulo Eduardo; BRAGA, Antonio Mendes da Costa Braga; BAENINGER, Rosana (orgs.). *Migrações: implicações passadas, presentes e futuras*. Marília: Oficina Universitária ; São Paulo : Cultura Acadêmica, 2012.
- PATARRA, Neide Lopes. *Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais*. *Estudos Avançados*, vol. 20 (57), 2008.
- SAYAD, Abdelmaleck. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo. Edusp, 1998.
- TARRIUS, Allan. *Territoires circulatoires et espaces urbains: différenciation des groupes migrants*. *Annales de la Recherche Urbaine*, nº59-60, 1996. Disponível em: <http://1libertaire.free.fr/Tgv03.html>
Acesso em: 22/10/2017

ALBERGADOS

Título	Albergues: um plural muito pobre
Autor/es	Dirceu Cutti
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano X, nº 29, set-dez/1997. São Paulo
Título	A vida dos homens da noite na cidade grande
Autor/es	Ana Cristina Arantes Nasser
Resumo	Buscando estudar as representações que homens reiterada e ampliadamente excluídos do mercado de trabalho constroem sobre a categoria trabalho, parti do pressuposto de que a relação dialética entre os três elementos que compõem a vida cotidiana na sociedade capitalista – a saber, o trabalho, a família e o lazer (Lefebvre, 1977 e 1981) – é uma relação que se manifesta em sua negatividade, no universo dos excluídos, e, portanto, só existe através de <i>representações</i> por eles construídas. Reconhecendo, portanto, a relação entre a exclusão do e pelo mundo do trabalho com a exclusão dos demais domínios da prática social, procurei investigar o que pode ocorrer ao cotidiano de determinados indivíduos que, mesmo enfrentando as privações nos planos pessoal, social, material, político, ético, estético, não conseguem satisfazer, até enquanto virtualidade, a necessidade de trabalho.
Ano/Edição	Ano X, nº 29, set-dez/1997. São Paulo
Título	Um perfil dos migrantes que recorrem aos albergues da região de Sorocaba
Autor/es	Márcia Beatriz Carneiro Aragão
Resumo	O objetivo do texto é sumarizar uma pesquisa mais ampla intitulada “Um retrato do migrante na região de Sorocaba-SP”.
Ano/Edição	Ano X, nº 29, set-dez/1997. São Paulo
Título	Migrantes da “Casa de Passagem” de Presidente Prudente
Autor/es	Maria Cristina Rangel
Resumo	O artigo analisa o processo de albergamento na “Casa de Passagem “ de Presidente Prudente-SP, destacando os critérios para o migrante conseguir uma vaga; o perfil e as condições sociais dos migrantes. O pano de fundo é o processo de industrialização nas décadas de 1960 e 1970 com o esvaziamento do campo; a busca por terras no Paraná e no Mato Grosso. Nesse contexto aumentou-se o fluxo de migrantes.

Ano/Edição	<p>Este processo se acirrou principalmente devido à recessão econômica na década de 1980 e ao aumento da velocidade no tempo das ações proporcionado pelas novas tecnologia de produção, transporte e comunicação, acompanhadas da política econômica neoliberal. O Albergue passou a receber e encaminhar cada vez mais pessoas à procura de trabalho e pessoas que não encontravam mais no trabalho uma forma de sobrevivência.</p> <p>Ano X, nº 29, set-dez/1997. São Paulo</p>
Título	Migrantes ou carentes? A trajetória da Associação dos Voluntários pela Integração dos Migrantes-AVIM
Autor/es	Dirceu Cutti
Resumo	Este artigo, partindo de uma contextualização histórica das práticas institucionais de acolhimento de migrantes na cidade de São Paulo, objetiva detectar até que ponto a especificidade migratória se constituiu em elemento fundante do trabalho desenvolvido pela AVIM – Associação de Voluntários pela Integração dos Migrantes, durante o período de 1985 a 1996.
Ano/Edição	Ano X, nº 29, set-dez/1997. São Paulo
Título	O peixe e a rede: o migrante e o albergue no discurso dos responsáveis e funcionários da AVIM (Associação dos Voluntários pela Integração dos Migrantes)
Autor/es	Sidnei Marco Dornelas
Resumo	A expressão que dá título a esse artigo foi utilizada várias vezes pelo grupo de pesquisa que se formou para estudar as práticas institucionais de acolhimento de migrantes na cidade de São Paulo. No início ela parecia sintetizar uma hesitação do grupo de pesquisa entre colocar o seu foco de interesse no migrante que estava sendo “acolhido” ou na instituição que se pretendia “acolher” os migrantes. Aos poucos percebeu-se que a expressão, na verdade, revelava muito mais sobre a complexidade do objeto em análise. Percebeu-se que não se poderia estudar o migrante sem levar em consideração o modo como a instituição o representa concretamente, o atendia e julgava a sua situação; como também o modo pelo qual ela se representava a si mesma, no seu papel de acolher migrantes e na sua estruturação como instituição.
Ano/Edição	Ano X, nº 29, set-dez/1997. São Paulo

AMBIENTE

Título	Impacto ambiental e regime político
Autor/es	Carlos Walter Porto Gonçalves
Resumo	A preocupação com o meio ambiente vem ocupando cada dia mais o debate político. Se, por um lado, isto é um fato altamente positivo, por outro lado, torna-se imperiosa a necessidade de superar o caráter de verdadeiro “modismo” de que o debate em torno desse tema se reveste. Em outras palavras, é preciso aprofundar a questão para além da superficialidade e fugacidade inerente a qualquer moda.
Ano/Edição	Ano III, nº 7, maio-ago/1990. São Paulo-SP
Título	Criando o “ambiente”
Autor/es	Sidnei Marco Dornelas
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano X, nº28, maio-ago/1997. São Paulo
Título	Migração e meio ambiente: para onde vamos?
Autor/es	Donald Sawyer
Resumo	Neste artigo, focalizamos as tendências passadas e futuras da migração e do meio ambiente no Brasil, chamando a atenção para as inter-relações. Consideramos a migração dentro de um conceito amplo, que abrange desde os movimentos populacionais internacionais ou nacionais que implicam mudança de residência permanente, ou seja, a definição clássica da migração, até a circulação temporária, movimentos pendulares diários entre residência e trabalho e mesmo o turismo de diversos tipos. Meio ambiente, por sua vez, também entendemos no seu sentido mais amplo, incluindo ambientes naturais ou construídos, depleção ou poluição, impactos locais ou globais, agenda “verde” ou “marrom”. Na sua dimensão humana, o meio ambiente abrange a qualidade de vida. Nesse artigo, vamos além, procurando focar meio ambiente como elemento do desenvolvimento sustentável, ou seja, desenvolvimento que atende às necessidades das presentes gerações sem prejudicar as possibilidades das futuras (Brundtland, 1987).
Ano/Edição	Ano X, nº28, maio-ago/1997. São Paulo
Título	Nas trilhas de um perseguidor de fronteiras
Autor/es	Teresa Urban Furtado
Resumo	O artigo procura analisar como Antônio Moreira, tal qual

Ano/Edição	<p>centenas de milhares de brasileiros, trocou o Nordeste pelo Sul, em busca de melhores dias. Nascido em Brumado-BA, na década de 40, filho de agricultores pobres e sem-terra, resistiu até a década de 60, antes de pegar a estrada, rumo a São Paulo. Dez anos depois, quando chegou a Curitiba, Moreira havia percorrido uma notável lista de cidades: São Paulo, e Ipauçu, em São Paulo; Bandeirantes, Cornélio Procópio, Jacarezinho, Umuarama, Cruzeiro do Oeste, Paranavaí, Uraí e Astorga, no Paraná; Hernandárias, no Paraguai; e Alta Floresta, em Rondônia. A trajetória de Antônio Moreira coincide, de modo impressionante, com a rota da destruição das florestas nativas no Brasil (e no vizinho Paraguai, por proximidade), alimentando uma interpretação equivocada, que associa a degradação ambiental a que o país foi submetido aos migrantes. Seriam, simultaneamente, agentes e vítimas da destruição, ao construírem o cenário devastado de onde não podem mais retirar o sustento. E, por isso, migram.</p> <p>Ano X, nº28, maio-ago/1997. São Paulo-SP</p>
Título	Lavouras, ambientes e migrações no nordeste de Minas Gerais
Autor/es Resumo	<p>Eduardo Magalhães Ribeiro</p> <p>O alto rio Jequitinhonha, em Minas Gerais, foi ocupado por pioneiros, mineradores e lavradores, a partir do século XVIII. No entanto, desde meados do século seguinte, a expansão demográfica forçou um uso crescente dos recursos naturais e acabou obrigando parte da população a iniciar um processo migratório, que continua, ainda intenso, nos finais do século XX. No cem anos corridos entre 1850 e 1950 a saída mais frequente para esses excedentes populacionais de lavradores-mineradores foi a chamada “<i>matta</i>” do Mucuri e baixo Jequitinhonha, a extensa Mata Atlântica, situada a leste. Acontece que o meio e os recursos naturais da antiga mata diferiam radicalmente das chapadas e capões dos cerrados do alto Jequitinhonha, e foi assim, então, que as famílias e os filhos migrados tiveram de inventar nova agricultura, novos regimes de domínio da terra e extração natural. Este trabalho procura descrever brevemente o que foi esse processo migratório e adaptativo. O estudo usa como principais fontes de informação os relatos de viajantes, memórias escritas e lembranças dos pioneiros e dos não-migrantes. Mostra que a ocupação sistemática da terra e a história do destino da população do Jequitinhonha e Mucuri podem ser parcialmente interpretadas a partir dos sistemas de lavouras e dos ambientes, pois eles</p>

Ano/Edição	influíram grandemente nos regimes de trabalho, uso, herança e apropriação fundiária. Ano X, nº28, maio-ago/1997. São Paulo-SP
Título	Uma nova mentalidade?
Autor/es	Maria Catarina Chitolina Zanini
Resumo	O artigo analisa o processo de transformação sociocultural na IV Colônia de Imigração Italiana situada na região central do Rio Grande do Sul; como os imigrantes e seus descendentes desenvolveram adaptações ambientais no manejo com a terra e socioculturais que proporcionaram uma revalorização da preservação ambiental e o desenvolvimento do sentimento de italianidade, ou seja, do pertencimento a uma origem comum: a imaginada Itália de seus antepassados.
Ano/Edição	Ano X, nº28, maio-ago/1997. São Paulo-SP
Título	Chapada Diamantina: entre a sobrevivência e a preservação
Autor/es	Francisco Emanuel Matos Brito
Resumo	Esse texto debate fatores econômicos, sociais e ambientais que impulsionaram transformações nas estratégias de sobrevivência, trabalho, migração de camponeses e a preservação ambiental na Chapada Diamantina.
Ano/Edição	Ano X, nº28, maio-ago/1997. São Paulo-SP
Título	O novo padrão migratório e os impactos sobre os recursos hídricos: as bacias dos rios Piracicaba e Capivari
Autor/es	Daniel Joseph Hogan; Izilda Aparecida Rodrigues; Roberto Luiz do Carmo
Resumo	Nosso objetivo é focar as relações recíprocas entre mudanças populacionais e a qualidade ambiental no interior paulista. Os processos de urbanização e industrialização, aumentando os desmatamentos, trouxeram também a degradação do ar, água e solos da região. Pensando-se na população, a questão que se coloca relaciona-se aos limites existentes do continuado crescimento econômico, segundo o estilo de desenvolvimento corrente e a disponibilidade dos recursos. Em um contexto de agricultura de alta tecnologia, junto com intensa urbanização, as Bacias do Rios Piracicaba e Capivari apresentam sérias ameaças ambientais relacionadas com os resíduos sólidos da indústria e domésticos, erosão do solo, poluição do ar, escassez da água e deterioração da sua qualidade.
Ano/Edição	Ano X, nº28, maio-ago/1997. São Paulo-SP

ASSOCIAÇÕES

Título	Associações de migrantes
Autor/es	Helion Povoá Neto
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XII, nº 34, maio-ago/1999. São Paulo-SP
Título	Sociedades italianas de socorro mútuo e política em São Paulo entre o Século XIX e o Século XX
Autor/es	Luigi Biondi
Resumo	O artigo procura acenar alguns elementos necessários à compreensão do diversificado mundo do associacionismo ítalo-paulista e de como foi possível a criação de sociedades e grupos entre os imigrantes. Queremos dizer que o imigrante italiano em São Paulo não estava sozinho com sua família em um mundo completamente estranho, inicialmente isolado no latifúndio cafeeiro, como poderia parecer à primeira vista. O fato de que a emigração para o Brasil fosse subvencionada, de fato não impediu que se instaurassem ligações entre os imigrantes que normalmente tornam possível a agremiação a partir de uma proveniência comum (de região, cidade ou vilarejo), como reconhecemos quando a emigração se dá através de cadeias migratórias regionais ou de cidade.
Ano/Edição	Ano XII, nº 34, maio-ago/1999. São Paulo-SP
Título	El movimiento asociativo italiano en Argentina – Lujan como caso testigo
Autor/es	Dedier Norberto Marquiegui
Resumo	Los estudios sobre las asociaciones extranjeras en Argentina ocuparon siempre un papel central en los desarrollos habidos en materia de estudios migratorios. Primero, concentrándose en el análisis del rol que este tipo de instituciones tuvieron en el proceso de ajuste y asimilación de los inmigrantes (Baily, 1982; Devoto, 1985). Pero luego también, entendidas como ámbitos sustitutos de espacios de participación que a los inmigrantes estaban vedados, como el sistema político formal (Sábato y Cibotti, 1990) y como reflejo de las relaciones entabladas entre las colectividades por ellas representadas y otras estructuras propias de la sociedad local. En todos estos campos, en realidad, los estudios sobre el mutualismo étnico en Argentina han demostrado límites y posibilidades. Aunque, en un tipo de acercamiento microhistórico, como el

Ano/Edição	que nosotros proponemos (Marquiegui, 1994), abordando el problema de manera global, no segmentado en aspectos o temas particulares, y correlacionando además la historia de las asociaciones con las de las colectividades que les dan vida y la sociedade receptora en general, oferece, todavia, creemos, una interesante perspectiva que puede aportar nueva luz o detalles originales en cuestiones tan centrales como el proceso de recreación, o perdida, de las identidades originales. Ano XII, nº 34, maio-ago/1999. São Paulo-SP
Título	Associações e etnia – o Palestra Itália
Autor/es	José Renato de Campos Araújo
Resumo	As associações étnicas devem somente ser entendidas como o local de congregação, representação e defesa de interesses de indivíduos de mesma origem étnica? Devemos entender a organização étnica como um campo onde se desenvolve o próprio processo de formação desses interesses? Ou ainda, como agente formador do sentimento étnico nos indivíduos? O estudo das associações étnicas nos leva a ter condições para esboçarmos algumas respostas a estas questões além de entendermos como setores da sociedade organizam-se através de clivagens diferentes da tradicional categoria “classe social”. Em outras palavras, o estudo do associativismo étnico leva-nos a refletir sobre o processo de “invenção (Hobsbawm, 1984) da etnicidade, ou como os indivíduos constroem a ideia de que existem laços com outras pessoas por terem origens geográficas e culturais comuns. Examinaremos um caso de uma associação étnica, senão a maior, pelo menos a de maior visibilidade, e, também, maior sucesso dentro do grupo migrante mais numeroso da cidade de São Paulo, durante o período das grandes migrações para a América – o Palestra Itália, hoje Sociedade Esportiva Palmeiras.
Ano/Edição	Ano XII, nº 34, maio-ago/1999. São Paulo-SP
Título	Associações brasileiras em Bonston – um primeiro olhar
Autor/es	Heloisa Maria Galvão Pinheiro de Souza
Resumo	De acordo com uma pesquisa feita pela Arquidiocese de Boston em 1994, cerca de 150 mil brasileiros vivem na Grande Boston, uma área formada por dez cidades-municípios compreendida entre Boston e a Rodovia 128. As três maiores concentrações de brasileiros vivem nas cidades de Somerville, Framingham, Allston-Brighton e East Boston (bairros de Boston) e Marboro. Mas, há brasileiros espalhados por todos os lados, desde

<p>Ano/Edição</p>	<p>Nahua, em New Hampshire, até Dorchester, Roxbury e Roslidade, outros bairros de Boston. Este texto procura mostrar como a existência de organizações comunitárias criadas por brasileiros para trabalhar com os brasileiros reflete o crescimento e o amadurecimento da comunidade nos últimos três anos. A mudança da política de atendimento de grupos e instituições a fim de se adequarem às necessidades dos brasileiros demonstra que a comunidade está conseguindo impor sua identidade.</p> <p>Ano XII, nº 34, maio-ago/1999. São Paulo</p>
<p>Título Autor/es Resumo</p>	<p>Saara – uma pequena ONU no Rio de Janeiro</p> <p>Paula Ribeiro</p> <p>Este artigo focaliza o Saara, situado na área central da cidade do Rio de Janeiro e reconhecido, pelos cariocas, como um dos locais de comércio mais popular da cidade. Esta denominação é datada de 1962, quando a Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega – SAARA – foi criada por um grupo de comerciantes. Eles atestam que a fundação do SAARA foi uma das formas de proteger seus empreendimentos das intervenções urbanísticas projetadas pelo poder público que, na época, em nome da “modernização” daquele espaço, pretendia desapropriar imóveis e construir uma via expressa naquela parte da cidade. No entanto, o que é hoje o SAARA constitui-se, há quase um século, local repleto de significados para um grupo de imigrante e seus descendentes que consolidaram, ali, uma experiência urbana única no Rio de Janeiro. Fundando o SAARA, além de defenderem seus interesses econômicos e comerciais, ajudaram a preservar fisicamente o local e, possibilitaram a preservação também de sua cultura e identidade no país emigrado.</p> <p>Ano XII, nº 34, maio-ago/1999. São Paulo-SP</p>
<p>Título Autor/es Resumo</p>	<p>“Vizinhos e comunitários” – experiências de sociabilidade numa organização popular na periferia de Belém</p> <p>Antonio Maurício Dias da Costa</p> <p>No interior do Bairro da Terra Firme, localizado na periferia da cidade de Belém (PA), as relações de sociabilidade produzidas pelos membros de uma organização popular (Associação de Moradores), são claramente expostas pelas suas práticas de lazer. Mais do que isto, é possível dizer que estas relações de sociabilidade vividas pelos habitantes das regiões periféricas</p>

da cidade de Belém são em grande parte definidas pelas suas atividades de lazer, especialmente pelos moradores de regiões de ocupação habitacional (moradores sem título de propriedade), como aqueles da “Área do Bosquinho” no bairro da Terra Firme. Da mesma forma, ao longo da pesquisa realizada na Associação de Moradores Unidos na Luta do referido bairro, as redes de vizinhança passaram a ocupar um importante papel na identidade e conformação dos membros daquela organização, transformando “vizinhos” em “comunitários”, unidades conceituais repletas de significados próprios àquele contexto. A Associação de Moradores Unidos na Luta foi fundada em 1988 como uma espécie de extensão das atividades de um grupo religioso católico que atuava na igreja local, a Igreja “Santa Maria”. Na verdade, a associação de moradores já existia sob a denominação descritiva de “comunidade Santa Maria”, no que se refere ao contingente de pessoas ligadas àquele grupo religioso. Mais tarde este grupo foi se consolidando paulatinamente através da atividade de “evangelização”, ou seja, de uma série de visitas realizadas às residências próximas à sede do grupo, marcadas pela leitura e discussão de passagens bíblicas, complementadas por reflexões acerca de seus problemas cotidianos.

Ano/Edição

Ano XIII, nº 38, set-dez/2000. São Paulo

Título

Economia solidária: desafios do cooperativismo de reforma agrária no Brasil

Autor/es
Resumo

Farid Eid; Andréa Eloisa Bueno Pimentel

Se a temática reforma agrária vem ocupando espaço crescente no debate acadêmico, nas instituições e na sociedade em geral, dado o potencial da sua contribuição na resolução de graves problemas brasileiros, tais como a concentração de renda e o desemprego, pouco se discute sobre a viabilidade social e econômica dos assentamentos de reforma agrária, associada a uma política efetiva de fixação das famílias no campo. As condições em que se encontram as famílias no campo são destacadas em um relatório de pesquisa que demonstra que 19 milhões de pessoas residentes no meio rural do país (53% do total) estão abaixo da linha da pobreza, vivendo com menos de um quarto de salário mínimo per capita. ou seja. com menos de US\$2() mensais, em maio de (Azevedo, 1998). Por outro lado, a simples distribuição de terras a quem necessita não é suficiente para resolver problemas nacionais. Faz-se necessária uma política governamental para a reforma agrária visando a transformação da estrutura agrária brasileira. O fortalecimento

Ano/Edição	<p>da agrícola familiar e a promoção do desenvolvimento sustentável em, pelo menos, três dimensões - econômica, social e ecológica. Nesse contexto, entidades tais como o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), assumem papel de destaque, pressionando o governo para que este não apenas distribua a terra, mas crie condições para que os assentamentos se desenvolvam. O estudo tem por finalidade analisar o desenvolvimento recente da Economia Solidária no Brasil, a partir dos resultados da pesquisa inédita de Gaiger et al., (1999); em seguida, apresentar os nossos resultados da pesquisa que analisa a dinâmica interna da organização social e produtiva e o uso de ferramentas gerenciais, que podem contribuir para a viabilidade social e econômica de Cooperativas de Produção Agropecuária (CPA) do MST.</p> <p>Ano XIV, nº39, jan-abril/2001. São Paulo</p>
Título Autor/es Resumo	<p>Associar ou não associar? O caso de uma comunidade cafuzo</p> <p>Alessandra Schmitt</p> <p>A Comunidade Cafuzo tem uma trajetória muito singular. Descende de pessoas que participaram como rebeldes na Guerra do Contestado, no planalto catarinense (1912-1916) e que, tendo sobrevivido, passaram à condição de sem-terra, como muitos outros sobreviventes. Saíram da guerra no município de Canoinhas e passaram a migrar na condição de parceiros em fazendas. Na segunda metade da década de 1920 tornaram-se posseiros numa área devoluta no município de Vítor Meireles. De lá foram expulsos definitivamente em 196, por madeireiros e colonizadores de origem alemã e italiana, ao mesmo tempo que eram “convidados” a habitar o interior da área indígena no então município de Ibirama (hoje José Boiteux), na região do Alto Vale do Itajaí. Foi aí que este grupo etnicamente diferente que era chamado até então de caboclo, adotou a denominação Cafuzo, sugerida a eles por um dos chefes do posto indígena. Esta era-lhes conveniente, na época, porque explicava uma ancestralidade indígena realmente existente e justificava seu direito de posse adquirido dentro da área indígena. A construção de uma barragem (iniciada em 1970 e ainda não acabada), cujo lago para contenção das águas ficou localizado dentro das terras indígenas. detonou a extração acelerada de madeira e a área que era ocupada pelos Cafuzos foi sendo tomada pela população indígena. Após inúmeras reivindicações e peregrinações às autoridades, foram assentados pelo INCRA no município José Boiteux em 1992. Sete anos antes, em 1985, fizeram o primeiro pedido</p>

Ano/Edição	<p>por uma terra comunitária, junto ao Ministério da Reforma Agrária e Desenvolvimento (MIRAD). que foi extinto no ano seguinte. São 3() famílias morando hoje na área cafuza e quase o mesmo número em outros locais (Martins, 2001 j. O objetivo deste artigo é discutir as implicações da transposição do modelo de democracia representativa para a organização da Associação Comunitária Cafuza e da regra de tomada de decisões por votação da maioria. Espero que esta reflexão possa ser pertinente também para outros grupos</p> <p>Ano XIV, nº39, jan-abril/2001. São Paulo</p>
Título	Um ensaio de organização: a experiência de Boston (Relato)
Autor/es	Heloisa Maria Galvão
Resumo	Relato
Ano/Edição	Ano XIX, nº 55, maio-ago/2006. São Paulo-SP
Título	Lógicas de lo auténtico: la belleza como frotera étnica en asociaciones de inmigrantes y sus descendientes
Autor/es	Sebastián Ballina; Ana Cristina Ottenheimer
Resumo	La importancia de los inmigrantes y de sus asociaciones se encuentra ya en los orígenes de la ciudad. Una visión político-institucional le ha reconocido su peculiaridad declarándola "Capital Provincial del Inmigrante". Como consecuencia de esto, la ciudad es sede a lo largo del mes de septiembre de la "Fiesta Provincial del Inmigrante" durante la cual se realizan distintas actividades: desfiles artísticos, bailes, stands de comidas típicas, exposiciones, y como coronación, la elección de la Reina del Inmigrante y el desfile sobre la avenida principal. Compuesta históricamente por grupos de diversos orígenes, la ciudad conforma en la actualidad el núcleo urbano principal, compuesto tradicionalmente por familias obreras, y posteriormente, por la presencia creciente de un número de familias profesionales, industriales, comerciantes y empleados.
Ano/Edição	Ano XIX, nº 56, set-dez/2006. São Paulo
Título	Caacupé: trajetórias de organizações de paraguaios em São Paulo
Autor/es	Porfirio Leonor Ramirez
Resumo	Este artigo procura debater a migração paraguaia na Região Metropolitana de São Paulo do ponto de vista de suas organizações, a partir de uma perspectiva autocrítica das associações dos paraguaios residentes em São Paulo. Partindo do evento do "Santo Ara" (Dia da Santa, "La Virgencita

de Caacupé”), foram problematizadas as dificuldades dos paraguaios para se organizarem desde sua chegada à cidade, o perfil dos migrantes e a sua inserção na sociedade paulista. A história da migração paraguaia na capital paulista desde a segunda metade do século passado foi separada em três momentos: a ditadura Stroessner, a abertura democrática no Paraguai e os fluxos mais recentes a partir dos anos 2000. Procurou-se aprofundar o debate sobre o papel das associações e suas reivindicações, das manifestações culturais dos grupos folclóricos e os desafios que devem ser superados de maneira conjunta.

Ano/Edição

Ano XXVII, nº 74, jan-jun/2014. São Paulo

CRIANÇAS

Título

A criança e a família: como se vive com naturalidade a pobreza nada natural

Autor/es
Resumo

Jerusa Vieira Gomes

A criança e o adolescente, juntamente com a mulher e a família, transformaram-se em objeto de estudo privilegiados por cientistas sociais, nas últimas décadas. No caso da criança, a atenção tem recaído em dois extremos: ou a criança-padrão, típica dos estratos médios, em que se baseiam as teorias psicológicas, ou o oposto dela, a criança abandonada ou que vive nas ruas. Desse modo, a criança pertencente às camadas populares, mas que não vive nem abandonada, nem nas ruas, tem sido a vítima do esquecimento de quase todos. É natural que a situação extrema de abandono e de desproteção mereça, em certo momento, maior atenção de todos nós. Contudo, acatelemo-nos: ao contrário do que muitos pensam, a grande maioria das crianças pobres vive o seu quinhão de miséria nos limites do próprio bairro. Pilotti (consultor do Instituto Interamericano da Criança IIN — em 1987), em artigo sobre a vida de menores no nível da chamada pobreza crítica, em cidades latino-americanas, divide-os em três grupos, segundo o grau de proteção familiar recebida: crianças apoiadas e protegidas por suas famílias, em seus lares — nesta categoria estariam as crianças das zonas rurais empobrecidas e algumas pertencentes às cidades, especialmente às cidades pequenas e médias; crianças que têm a rua como seu lugar de moradia,

seu habitat são as chamadas crianças da rua: crianças na rua — este seria o grupo majoritário, composto por aquelas que, possuindo uma família, passariam o dia na rua, de maneira a ajudarem a subsistência do grupo familiar. Esta classificação, de maneira geral, corresponde à adotada por aqueles que trabalham, hoje, com as questões relativas ao menor, faltando apenas acrescentar um quarto grupo, composto por crianças institucionalizadas, após uma história de abandono e de marginalidade e de criminalidade. A classificação parece adequada, uma vez que permite discriminar os diversos “tipos” de crianças: o problema reside em se imaginar que apenas algumas delas, habitantes especialmente das cidades pequenas e médias, estariam apoiadas e protegidas por suas próprias famílias. Desconheço a realidade dos demais países latino-americanos mas, no caso brasileiro, isso não faz sentido; todavia, esta é uma crença bastante disseminada entre nós. Imagine-se o que seria de nossas grandes cidades, onde proliferam bairros populares com alta densidade demográfica e, inclusive, com percentagem significativa de crianças entre 0-12 anos, se a maioria das crianças passasse o dia nas ruas? Basta que imaginemos o que seria a vida no Rio de Janeiro se a maior parte dos menores favelados da zona sul descesse diariamente às ruas. Mesmo em São Paulo, com os bairros pobres situados em regiões periféricas distantes, o que ocorreria se os “exércitos” infantis se deslocassem diariamente para as ruas do centro e das zonas pobres? Certo, o contingente infantil (para não falarmos do juvenil) que vive nas ruas das grandes cidades é elevado e agride a dignidade e a consciência de todos nós. Não obstante, este contingente é infinitamente inferior àquele que vive nos bairros populares, entre a família, a rua, a escola e o trabalho. É sobre estas crianças pobres “comuns” que este artigo pretende chamar a atenção: porque são as mais esquecidas, e, neste sentido, talvez as mais marginalizadas, uma vez que delas a sociedade sequer se apercebe. Dito de outro modo, as crianças nas ruas e das ruas fizeram-se descobrir; restaram as crianças dos bairros e nos bairros. Da descoberta da criança da Vila Helena trata o presente artigo.

Ano/Edição

Ano III, nº 7, maio-ago/1990. São Paulo

Título	Prostituição e tráfico de adolescentes
Autor/es	Gilberto Dimenstein
Resumo	Convido o leitor a dividir comigo essa viagem pelas rotas do tráfico humano - uma das estações finais é Cuiú-Cuiú. Mas passa antes pelos segredos da prostituição infantil, que se dissemina pelo Brasil - o Centro de Defesa para a Infância e Adolescência (CBIA), do Ministério da Ação Social, lançou documento calculando em 500 mil meninas prostitutas. O cenário da rota é exótico, desconhecido e até inacessível: Amazônia Legal, conceito que inclui fatias das regiões Nordeste (Maranhão) e Centro-Oeste (Tocantins e Mato Grosso), cerca de 61% do território nacional. É a região que atrai o mais intenso movimento migratório, alterando com rapidez extraordinária a cara do país. Homens e mulheres de pele clara e cabelo louro vindos do Sul misturam-se com o caboclo amazônico. Misturam-se cores de pele, comidas, expressões. Muitos foram à procura de terras, outros encantados pelo ouro. De acordo com o último Censo as maiores taxas de crescimento da população foram registradas na Amazônia: Roraima (9,1%), Rondônia (7,9%). Mato Grosso (5,4%) e Pará. De difícil acesso por terra e até por ar (é abundante o número de aviões que se espatifam), a selva cria Estados dentro do Estado, onde a lei é a lei de quem tem mais armas, melhores pistoleiros e mais audácia. As rotas do tráfico de meninas convertidas a prostitutas é um sinal perfeito e cristalino de como esse movimento humano é desorganizado e desumano.
Ano/Edição	Ano V, nº 13, maio-ago/1992. São Paulo
Título	O mundo dos pequenos na órbita dos adultos
Autor/es	Dirceu Cutti
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XX, nº 59, set-dez/2007. São Paulo
Título	“Tenho duas culturas dentro de mim” (Depoimento)
Autor/es	Por Sidnei Marco Dornelas
Resumo	Depoimento
Ano/Edição	Ano XX, nº 59, set-dez/2007. São Paulo
Título	Como perpetuar uma classe operária
Autor/es	Ushi Arakaki
Resumo	Os descendentes de japoneses começaram a fazer o caminho inverso de seus pais e avós, em meados dos anos 80, estimulados pela grave crise econômica brasileira e

pelo rápido crescimento econômico japonês. Esse fluxo se intensificou consideravelmente a partir de 199(), quando o governo japonês revisou a sua Lei de Controle Imigratório, permitindo residência legal para descendentes até a terceira geração e seus cônjuges. Os Nikkeis, como são chamados os descendentes de japoneses, foram recebidos no Japão para suprir a falta de mão-de-obra operária no país. Eles, assim como seus pais e avós, tinham como objetivo ganhar, em um curto espaço de tempo, dinheiro suficiente para melhorar suas condições de vida em sua terra natal. No entanto, não tardou muito para esses imigrantes perceberem que o sonho de fazer fortuna no Japão não seria realizado a curto prazo. A princípio os Nikkeis que migravam para O Japão eram em sua maioria homens nisseis (segunda geração) sem suas famílias. À medida em que esse processo se tornou menos temporário, foi aumentando o número de famílias imigrantes e com isso foram surgindo novos desafios, como a educação de crianças brasileiras em um país estrangeiro e a dupla jornada de trabalho feminino. De acordo com a Associação Japonesa de Imigração (Japan, 20()5), aproximadamente 286.00() brasileiros residem no Japão, sem considerar aqueles que possuem dupla nacionalidade. Os nipo-brasileiros representam o terceiro maior grupo de estrangeiros no Japão, só perdendo para os coreanos e chineses respectivamente, e são classificados em muitos estudos como um dos seis principais grupos minoritários do país (Weiner, 1997). A grande maioria desses brasileiros trabalha na indústria automotiva, eletroeletrônica ou alimentícia e se concentra nas províncias de Aichi, Shizuoka, Nagano, Mie, Gunma, Gifu, Kanagawa, Saitama, Ibaraki e Shiga. Entretanto, pode-se encontrar brasileiros em todas as províncias japonesas.

Ano/Edição

Ano XX, nº 59, set-dez/2007. São Paulo

Título

Crianças e adolescentes envolvidos no movimento de kassegui

Autor/es
Resumo

Kyoko Yanagida Nalcagawa

Dos mais de 312 mil brasileiros que vivem no Japão, o maior número concentra-se na faixa etária de 25 a 45 anos, isto é, adultos na faixa de maior fecundidade. Assim, o número de crianças envolvidas nesse movimento, é bastante significativo. Essas crianças, filhos desses trabalhadores, se encontram, não por sua escolha, sofrendo as consequências desse movimento. A maioria dessas crianças está em idade de formação escolar e estruturação emocional. Se

	<p>considerarmos, não apenas o desenvolvimento físico, mas o desenvolvimento psicossocial, elaboração de várias “crises” necessárias ao pleno desenvolvimento, incluindo o período da adolescência, podemos constatar que as alterações bruscas em seu meio social e familiar afetam-nas diretamente. Para compreendermos melhor o que acontece com as crianças, pensei em três grandes grupos nos quais as crianças se encaixariam: grupo das crianças que estão no Japão com seus pais. das crianças que voltam ao Brasil depois de passar algum tempo no Japão ou nasceram lá durante a estada de seus pais e as crianças que ficam no Brasil sem a presença de um dos pais ou ambos, enquanto esses vão trabalhar no Japão. Essa divisão é apenas didática, pois é comum termos crianças que ora fazem parte de um grupo, ora fazem parte de um outro, apresentando sinais típicos dos grupos correspondentes, cumulativamente.</p> <p>Ano/Edição Ano XX, nº 59, set-dez/2007. São Paulo</p>
<p>Título</p> <p>Autor/es Resumo</p> <p>Ano/Edição</p>	<p>A distância dos filhos – reflexões sobre núcleos familiares divididos pela migração</p> <p>Igor José Renó de Machado; Alexandra Gomes de Almeida</p> <p>Este artigo procura refletir sobre as conseqüências dos movimentos migratórios internacionais brasileiros para as crianças que ficam do lado de cá da viagem. Em nossas pesquisas identificamos muitas situações em que ou o pai, ou a mãe. ou ambos, partem para a aventura migratória, deixando seus filhos sob cuidados de parentes, amigos ou até sob cuidados de pessoas contratadas para isso, DO ponto de vista dos que ficam. como são vistos os arranjos para a criação dos filhos dos migrantes, como se configura esse processo? Que reflexões produzem sobre a educação e desenvolvimento dessas crianças? Como os pais que deixam seus filhos sob os cuidados de terceiros são encarados nessa situação? Quais os custos emocionais envolvidos nesses processos? Procuraremos aqui refletir sobre essas questões a partir do trabalho de campo realizado em Governador Valadares, entre familiares de pessoas que migraram para Portugal, segundo lugar de destino dos valadarenses, depois dos EUA. A região brasileira de Governador Valadares é conhecida como um dos principais pólos de migração internacional brasileira.</p> <p>Ano/Edição Ano XX, nº 59, set-dez/2007. São Paulo</p>

Título	Brasileirinhos longe de casa: entre sonho e realidade
Autor/es	Bianka Pires André
Resumo	Assim como aconteceu com André, é mais ou menos dessa maneira como começa a história de muitos brasileiroinhos que deixam o país para empreender um projeto migratório idealizado por seus pais. Os projetos de imigração são planejados a partir de sonhos ou necessidades de uma família a fim de conseguir a chamada “vida melhor”. Por este motivo, muitas pessoas se deslocam de suas cidades de origem até cidades economicamente favorecidas com a intenção de realizar projetos laborais, acadêmicos ou de outra natureza. No entanto, a imigração é um projeto dos pais, não dos filhos. Mota, em sua pesquisa sobre o bilinguismo em crianças brasileiras residentes nos EUA, diz que os filhos são um tipo de imigrantes involuntários (Mota, 1999, p. 76). Na realidade, parece que os filhos costumam ser o real motivo do traslado, como relatou uma mãe na entrevista: “Eu vim por eles, por mim eu não estaria aqui. Eu e meu marido tínhamos a nossa casa e não vivíamos mal, mas eles precisavam de uma educação melhor, de um futuro melhor.” Ao chegar na cidade de destino, com o passar do tempo, os novos residentes vão percebendo que terão que encarar um processo relativamente longo até poderem atingir seus objetivos. É começar do zero. O salto em direção ao desconhecido implica para todos os membros da família aprender novo idioma, novos códigos sociais, econômicos e culturais; implica diferentes aprendizagens que, muitas vezes, podem não ser levadas em consideração quando ainda se está do outro lado da fronteira (Anisef & Kilbride, 2003, p. 29). O objetivo deste artigo é relatar as percepções e experiências sócio-educativas de um grupo de adolescentes brasileiros que acompanharam seus pais em uma aventura migratória para Barcelona.
Ano/Edição	Ano XX, nº 59, set-dez/2007. São Paulo
Título	Lugares próprios entre modos de ser distintos? A inserção das crianças que moraram no Japão
Autor/es	Laura Satoe Ueno
Resumo	No presente texto, discutimos como as crianças costumam viver as mudanças entre culturas, em especial aquelas que retornaram do Japão. Apresentamos aspectos do processo de socialização envolvendo contextos culturais diferentes, bem como as implicações da migração na dinâmica das famílias e no desenvolvimento psicológico dos sujeitos, partindo de

Ano/Edição	interloquções teóricas entre as abordagens intercultural e psicodinâmica. Consideramos que os fatores sociopolíticos são fundamentais na compreensão das perdas, conflitos e desafios envolvidos nos deslocamentos. No âmbito da educação, temos observado que a escola costuma reproduzir descontinuidades em vez de assegurar a ‘possibilidade de ser’ da criança na transição entre culturas diferentes. Ano XXIV, nº 69, jul-dez/2011. São Paulo
Título	Crianças refugiadas: crianças em alto risco?
Autor/es	Ethel V. Kosminsky
Resumo	Crianças deslocadas da Síria, Afeganistão e Irã vivem em cidades de tendas no Líbano, Jordânia e Turquia. Como o Líbano não permite a construção de extensos campos de refugiados como há na Jordânia e na Turquia, famílias sírias pobres constroem tendas ao acaso. Algumas crianças sírias vivem como deslocadas internas em seus próprios países. Outras viajam para a Europa de barco ou a pé, com a esperança de chegarem a Alemanha, Suécia, ou talvez a França ou a Grã-Bretanha. Milhares de crianças já vivem em países europeus, principalmente na Alemanha. Baseado em relatórios do The New York Times, do MIP (Migration Policy Institute) e do CMS (Centro for Migration Studies), eu tentarei descrever e explicar a situação dessas crianças em situação traumática. De acordo com o Migration Update13(2015), guerras causam a ruptura da vida familiar.
Ano/Edição	Ano XXIX, nº79, jul-dez/2016. São Paulo
Título	Viena e “a crise dos refugiados na Europa”: um mosaico etnográfico
Autor/es	Anne Unterwurzacher; Ethel V. Kosminsky; Katharina Auer-Voigtländer
Resumo	Neste artigo, as autoras querem ilustrar como a Áustria respondeu e ainda está respondendo à “crise dos refugiados” em 2015. O artigo está elaborado como um tipo de mosaico contendo diferentes pontos de vista, que destacam os interesses pessoais, compromissos e abordagens teóricas das autoras. A primeira seção apresenta uma breve visão geral sobre o histórico de migração na Áustria, desde 1900 até hoje, com foco especial em Viena. Na seção seguinte, Anne Unterwurzacher reflete sobre sua atuação como voluntária

Ano/Edição	<p>durante o tempo do movimento de refugiados. Ela descreve algumas de suas experiências com a intenção de ilustrar desenvolvimentos e desafios em curso na Europa. Na seção „Esta espera torna minha loucura”, Ethel Kosminsky descreve uma visita em um abrigo provisório de refugiados. Ela lança luz sobre alguns aspectos do cotidiano dos refugiados que vivem nesse lugar. Na última seção, o tópico “Inclusão de refugiados na Áustria – entre a hostilidade e o comprometimento” será abordado de um ângulo diferente: com base em um projeto de pesquisa real, Katharina Auer-Voiglaender destaca o processo de inclusão de refugiados em comunidades menores.</p> <p>Ano XXX, nº 80, jan-jun/2017. São Paulo</p>
<p>Título</p> <p>Autor/es</p> <p>Resumo</p> <p>Ano/Edição</p>	<p>Proteção internacional e meninas refugiadas: onde elas estão?</p> <p>Isabelle Dias Carneiro Santos; Patrícia Nabuco Martuscelli</p> <p>Os seres humanos, incluindo crianças, meninas e mulheres, migram pelas mais diversas razões tanto de maneira voluntária quanto por motivos forçados como conflitos armados e desastres ambientais. Dentre os migrantes forçados que mais crescem no mundo estão os refugiados, não apenas os adultos, mas também as crianças, que em função da sua pouca idade (menores de dezoito anos), são mais vulneráveis e possuem sua capacidade de agência não reconhecida, sobretudo as que são do sexo feminino, uma vez que as meninas se encontram, seja no campo teórico quanto na prática, em situação de invisibilidade protetiva. Diante desta realidade, urge que a sociedade internacional passe a atuar solidariamente para que as meninas refugiadas recebam a proteção necessária e tenham também capacidade de serem ouvidas nos processos que as concernem. Para tratar desta temática, foi utilizada metodologia qualitativa, exploratória e descritiva, fazendo-se uso de doutrina, tratados e relatórios internacionais. Conclui-se que as meninas permanecem um grupo invisibilizado dentro das categorias de mulheres e crianças de modo que suas necessidades específicas não são devidamente consideradas, apesar de poderem ser analisadas como grupo específico que sofre perseguições especialmente por razão de sua idade e gênero.</p> <p>Ano XXX, nº 80, jan-jun/2017. São Paulo</p>

Título	Infância refugiada: a criança e o direito à educação
Autor/es	Deborah Esther Grajzer
Resumo	Objetiva-se discutir a condição de vida de crianças refugiadas nos últimos anos no Brasil. O trabalho centra-se no direito fundamental à educação e à infância, com base na Sociologia da Infância e na abordagem histórico-cultural de Vigotski. As discussões têm como parâmetro os documentos elaborados pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) e pelo Comitê Nacional para os Refugiados.
Ano/Edição	Ano XXX, nº 80, jan-jun/2017. São Paulo

CULTURA

Título	E a festa, onde foi parar?
Autor/es	Suzana Sochaczewski Evelyn
Resumo	A autora trata das dificuldades do trabalho na terra de chegada, São Paulo, que, apesar de ser uma cidade com muitas opções de programas culturais e festas, é vista pelos migrantes apenas como um local de trabalho. Esta é uma forma de manter sua migração como temporária. Em São Paulo, o trabalho que garante sua sobrevivência não garante a vida como festa. Esta tem sua garantia nas regiões de origem dos migrantes temporários, que não trazem as festas de sua terra natal, trazem em sua bagagem apenas o trabalho. A articulação ente festa e trabalho também vincula-se ao aspecto contraditório da sua migração temporária
Ano/Edição	Ano I, nº 1, maio-ago/1988. São Paulo-SP

Título	Editorial (Ed. 7, Cultura)
Autor/es	Editorialistas de Travessia
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano III, nº 7, maio-ago/1990. São Paulo

Título	O lazer da população de origem migrante na metrópole
Autor/es	José Guilherme Cantor Magnani
Resumo	O artigo procura abordar sobre o lazer da população migrante na grande metrópole, comumente vinculado a uma série de manifestações culturais com forte sabor rural. Religiosas ou profanas, essas manifestações seria algo assim

Ano/Edição	<p>como “sobrevivência” de padrões culturais- relações de trabalho, ritos e práticas devocionais, tempo livre, laços de vizinhança, compadrio, etc. – associados ao particular modo de vida que remete ao polo de origem do processo migratório. “Sobrevivências”, porque transplantadas (e meio deslocadas) no novo solo onde, em vez de corresponderem às antigas funções e significados, constituiriam desfiguradas lembranças de um passado remoto e até mesmo mítico.</p> <p>Ano III, nº 7, maio-ago/1990. São Paulo</p>
Título	O retorno para a festa
Autor/es	Marilda Aparecida de Menezes; Socorro Pereira; Jaldete Soares; Hermano José
Resumo	<p>Neste artigo, analisaremos como os migrantes ainda preservam, embora transformados, os traços culturais de sua terra de origem. Tomaremos o fenômeno da volta massiva do Sudeste para o Nordeste, por ocasião dos festejos juninos. A pesquisa baseou-se em entrevistas realizadas com migrantes que vieram de São Paulo e Rio de Janeiro para os festejos juninos em 1989, e se dirigiram às áreas rurais de Campina Grande e municípios vizinhos: Puxinanã, Queimadas e Remígio, no estado da Paraíba.</p>
Ano/Edição	Ano III, nº 7, maio-ago/1990. São Paulo
Título	A música sertaneja entre o pão e o circo
Autor/es	José de Souza Martins
Resumo	<p>O artigo aborda alguns sobre alguns equívocos que cercam a existência da chamada música sertaneja como manifestação cultural popular, que encerra, além disso, algumas ciladas políticas. É comum o entendimento de que se trata da mais popular dentre as formas de expressão musical popular. Os divulgadores da música sertaneja, que são, geralmente, também, os seus manipuladores, costumam insistir na ideia de que se trata da música brasileira mais genuína. Supõem e, sobretudo, querem fazer supor que se trata de música autêntica, originada do que existe de mais puro na sociedade brasileira, que seria o mundo rural. O engano é completo. Essas ideias encerram uma boa dose de mistificação ideológica, na tentativa de fazer passar como popular e autêntico o que é puramente industrial e inautêntico. Já tive oportunidade de escrever sobre o assunto e mostrar que a música sertaneja não deve ser confundida com a música caipira e com formas correlatas de expressão rural.</p>
Ano/Edição	Ano III, nº 7, maio-ago/1990. São Paulo

Título	As sete vidas da cultura popular
Autor/es Resumo	Braulio Tavares A cultura popular do Nordeste tem qualidades que à primeira vista parecem contraditórias. Por um lado, ela é fortemente tradicional, baseada na continuidade de formas e atitudes cultivadas há séculos; por outro é extremamente maleável – adapta-se com facilidade a mudanças econômicas e sociais, transporta-se sem muito problema do campo para a cidade. É antiga e moderna ao mesmo tempo: parece simplória, mas é capaz de uma extrema sutileza de pensamento, uma extrema sofisticação de linguagem. Essa aparente contradição é talvez a maior garantia de que essa cultura popular não poderá ser facilmente desalojada ou substituída pelas formas da chamada “cultura de massas” contemporânea – o rádio, a TV, as revistas, o cinema, etc. O artigo pretende abordar a dinâmica e a diversidade da cultura popular no Nordeste no contexto migratório da região.
Ano/Edição	Ano III, nº 7, maio-ago/1990. São Paulo
Título	A música urbana de Luiz Gonzaga
Autor/es Resumo	Braulio Tavares O artigo faz uma abordagem sobre o caráter urbano, entretanto tido como rural, da música de Luiz Gonzaga. Este artista é conhecido no Rio de Janeiro e em São Paulo como um típico representante da música rural – quando sua música é rural apenas na temática, mas em espírito é essencialmente urbana. Costuma-se dizer que ‘baião é um gênero da música nordestina – mas ninguém diz que ele foi inventado no Rio de Janeiro. As músicas de Gonzaga são muitas vezes classificadas na imprensa como “o legítimo forró tradicional do Nordeste”, quando na realidade o forró tradicional era algo muito diferente, e foi “modernizado” por Gonzaga para que este pudesse abrir espaço dentro de um mercado musical que tinha seus próprios estatutos.
Ano/Edição	Ano III, nº 7, maio-ago/1990. São Paulo
Título	O migrante e o movimento operário (Depoimento)
Autor/es Resumo	Jaime Cuberos Depoimento
Ano/Edição	Ano III, nº 7, maio-ago/1990. São Paulo

Título	O tempo de festa é sempre
Autor/es	Rita de Cássia Amaral
Resumo	A vida nas cidades frequentemente é apontada como a fonte da maioria dos males sociais como a violência, a pobreza, os desvios comportamentais, as neuroses etc.. Na cidade os homens se sentiriam solitários, massificados, tratados pelas instituições como meros números, sem identidade pessoal. Na cidade até o tempo perderia o sentido, pois seria sempre vivido como o tempo do trabalho, sendo o descanso dos finais de semana apenas “um intervalo’ entre dois períodos de produção, um tempo reservado à reprodução da força de trabalho, e que os trabalhadores não teriam condições de desfrutar como lazer devido à falta de recursos, oportunidades ou mesmo de disposição. Por isso o tempo não faria sentido, apenas passaria, levando consigo a vida dos homens, especialmente se estes homens são pobres, pouco escolarizados, migrantes, com um gosto próprio em relação ao lazer. Basta, no entanto, nos determos para observar mais atentamente os inúmeros grupos que vivem na cidade para constatar que a verdade não é bem essa.
Ano/Edição	Ano VI, nº 15, jan-abril/1993. São Paulo

Título	Festa no sertão
Autor/es	Margarida Maria Moura
Resumo	Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, durante o mês de junho em certos municípios e no mês do outubro, na maior parte de ICS, ocorre a festa de Nossa Senhora do Rosário. Centenas de fiéis participam destas festas. A cidade do Serro, localizada nas nascentes do Rio Jequitinhonha, é a mais frequentada de todas. Chamada de ‘festa dos pretos”, estava ligada no passado à devoção da população escrava. Tornou-se depois ‘ ‘festa dos pretos livres”, até tornar-se nos dias de hoje “festa dos pobres” e “festa do povo”. O Serro se transforma nesses dias. A população municipal duplica. Chegam pessoas dos municípios de Rio Vermelho, Datas, Conceição do Mato Dentro, Itambé, Diamantina e Monte Azul, além de gente de Belo Horizonte e São Paulo, Várias casas são alugadas, casas habitadas se enchem de hóspedes, multiplicando os moradores. Os pequenos hotéis da cidade abrigam turistas de classe média alta. Em princípio, vai-se assistir a uma ‘festa folclórica tradicional” de uma antiga área de mineração do ouro, que acolhe devotos de áreas periféricas. principalmente pretos e pardos que, títula vez libertos ou livres, mantiveram intacta a sua devoção à padroeira. Nossa Senhora do Rosário.

Ano/Edição	De fato, essa é uma parte da história. Mas o quadro é bem mais complexo do que isto. Ano VI, nº 15, jan-abril/1993. São Paulo
Título	Televisão, classes populares e mediação cultural
Autor/es	Maria Celeste Mira
Resumo	No início, como quase tudo que se faz no Brasil, a televisão foi um projeto de elite: de uma elite de produtores para outra formada pelos poucos que podiam adquirir o seu próprio aparelho de TV. A programação, apesar de já contar com atrações e artistas populares vindos do rádio, refletia esta realidade. O principal produto do horário nobre era o teleteatro, cuja preocupação era exibir textos de autores igualmente nobres como Shakespeare, Ibsen e outros. As boas famílias das principais capitais do país podiam até mesmo exercer uma certa censura moral e cultural sobre os programas apresentados, ligando diretamente para uma emissora, quando os consideravam fora do decoro ou do bom nível. Estes “privilégios” não duraram muito. Já na virada dos anos 60 a televisão começa a se tornar um veículo mais popular. A fabricação de aparelhos em série no Brasil se inicia em 1958. Na década seguinte as linhas de crédito para aquisição de eletrodomésticos se amplia enormemente, o projeto de criação de um mercado ampliado de bens de consumo material e simbólico, bem como o de “integração nacional”. (sua face autoritária). só eram possíveis com a incorporação do grande público, as classes médias e populares. Ao longo de sua história, a televisão brasileira foi alcançando índices de penetração tão significativos que hoje o difícil mesmo é explicar como ela se tornou tão popular. Para responder a esta questão precisamos abandonar de vez certas fórmulas que se mostram obsoletas. Atribuir o sucesso da televisão ao seu suposto poder de manipulação das consciências, à imposição total da ideologia dos dominantes, torna-se cada vez menos correto. Porque, na verdade, há contradições ideológicas no interior da produção, onde não se consegue manter integralmente uma linha de atuação.
Ano/Edição	Ano VI, nº 17, set-dez/1993. São Paulo
Título	Festas de migrantes
Autor/es	José Guilherme Cantor Magnani
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XI, nº31, maio-ago/1998. São Paulo

Título	Sentidos da festa à brasileira
Autor/es	Rita de Cássia Amaral
Resumo	Frequentemente ouvimos dizer que “no Brasil tudo acaba em festa”. Esta associação entre o caráter brasileiro e a festa deixa transparecer a percepção de uma certa displicência, “alienação” e descaso com as normas e a ordem, imediatamente referidas ao Carnaval (notadamente um tempo em que se supõe ser possível quebrar ou subverter regras) e às inúmeras outras festas que acontecem no país. Tanto dentro do Brasil, como no exterior, somos considerados o “país do Carnaval” (e o dicionário registra que a palavra carnaval também significa “confusão, desordem, trapalhada”) e da alegre irresponsabilidade, o que implica o impulso para festejar como definidor da imagem internacional e da auto imagem brasileira, sendo, portanto, um traço distintivo da identidade nacional. “O Brasil”, teria afirmado o presidente da França Charles de Gaulle, “não é um país sério”. Mas será que festejar se opõe à responsabilidade e à consciência social? À cidadania? Ao enfrentamento de problemas? A festa é, de fato, um marcante elemento constitutivo do modo de vida brasileiro (Del Priore, 1994). Se muita coisa “acaba em festa”, muita coisa também começa por ela (Magnani, 1984). Portanto, a festa não pode ser vista, pelo menos no Brasil, como mera fruição, divertimento ou “válvula de escape” para as tensões acumuladas na vida cotidiana, embora também o sejam. Afinal, não devemos esquecer que as inúmeras festas brasileiras acontecem com fundamentos diferentes para os vários grupos que as promovem. É preciso, então, compreender de que festa se está falando, como é produzida e com que finalidade. E, mais ainda, qual o significado dela para os que a produzem e para o povo brasileiro em geral que, de fato, quantitativamente, realiza muitas festas, conforme se pode notar nos inúmeros calendários das Secretarias de Cultura e de Turismo dos estados e municípios brasileiros (Amaral, 1998).
Ano/Edição	Ano XI, nº31, maio-ago/1998. São Paulo
Título	É dia de festa no rio Curipi
Autor/es	Antonella M. I. Tassinari
Resumo	No norte do Estado do Amapá, na região fronteira com a Guiana Francesa, reside uma população indígena de aproximadas 1500 pessoas: são os Karipunas, habitantes do rio Curipi. Nessa região, convivem com outros povos indígenas: Palikur, Galibi-Marwono, Galibi do Oiapoque, mantendo

<p>Ano/Edição</p>	<p>também contato com a população regional das cidades e vilas vizinhas. Trata-se de uma área que, há séculos vem recebendo várias levas migratórias de populações indígenas que passaram por experiências violentas de contato e ali procuraram refúgio. Todos os anos, em maio, as famílias Karipunas levantam um mastro em sua aldeia mais tradicional: a vila Espírito Santo, e passam duas semanas festejando o Divino, com grande fartura de comida, bebida, bailes e orações. Geralmente, entre outubro e novembro, os Karipunas também levantam mastros dentro de urna cerca de bambus, onde chamam para dançar, beber e cantar os Karuãnas, os seres sobrenaturais com os quais lidam os pajés, nas festas que denominam Turés. Em dezembro e janeiro é vez de se reunirem em grandes mutirões para plantarem roças de mandioca, quando as famílias convidam umas às outras para trabalhar na terra que prepararam desde o mês de agosto para o plantio. São ocasiões de trabalho, mas adquirem ares festivos quando os homens se põem a cantar e as mulheres preparam uma refeição e grande quantidade de caxiri (bebida fermentada de mandioca) para servir aos convidados</p> <p>Ano XI, nº31, maio-ago/1998. São Paulo</p>
<p>Título Autor/es Resumo</p> <p>Ano/Edição</p>	<p>Festa no cerrado</p> <p>Rosselvelt José Santos</p> <p>Ao estudarmos as festas características do cerrado de Iraí de Minas-MG, fizemos algumas incursões à história do lugar e descobrimos reduções, adaptações e misturas culturais entre produtores mineiros e migrantes gaúchos nos encontros, nas celebrações e nas festividades da comunidade. Essa situação é vivida por esses produtores a partir dos anos 80, como decorrência das estratégias do governo militar em reocupar e redefinir os cerrados como áreas especializadas na produção de cereais para os mercados mundiais. A modernização da agricultura em Iraí de Minas, iniciada em 1980, é parte das estratégias de implantação do projeto binacional entre Brasil e Japão - "JICAPRODECER I" (Japan International Cooperation Agency ou Programa para o Desenvolvimento do Cerrado). Esse projeto introduziu no cerrado mineiro altíssima tecnologia e foi objetivado através da produção de cereais em grandes e médias fazendas em três núcleos-colônias nas regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. Em Iraí de Minas, no Triângulo Mineiro, esse projeto promoveu a expansão das grandes lavouras de milho, sorgo e soja. Gerou infraestruturas em transporte para viabilizar as exportações de tais produtos.</p> <p>Ano XI, nº31, maio-ago/1998. São Paulo</p>

Título	Festas arouquenses no Rio de Janeiro: reinventando tradições
Autor/es	Artur Nunes Gomes
Resumo	Este trabalho examina, a partir do estudo de festas religiosas e temporais, a reinvenção de tradições culturais, segundo a concepção de Hobsbawn, para quem essas tradições reinventadas são “um conjunto de práticas de natureza ritual ou simbólica, que visam inculcar certos valores e formas de comportamento através da repetição que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado” (Hobsbawn, 1984: 9). Essas festas são realizadas por membros de uma associação regional portuguesa do Rio de Janeiro, o Arouca Barra Clube, em referência ao local de mesmo nome, que é um Concelho do distrito de Aveiro, no norte de Portugal. Sua área é de 327 Km: e tem como principal atividade a agricultura, em especial a cultura do vinho.
Ano/Edição	Ano XI, nº31, maio-ago/1998. São Paulo
Título	Festa “gaúcha” nos gerais da Bahia (Crônica)
Autor/es	Rogério Haesbaert
Resumo	Crônica
Ano/Edição	Ano XI, nº31, maio-ago/1998. São Paulo
Título	As associações recreativas nas regiões de colonização alemã no Sul do Brasil: kultur e etnicidade
Autor/es	Giralda Seyferth
Resumo	O texto discorre sobre a história da imigração e das colônias alemãs no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná destacando a sua contribuição para a atualização de elementos culturais e uma identidade étnica teuto-brasileira.
Ano/Edição	Ano XII, nº34, maio-ago/1999
Título	CTN: um Nordeste paulistano
Autor/es	Mirandulina Maria Moreira Azevedo; Dulce Maria Tourinho Baptista; Maria do Socorro Carlos Vidal
Resumo	O texto apresenta impressões acerca do Centro de Tradições Nordestinas – CTN, resultante de uma série de visitas realizadas durante o mês de março de 1999. Procura-se perceber em que medida a distração, proporcionada pelo tempo livre e vivenciadas nesse espaço, abre possibilidades de rememoração das origens e celebração de determinada identidade ou mesmo práticas culturais. Entretanto, não se esquece que o CTN é um empreendimento que possui uma

Ano/Edição	lógica própria, com atividades dirigidas para um público com origens na região Nordeste, sendo este o verdadeiro mote da empresa. Ano XII, nº34, maio-ago/1999
Título	A Praça Sílvio Romero – a “tradição”
Autor/es	Rosani Cristina Rigamonte
Resumo	A identificação de estratégias de sociabilidade e de trabalho, as transformações na cultura de origem e as formas de lazer dos migrantes nordestinos na cidade de São Paulo serão os pontos de referência nesta análise, que terá como pano de fundo a procura das influências de todo este processo em seu modo de vida, tanto na metrópole, quanto no seu local de procedência. Na metrópole paulistana, nem todas as redes de comunicação e sociabilidade seguem um padrão único de regras, condizente com uma estrutura urbano-industrial e de comunicação de massa. Há redes que se mantêm mediante uma estrutura peculiar, através de arranjos e padrões próprios. Para que se vislumbre tal possibilidade, neste artigo, foi analisada a Praça Sílvio Romero. local onde uma rede de indivíduos é movida pelo seu conhecimento prévio, reafirmando laços de confiabilidade e mecanismos de conhecimento, vizinhança e parentesco, provenientes do local de origem.
Ano/Edição	Ano XII, nº 35, set-dez/1999. São Paulo-SP
Título	A linguagem dos símbolos no contexto da migração
Autor/es	Sidney Antonio da Silva
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XV, nº 42, jan-abril/2002. São Paulo
Título	“Salud! Sirvase compadre!” a comida e a bebida nos rituais bolivianos em São Paulo
Autor/es	Sidney Antonio da Silva
Resumo	O comportamento relativo à comida tem sido motivo de estranhamentos entre os vários grupos humanos, particularmente, entre os (i) migrantes, pois a maneira como se come, o cheiro, o aspecto e o sabor dos alimentos denotam identidades, ou seja, a origem e o ethos sociocultural de um grupo. No contexto migratório os alimentos condensam, portanto, uma poderosa carga simbólica e passam a evocar os vários sentidos do pertencimento, seja em relação ao país de origem, cujos vínculos ficam fragilizados e, por isso, precisam

<p>Ano/Edição</p>	<p>ser continuamente realimentados através da comensalidade, bem como em relação ao país de destino, onde se procura remarcar as diferenças. Os alimentos são também nos mais variados contextos fontes de interdições (jejum), permissões (refeição), restrições (abstinência) e doação ao sagrado (oferenda). Nesta perspectiva, este trabalho propõe-se a traçar uma análise dos significados que a comida e a bebida passam a ter em alguns rituais recriados pe10s bolivianos no âmbito das festas devocionais realizadas no espaço da Pastoral dos Migrantes, como é o caso do ritual dos “pasantes “ (passagem dos encargos da festa), e outros dois, em âmbito mais privado, o ritual da Ch’alla (libação à Mãe Terra) e o do altar de todos os Santos, no dia de finados. Iniciaremos, pois, nossa descrição etnográfica com os rituais realizados no âmbito do privado para depois ampliarmos para aquele de caráter mais público, numa tentativa de avaliarmos a importância da comensalidade, acionada em cada um deles.</p> <p>Ano XV, nº 42, jan-abril/2002. São Paulo</p>
<p>Título Autor/es Resumo</p> <p>Ano/Edição</p>	<p>Migração e diversidade linguística em Luanda</p> <p>Luena Nascimento Nunes Pereira</p> <p>Considerando a dinâmica migratória em Angola, nas diferentes fases da sua história, pretendo neste artigo traçar alguns aspectos da diversidade linguística na sua capital, Luanda, levando em conta a especificidade da formação do Estado Nacional neste país da África Central. Tratar dos deslocamentos populacionais em países africanos remete à formação deste extenso continente povoado através de sucessivas levas migratórias ao longo dos séculos, Migrações que acarretaram em dominação de povos sobre outros, como também em alianças, surgimento de novos povos, formações políticas e sociais de diversos tipos, relações comerciais, expansões religiosas. Assim como em todo o mundo, as migrações são elemento primordial da formação do continente africano e da história de seus diversos povos.</p> <p>Ano XV, nº 42, jan-abril/2002. São Paulo</p>
<p>Título Autor/es Resumo</p>	<p>A linguagem fotográfica no Islã</p> <p>Francirosy Campos Barbosa Ferreira</p> <p>Este artigo discute a relação dos muçulmanos com a imagem fotográfica. A intenção é aproximar o nosso mundo ocidental à lógica islâmica sobre a representação da imagem, isto</p>

<p>Ano/Edição</p>	<p>porque, na religião islâmica o culto à imagem é proibido: não se deve cultuar o que Deus criou. De acordo com Hanania (1999: 15), o espírito desta interdição islâmica em face da representação de formas é que, teoricamente, no Dia do Juízo, as imagens deverão ser ressuscitadas por seu autor. Mas, e a fotografia? Muito embora ela se constitua como um modelo de representação, não podemos descartá-la totalmente do contexto islâmico. No período do profeta Muhammad (Maomé), século VII, o grande perigo para os adeptos ao Islã era o culto às esculturas, estátuas de bronze. A imagem figurativa apresentava um impedimento, pois esta representava a criação divina. Não se deve copiar o que Deus criou, pois tudo o que ele fez (faz) é perfeito, na lógica islâmica. Para encontrar respostas a essas limitações, fui buscar em um determinado grupo - os muçulmanos do Brás em São Paulo -, elementos que apontassem a relação estabelecida pelos muçulmanos e as suas fotografias, já que essas podem também revelar imagens de corpo inteiro e, portanto, são figurativas. Esse grupo de muçulmanos é constituído, em sua maioria, por libaneses e descendentes que residem e trabalham no bairro do Brás.</p> <p>Ano XV, nº 42, jan-abril/2002. São Paulo</p>
<p>Título Autor/es Resumo</p>	<p>A alimentação e a culinária da imigração italiana</p> <p>Marilda Checucci Gonçalves da Silva</p> <p>Neste artigo apresento os resultados de uma pesquisa ⁱ que teve por objetivo estudar, com base no conceito de habitus², os impactos que a vinda de famílias camponesas imigrantes de origem italiana promoveram sobre a produção de alimentos e a culinária da região do Vale do Itajaí/SC. Orientado por esse objetivo mais geral, foram abordados, de forma mais específica, os seguintes aspectos: - As tradições trazidas desde a região de origem, bem como as inovações introduzidas nas técnicas de plantio, nas espécies plantadas e na dieta alimentar dos colonos imigrantes, em consequência do novo meio físico e social. A influência mútua, do ponto de vista da alimentação, dos diferentes grupos étnicos presentes na região; - Os aspectos simbólicos ligados ao ato alimentar, tomando como base seus rituais familiares e comunitários de comensalidade e partilha, suas relações de gênero, e a maneira como a culinária é utilizada enquanto um elemento de identidade. Para se atingir os objetivos pretendidos, foi realizada uma pesquisa de campo, recorrendo-se à etnografia e à história oral do grupo, através das lembranças retidas na memória das pessoas mais idosas das famílias.</p> <p>Ano XV, nº 42, jan-abril/2002. São Paulo</p>

Título	A linguagem dos símbolos no contexto da migração
Autor/es	Sidney Antonio da Silva
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XV, nº42, jan-abril/2002. São Paulo
Título	Os brincantes de Lucas e histórias de um boi migrante
Autor/es	Luciana Gonçalves de Carvalho
Resumo	Diferentes expressões populares aludindo ao tema de perda e recuperação de um novilho precioso espalham-se por quase toda parte do Brasil, como variantes de um mesmo ciclo mítico do boi que aparece incorporado em muitas histórias, músicas, danças e performances dramáticas pelo país afora: boi calemba no Rio Grande do Norte, boi pintadinho no Rio de Janeiro, boi bumbá no Pará e Amazonas, boi-de-mamão em Santa Catarina, boi-de-reis no Espírito Santo, cavalo-marinho em Pernambuco e bumba-meu-boi no Maranhão, Realizações singulares de um conjunto amplo de manifestações em que a figura de um boi — uma representação plástica do animal, mais ou menos realista, confeccionada artesanalmente — contracenava com homens e mulheres nos papéis de cantadores, vaqueiros, índios, palhaços, escravos, fazendeiros e outros, essas expressões conjugam modalidades distintas de canto, toque, dança, teatro, narrativa e jogo. Frequentemente associadas a crenças e sentimentos religiosos, não perdem, contudo, o caráter lúdico que seus praticantes lhes reservam e denunciam, ao tratá-las preferencialmente como brincadeiras, e a si próprios como brincantes.
Ano/Edição	Ano XVII, nº49, maio-ago/2004. São Paulo
Título	Receber e incorporar o diferente
Autor/es	Sidnei Marco Dornelas
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XX, nº58, maio-ago/2007. São Paulo
Título	Hospitalidade a qualquer hora, hospitalidade a qualquer tempo
Autor/es	Dolly Khouri; Marielys Siqueira Bueno
Resumo	Como parece haver um consenso em considerar os libaneses como um povo hospitaleiro, o objetivo desse artigo é apontar, entre os imigrantes libaneses na cidade de São Paulo, a transferência e as adaptações de usos e costumes dos seus padrões de hospitalidade. Definindo hospitalidade como um modo privilegiado de encontro interpessoal

Ano/Edição	<p>marcado pela atitude de acolhimento, Isabel Baptista (2002, p. 158) dimensiona toda sua importância ao afirmar: “Ao tentar sublinhar a dimensão ética da hospitalidade procura-se evidenciar a necessidade de criar e alimentar lugares de hospitalidade em que, do nosso ponto de vista, surgem a consciência de um destino comum e o sentido de responsabilidade que motiva a ação solidária”. Ao sublinhar a necessidade de criar lugares de hospitalidade Isabel Baptista confirma a importância da comensalidade. No imaginário, tanto individual quanto coletivo o compartilhar iguarias, refeições é um dos mais fortes símbolos da hospitalidade. E é justamente a comensalidade o aspecto de maior destaque e fundamental na hospitalidade libanesa, uma dimensão cultural que se ritualiza para criar uma rede de sociabilidade entre as pessoas. O acolhimento, os prazeres da mesa que se proporciona aos convivas nessas ocasiões constituem os grandes momentos de sociabilidade.</p> <p>Ano XX, nº58, maio-ago/2007. São Paulo</p>
Título	Migrações e interculturalidade no Brasil e na França
Autor/es	Sidnei Marco Dornelas
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XXII, nº 65, set-dez/2009. São Paulo
Título	Presença cultural francesa no Brasil
Autor/es	Marcio Rodrigues Pereira
Resumo	A presença cultural francesa no Brasil se desenvolve no decorrer do século XIX e se estende, como cultura estrangeira preponderante na elite brasileira, até os anos de 1960, quando é suplantada pela avassaladora presença da cultura norte-americana e, antes disso, pelo nacionalismo brasileiro. Até o início do século XX, sua influência sobre a elite brasileira se faz de maneira espontânea, como consequência do capitalismo. Porém, desde os anos de 1920, ela se faz, em boa parte, em função da política cultural internacional do Estado francês.
Ano/Edição	Ano XXII, nº 65, set-dez/2009. São Paulo
Título	O made in Brasil em Londres: migração e os bens culturais
Autor/es	Simone Frangella
Resumo	O presente artigo descreve brevemente o crescimento da circulação de imagens e bens culturais brasileiros pela cidade de Londres, e a relação deste crescimento com a imigração brasileira emergente na última década. A partir de 2000, houve

Ano/Edição	<p>um aumento de estilos, tendências e produtos culturais sobre o Brasil que deram maior visibilidade ao país e permitiram a emergência de novos produtos culturais. A imigração brasileira crescente auxiliou no fomento transnacional destas imagens, e estas, ao mesmo tempo em que tiveram peso nas vivências dos brasileiros na capital inglesa, também colocaram o imigrante em constantes processos de renovação identitária.</p> <p>Ano XXIII, nº 66, jan-jun/2010. São Paulo</p>
Título	O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. Alain Montandon (Org.) São Paulo: Senac, 2011. (Resenha)
Autor/es Resumo Ano/Edição	<p>Por Sidnei Marco Dornelas</p> <p>Resenha</p> <p>Ano XXV, nº 70, jan-jun/2012. São Paulo</p>
Título	Los migrantes paraguayos y la lengua guarani
Autor/es Resumo	<p>Miguel Angel Verón</p> <p>Paraguay es un crisol lingüístico desde su mismo inicio. Además de las dos lenguas oficiales, el guaraní y el castellano, los 19 pueblos indígenas usan sus lenguas propias, y las distintas comunidades de inmigrantes también mantienen sus respectivos idiomas. La lengua históricamente mayoritaria ha sido y sigue siendo el guaraní; pese a ello, desde el Estado y la sociedad en general siempre se lo ha subvalorado. Actualmente, cerca del 90% de la población habla esta lengua, y el 70%, el castellano. El guaraní es la lengua indígena más vigorosa del continente. Es idioma oficial del Paraguay; es una lengua hablada por una población criolla en todo el territorio paraguayo; es también lengua del MERCOSUR y lengua de trabajo del Parlasur. Actualmente es hablada por más de 5.000.000 de personas dentro del territorio paraguayo, y también por la misma cantidad fuera del mismo, especialmente en los países del MERCOSUR. Como ocurre en todo proceso migratorio, los paraguayos que dejan sus tierras para vivir en otros países llevan consigo sus lenguas. Esto ocurre, por ejemplo, con compatriotas que migran a San Pablo; ellos siguen hablando entre sí la lengua que les transmitieron sus padres en el calor del hogar: el guaraní. Empero, entre los migrantes paraguayos – así como ocurre en la sociedad paraguaya – se presenta un fenómeno muy peligroso para la vida futura de la lengua guaraní: el corte generacional. La transmisión de padres a hijos es condición necesaria para</p>

Ano/Edição	la longevidad de una lengua. En los últimos años ha habido avances muy significativos en la forma de gestionar las lenguas en Paraguay. Con las nuevas políticas lingüísticas desplegadas y las acciones que se desprenden de ellas, podemos estimar que estará asegurado el jardín lingüístico paraguayo. Ano XXVII, nº 74, jan-jun/2014. São Paulo
Título Autor/es Resumo	As manifestações da cultura popular nordestina em Sorocaba-SP Amanda Alves Gomes; Neusa de Fátima Mariano Objetivou-se, nesse estudo, analisar espacialmente as manifestações da cultura nordestina presentes no município de Sorocaba, decorrentes de movimentos migratórios atraídos pela oportunidade de emprego local. Coube ao trabalho identificar parte desse cenário cultural nordestino na tentativa de se compreender os locais que abrange, bem como se estes permanecem uniformes ou fragmentados, homogêneos ou heterogêneos no cotidiano do migrante e do descendente nordestino. Buscou-se, ainda, entender a presença do CCTN (Centro Cultural de Tradições Nordestinas) de Sorocaba na vida dos migrantes e dos descendentes, bem como na política, na cultura e na sociedade local como um todo.
Ano/Edição	Ano XXVIII, nº 77, jul-dez/2015. São Paulo
Título	Multiculturalismo, Migration, and the Politics of identity in Singapore. Kwen Fee Lian (Ed.). Brunei: Editora UBD, 2015. (Resenha)
Autor/es Resumo	Por Isadora de Lima Branco Resenha
Ano/Edição	Ano XXX, nº 80, jan-jun/2017. São Paulo

EDUCAÇÃO

Título	O migrante e a educação: o sonho nutre a luta
Autor/es Resumo	Marília Pontes Sposito Este artigo procura contribuir para a compreensão da vida do migrante na cidade ao trazer para discussão um tema em geral ausente das preocupações daqueles que têm procurado entender sua trajetória e suas lutas: os migrantes e seus projetos educativos. Na verdade, tem sido privilegiado o debate em torno das questões relativas à expulsão dos trabalhadores

Ano/Edição	do campo, de sua vinda para a cidade em meio às vicissitudes dessa travessia e de sua luta pela sobrevivência no mercado de trabalho. Outros aspectos dessa presença, como as práticas educativas e a socialização das crianças em famílias migrantes, as formas de manifestação do lazer e da religiosidade na cidade, embora passem a ocupar o campo de interesse de alguns estudiosos e daqueles que têm acompanhado as lutas dessas populações, ainda foram suficientemente conhecidos. Ano 1, nº 2, set-dez/1988. São Paulo-SP
Título	O migrante e a educação
Autor/es	Editorialistas de Travessia
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano V, nº 12, jan-abril/1992. São Paulo
Título	O campesinato vive
Autor/es	Nilton Bueno Fischer
Resumo	A expressão contida no título deste artigo tem como objetivo entender como o processo educativo, existente nos assentamentos conquistados pelos trabalhadores rurais através do Movimento dos Sem Terra (MST), se torna também uma forma de aprendizagem para aqueles intelectuais, educadores populares e organizações (partidos, sindicatos) que atuam como seus assessores. A dinâmica existente no campesinato, especialmente no terceiro mundo, exige a superação de análises que indicavam sua função subalterna. Marre” sustenta uma outra leitura sobre o campesinato: querer qualificar o campesinato como uma categoria em via de proletarização ou apenas como funcional ao grande capital parece reduzir e desconhecer a vitalidade e a multiplicidade de suas lutas”. Não há o que contestar sobre esse novo sujeito político, especialmente no Brasil e durante esta última década. Os Sem Terra têm suficiente estatuto como organização representativa dos interesses dos trabalhadores rurais. Basta, para tanto, examinarmos alguns dados, por exemplo, no RS: “63 assentamentos conquistados; 2.294 famílias beneficiadas num total de 48.021 ha. de área” ³ . Outros indicadores podem ser agregados para confirmar a existência de uma sólida instância política com legitimidade e representatividade nacional. Queremos compreender melhor a dinâmica desses sujeitos instituintes , os quais contribuem para a construção de uma sociedade democrática no Brasil. Os vínculos desse projeto de sociedade com o processo educativo nos assentamentos

Ano/Edição	podem ser, num primeiro momento, analisados sob três pontos: 1- a questão do conhecimento técnico; 2- a questão da alfabetização de jovens e adultos e 3- a questão de “espaço do político”. Ano V, nº 12, jan-abril/1992
Título	A formação sindical: uma das várias dimensões de classe dos trabalhadores
Autor/es Resumo	Silvia Maria Manfredi o falar da educação dos trabalhadores estamos nos referindo a um processo contínuo e permanente de formação que os trabalhadores se proporcionam como classe, daquela educação que se dá nas práticas sociais do cotidiano: no trabalho, na família, na escola, através da participação em organizações (partidos sindicatos, associações de bairro) e, através de sua participação em movimentos de caráter mais coletivo - greves, campanhas salariais, campanhas políticas, movimentos reivindicatórios, etc... São os próprios trabalhadores, através de suas histórias de vida, que reafirmam como e quando se dá essa educação. Foi isto que nos relatou Salvador Pires, trabalhador metalúrgico de origem rural.
Ano/Edição	Ano V, nº 12, jan-abril/1992
Título	Analfabetos na sociedade letrada: diferenças culturais e modos de pensamento
Autor/es Resumo	Marta Khol de Oliveira Quando nos referimos ao analfabeto na sociedade letrada, isto é, a esse sujeito que vive no mundo urbano, escolarizado, industrializado e burocratizado e que não tem o domínio da palavra escrita, estamos nos referindo, na verdade, a um grupo social extremamente homogêneo. É um grupo composto, em sua maioria, por migrantes de zonas rurais, principalmente da região nordeste do país, trabalhadores em ocupações pouco qualificadas e com uma história descontínua e mal sucedida de passagem pela escola; seus pais também eram trabalhadores em ocupações braçais não qualificadas (principalmente lavoura) e com nível instrucional muito baixo (geralmente também analfabeto). A caracterização desse grupo cultural repete-se nas várias situações escolares e de pesquisa que lidam com esse personagem que designamos genericamente como “analfabeto”: ele tem um lugar social específico, que vai se combinar com sua incapacidade de utilizar o sistema simbólico da escrita. Se quanto a suas características socioculturais sabemos claramente que quem é o analfabeto, quanto ao

Ano/Edição	domínio do sistema de escrita parece que não estamos lidando com um grupo formado por indivíduos muito semelhantes entre si. Os adultos que chamamos de analfabetos, imersos no mundo letrado, vão sendo contaminados pelas informações desse mundo e acumulam conhecimentos sobre suas regras de funcionamento e sobre o próprio sistema de escrita. Ano V, nº 12, jan-abril/1992
Título Autor/es Resumo	O que pode ler o iletrado? Sylvia Leser de Mello; Jerusa Vieira Gomes É possível eliminarmos o conhecimento que temos da língua escrita e compartilharmos o mundo do analfabeto, vendo a cultura letrada como ele a vê? A resposta é negativa. Nem em fantasia podemos compartilhar a relação do analfabeto com as letras e as palavras porque, para nós, esses signos se naturalizaram de tal modo que é impossível estranhá-los. Mesmo numa língua em que as letras não são familiares a ideia básica da significação permanece. Analfabeto convive com os signos sem poder ter a experiência do seu significado, embora tenha familiaridade com eles. O analfabeto, sobretudo o analfabeto urbano, tem que conviver com uma deficiência extraordinária por não dominar os símbolos da escrita. Uma das faces da deficiência é a sua exclusão de um mundo ao qual não pode ter acesso, exclusão real e exclusão simbólica. “É chato gente que não sabe lê. Porque não conhece nada, né?”. Essa afirmação de uma analfabeta contém alguns dos sentimentos básicos, quanto à cultura letrada, que podemos encontrar entre os letrados. O analfabetismo é igual à ignorância, à burrice, à incapacidade. Os conhecimentos dos analfabetos, que são, em grande maioria, migrantes de origem rural, são relativos a uma outra ordem de coisas. Ao virem para a cidade não têm mais emprego para o que sabem e passam a crer que o único conhecimento valioso, aquele que permite ascender a uma vida melhor, aquele que torna as pessoas importantes, é o conhecimento das letras.
Ano/Edição	Ano V, nº 12, jan-abril/1992
Título Autor/es Resumo	Indagações sobre a educação de jovens filhos de migrantes Marília Pontes Sposito A década de 90 confirma, para muitos, a sensação de impasse e de falta de perspectivas para a sociedade brasileira. A que marcou a última década, agravada pela profunda crise

Ano/Edição	<p>que ultrapassa as fronteiras da miséria social, atingindo as instituições e comprometendo o processo de transição democrática, é a grande herança para os próximos anos. Tais efeitos são imediatamente perceptíveis sob o ponto de vista geral da sociedade e de seus segmentos explorados. No entanto, seria preciso aprofundar o quanto esta situação de crise atinge particularmente os jovens, filhos de trabalhadores migrantes. Sob o ponto de vista mais geral, as estatísticas tendem a confirmar que há um “envelhecimento populacional” na medida que a presença da faixa etária dos 0 aos 19 anos tende a diminuir, ainda que discretamente nos últimos anos, no conjunto da população brasileira.</p> <p>Ano V, nº 12, jan-abril/1992</p>
Título	O rural-urbano e a escola brasileira (ensaio de interpretação sociológica)
Autor/es Resumo	<p>Dulce Consuelo Andreatta Whitaker</p> <p>Para compreender como vejo a questão da educação rural (e urbana) na sociedade hoje, é preciso, logo no início deste artigo, superar a razão dualista que costuma dicotomizar os fenômenos humanos, contrapondo-os em pares antagônicos; cultura x natureza, rural x urbano, países desenvolvidos x países subdesenvolvido, etc. Tal maneira conceitua de organizar o raciocínio pode ajudar a compreender os fenômenos a partir da ciência positivística, mas é obscurecedora do real em sua complexidade (totalidade). Somente o raciocínio dialético permite observar como os objetos reais se interpenetram de forma ora articulada ora integrada, mas sempre compondo com a totalidade. Superar a razão dualista é, portanto, o primeiro passo para compreender como se articulam o rural e o urbano no Brasil hoje. A questão que se apresenta é pois como superar a visão dualista na investigação de um rural e um urbano que aparecem ao senso comum tão diferenciados?</p>
Ano/Edição	Ano V, nº 12, jan-abril/1992
Título	Educação para além do conhecimento
Autor/es Resumo	<p>Sérgio Haddad</p> <p>Durante muito tempo coordenei um curso supletivo noturno para adultos. Nessa escola de primeiro e segundo grau vivi um trabalho educacional intenso, profundo, que marcou e tem marcado boa parte daquilo que penso no campo da educação de adultos.</p>

Ano/Edição	<p>Quando iniciamos o curso estávamos em 1974. Pensávamos, quase todos os professores, que seria uma oportunidade de fazer da nossa prática de educadores alguma coisa a mais do que simplesmente transmitir conhecimentos. A conjuntura política no país era difícil. Apesar dos primeiros sinais de abertura, o regime militar ainda se mostrava duro, pouco disposto a tolerar aqueles que se mostravam inconformados, indignados com a falta de liberdade e o desrespeito aos direitos humanos. Os que haviam ficado no Brasil, entre aqueles que se engajaram na busca de uma sociedade mais humana e mais justa e haviam sido derrotados com o golpe militar, procuraram redescobrir novos caminhos de engajamento político. Entre os educadores, a novidade era a educação popular, De difícil definição, a educação popular se pretendia como uma prática social voltada à organização, mobilização e conscientização das camadas populares, ao trabalho de reconstrução do tecido social rompido com o golpe militar. Pretendia-se ainda como uma educação não formal, desescolari7Ada, colada aos grupos populares, ao seu cotidiano de lutas e desafios.</p> <p>Ano V, nº 12, jan-abril/1992</p>
Título Autor/es Resumo Ano/Edição	<p>Mova-SP: uma experiência tentando escapar a utopia</p> <p>Maria Stela Santos Graciani</p> <p>Diante da possibilidade inédita de poder trabalhar e construir com o educador Paulo Freire um projeto novo, com verdadeiras rupturas pedagógicas, os movimentos sociais, sindicais e populares criaram o Projeto MOVA-SP . Seu nome já é carregado de significado e de significantes promotores de ideias e concepções de movimento, mudança, dinamismo e totalidade. MOVA-SE SÃO PAULO, frente à situação do analfabetismo instaurado na cidade - mais de um milhão e meio de analfabetos vindos das mais diferentes regiões de nosso país, migrantes sem rumo, sem destino. Um gigantesco desafio: definir uma política de ampliação do atendimento educacional destinado a jovens e adultos e suas opções estratégicas com o Movimento Popular.A palavra de ordem era romper, ousar e enfrentar o desafio, mesmo que de forma emergencial, mas com caráter de irreversibilidade. As diferentes forças populares estavam definitivamente comprometidas e politicamente decididas a assumir em parceria com a Secretaria Municipal da Educação esta empreitada social, preservando a sua autonomia e independência política.</p> <p>Ano V, nº 12, jan-abril/1992</p>

Título	O migrante nos livros didáticos de geografia
Autor/es	Denise Rockenbach
Resumo	Como professora de geografia em escolas públicas de 1º e 2º graus, inúmeras vezes pude perceber, de um lado, atitudes preconceituosas de crianças e jovens em relação a migrantes e, de outro, migrantes ou filhos de migrantes que negam esta sua condição por se sentirem desvalorizados. Procura-se verificar como o migrante e a migração são abordados pelos livros didáticos de geografia, posto que estes livros comumente fazem parte do processo de ensino e aprendizagem.
Ano/Edição	Ano VI, nº 17, set-dez/1993
Título	Educação e novas tecnologias
Autor/es	Ramón Peña Castro
Resumo	Novas Tecnologias, Produtividade, Competitividade... são algumas das palavras mais repetidas por empresários e tecnocratas com a finalidade de tornar aceitáveis as políticas de “ajuste”. supostamente destinadas a criar condições para a retomada do crescimento. E visivelmente enganosa a ideia de que a modernização tecnológica e gerencial das empresas - que até agora só tem levado ao aumento do desemprego - beneficie aos trabalhadores ou, como diz o discurso oficial, sociedade como um todo. Diversas pesquisas demonstram que na indústria automobilística brasileira. (setor mais representativo das tecnologias modernas) a introdução de novas tecnologias dá-se de forma unilateral e limitada, servindo principalmente para reduzir o emprego global, para reforçar a organização fordista do trabalho: Isso acontece porque o objetivo central das mudanças tecno-organizacionais consiste em elevar a produtividade do trabalho. mediante o reforçamento do seu controle e da sua intensificação. O neoliberalismo - nova fantasia do capitalismo - identifica a tecnologia com a noção religiosa do bem absoluto. para incutir a ideia de que tanto os indivíduos como as instituições públicas (entre as quais a Escola) devem curvar-se ao suposto imperativo tecnológico, cabendo à escola atender, prioritariamente, às demandas do mercado de trabalho.
Ano/Edição	Ano VII, nº 18, jan-abril/1994

Título	Migrantes da construção civil em João Pessoa-PB (Relato de experiência)
Autor/es	Arivaldo J. Sezyshta; Verônica Pessoa
Resumo	Relato de experiência
Ano/Edição	Ano XIV, nº 40, maio-ago/2001. São Paulo-SP
Título	Uma escola alemã em Mato Grosso
Autor/es	Mariza Santos Miranda
Resumo	A travessia de um oceano implica singrar novos e desconhecidos mares. À frente, o estranho, o que ainda vai se revelar, o novo, a liberdade do vento marítimo e da imensidão do mar. Por outro lado, o medo, o desconhecido, as tempestades, as dificuldades, a diversidade a se enfrentar: novos costumes, outra luminosidade na paisagem, outro clima, outra visão de mundo, uma nova linguagem de vida. Para trás fica o velho, conhecido e vivido, ficam os costumes e a cultura incorporados ao longo de uma existência sem se dar conta de sua atuação, Fica a certeza do sentir-se parte integrante da terra, do ar, das fragrâncias, daquela gente enfim. Mas carrega-se no peito o entusiasmo e a ousadia próprios das travessias. Carregase, sobretudo, a vontade da mudança ao longo deste trajeto distinto. A ação do 'migrar' está repleta de mudanças; implica mudar de habitat, de idioma, de cultura, sobretudo de status social. Todas essas alterações inferem na perda dos papéis sociais conhecidos e desempenhados até aquele momento. Talvez seja essa a maior e mais dolorosa perda. Na nova terra há que se elaborar, construir novos papéis socioculturais em busca de espaço em todas as áreas, em todos os outros campos sociais, de políticos a religiosos. O que observamos é que tal processo quase sempre se inicia pela elaboração do status econômico, através do trabalho. Por outro lado, O que se desconhece é o fato de que por trás de cada uma dessas ações e vontades se esconde o aprendizado, que vai se desvelando, às vezes lentamente, outras de forma abrupta. Deve-se levar em consideração, portanto, todo o processo social de produção de conhecimento ao se pensar a própria existência e suas travessias.
Ano/Edição	Ano XV, nº42, jan-abril/2002. São Paulo
Título	Educação de adultos migrantes – a experiência de um professor nativo
Autor/es	Fernando Frochtengarten
Resumo	Diferente do que acontece com inúmeros estudiosos

dedicados ao tema das migrações, não sou eu mesmo um migrante. Ainda que o assunto fale mais alto pela biografia de meus antepassados, minha história pessoal aderiu ao solo natal: sempre vivi em São Paulo. Ainda assim, é a partir de uma experiência imediata que os deslocamentos dos homens, especialmente nos limites internos do território nacional, mobilizam meu interesse como psicólogo social. Se o fenômeno me é instigante, isso se deve ao contato duradouro que venho mantendo com grupos de migrantes radicados nesta cidade. Há quase uma década, participo como educador de jovens e adultos em um curso noturno subsidiado pelo Colégio Santa Cruz, escola particular localizada na zona oeste da cidade, que durante o dia abre suas portas a crianças e adolescentes. Esse curso supletivo, no qual dou aulas de Ciências, atende de quatro a cinco centenas de homens e mulheres com idade mínima de dezesseis anos, distribuídos em classes que vão da alfabetização ao Ensino Médio. Do total de alunos matriculados no início de 2006, 68% eram oriundos de estados do Nordeste (45% eram da Bahia), 10% de Minas Gerais, além de outros que, em menor quantidade, vieram do Rio de Janeiro e de estados das regiões Sul e Centro-Oeste do país. Trata-se, portanto, de uma escola que atende um número significativo de migrantes. A trajetória escolar de grande parte dos alunos desse curso participa de uma história de deslocamentos. Em sua maioria, viveram o período antecedente à migração em áreas rurais, lugarejos onde a frequência à escola não tomava parte na tradição e tampouco se fazia premente. Aqueles que chegaram a ingressar na vida escolar tiveram uma experiência efêmera, em muitos casos interrompida pela migração.

Ano/Edição

Ano XIX, nº 56, set-dez/2006. São Paulo

Título

Caminhando sobre fronteiras: o papel da educação na vida de adultos migrantes (Resenha) – Fernando Frochtengarten. São Paulo: Summus Editorial, 2009

Autor/es
Resumo

Por Sidnei Marco Dornelas

Ano/Edição

Ano XXII, nº 64, maio-ago/2009

Título

O papel da família e de organizações civis no ensino de português para crianças (anglo) brasileiras

Autor/es
Resumo

Ana Beatriz Barboza de Souza

A emigração brasileira se tornou significativa nos anos 1980 e, na Europa, o Reino Unido desponta como um dos países com

Ano/Edição	<p>maior crescimento no número de imigrantes brasileiros. Como consequência, há um grande número de crianças brasileiras no sistema educacional inglês, além das crianças de várias outras origens. Independentemente do nível de inglês que possuem, essas crianças são matriculadas no sistema educacional regular. Neste texto, discuto as diretrizes educacionais inglesas em resposta à grande população de crianças imigrantes em suas escolas. Adiciono a esta discussão um retrato da atuação de famílias brasileiras em Londres em prol do ensino de português para seus filhos e de organizações voluntárias brasileiras. Concluo com sugestões a respeito de como a atuação destas organizações pode se desenvolver de uma maneira mais efetiva e clamo por um maior envolvimento das autoridades brasileiras na questão da educação de crianças, jovens e adultos brasileiros que vivem no exterior.</p> <p>Ano XXIII, nº 66, jan-jun/2010. São Paulo</p>
<p>Título</p> <p>Autor/es</p> <p>Resumo</p> <p>Ano/Edição</p>	<p>Revitalização linguística do japonês no Brasil: a atuação dos retornados brasileiros do Japão como professores de língua japonesa</p> <hr/> <p>Leiko Matsubara Morales</p> <p>Este trabalho tem como objetivo trazer à tona a emergência de um novo grupo de professores de japonês, que são os brasileiros retornados do Japão, em consequência do fluxo migratório conhecido como decasségui. São pessoas que foram levadas para o Japão ainda em idade tenra, ou nasceram lá, e passaram pela educação escolar no país. Enquanto a maioria de descendentes jovens no Brasil não se interessa pela docência em língua japonesa, os retornados buscam tal ocupação justificando que “ensinar o japonês é a única coisa que sabem fazer”. Diante da escassez de pessoas fluentes no idioma em quatro habilidades lingüísticas, e também da demanda reprimida de professores dessa língua no Brasil, esse novo perfil vem contribuir para a sua revitalização. A pesquisa analisou, qualitativamente, o relato de três informantes, tendo em vista o seu histórico de migração, nos seguintes aspectos: nível de bilinguismo, circunstâncias de aquisição e aprendizagem das duas línguas (japonês e português), motivações pessoais, além do desempenho lingüístico.</p> <p>Ano XXIV, nº 69, jul-dez/2011. São Paulo</p>

Título	Duas histórias de migrantes sobre educação, trabalho e moradia na periferia paulistana (1960 e 1980)
Autor/es Resumo	Adriana Santiago Rosa Dantas Este artigo discute a inserção de migrantes internos na periferia de São Paulo, vindos em condições educacionais e sociais parecidas, mas em tempos distintos, nas décadas de 1960 e 1980. Os dados analisados fazem parte de uma pesquisa realizada em Ermelino Matarazzo, na periferia leste da cidade de São Paulo, que recebeu migrantes nordestinos a partir da década de 1940. No texto, são comparadas duas moradoras, dentre as dezoito entrevistas da pesquisa, analisando-se sua inserção na cidade de São Paulo em relação à educação, trabalho e moradia.
Ano/Edição	Ano XXVI, nº 73, jul-dez/2013. São Paulo

Título	Cuando la frontera no es la única barrera: desafíos puestos a los niños inmigrantes en el espacio escolar
Autor/es Resumo	Maria Zenaide Alves El espacio escolar se ha configurado, cada vez más, como espacio de conflictos de Valores y creencias, sobre todo, en los grandes centros urbanos donde la diversidad ética y cultural proporcionada por los movimientos migratorios coloca, en un mismo espacio, niños y jóvenes de diferentes nacionalidades, religiones, creencias y valores. Este texto pretende presentar algunas contribuciones al debate de las cuestiones educacionales emergentes trayendo al centro de las discusiones los desafíos que enfrentan los niños hijos de inmigrantes dentro de la escuela. El objetivo era analizar algunos elementos que pueden, o no, configurarse como factores de exclusión de esos sujetos en el espacio escolar y, a partir de esto, en la sociedad que los acoge. Las reflexiones aquí presentadas son parte constitutiva de la discusión teórica de mi disertación de maestría, cuyo objetivo era analizar como ocurre el proceso de adaptación (y/o inclusión) de niños inmigrantes dentro de la escuela. Entre los desafíos que enfrenta la educación actualmente, los problemas que resultan de la diversidad cultural presente en el espacio escolar es, sin duda, uno de los más intrigantes. Este análisis se centrará en tres aspectos relevantes para la reflexión del tema: una discusión acerca de los conceptos de inclusión y exclusión y la relación que se establece con los sujetos de los fenómenos migratorios; presentación de algunos “lugares” de exclusión que afectan los niños inmigrantes en el espacio escolar y,

Ano/Edição	finalmente, algumas reflexões acerca de uma “educação sin fronteras” como forma de promoção de la ciudadanía y la justicia social. Ano XXVIII, nº 75, jul-dez/2014. São Paulo
Título	EMIGRAÇÃO/IMIGRAÇÃO
Autor/es	Migrações temporárias - problema para quem?
Resumo	José de Souza Martins O deslocamento maciço de população do campo para a cidade trouxe inúmeros problemas, mas problemas para quem? O autor aponta que os problemas não são dos migrantes, mas sim dos gestores públicos, dos movimentos populares e instituições religiosas que trabalham com migrantes. A migração temporária acentua a exploração, criando uma nova miséria que empobrece o trabalhador como pessoa, ao mesmo tempo em que o liberta da coerção permanente e das relações de dependência do proprietário da terra, abrindo assim alternativas para escapar da pobreza.
Ano/Edição	Ano 1, nº 1, maio-ago/1988. São Paulo
Título	As migrações no mundo (Editorial)
Autor/es	Editorialistas de Travessia
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano IV, nº 11, set-dez/1991. São Paulo
Título	O estrangeiro e sua situação jurídica no Brasil
Autor/es	Belisário dos Santos Jr.
Resumo	O mundo começa a ficar cada vez menor. As barreiras da nacionalidade são frágeis para conter a expansão das grandes corporações ou os fenômenos regionais de integração econômica e social e os processos migratórios que podem acompanhá-los. A queda do Muro de Berlim, o fenômeno da unificação econômica e jurídica da Europa e as tratativas em torno de um mercado latino-americano exigem um repensar sobre o conceito de “estrangeiros” e sua regulação pelo direito. Historicamente, apenas razões de extrema importância conduziram a alterações legais nesse tema. A partir desse contexto, o artigo abordará sobre o tratamento dado aos “estrangeiros” no Brasil, sua condição jurídica, a política migratória e a sua inserção social.
Ano/Edição	Ano IV, nº 11, set-dez/1991. São Paulo

Título	Brasiguaios: os camponeses e as regras do jogo político nas fronteiras do Cone Sul
Autor/es Resumo	Márcia Anita Sprandel A designação brasiguaios, que vem a público no início de 1985, coetânea à mobilização de cerca de mil famílias de camponeses por terra - sob a forma de um acampamento, no município de Mundo Novo (MS) está intrinsecamente ligada a pelo menos três categorias de atribuição: estrangeiros, brasileiros e imigrantes. A imposição da condição de estrangeiros aos pequenos proprietários agrícolas que penetram em território paraguaio, para cultivar soja, algodão e outras lavouras comerciais, notadamente a partir dos anos setenta produzirá a consciência de ser brasileiro e a concretização, para segmentos dos mesmos, da condição jurídica de imigrante. As contradições decorrentes da situação de se definirem e serem definidos pelas três atribuições, permitiram o surgimento de uma quarta, que assimilava elementos mas também marcava diferenças com as mesmas, qual seja: brasiguaios. Para analisarmos a constituição destas quatro categorias, tomamos como ponto de partida os dados coletados em trabalho de campo junto àquelas primeiras famílias que, em junho de 1985, retornaram de forma massiva e organizada ao Brasil, reivindicando a preferência na obtenção de terras através do processo de reforma agrária que então se anunciava. Foram elas que empunharam pela primeira vez a atribuição brasiguaios como bandeira de luta por terra e cidadania. O resultado de sua mobilização foi a desapropriação por interesse social de uma área de 16.58() hectares, onde foi criado o Projeto de Assentamento (PA) Novo Horizonte, no município assentadas de Ivinhe (Ya (MS), onde se encontram.
Ano/Edição	Ano IV, nº 11, set-dez/1991
Título	Latinos nos EUA – unindo Américas, fazendo a América de lá ou perdendo a nossa América?
Autor/es Resumo	Mary Garcia Castro A migração de latinos para os Estados Unidos não é um fenômeno novo, registrando-se deslocamentos de mexicanos para os estados norte-americanos fronteiriços ao México, por exemplo, Califórnia, Texas, Arizona e Novo México, ou seja, para terras que originalmente eram do México, desde meados do século 19. Também é anterior à 1ª Guerra Mundial o deslocamento para os EUA de massiva corrente de europeus e mais tarde de asiáticos. Na história daquele país,

Ano/Edição	<p>os membros dessa corrente são chamados “pioneiros” ou os “velhos imigrantes”. Mostraremos o crescimento dos novos imigrantes, em particular de origem asiática e latina. Em 1960, cerca de 10% dos imigrantes ‘ilegais’ eram de origem asiática e 25% da América Latina, enquanto em 1985 os asiáticos passam a representar quase a metade do contingente de imigrantes documentados, e os provenientes da América Latina, um terço. A visibilidade dos latinos vai além do seu volume. Está na irreverência e persistência da sua cultura; na sua predominância, junto com os afro-americanos, nos bairros mais pobres, com piores serviços nas grandes metrópoles.</p> <p>Ano IV, nº 11, set-dez/1991</p>
Título Autor/es Resumo	<p>Itália, país de imigração</p> <p>Grazino Tassello</p> <p>Podem ser brasileiros que procuram subtrair-se a uma prolongada crise econômica ou “boat people” albaneses doutrinados pela TV italiana, a única que podem assistir, e que os faz acre: ditar que a Itália é o novo paraíso terrestre. Os países economicamente mais desenvolvidos, para dizer com Marx, mostram aos outros a imagem do futuro. O misterioso fascínio da informação faz da Itália terra de desembarque transitório ou definitivo para um número sempre mais notável de estrangeiros, provenientes sobretudo dos países do norte da África ou do sudoeste asiático. Essa gente em movimento, refugiados políticos ou prófugos econômicos, transita pelo nosso país na esperança de -obter o visto de entrada nos Estados Unidos ou Canadá, ou dedicam-se à busca de uma ocupação ou atividade qualquer que permita alcançar um nível de vida um pouco mais elevado em relação à situação de miséria na terra de origem, ainda que para alguns a aventura migratória possa terminar num fracasso do projeto migratório ou num estado de resignada aceitação de condições de vida desumanas ou de revoltante exploração. Longas filas diante das mesas populares administradas por grupos voluntários, dificuldades de toda espécie para encontrar moradia, precárias condições higiênico-sanitárias, impossibilidade de fazer com que os familiares se unam a eles, por vezes indesejados episódios de intolerância - são a outra face do mito “Itália, terra de bem-estar”. Elevada porcentagem de estrangeiros nas prisões italianas (mais de 10% da população carcerária e adulta e aproximadamente 60% - entre os quais muitos ciganos - daquela de menor idade) indica como desespero gera esses modernos escravos, vítimas da exploração, e como</p>

Ano/Edição	a busca da sobrevivência pode levar alguns destes a desvios de comportamento, trilhando a via fácil do ganho através de atividades ilícitas. O cárcere torna-se assim o triste epílogo de uma história de emigração para a qual muitos não estavam preparados. Ano IV, nº 11, set-dez/1991
Título	Hispano-americanos, os presentes ausentes
Autor/es	Cláudio Ambrósio; Mário Geremia; Rita Bonassi
Resumo	Quando se fala hoje em migrações, em virtude de certos fatos novos e de grande significação que vêm ocorrendo, tais como os deslocamentos do Sul do planeta em direção ao Norte, ou do Oriente em direção ao Ocidente, há uma tendência em minimizar e/ou até mesmo esquecer outros dados da realidade migratória. Referimo-nos aqui, às migrações em nível particularmente à imigração de hispano-americanos para o Brasil.
Ano/Edição	Ano IV, nº 11, set-dez/1991
Título	Quando o escravo vira africano: reflexões sobre a construção da noção de estrangeiro no Brasil de finais do século XIX
Autor/es	Lília Katri Moritz Schwarcz
Resumo	Qual o significado do termo estrangeiro? Formalmente, estrangeiro é todo aquele que não faz parte da comunidade de cidadãos de determinada nação. NO dicionário, é O indivíduo ‘de nação diferente daquela a que se pertence’. No entanto, longe da definição precisa do léxico. ou do didatismo de certas explicações. estrangeiro é antes uma noção em construção, um objeto de barganha e negociação: ser ou não ser estrangeiro faz parte da especificidade da história de cada local. Nem sempre um estrangeiro é considerado como tal por todos, e em todas as situações. Ai está uma definição escorregadia que exige contextualizações mais abrangentes. O que se pretende neste artigo. portanto, é discutir teoricamente a situação do estrangeiro, enquanto personagem que vive uma condição específica de limiaridade e alteridade. Na fronteira entre a aceitação social e a rejeição, o estrangeiro vivencia a mais pura limiaridade, na medida em que sua inserção social é sempre objeto de barganha e de transformação. Isto é, se por vezes um estrangeiro é visto como um igual entre iguais, já em outros momentos sua condição diversa é inflacionada no sentido de excluí-lo da sociedade que até então o assimilava.

Ano/Edição	<p>Por outro lado, pode-se dizer que a definição primeira do estrangeiro é construída de forma contrastiva. Caracterizado pela oposição que estabelece com os demais membros do grupo, o estrangeiro é o diferente do “nós” comum, aquele que escapa a uma identidade local prévia e constantemente redefinida.</p> <p>Ano VI, nº 17, set-dez/1993</p>
Título	Cruzando fronteiras
Autor/es	Sidney da Silva
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano VIII, nº 21, jan-abril/1995. São Paulo
Título	O Brasil no contexto das novas migrações internacionais
Autor/es	Teresa Sales
Resumo	<p>Quando comecei a me interessar pelo imigrante brasileiro que vive e trabalha no exterior. ao impacto de encontrá-lo nas ruas e nos restaurantes e lanchonetes de Boston (onde fazia um estágio de pós-doutorado no ano acadêmico 1990/1991 eram poucos os trabalhos e pesquisas sobre esse novo fenômeno da emigração de brasileiros para fora do país. Apenas a imprensa o retratava. Passados alguns anos e um contínuo aumento do fluxo de migrações internacionais de brasileiros, não apenas a imprensa multiplica suas notícias como começam a aparecer os primeiros resultados publicados das pesquisas acadêmicas (Sales, 1991. 1992/1994; Goza, 1992; Margolis, 1994). Ao escrever esse artigo, ao impacto da Conferência Internacional de População e Desenvolvimento que se reuniu no Cairo em setembro de 1994. somente a revista veja (Ano 27, nº 36, 07/07/1994) dedicou ao tema 22 páginas ininterruptas. Imigrantes brasileiros vivendo nos Estados Unidos foi também o tema de abertura da novela de Gilberto Braga (Pátria Minha) e até de comerciais do recém-criado Plano Real. Torna-se portanto visível um fenômeno social até então pouco considerado no cotidiano da vida brasileira. Nesse artigo. pretendo abordá-lo fazendo inicialmente algumas considerações sobre os recentes fluxos de migração de brasileiros para o exterior, para em seguida abordar a questão do imigrante brasileiro nos Estados Unidos, motivo principal da pesquisa que coordeno atualmente.</p>
Ano/Edição	Ano VIII, nº 21, jan-abril/1995. São Paulo

Título	A minoria invisível: imigrantes brasileiros em Nova York
Autor/es	Maxine L. Margolis
Resumo	Em março de 1990, através de um pronunciamento pela televisão, três dias antes de tomar posse como presidente do Brasil, Fernando Collor de Mello fez um apelo: ‘ Não saiam do Brasil. Fiquem aqui, me ajudem’. Ele estava obviamente se referindo à recente onda de emigração no Brasil. Durante a última década, devido à recessão econômica no Brasil, vários milhares de brasileiros têm deixado o país, migrando para o exterior. Este é um fenômeno completamente novo e que foge aos padrões da história e do caráter brasileiros. Histórias deste êxodo enchem as páginas dos jornais e revistas brasileiros. A Folha de São Paulo noticiou que, no começo de 1989, 2 mil nipo-brasileiros partiam mensalmente para o Japão. Nos primeiros dois meses de 1990, 700 brasileiros de ascendência espanhola solicitaram documentos de cidadania no consulado espanhol em São Paulo- enquanto só houve 90 solicitações ao longo de 1989. O consulado italiano daquela cidade também foi sitiado e emitiu uma média de 550 passaportes por mês a brasileiros cujos ancestrais vieram da Itália. A revista Veja publicou duas matérias de capa sobre brasileiros partindo para Toronto, Lisboa, Paris, Londres, Roma, Sydney e diversas cidades dos Estados Unidos. E conforme dados do governo, entre 1986 e 1990, aproximadamente 1,4 milhão de brasileiros deixaram o país e não retornaram.
Ano/Edição	Ano VIII, nº 21, jan-abril/1995
Título	Brasileiros em Portugal: novos movimentos migratórios ou volta às origens?
Autor/es	Lúcia Maria Machado Bógus
Resumo	De acordo com estimativas apresentadas em agosto de 1991, pela Revista Veja, existiam naqueles dois países cerca de 75 mil brasileiros residentes - 45 mil na Itália e 30 mil em Portugal. Comparando-se esses números com as informações oficiais, é de supor que a situação de clandestinidade dos migrantes seja bastante acentuada, já que no caso de Portugal, o INE (Instituto Nacional de Estatísticas) e o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, registravam apenas 12.678 brasileiros residentes legalizados, naquele mesmo ano. Por outro lado, de acordo com dados fornecidos pelo Itamaraty, existiam em 1994, 15 mil brasileiros residindo legalmente na Itália e 21 mil em Portugal. Apesar das disparidades dessas informações, num

Ano/Edição	<p>aspecto, entretanto, as estatísticas convergem: a maior parte dos brasileiros que migraram recentemente para aqueles dois países é constituída por jovens de média qualificação, mas dispostos a dedicarem-se à serviços mal remunerados. quase sempre desvinculados do preparo profissional adquirido no país de origem. Trataremos aqui, particularmente da emigração brasileira para Portugal, onde é expressiva a presença de profissionais liberais, sobretudo na área de odontologia (com problemas de legalização profissional já bastante divulgados pela imprensa) e, mais recentemente, nas áreas de propaganda e marketing.</p> <p>Ano VIII, nº 21, jan-abril/1995</p>
Título Autor/es Resumo	<p>Ser valadarense: a conquista da nova posição no espaço social e a “(re)territorialização” na origem</p> <hr/> <p>Weber Soares</p> <p>O presente texto. além de ser construído para sistematizar os dados resultantes de duas pesquisas empíricas, motivadas pelo esforço de compreender a articulação entre dois processos distintos na cidade de Governador Valadares: a emigração de valadarenses para outros países e a dinâmica de compra e venda de imóveis, tem por objetivo central vazar a configuração imediata que esses dados sugerem: o ato de enquadrar os investimentos, praticado por um expressivo grupo de emigrantes no mercado imobiliário valadarense. no âmbito das relações estritamente econômicas. Ao evidenciar o volume e a espacialização dos investimentos feitos em Valadares, dando, conseqüentemente, visibilidade à nova posição que o emigrante passa a ocupar no espaço social valadarense -a de “investidor” , o que se pretende é avançar para além dos aspectos puramente econômicos que essa posição insinua. Logo, está em pauta não o fato de o emigrante valadarense encontrar-se dividido entre a imagem passada que tem de si mesmo, aquela que foi moldada no lugar de origem, e os valores culturais vinculados às redes sociais de destino, mas sim os sinais que indiquem resistência ao processo de fragmentação a que está exposto, que mostrem o sentido de grupo distinto, nascido das representações oriundas daquele espaço em que a existência está repleta de densidade. Para dar conta da forma como essa tematização foi constituída optou-se por fazer, inicialmente, algumas considerações sobre o comportamento da economia valadarense a partir da década de 60.A seguir, tendo por base o conjunto de dados referentes</p>

	<p>ao fluxo migratório de valadarenses para países estrangeiros e à dinâmica imobiliária, buscou-se quantificar aquele fluxo, sua frequência no tempo e direção (países de destino), depois traçou-se o perfil do emigrante e sua participação no mercado de compra e venda de imóveis urbanos em Valadares. Para discorrer, mesmo que de forma esquemática, sobre os vínculos afetivos com o lugar de origem, indicadores do sentido de grupo, recorreu-se às formulações teóricas desenvolvidas por alguns autores, fundamentalmente, Pierre Bourdieu, que, em larga medida, nortearam toda a argumentação aqui presente. À luz dessas formulações teóricas, empreendeu-se, ao final do texto, uma reflexão que gravita em torno das implicações subjacentes aos investimentos no mercado de compra e venda de imóveis urbanos em Valadares, realizados por substancial parcela dos emigrantes, no entendimento do que significa ser valadarense.</p>
Ano/Edição	Ano VIII, nº 21, jan-abril/1995
Título Autor/es Resumo	<p>Migração, comunidade e adaptação dos cubanos nos Estados Unidos</p> <hr/> <p>Ernesto Rodriguez Chavez</p> <p>A existência de comunidades de cubanos nos Estados Unidos já possui uma história de mais de 120 anos. Com o passar do tempo, a experiência cubano-americana foi variando, de acordo com a influência de diferentes etapas migratórias, a localização geográfica da comunidade, as transformações em sua própria estrutura socioeconômica, interesses políticos e grau de assimilação e aculturação. Como começou a presença de cubanos nos Estados Unidos? São os cubanos um grupo especial de imigrantes? Como se formou a atual comunidade cubano-americana? Qual sua composição e que relação mantém com outras comunidades de hispanos nos Estados Unidos? Que fatores determinaram sua adaptação individual e estrutural?</p>
Ano/Edição	Ano VIII, nº 21, jan-abril/1995
Título Autor/es Resumo	<p>Emigrar é preciso</p> <hr/> <p>João Rua</p> <p>Este artigo aborda o processo emigratório enfatizando a expansão das famílias, abrindo verdadeiras redes de parentesco, tendo como centro uma pequena aldeia do Norte de Portugal. Pretende-se, a partir das causas estruturais, demonstrar as razões de saída da população portuguesa, e</p>

Ano/Edição	<p>como Portugal transformou-se, recentemente, num país de imigração. Assim, se emigrar sempre foi necessário, parece, nas condições atuais, deixar de o ser.</p> <p>Ano VIII, nº 21, jan-abril/1995</p>
Título	Ser brasileiro em Londres
Autor/es	Angela Torresan
Resumo	<p>A migração de brasileiros para a Inglaterra, em especial para Londres, não é um fenómeno isolado. Ele faz parte de um movimento de procura pelo exterior que vem ocorrendo com maior intensidade desde o final dos anos 80. Brasileiros jovens, pertencentes ao extrato médio da sociedade de origem e, geralmente, com alguma formação escolar especializada, saem de seu país em busca de algo que acreditam não poder alcançar aí. Em sua maioria vão para os Estados Unidos, Europa e Japão. A novidade deste fluxo migratório levanta diversas questões. Desde sua inserção no que vem sendo definido como o deslocamento global de força de trabalho de países mais pobres para os mais ricos, aos motivos que levam os brasileiros a saírem, neste dado momento dc sua história, de um país tradicionalmente receptor de imigrantes e aos problemas de categorização desses migrantes como permanentes ou temporários. De qualquer forma há um consenso geral, partilhado tanto pelo senso comum como por estudiosos da vida social, de que se trata de um movimento recente que merece nosso interesse: muitos de nós somos afetados direta ou indiretamente pelo deslocamento de nossos compatriotas. A preocupação deste artig0³ será, não a de localizar o movimento de brasileiros para o exterior no conjunto de relações de mercado de trabalho global, nem mesmo mapear o contexto brasileiro de motivação deste fenômenos, mas sim a de perceber a relação entre o processo de reformulação da identidade dos imigrantes brasileiros e o contexto pluriétnico da cidade de Londres.</p>
Ano/Edição	Ano VIII, nº 23, set-dez/1995
Título	No coração da Europa
Autor/es	Béatrice Panaro
Resumo	Relato de experiência
Ano/Edição	Ano XIII, nº 37, maio-ago/2000. São Paulo

Título	Migrações internas e internacionais no Brasil: panorama deste Século
Autor/es	Teresa Sales; Rosana Baeninger
Resumo	Esse artigo busca fornecer um panorama geral dos movimentos populacionais observados no Brasil no século XX. Pela enorme abrangência do assunto, esse panorama é apresentado de forma bastante resumida, remetendo-se o leitor aos principais autores que estudaram cada período ou aspecto de nossa história migratória. Inicia-se pelas grandes imigrações ocorridas na passagem do século. Aborda-se em seguida as migrações internas em várias de suas facetas: as migrações inter-regionais, o êxodo rural, a urbanização, as migrações de fronteira, de curta distância, de retorno e intrametropolitanas. Encerra-se o artigo com uma análise das migrações internacionais recentes, em que o Brasil experimenta, pela primeira vez em sua história, a emigração para países estrangeiros. Nesse contexto migratório atual, por sua vez, cidades como São Paulo passam a receber imigrantes de outros países, especialmente asiáticos e latino-americanos.
Ano/Edição	Ano XIII, nº 36, jan-abril/2000. São Paulo-SP
Título	Da perspectiva do retorno à consolidação do caminho sem volta
Autor/es	Dirceu Cutti
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XIX, nº 55, maio-ago/2006. São Paulo-SP
Título	Um olhar sobre os migrantes brasileiros no Japão
Autor/es	Elisa Sasaki
Resumo	A migração internacional contemporânea de brasileiros ao Japão, que se iniciou em meados dos anos 80, ficou conhecida como ‘Movimento Dekassegui’. Originalmente, a palavra japonesa ‘dekassegui’ significa “trabalhar fora de casa”. Ela é composta por dois ideogramas (kanji): ‘deru’, que significa sair e ‘kassegu’, que significa trabalhar, ganhar dinheiro. No Japão referia-se aos trabalhadores que saíam temporariamente de suas regiões de origem e iam a outras mais desenvolvidas, sobretudo aqueles provenientes do norte e nordeste do Japão, durante o rigoroso inverno que interrompia suas produções agrícolas no campo. Este mesmo termo passou a ser empregado para definir os descendentes de japoneses — nikkei ou nikkeijin — que vão trabalhar no Japão em busca de

melhores salários, empregando-se em ocupações de baixa qualificação caracterizadas pelos japoneses como “3K” - Kitanaí (sujo), Kiken (perigoso) e Kitsui (penoso). Posteriormente, os brasileiros se encarregaram de acrescentar mais dois Ks — Kirai (detestável) e Kibishii (exigente) (Kawamura, 2003). Nesse sentido, o termo ‘dekassegui’ remete à ideia de um trabalho temporário para em seguida retornar à sua região de origem. Além disso, traz embutida uma imagem pejorativa daqueles que se sujeitam a trabalhos recusados por muitos. No início do “Movimento Dekassegui “nos anos 80, essas ideias pareciam ser pertinentes, pois nesse período, os que iam ao Japão trabalhar, não eram bem vistos²; mas sim como um mal necessário”. Havia uma demanda por mão-de-obra barata e não-qualificada mas não queriam forasteiros. As primeiras notícias sobre a ida de brasileiros descendentes de japoneses para trabalhar temporariamente no Japão apareceram nos meados da década de 80, representando um movimento tímido, em termos de volume. Em geral, eles não tiveram grandes problemas burocráticos para entrar no território japonês, pois seu perfil era de: nipo-descendentes das primeiras gerações — issei elou nissei. Logo, muitos tinham nacionalidade japonesa ou dupla nacionalidade, podendo ingressar no Japão como japoneses. Apresentavam, em geral, idade avançada; eram chefes de família e casados; sabiam falar japonês e pretendiam permanecer apenas temporariamente no Japão.

Ano/Edição

Ano XIX, nº 55, maio-ago/2006. São Paulo-SP

Título

Brasil, um país para se esquecer...

Autor/es

Adriana Capuano de Oliveira

Resumo

Já em 1996, a Revista Veja publicava o então assombroso número de 100 mil brasileiros residentes em Miami, (e aqui referindo-se somente a esta cidade, sem contarmos as demais regiões) e 180 mil para a Flórida como um todo, incluindo cidades como Pompano Beach, Boca Raton, e cidades mais ao norte do estado, como é o caso de Orlando e Tampa (Veja, 1996). Números de população, quando se fala em brasileiros nos Estados Unidos, são sempre estimativas, pois devido à grande quantidade de imigrantes indocumentados, os dados que se apresentam são sempre projeções que tentam se aproximar da realidade. Contudo, passados dez anos dessa publicação que alertava para uma população significativa de

brasileiros na Flórida, podemos estimar — de acordo com os demais mecanismos de averiguação de dados: censos, grupos de pesquisa e apoio ao imigrante no Brasil e nos Estados Unidos, governos, etc.,,. — que este contingente populacional no mínimo dobrou de volume. Ao nos depararmos com o cotidiano da região estas estimativas são confirmadas. Durante meu período de pesquisa de campo, não houve um só dia em que eu não ouvisse alguém falando português nas ruas, e isso não em razão de minhas ligações com a comunidade, pois, na maioria das vezes, não eram nesses momentos (digo, na presença de brasileiros) que eu me “espantava” com a sonoridade do português em meio a diferentes ritmos de espanhol e inglês, Mesmo ao caminhar nas ruas, o português é tranquilamente ouvido em algum momento, especialmente no quadrilátero central de downtown Miami — local de ampla presença do comércio brasileiro — ou na orla marítima de Miami Beach. Em algumas regiões de Miami, a quantidade de brasileiros é muito grande, a exemplo do que ocorre também na cidade de Pompano Beach. Entretanto, quem são, afinal de contas, estes inúmeros brasileiros que adotaram Miami como porto de destino?

Ano/Edição

Ano XIX, nº 55, maio-ago/2006. São Paulo-SP

Título

Empresários brasileiros nos Estados Unidos

Autor/es
Resumo

Ana Cristina O. Siqueira

Pesquisas recentes sobre os imigrantes brasileiros nos Estados Unidos nos fornecem informações valiosas sobre a atuação dos brasileiros como empresários (Martes, 2000, 2001; Sales, 2003; Werneck, 2004). Sales (2003) informa que os brasileiros residentes na região de Boston e na cidade de Framingham, Massachusetts, têm uma forte atuação empresarial. Werneck (2004) reporta a existência de cerca de 350 empresas brasileiras em Massachusetts, as quais geram em torno de 180 milhões de dólares em impostos estaduais, contribuindo para o desenvolvimento econômico de cidades como Framingham. No entanto, apesar de ter produzido uma gama de excelentes estudos, a pesquisa sobre os brasileiros nos Estados Unidos se concentra na maior parte das vezes em levantamentos baseados em um pequeno número de entrevistados (por exemplo, Martes, 2000). Como as conclusões são derivadas em sua maioria de amostras não probabilísticas, os resultados não podem ser considerados como representativos da população

Ano/Edição	<p>brasileira nos Estados Unidos. Desse modo, a pesquisa sobre os brasileiros nos Estados Unidos pode ser enriquecida através de estudos baseados em dados de larga-escala, produzidos através de amostras probabilísticas, como os do censo. Neste artigo, eu apresento evidência sobre empresários brasileiros nos Estados Unidos com base no censo norte-americano. Eu avalio a representatividade do censo com relação aos imigrantes brasileiros na próxima seção.</p> <p>Ano XIX, nº 55, maio-ago/2006. São Paulo-SP</p>
Título	A cidade de El Alto e os fluxos de bolivianos para São Paulo
Autor	Iara Rolnik Xavier
Resumo	<p>Para entender esse caso de El Alto tomemos como exemplo a lógica migratória que vem estruturando a cidade fronteiriça de Yacuiba no sul da Bolívia (Idem, 2007) que parece indicar uma tendência comum. Neste caso, o êxodo rural rumo às cidades mais próximas é cada vez mais acompanhado por um segundo movimento, de desconcentração populacional nas grandes cidades, que passam a ter um papel redistribuidor dessa população para dentro e fora das fronteiras nacionais. O papel de Yacuiba, cidade mediana que nutre seu crescimento com os extremos (campos vizinhos pouco densos e grandes cidades distantes) (Souchaud e Martin, 2007), revela esse fato. Isso acontece por meio de um esquema sequencial no tempo (em função, entre muitos aspectos, da maior taxa de urbanização do país) e de um fenômeno que associa a “concentração da origem dos emigrantes em alguns pólos urbanos maiores do país e dispersão deste arquipélago no conjunto da nação boliviana” (Souchaud e Martin, 2007: 78, tradução livre).</p>
Ano/Edição	Ano XXII, nº 63, jan-abri/2009. São Paulo
Título	Emigração de argentinos para a Espanha: fluxos e composição
Autor/es	Fernando Osvlado Esteban
Resumo	<p>O objetivo deste artigo é analisar o processo migratório de argentinos para a Espanha e as suas características depois da crise econômica argentina em 2001. Do ponto de vista metodológico, foi utilizada a abordagem quantitativa. O trabalho identificou a evolução dos principais fluxos migratórios (finais dos anos 1970/80 e início do século XXI), bem como a composição demográfica dos imigrantes argentinos de acordo com as variáveis sexo, idade, cidadania e grau de</p>

Ano/Edição	<p>instrução. Algumas características mostram peculiaridades da imigração argentina com relação aos demais imigrantes “não comunitários”, no entanto, outras mostram que se trata de uma imigração econômica. Assim, concluímos que o padrão migratório da Argentina mudou, convertendo a emigração econômica de nativos num processo estrutural.</p> <p>Ano XXII, nº 64, maio-ago/2009. São Paulo</p>
Título	Apresentação (Ed. 64)
Autor/es	Helion Povoá Neto
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XXII, nº 64, maio-ago/2009. São Paulo
Título	Migración internacional, remesas y desarrollo: del mito a la realidad
Autor/es	Rodolfo García Zamora
Resumo	Actualmente en América Latina las remesas sobrepasan los 60 mil millones de dólares anuales. Este flujo representa uno de los principales rubros de transferencias corrientes en la Balanza de Pagos, superando en muchos casos el ingreso derivado de los principales rubros de exportación y la inversión extranjera directa, a la vez que son muy superiores a los recursos derivados de la cooperación internacional para el desarrollo. Estos volúmenes que han alcanzado las remesas, hacen que ellas se vuelvan no sólo visibles a los ojos de la sociedad, sino que las convierten en un importante tema de debate social, político y académico, en función de sus aparentes potencialidades como posible fuente de financiamiento del desarrollo local y regional (CANALES, A., 2008).
Ano/Edição	Ano XXII, nº 64, maio-ago/2009. São Paulo
Título	Casamento misto & migração: a união com um estrangeiro como estratégia para ganhar os países centrais
Autor/es	Marina Alves Amorim
Resumo	O artigo explora a associação entre casamento misto e migração, a partir de entrevistas realizadas com oito imigrantes brasileiros radicados em Rennes (França), com destaque para uma delas e do próprio retrato da comunidade brasileira na cidade, basicamente composta por brasileiros, em especial mulheres, casadas com franceses. A união com estrangeiros emerge como um facilitador do deslocamento internacional de pessoas pertencentes às camadas sociais mais baixas, além

Ano/Edição	das estratégias dessas pessoas para migrar aos países centrais. Ano XXII, nº 65, set-dez/2009. São Paulo
Título	Capital social e os fluxos migratórios internacionais de brasileiros
Autor/es	Wilson Fusco
Resumo	A migração dos brasileiros para o exterior é um processo que se baseia fortemente na organização social dos grupos envolvidos. Utilizando dados primários provenientes de pesquisas de campo por amostragem aleatória e dados secundários de outras fontes, este trabalho pretende evidenciar a importância do capital social entre brasileiros, a partir de uma comparação entre dois locais de destino: Estados Unidos e Japão.
Ano/Edição	Ano XXII, nº 65, set-dez/2009. São Paulo
Título	Notas sobre fundadores e povoamento no Brasil: os casos do sertão pernambucano e do norte-matogrossense
Autor/es	Ana Cláudia Marques
Resumo	Algumas narrativas históricas de fundação de novos povoados no sertão pernambucano e na porção norte do estado do Mato-Grosso são elaboradas como resultantes de iniciativas pessoais, por parte de um indivíduo ou um pequeno grupo de fundadores. O artigo propõe uma aproximação entre processos de fundação de lugares muito distantes no tempo e no espaço, no intuito de sublinhar seus pontos comuns e especificidades. Uma tensão entre o privatismo desses empreendimentos e os modos de intervenção estatal na esfera local subjaz a essas narrativas e se relaciona em parte com um propósito civilizador comum, reivindicado por esses fundadores. Embora por vezes elidido, enuncia-se o caráter coletivo e, sobretudo, familiar desses projetos.
Ano/Edição	Ano XXII, nº 65, set-dez/2009. São Paulo
Título	Franceses no Brasil nos séculos XIX e XX. Laurent Vidal; Tânia Regina de Luca (Orgs.)
Autor/es	Resenha por Sidnei Marco Dornelas
Resumo	Resenha
Ano/Edição	Ano XXII, nº 65, set-dez/2009. São Paulo
Título	Apresentação (Ed.66 – Brasileiros em Londres)
Autor/es	Helion Povoá Neto
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XXIII, nº 66, jan-jun/2010. São Paulo

Título	Introdução (Ed.66 – Brasileiros em Londres)
Autor/es	Tania Tonhati; Gustavo Tentoni Dias
Resumo	Apresentação
Ano/Edição	Ano XXIII, nº 66, jan-jun/2010. São Paulo
Título	Brasileiros em Londres – um perfil socioeconômico
Autor/es	Yara Evans
Resumo	Embora a comunidade brasileira em Londres seja de considerável tamanho, pouco se sabe ainda sobre os brasileiros que moram e trabalham na capital londrina. Este artigo relata os resultados de pesquisa realizada em 2006 em Londres, com o intuito de delinear um perfil socioeconômico. Esse estudo inédito obteve dados sobre 423 brasileiros. Os resultados revelaram que os brasileiros pesquisados tendem a ser jovens que chegaram a Londres nos últimos anos em busca de melhores oportunidades econômicas. Dadas as restrições impostas pelo regime de imigração britânico, muitos se tornam imigrantes irregulares ao tentar atingir seus objetivos de trabalhar para poupar e voltar para casa capitalizados. Muitos completaram o segundo grau ou faculdade, sendo oriundos da classe média ou média baixa no Brasil, e a maioria obteve trabalhos que exigem pouca ou nenhuma qualificação, recebendo o salário mínimo ou salário mais alto.
Ano/Edição	Ano XXIII, nº 66, jan-jun/2010. São Paulo
Título	Estrategias de inserción de inmigrantes cabo-verdianos en los Estados Unidos, Portugal y en la Argentina
Autor/es	Marta M. Maffia
Resumo	El presente trabajo trata sobre las estrategias que le han permitido a los inmigrantes caboverdeanos insertarse y construir una identidad social en la Argentina. Con el propósito de enriquecer la perspectiva de análisis hace referencia a los procesos migratorios y las modalidades de inserción adoptadas en los dos países en los que han migrado el mayor número de caboverdeanos: Estados Unidos y Portugal. Estas comparaciones de las cuales surgen, semejanzas y diferencias, darán sin lugar a una mayor comprensión a los procesos gestados en la Argentina.
Ano/Edição	Ano XXIII, nº 66, jan-jun/2010. São Paulo

Título	Do Brasil à Itália: processos históricos e culturais de uma nova realidade emigratória
Autor/es	João Carlos Tedesco
Resumo	O texto analisa aspectos da emigração de trabalhadores brasileiros para a Itália; enfatiza o papel das redes formais e informais envolvidas no processo, bem como horizontes afetivos e culturais que ligam os espaços de origem aos de destino. Mostra, também, que esta emigrado marcadamente de sulistas descendentes de italianos inscreve-se no arco das estratégias políticas da Lega Nord para atrair mão de obra seletiva. Por isso as promessas, como a da dupla cidadania, nem sempre se efetivam e muitos imigrantes acabam permanecendo no país em situação irregular.
Ano/Edição	Ano XXIII, nº 67, jul-dez/2010. São Paulo
Título	Imigrante brasileiro em Portugal: “pé de passada” (Entrevista)
Autor/es	Por Eduardo Gabriel
Resumo	Entrevista
Ano/Edição	Ano XXIII, nº 67, jul-dez/2010. São Paulo
Título	A serra e a cidade: o triângulo dourado do regionalismo. Maria Beatriz Rocha-Trindade. Âncora Editora, 2009. (Resenha)
Autor/es	Por Sidnei Marco Dornelas
Resumo	Resenha
Ano/Edição	Ano XXIV, nº 68, jan-jun/2011. São Paulo
Título	Haitianos em Manaus: dois anos de imigração – e agora!
Autor/es	Pe. Gelmino A. Costa
Resumo	a vida do povo haitiano, a situação pela qual passa o haiti, a violência do terremoto do dia 12 de janeiro de 2010 e a imigração de haitianos para o Brasil tornaram-se objeto de reflexões, de debates e de posicionamentos os mais variados. no número 68 desta revista foi apresentado um pequeno relato sobre a “Imigração haitiana em Manaus: Presença da Pastoral do Migrante”, recuperando alguns elementos da chegada e da acolhida dos haitianos em Manaus, de fevereiro de 2010 (data da chegada dos primeiros) a julho de 2011. Este segundo relato está em linha de continuidade do primeiro.
Ano/Edição	Ano XXV, nº70, jan-jun/2012. São Paulo

Título	Apontamentos sobre o processo de inserção social dos haitianos em Porto Velho
Autor/es	Geraldo Castro Cotinguiba; Marília Lima Pimentel
Resumo	Por meio do projeto de extensão, da ajuda humanitária e da pesquisa de campo, temos a oportunidade de conhecer mais de perto a realidade do grupo, entender alguns de seus costumes, aprender um pouco a sua língua, apreender algo de suas relações de gênero, parte de seu universo religioso e simbólico. Certamente, há muito que ainda não sabemos e coisas que não saberemos. na perspectiva da alteridade, ou seja, ver o outro e procurar entendê-lo de maneira integral, respeitando seus valores, por meio de nosso empenho em aprender o crioulo e os esforços para nos comunicarmos nesta língua, tem sido importante para a construção de uma relação de confiança que desenvolvemos até o presente momento.
Ano/Edição	Ano XXV, nº70, jan-jun/2012. São Paulo
Título	Só viajar! Haitianos em São Paulo: um primeiro e vago olhar
Autor/es	Ana Paula Caffeu; Dirceu Cutti
Resumo	no início de fevereiro deste ano, numa tarde agitada pela presença de haitianos que se distribuíam na calçada da rua em frente à Missão scalabriniana nossa senhora da Paz (Missão Paz), ao longo do pátio e no interior do salão onde lhes era dispensado o atendimento – mas logo vamos dizendo não se tratar de multidão, pois eram muitos apenas no espaço que ocupavam – um haitiano, ao ser indagado se já havia conseguido trabalho, prontamente respondeu: não! imediatamente viu-se diante de outra pergunta: Gostaria de ir para o Paraná? O semblante revelou no ato a situação vivenciada naquele momento pelo recém chegado e seus lábios não conseguiram conter a reação que a pergunta provocou no fundo de sua alma: só viajar!
Ano/Edição	Ano XXV, nº70, jan-jun/2012. São Paulo
Título	Apresentação (Ed. 70 – Emigração e retorno)
Autor/es	Helion Povoá Neto
Resumo	Apresentação
Ano/Edição	Ano XXV, nº70, jan-jun/2012. São Paulo
Título	Entre o rural e o urbano: piauienses na citricultura paulista
Autor/es	Lidiane M. Maciel
Resumo	O artigo aborda as questões derivadas do processo migratório de famílias de pequenos agricultores do semiárido nordestino para o trabalho na citricultura paulista. Toma como campo de

Ano/Edição	estudo os municípios de Matão, na região central do estado de São Paulo, e Jaicós, no sudeste piauiense. As reflexões surgem do trabalho de campo realizado de março a julho de 2012 e atentam para as condições de vida dessa população sujeita a idas e vindas desencadeadas pelo processo migratório, ocasionado por sua situação de pobreza. Ano XXV, nº 71, jul-dez/2012. São Paulo
Título Autor/es Resumo	Sair do sertão, viver nele: as migrações sertanejas Andréa Maria Narciso Rocha de Paula Desde o povoamento, perpassando diversos ciclos, as migrações constituíram e constituem uma das principais marcas da região norte de Minas Gerais, caracterizada como área de sertão. Este artigo busca analisar as transformações havidas nas pessoas e nos lugares, valendo-se de depoimentos e descrevendo as formas como se deu o êxodo das populações, primeiramente através das águas do São Francisco, posteriormente pelos trilhos e, na sequência, pela estrada, antes nos paus-de-arara e depois através dos ônibus. Mas as migrações sertanejas não são de mão única: envolveram e envolvem idas e vindas, temporárias e definitivas; campo e cidade; movimentos para fora e no interior da região, ontem e hoje caracterizados pela busca da sobrevivência.
Ano/Edição	Ano XXVI, nº 72, jan-jun/2013. São Paulo
Título Autor/es Resumo	A nova emigração espanhola: os rumos da emigração espanhola após a crise econômica Nilton Cezar Pereira Pinto A Espanha sempre foi um país de emigração em toda a sua história. Esta tendência se inverteu a partir da década de 1990, quando o país passa a receber imigrantes em decorrência do seu desenvolvimento econômico, e continua até o início da crise econômica em 2009. É a partir de então que se verifica um aumento do fluxo de emigrantes rumo aos países europeus menos afetados pela crise e também para o Brasil. O presente trabalho está focado na emigração espanhola para dois países europeus: Alemanha e Suíça, além do Brasil abordando as diferenças no movimento migratório entre a Espanha e ambas as regiões, assim como no fenômeno da remessa de divisas desde o exterior para a Espanha, que cresce na mesma proporção que a emigração.
Ano/Edição	Ano XXVII, nº 75, jul-dez/2014. São Paulo

Título	La diaspora haitenne: territoires migratoires et réseaux transnationaux. Cédric Audebert. Rennes (FR): Presses Universitaires de Rennes, 2012. Resenha
Autor/es	Por Sidnei Marco Dornelas
Resumo	Resenha
Ano/Edição	Ano XXVII, nº 75, jul-dez/2014. São Paulo
Título	Colombianos na Casa do Migrante, São Paulo (1997-2007) – desterritorialização e rebusque
Autor/es	Rafael Estrada Mejía
Resumo	Este artigo analisa, do ponto de vista antropológico, a passagem pela Casa do Migrante de colombianos desterritorializados entre os anos de 1997 e 2007, com base em dados estatísticos e demográficos extraídos de suas fichas cadastrais no CEM e complementados com observações etnográficas. Sustenta-se que esta desterritorialização é um processo geográfico e existencial. Aponta que este mesmo fenômeno, no caso colombiano, está estreitamente ligado a estados de guerra prolongados que geram os mais diversos tipos de resistência, desde reivindicações individuais e coletivas até a prática do rebusque.
Ano/Edição	Ano XXVIII, nº 76, jan-jun/2015. São Paulo
Título	Perfil dos haitianos acolhidos na Missão Paz de janeiro a julho de 2015
Autor/es	Patrícia Nabuco Martuscelli; Dirce Trevisi Prado Novaes
Resumo	Esse artigo apresenta um estudo exploratório a partir da análise de dados de 620 haitianos que foram atendidos no acolhimento emergencial da Missão Paz entre janeiro e julho de 2015. Os registros analisados foram cópias dos documentos de identificação dos imigrantes e respostas desses às perguntas feitas pelas assistentes sociais no momento de seu cadastro na Missão Paz. O objetivo principal desse trabalho é contribuir para o estudo da imigração haitiana para o Brasil, por meio da abordagem de dados primários fornecidos pela Missão Paz. Como objetivos secundários, destacam-se contribuir para a criação e construção de políticas públicas que atendam as diferentes necessidades dessa população e informar melhor a academia, a sociedade civil e os tomadores de decisão sobre a situação dos haitianos em São Paulo. Suas principais conclusões são que o fluxo migratório haitiano estudado era predominantemente masculino; a solicitação de refúgio permanecia como principal alternativa de regularização migratória; a população haitiana

Ano/Edição	que chegava ao Brasil estava em plena idade produtiva, porém, esta nem sempre era inserida no mercado de trabalho brasileiro de acordo com sua qualificação. Ano XXVIII, nº 77, jul-dez/2015. São Paulo
Título	Por que falar de imigração no Brasil? (Entrevista)
Autor/es	Por Kassoum Diémé
Resumo	Entrevista
Ano/Edição	Ano XXIX, nº79, jul-dez/2016. São Paulo
Título	Les territoires de l'attente: migrations et mobilités dans les Amériques (XIX° e XX° siècle). Laurent Vidal et Alain Musset (org.). Rennes (FR), Presses Universitaires de Rennes, 2015. (Resenha)
Autor/es	Por Sidnei Marco Dornelas
Resumo	Resenha
Ano/Edição	Ano XXX, nº 80, jan-jun/2017. São Paulo
FAMÍLIA	
Título	Família ou famílias?...
Autor/es	Editorial de Travessia
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano IV, nº 9, jan-abril/1991
Título	Família popular: mito ou estigma
Autor/es	Jerusa Vieira Gomes
Resumo	O texto aborda a importância de estudar-se as múltiplas dimensões da questão familiar deriva, em grande parte, do processo de modernização da sociedade brasileira em seu conjunto. Não há dúvida, a família é o centro de convergência de todas as tensões sociais, além de ser o palco em que se realizam transformações radicais no que tange aos papéis de gênero, à distribuição da autonomia, à aprendizagem da relação autoridade/submissão, à sexualidade, e outras mais.
Ano/Edição	Ano IV, nº 9, jan-abril/1991
Título	Padrões da família escrava
Autor/es	Maria Luiza Marcílio
Resumo	Amontoados em habitações coletivas, onde dormiam casados e

Ano/Edição	solteiros, homens, mulheres, crianças, haveria condições para os escravos estabelecerem famílias monogâmicas? Estariam o Estado, a Igreja, a sociedade interessados na formação de famílias estáveis entre escravos? Ano IV, nº 9, jan-abril/1991
Título Autor/es Resumo	A “crise familiar” no Brasil hoje Ana Maria Goldoni De cada 100 brasileiros adultos, 46 consideram que a família no Brasil hoje é uma instituição falida e que já não cumpre com seu papel de provedora de afeto e recursos econômicos necessários aos seus membros. Estas opiniões, resultado de uma pesquisa recente, são objeto de uma discussão bastante generalizada no Brasil e em outros contextos. De fato, a ideia de que a importância da família diminuiu para os seus membros e de que a instituição familiar está em dificuldades e ameaçada representa um dos poucos temas de consenso no Brasil. O texto pretende discutir essa problemática.
Ano/Edição	Ano IV, nº 9, jan-abril/1991
Título Autor/es Resumo	Literatura regional: uma via para estudos sobre família Socorro Pereira O exame à literatura regional nordestina pode fornecer dados indicadores de como se organizam os espaços familiares, em especial num determinado momento histórico da região – como o da passagem de uma economia essencialmente agrícola para uma economia industrial-agrária (morte dos engenhos, surgimento das usinas de açúcar). Nos textos literários, é possível perceber através da observação do cotidiano das personagens, a dinâmica vivida no seio dos diversos grupos familiares, o que possibilita, em certa medida, uma espécie de fotografia da(s) família(s) no período abordado. Textos de José Lins do Rego e de Graciliano Ramos, por exemplo, são ricos na revelação da existência de família que, embora se entrelacem na vivência de uma realidade que as aproxima e as afasta, pouco têm a ver uma com a outra, enfrentando diferentemente, cada uma, seu processo de evolução e mudança.
Ano/Edição	Ano IV, nº 9, jan-abril/1991
Título Autor/es Resumo	Vida familiar e movimentos populares Marília Pontes Sposito Este artigo pretende estabelecer algumas relações entre domínios aparentemente tão diversos – a vida familiar e as

Ano/Edição	práticas coletivas populares – tendo em vista a explicitação de novos desafios teórico-metodológicos, ano para os estudiosos dos grupos familiares quanto para os analistas e integrantes dos movimentos sociais. Ano IV, nº 9, jan-abril/1991
Título Autor/es Resumo	Mudança e transição em famílias de camadas médias Geraldo Romanelli A família nuclear, constituída por marido, esposa e filhos, considerada unidade duradoura e forma modelar da vida doméstica das camadas média, vem passando por certas alterações que suscitam indagações acerca dos motivos que impulsionam as modificações e de seus efeitos sobre a estabilidade e a continuidade do modelo nuclear. Presente no cotidiano, essas mudanças – que, as vezes, ocorrem de modo tênue e hesitante e, outras vezes, expressam-se mais intensamente -, manifestam-se nas formas de sociabilidade entre os componentes da unidade doméstica e em suas representações, isto é, nas imagens e ideias existentes sobre a família. O propósito deste texto é levantar algumas alterações no modelo de família e examinar o modo como um segmento das camadas médias incorpora padrões alternativos nas relações domésticas.
Ano/Edição	Ano IV, nº 9, jan-abril/1991
Título Autor/es Resumo	Uma família boliviana vagando por São Paulo (Depoimento) Por Sidnei Marco Dornelas; Mário Geremia Nos dias de hoje, marcados pelo fortalecimento das fronteiras nacionais e das guerras contra substantivos (tipo “drogas” e “terrorismo”), em que populações e até religiões inteiras são tachadas de ameaçadoras e dignas de exclusão, ainda existe uma tendência de se pensar o Brasil como uma espécie de refúgio: talvez o último país que ainda aceita o imigrante de braços abertos. Até os membros dos movimentos negros e indígenas, sempre atentos aos preconceitos homogeneizantes forjados em nome do nacionalismo, afirmam que o Brasil ama o imigrante — tendo uma preferência por ele, talvez em detrimento de seus filhos nativos. Os que acham a política de imigração brasileira liberal demais podem ficar sossegados. Longe de ser o mais acolhedor de todos os países, o Brasil detém um estatuto de estrangeiros antiquado e vago — porém excepcionalmente flexível — que permite aos imigrantes menos direitos do que os existentes nos

Ano/Edição	<p>Estados Unidos. Se for verdade que o país ainda não fechou suas fronteiras, é igualmente verdadeiro que, uma vez fincado em terras brasílicas, o imigrante está à mercê de uma burocracia arbitrária e frequentemente corrupta. Ademais, ele se vê cercado de uma série de preconceitos, amplamente difundidos entre a população, cuja característica principal é a sua incontestabilidade. Finalmente, enquanto na Europa e nos Estados Unidos, o imigrante encontra movimentos nativos que o apoiam e que militam em favor de seus direitos, no Brasil, a sociedade civil praticamente o esquece, acreditando que migração para o Brasil é coisa do passado.</p> <p>Ano XXI, nº60, jan-abril/2008. São Paulo</p>
Título	O papel da família e de organizações civis no ensino de português para crianças brasileiras
Autor/es	Ana Beatriz Barboza de Souza
Resumo	A emigração brasileira se tornou significativa nos anos 1980 e, na Europa, o Reino Unido desponta como um dos países com maior crescimento no número de imigrantes brasileiros. Como consequência, há um grande número de crianças brasileiras no sistema educacional inglês, além das crianças de várias outras origens. Independentemente do nível de inglês que possuem, essas crianças são matriculadas no sistema educacional regular. Neste texto, discuto as diretrizes educacionais inglesas em resposta à grande população de crianças imigrantes em suas escolas. Adiciono a esta discussão um retrato da atuação de famílias brasileiras em Londres em prol do ensino de português para seus filhos e de organizações voluntárias brasileiras. Concluo com sugestões a respeito de como a atuação destas organizações pode se desenvolver de uma maneira mais efetiva e clamo por um maior envolvimento das autoridades brasileiras na questão da educação de crianças, jovens e adultos brasileiros que vivem no exterior.
Ano/Edição	Ano XXIII, nº 66, jan-jun/2010. São Paulo
Título	O ramo de rede: breve estudo de parentesco dos produtores e vendedores de redes de dormir
Autor/es	Elisa Cunha
Resumo	Este trabalho é um estudo de parentesco realizado a partir de uma pequena comunidade rural no sertão da Paraíba, onde a população está envolvida com a produção e o comércio ambulante de redes de dormir. Ao apresentar a etnografia das relações de parentesco entre irmãos de uma mesma

Ano/Edição	<p>família, situada nessa comunidade e em algumas cidades do Maranhão e do Pará, busca-se demonstrar como as relações de parentesco estão imbricadas em relações comerciais e com isso revelar as identidades e as diferenças constituídas nessas experiências de deslocamentos e trocas, sendo responsáveis pelo próprio sentido de família, de status social e de inserção na sociedade capitalista.</p> <p>Ano XXIII, nº 67, jul-dez/2010. São Paulo</p>
Título	Reordenações na família decasségui: dilemas e desafios
Autor/es	Victor Hugo Kebbe
Resumo	<p>Caracterizadas na Antropologia Social contemporânea como “famílias transnacionais”, precisamente por serem constituídas por membros vivendo separados em mais de um país, as famílias decasséguis vivem um paradoxo e são ainda pouco estudadas na Antropologia a partir de uma perspectiva diferenciada que compreenda as microdinâmicas sociais. Este artigo propõe uma breve discussão acerca das famílias de decasséguis enquanto famílias transnacionais, focando nas reordenações familiares e nos dilemas enfrentados pelas crianças nipo-brasileiras que vivem na cidade de Hamamatsu, Japão.</p>
Ano/Edição	Ano XXIV, nº 69, jul-dez/2011. São Paulo
Título	Relações familiares – parentesco, compadrio e migrações na modernidade capitalista no Brasil dos anos 1970: reflexões por meio da história e música
Autor/es	Victor H. de Resende
Resumo	<p>O presente artigo trata, por meio da análise de músicas do trio sá, rodrix & Guarabyra, e da dupla sá & Guarabyra, das relações familiares, de parentesco e compadrio no contexto dos anos 1970 no Brasil. as músicas tornam-se fontes importantes para a análise do contexto das famílias, sobretudo das populações ribeirinhas que, durante aquela década, em meio ao processo de intensa urbanização, viram-se expulsas do meio rural pelas construções de barragens como parte do programa nacional de racionalização das terras e dos projetos de aumento do potencial hidrelétrico no país, dentro do regime autoritário do período em questão.</p>
Ano/Edição	Ano XXV, nº70, jan-jun/2012. São Paulo

Título	De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares dos novos migrantes brasileiros.
Autor/es	Gláucia de Oliveira Assis Florianópolis, Ed. Mulheres, 2011, 348 p.
Resumo	Resenha por Tuíla Botega
Ano/Edição	Resenha Ano XXVI, nº 73, jul-dez/2013. São Paulo

FRONTEIRAS

Título	Fronteiras
Autor/es	Dirceu Cutti
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XVII, nº 48, jan-abril/2004. São Paulo

Título	Frentes de expansão: os novos espaços dos velhos problemas (Entrevista)
Autor/es	José de Souza Martins
Resumo	Entrevista
Ano/Edição	Ano XVII, nº 48, jan-abril/2004. São Paulo

Título	Imigrantes, fronteiras e agricultura nas matas do Vale do Mucuri
Autor/es	Eduardo Magalhães Ribeiro
Resumo	A região era uma mata compacta até os dias de hoje os moradores do alto Jequitinhonha referem-se ao Mucuri como a mata: a floresta atlântica cobria terras muito férteis, úmidas na maior parte do ano, de topografia muito movimentada e bem irrigada por córregos e rios. Dadas a abundância de recursos naturais frutos, madeira, peixe, caça, pedras preciosas, fertilidade - e, ao mesmo tempo, as dificuldades de acesso, essas matas foram os últimos refúgios de muitas nações indígenas, que enfrentaram duros combates, militares e culturais, até desaparecerem nessa nação que convencionou-se chamar brasileiros. Essas riquezas do vale do Mucuri pedrarias, terras férteis e índios para serem preados - atraíram muitos empresários, aventureiros e negociantes para lá. Dentre os empresários o mais famoso foi Teófilo

<p>Ano/Edição</p>	<p>Benedito Ottoni, um misto de empresário, político, visionário e etnógrafo. Na década de 1850 ele empenhou nessas matas suas energias, capitais e esperanças numa Companhia de Comércio e Navegação que teve a duração que permitiram os recursos pessoais e a capacidade de articulação política do empreendedor. Ottoni e a Companhia tentaram navegação, comércio e exploração de madeiras; mas a lógica da autarquia econômica das regiões mineiras e as adversidades da mata derrotaram-no em todas as frentes. Ao final, tentou estabelecer uma iniciativa de colonização na mata, e embora investisse muito esforço e capitais na empreitada, também não obteve sucesso financeiro. Foi, porém, a principal base da sua notoriedade no futuro e será o assunto das páginas seguintes deste artigo. Este artigo analisa alguns aspectos da experiência desses colonos na fronteira agrícola que era na época o vale do Mucuri. Ele é resultado de pesquisas em fontes literárias da região, principalmente monografias e memórias locais, que fornecem um amplo painel desse encontro entre os imigrantes e a mata.</p> <p>Ano XVII, nº 48, jan-abril/2004. São Paulo</p>
<p>Título</p>	<p>A fronteira amazônica no governo Vargas: campanha da borracha e mobilização de trabalhadores</p>
<p>Autor/es Resumo</p>	<p>Maria Verônica Secreto</p> <p>Em linhas gerais, a história da exploração da borracha é conhecida. A borracha estava, desde o fim do século XIX, destinada a transformar-se em um item importante das exportações brasileiras dado o crescimento da produção de veículos com motores de combustão interna que revolucionou a indústria no século XX. A seringueira, árvore de cujo látex se faz a borracha, é originária da região amazônica. Sendo a borracha um produto extrativo, sua exploração apresentava limites, dentre os quais destaca-se o recrutamento da mão-de-obra. Isso condicionava a oferta da borracha que não conseguia acompanhar a crescente demanda. A partir do final do século XIX, mais precisamente no ano de 1892, verificase a tentativa, por parte de Henry Wickham, de se fazer frente a este problema através do contrabando de algumas mudas da hevea brasiliensis para a Grã Bretanha. No Kew Garden, Jardim Botânico de Londres, foi aclimatada e dali transferida para as possessões britânicas no Ceilão e para as possessões holandesas em Java, lugares onde foi cultivada de forma sistemática. Segundo Celso Furtado, podemos</p>

Ano/Edição	<p>desdobrar a produção da borracha em duas etapas: a primeira, desenvolvida inteiramente dentro do território amazônico, representou uma solução de emergência ao problema da oferta e caracterizou-se pelos preços crescentes, que atingiram um patamar médio de 512 libras a tonelada; a segunda, que incorporou a produção do Oriente, organizada em bases racionais, conseguiu regularizar o fornecimento do produto ao mercado a partir da Primeira Guerra Mundial e caracterizou-se pela redução dos preços a algo inferior a cem libras a tonelada. (Furtado, 1979:130).</p> <p>Ano XVII, nº 48, jan-abril/2004. São Paulo</p>
<p>Título</p> <p>Autor/es</p> <p>Resumo</p> <p>Ano/Edição</p>	<p>Cruzando a linha: um olhar de fé sobre a fronteira EUA-México</p> <hr/> <p>Daniel Groody</p> <p>Em maio de 2003, policiais encontraram os corpos de 18 imigrantes indocumentados dentro de um veículo abandonado em Victoria, Texas. Desidratados devido a um traiçoeiro percurso, eles tinham sido sufocados pelo excessivo calor de um trailer sem ventilação após terem sido empacotados como sardinhas. Eram homens, mulheres e até mesmo um menino de seis anos, oriundos de Honduras, México e Guatemala. Como muitos outros, tinham deixado seus lares, famílias e culturas para, nos Estados Unidos, encontrar os empregos que entre os nacionais quase ninguém mais quer, tais como: fazer trabalhos pesados nos campos, desossar frangos em aviários, limpar banheiros em restaurantes e muitos outros serviços difíceis, perigosos e mal remunerados. Enquanto a história das mortes em Victoria, Texas, rende notícias internacionais, muitos fatos similares acontecem todos os dias ao longo da fronteira EUA-México. O sofrimento de tantos imigrantes na fronteira não é apenas um problema econômico, político e social, mas é igualmente um problema espiritual. É um desafio para a consciência das nações, e também nos leva a pensar onde, entre este trágico prejuízo de vidas e horrenda miséria humana, Deus poderia estar?!</p> <p>Ano XVII, nº 48, jan-abril/2004. São Paulo</p>
<p>Título</p> <p>Autor/es</p> <p>Resumo</p>	<p>Fronteiras de tradição cultural Guarani Mbya e a presença do Jurua (civilizado) nas Reservas Indígenas</p> <hr/> <p>Marília G. Ghizzi Godoy</p> <p>O povo guarani, pertencente ao tronco tupi. grupo tupi-</p>

guarani, sempre se destacou por ter criado uma resistência cultural e uma forma peculiar de isolamento nos séculos de convívio com a civilização ocidental. Dos três subgrupos que ocupam áreas no Brasil (os nhandeva, os kayova e os mbya), os mbya se destacam por um radicalismo próprio na forma como seguem as suas tradições. Um meio de distintividade que se exprime pelas denominações “moradores do mato” (ka’ aguygua), “verdadeiros guarani” (guarani ete), acompanha o sentido das suas experiências. O alojamento dos mbya em aldeias livres no litoral do Estado de São Paulo, desde os inícios do século XX, sua posterior inserção em reservas indígenas, a maior parte delas demarcadas nos finais dos anos 80, situam de forma convincente para os seus integrantes o sentido de seguir o passado mediante uma linguagem mítica, um modo de ser designado nhandereko (literalmente significa “nossos costumes”). Os significados da vida e da memória cultural retratam-se como atraentes na medida em que conseguem se opor ao jurua (branco, a civilização); progridem eles por meio de uma expressão própria de valor e de autoestima pessoal e coletiva. Esta dinâmica foi designada ‘guaranidade’, uma representação desse povo expressiva de uma história caracterizada por uma plasticidade adaptativa dos pontos de vista económico e ecológico, sem alterar o ethos e a visão de mundo. Em meu convívio com os mbya nestes últimos quinze anos, através de contactos diversos nas aldeias indígenas do litoral e da capital do Estado de São Paulo, tenho observado como as esferas de poder e de ordenação das tradições vêm sendo constrangidas por um crescente avanço das influências do jurua (branco). O seu radicalismo cultural vem sofrendo influências que antes dos últimos 10-12 anos eram tidas como estranhas, distantes e sob um controle próprio. Em parte as mudanças correspondem a condutas éticas da sociedade envolvente para com os indígenas. Há uma tendência de aceitação das novas emergências, serviços expressivos das políticas públicas. No entanto, a fala dos mais antigos indica uma invasão de influências e são elas consideradas ameaçadoras. Corre-se o risco de ‘deixar de ser índio’, “virar jurua”, dizem eles.

Ano/Edição

Ano XVII, nº 48, jan-abril/2004. São Paulo

Título

A situação dos imigrantes ilegais no continente americano: a contradição norte-americana

Autor/es

Mônica Teresa Costa Sousa Cherem

Resumo

Este estudo procura mostrar a constância com que os direitos humanos dos migrantes sem documentos são continuamente violados, justamente no país em que garante (e que se sente orgulhoso por isso) uma ampla gama de direitos e liberdades individuais. São várias as organizações internacionais, entidades de classe e até mesmo órgãos governamentais (OEA, Anistia Internacional, CITC- Center for Justice, Tolerance and Community) que direcionam suas ações contra a repressão (muitas vezes violenta) exercida pela polícia de fronteira, a Border Patrol. As queixas vão desde detenções ilegais, maus tratos físicos e psicológicos, abuso de autoridade a demonstrações explícitas de racismo e xenofobia. Isso tudo determinado pelo Estado. Este artigo tem por objetivo central analisar o que se chama de ‘contradição americana’, uma vez que os Estados Unidos, que se consideram país livre, aberto a todos, Estado parte em alguns dos mais importantes documentos internacionais de proteção à pessoa humana, toma atitudes marcadamente segregacionistas com relação àqueles que deixam seus países em busca do que a América tem de melhor a oferecer: oportunidades. Em um primeiro momento, será traçado um breve panorama sobre a política de imigração dos Estados Unidos, através da apresentação de dados recentes sobre a migração ilegal, muito mais significativa que a migração ordenada e controlada pelas autoridades governamentais norte-americanas, e considerações sobre as condições que enfrentam os migrantes para atingir seu intento. Posteriormente, serão feitas exposições sobre as ações da Organização dos Estados Americanos (OEA) relativas às questões de imigração, bem como serão apresentados alguns dos instrumentos internacionais relativos à proteção dos migrantes. Por fim, estudar-se-á justamente o que se chama de contradição norte-americana: enquanto os EUA se auto-proclamam arautos da liberdade e das oportunidades, levantam questões ultrapassadas de soberania para dificultar a discussão sobre sua política de imigração, bem como atuam de forma violenta em suas fronteiras a fim de reprimir a imigração ilegal, ao que parece, a qualquer custo.

Ano/Edição

Ano XVII, nº 48, jan-abril/2004. São Paulo

Título**“Estación migratória” – flashes**Autor/es
Resumo**Dirceu Cutti**

A todo processo migratório de ida, em menor escala, flashes evidentemente, corresponde um movimento de volta. Vale lembrar, por exemplo, que em São Paulo, quando da grande

Ano/Edição	<p>emigração europeia, os próprios imigrantes organizavam fundos para auxiliar os que, sem condições, desejavam retornar. Atualmente, ao movimento de ida de brasileiros para os Estados Unidos, também corresponde um movimento de volta. Volta, porém, que não é financiada pela solidariedade de conterrâneos que lá permanecem, mas pelo governo do país que sonharam alcançar; volta, não dos que o desejam fazê-lo, mas dos que foram capturados pela polícia; volta, que não é migração de retorno, mas deportação! “Os prisioneiros do segundo grupo lê-se em reportagem da Folha de São Paulo de 4 de março de 2004, referindo-se ao desembarque de 251 pessoas deportadas — vieram sem uniformes ou algemas”.</p> <p>Ano XVII, nº 48, jan-abril/2004. São Paulo</p>
Título Autor/es Resumo	<p>Catarinenses na fronteira</p> <p>Gislene Aparecida dos Santos</p> <p>O fluxo migratório entre países tem-se apresentado como tema dos mais recorrentes nos meios de comunicação, nas agendas dos organismos internacionais e nos debates acadêmicos. O ano 2004 foi pródigo na exposição da imagem de migrantes brasileiros no exterior. O Banco Mundial divulgou que, para o ano 2003, a remessa dos migrantes do exterior para o Brasil chegava a US\$ 5,2 bilhões¹. Em 2004 o Banco Itaú anunciava o acordo com a Moneygram (empresa de remessas eletrônicas), e o Bradesco, no mesmo ano, informava a parceria com o Bank of America; ambos para receber no Brasil as remessas dos brasileiros residentes nos Estados Unidos². Em 2005, a Caixa Econômica Federal noticiou a abertura de uma de suas agências no distrito de Rio Maina, município de Criciúma, ao sul do estado de Santa Catarina. Através de uma parceria com o Banco Português (Bcpbank, em Nova Iorque), a Caixa atenderá as remessas do migrante catarinense nos Estados Unidos³. Em janeiro de 2004, cerca de 200 brasileiros foram deportados dos EUA, dos quais 17 provenientes do sul catarinense; no início de agosto 2005, 301 migrantes irregulares também nos EUA foram repatriados para o Brasil, 199 provindos do Estado de Minas Gerais e 4 da região sul catarinense⁴. Um pouco antes, em dezembro de 2003, a TV Record apresentou documentário dedicado à situação dos migrantes ilegais brasileiros nos Estados Unidos, com cenas vividas em situações de prisão e de deportação. Ao final, depois das imagens sombrias sobre o fracasso da migração, o senador Hélio Costa, com o punho cerrado batendo no peito, afirmava: “Lugar de brasileiro é no Brasil”. Nesses termos, a migração de brasileiros para o</p>

Ano/Edição	<p>exterior, principalmente para os Estados Unidos vai ocupando paulatinamente o debate nacional, representado por distintos discursos: ora a deportação, ora um negócio lucrativo. De certa maneira, a divulgação das remessas que entram no país valoriza a emigração; entretanto, como o fluxo migratório tem-se realizado de maneira irregular, lado a lado ao sucesso migratório se colocam os graves riscos dos ilegais no trajeto migratório.</p> <p>Ano XIX, nº 55, maio-ago/2006. São Paulo</p>
Título	Unões exogâmicas dos imigrantes bolivianos na fronteira do Brasil
Autor/es	Wilson Fusco; Sylvain Souchaud
Resumo	Neste texto, queremos contribuir para o debate a partir da observação dos comportamentos matrimoniais dos bolivianos no Brasil. Apesar da população boliviana ser encontrada em alguns pontos específicos no Brasil, insistiremos no caso de Corumbá, cidade limítrofe com a Bolívia, situada no estado do Mato Grosso do Sul, onde se observam arranjos matrimoniais diferenciados e para a qual dispomos de uma pesquisa domiciliar realizada em 2006.
Ano/Edição	Ano XXII, nº 63, jan-abri/2009. São Paulo
Título	A Travessia está em travessia
Autor/es	Dirceu Cutti
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XXII, nº 63, jan-abri/2009. São Paulo
Título	Ciudad del Este: do comércio de fronteira ao centro de São Paulo
Autor/es	Carlos Freire da Silva
Resumo	A dinâmica comercial de Ciudad del Este é base para muitas representações sobre o Paraguai no Brasil. São imagens pejorativas que associam “do Paraguai” e “paraguaio” a “contrabando” e “falsificação” e pouco informam sobre o próprio desenvolvimento do comércio fronteiriço. Neste artigo, buscamos problematizar estas representações analisando como se deu a formação da dinâmica comercial a partir da reaproximação diplomática entre os dois países, do turismo de sacoleiros e dos fluxos migratórios que ligam Ciudad del Este e São Paulo.
Ano/Edição	Ano XXVII, nº 74, jan-jun/2014. São Paulo

GÊNERO, SEXUALIDADE

Título **Apresentação – possibilidades de travessias (Ed. 77 – Dossiê Migração, sexualidade e identidade de gênero)**

Autor/es **José Carlos Pereira**

Resumo Apresentação

Ano/Edição Ano XXVIII, nº 77, jul-dez/2015. São Paulo

Título **Vivendo em liberdade? Homossexualidade, diferenças e desigualdades entre brasileiros na Espanha**

Autor/es **Isadora Lins França**

Resumo

O artigo, elaborado a partir de pesquisa realizada em Barcelona entre 2012 e 2013, aborda as diferenças e desigualdades que cercam o cotidiano de imigrantes gays brasileiros na cidade, tendo como cenário o contexto do mercado voltado para gays e lésbicas. Tais experiências são contrastadas com um discurso muito presente do mercado de turismo, que atribui à cidade de Barcelona sentidos relacionados à liberdade e fruição. Sustento que os próprios deslocamentos realizados pelos imigrantes em meio a esse cenário afirmam, desafiam e deslocam normas e regulações. Ao mesmo tempo, reposicionam diferenças e desigualdades sociais que marcam o contexto brasileiro e se apresentam de forma renovada em espaços transnacionais. Ao atravessar fronteiras nacionais, os imigrantes são também produzidos como sexualizados e racializados, o que surge como fonte de constrangimento social, mas também configura campos de ação a partir do manejo da diferença.

Ano/Edição Ano XXVIII, nº 77, jul-dez/2015. São Paulo

Título **Migrações internas e internacionais motivadas por orientação sexual e identidade de gênero**

Autor/es **Vítor Lopes Andrade**

Resumo

Apesar das migrações internas e internacionais motivadas por orientação sexual e identidade de gênero serem antigas e ainda hoje muito recorrentes, a reflexão teórica especificamente sobre esses deslocamentos se iniciou somente nos anos 2000. O objetivo deste texto é evidenciar que identidade de gênero e orientação sexual são categorias analíticas importantes para os estudos de mobilidade humana. Para tanto, inicialmente discorrer-se-á acerca de migrações internas – isto é, dentro

Ano/Edição	de um mesmo território nacional – motivadas por orientação sexual. Na sequência, discutir-se-á as migrações internacionais envolvendo pessoas não-heterossexuais. Por fim, uma atenção especial será dada a um tipo específico de migração internacional: o refúgio baseado em perseguição ou temor de perseguição por orientação sexual e identidade de gênero. Ano XXVIII, nº 77, jul-dez/2015. São Paulo
Título	Refugiados LGBTI no Brasil
Autor/es	Fernanda Martinelli Sobreira
Resumo	O presente artigo tem como objetivo analisar a situação de intolerância sofrida pelos refugiados LGBTI no Brasil, primeiro por serem refugiados e, segundo pela própria orientação sexual. Apesar do avanço dos Direitos Humanos nas últimas décadas, ainda há situações de violações dos Direitos Humanos em diversos países, especialmente naqueles em que ser homossexual é crime, muitas vezes, punido com a pena de morte. Quando essas pessoas chegam ao Brasil, encontram muitas dificuldades e constataam a inexistência de diálogo, discussão e políticas públicas concretas para que refugiados LGBTI tenham seus direitos respeitados.
Ano/Edição	Ano XXVIII, nº 77, jul-dez/2015. São Paulo
Título	Apresentação – A importância da categoria “gênero” nos novos estudos migratórios
Autor/es	Ana Carolina Gonçalves Leite
Resumo	Apresentação
Ano/Edição	Ano XXIX, nº 78, jan-jun/2016. São Paulo
Título	“Refugiados LGBTI”: gênero e sexualidade na articulação com refúgio no contexto internacional de direitos
Autor/es	Isadora Lins França; Maria Paula Oliveira
Resumo	Neste artigo, reconstituímos a recente emergência da categoria “refugiados LGBTI” no contexto internacional de direitos, permitindo delinear um campo discursivo em que gênero e sexualidade entrecruzam-se com a noção de “refugiados”. Analisamos a articulação entre os principais instrumentos de construção do refúgio no campo dos direitos e sua releitura de acordo com desenvolvimentos recentes no campo dos direitos sexuais. O cenário é composto pela análise de documentos tais como guias e diretrizes publicados no âmbito do universo institucional do refúgio, particularmente da Agência da ONU

Ano/Edição	para Refugiados (UNHCR), tematizando orientação sexual e identidades de gênero. Ao final, exploramos alguns indicativos de como tais documentos se localizam no contexto brasileiro. Ano XXIX, nº79, jul-dez/2016. São Paulo
GERAÇÕES	
Título	A inserção dos migrantes através das gerações
Autor/es	Sidnei Marco Dornelas
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XII, nº 35, set-dez/1999. São Paulo
Título	Vivências diferenciadas entre três gerações de japoneses em São Paulo
Autor/es	Zeila de Brito Fabri Demartini
Resumo	Estas reflexões estão pautadas em dois estudos complementares realizados junto a famílias de imigrantes japoneses'. No primeiro abordamos famílias de origem japonesa que vieram para as cidades de Campinas e São Paulo durante as primeiras cinco décadas desse século (1908-1950) (Dennartini, 1997a), Focalizamos nossa atenção especialmente em temas relacionados á educação, aos hábitos culturais e atividades de lazer, Na segunda etapa aprofundamos nosso conhecimento sobre as questões estudadas anteriormente, bem como incluímos novas indagações e elementos de análise, que foram surgindo na medida que avançamos com essa caracterização mais ampla do grupo estudado. Portanto, os temas relacionados com a mobilidade socioespacial dessas famílias. os projetos individuais e coletivos de ascensão socioeconômica, o processo de escolarização das gerações mais jovens e a vivência cultural nas últimas décadas toram examinadas sob um novo prisma, a partir de uma análise de gerações que compõem cada família e as diferenças sociais, econômicas e sobretudo culturais ao longo deste século (Demartini, 1997b).
Ano/Edição	Ano XII, nº 35, set-dez/1999. São Paulo-SP
Título	A imigração árabe no Brasil
Autor/es	Samira Adel Osman
Resumo	As questões por num levantadas em relação à vinda de imigrantes árabes concentram-se na discussão sobre o processo de integração, interação e assimilação desses

Ano/Edição	imigrantes em relação à sociedade brasileira que pareciam ter atingido proporções diferentes, facilitadas ou dificultadas pela questão religiosa, na qual se dividiu esse grupo: cristãos e muçulmanos. Ano XII, nº 35, set-dez/1999. São Paulo-SP
Título	Os filhos da África em Portugal: a vida entre dois mundos
Autor/es	Neusa Maria Mendes de Gusmão; Herbert Rodrigues; Idenilza Moreira de Miranda
Resumo	As vivências marginais no espaço físico e social desse mundo português em mudança serão, então, o palco em que os imigrantes africanos e seus filhos africanos-portugueses ou portugueses-africanos de segunda geração - os luso-africanos constroem a vida, uma vida entre dois mundos, Constroem realidades que integram uma ordem mundial de intenso trânsito e tráfego e que, por esta razão, estabelecem conquistas, explicitam contradições e revelam possibilidades de convivência e de conflito. O que o presente artigo se pergunta é o quanto dessa capacidade de convívio de fato se realiza frente aos africanos e seus filhos e netos, os luso-africanos de segunda e terceira geração. Seria a realidade portuguesa intercultural e marcada como a de solidariedade intersocial? Quais as marcas e pertencimentos de sua cultura, frente ao contato entre povos, frente ao contato entre culturas diversas?
Ano/Edição	Ano XII, nº 35, set-dez/1999. São Paulo-SP
Título	Pensando a terceira idade da primeira geração de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos
Autor/es	Teresa Sales
Resumo	Este artigo é o primeiro resultado de minha mais recente pesquisa à região de Boston nos Estados Unidos. A viagem foi motivada em parte para lançar meu livro <i>Brasileiros Longe de Casa</i> (Cortez Editora, 1999) junto à comunidade brasileira, em parte para dar continuidade à pesquisa que deu origem a esse livro. Pretendia aprofundar, nessa continuidade da pesquisa, a questão das Redes Sociais nas migrações. Contudo, meu compromisso com a Revista Travessia terminou por mudar a rota da pesquisa em outra direção, pela qual tomei gosto e que parece ser a que aponta agora para outros temas a serem explorados. Saí do Brasil com o compromisso de escrever um artigo para este número de Travessia sobre “Gerações na Migração”, e esse foi o assunto com o qual me ocupei durante todo o curto espaço do tempo de pesquisa e que possivelmente

Ano/Edição	<p>será meu próximo objeto de pesquisa: a questão das gerações na migração. Como o tempo para escrever é também curto, vou abordar nesse artigo, de forma preliminar, apenas um dos aspectos que parece ser crucial em se tratando de uma primeira geração de imigrantes, que é a questão do futuro desses imigrantes na terceira idade, quando supostamente deveriam ter unia situação garantida.</p> <p>Ano XII, nº 35, set-dez/1999. São Paulo-SP</p>
Título	“Eu sou daqui, meus pais não!”
Autor/es	Sílvio Marcus de Souza Correa; Karin Elinor Sauer; Carina Santos de Almeida
Resumo	<p>Nas últimas décadas, houve um aumento dos estudos sobre juventude no Brasil, especialmente no campo da sociologia. Até a década de 70, de um modo geral, havia poucos trabalhos sobre a questão juvenil no Brasil. Mas refletir sobre a condição juvenil implica uma compreensão polissêmica da juventude. No Brasil, há jovens que residem em espaços distintos: cidades pequenas, médias e grandes, meio rural e urbano. Assim, a juventude brasileira apresenta inúmeras formas de diferenciação como gênero, pertencimento étnico, origem social e geográfica. Tal diversidade não é apanágio de jovens metropolitanos. Nas cidades de pequeno e médio porte tem-se uma juventude plural em espaços singulares, onde a condição juvenil não é homogênea (Catani, 1998; Vasconcelos, 2002; Correa, 2007; Novaes, 2006). Se, por um lado, a juventude apresenta condições desiguais em termos socioeconômicos, culturais e espaciais, a desigualdade advinda pela trajetória de jovens marcada ou não ela migração também se manifesta na sociedade ampla. Os jovens relacionados à migração, direta ou indiretamente (via parental), apresentam trajetórias ou mesmo narrativas familiares similares em alguns aspectos. Entre os jovens migrantes e aqueles de “segunda geração”, as diferenças podem se expressar, por exemplo, pelo tempo de residência na sociedade acolhedora.</p>
Ano/Edição	Ano XX, nº 59, set-dez/2007. São Paulo

GRANDES OBRAS - BARRAGENS

Título	Barragens: da política oficial à resistência dos atingidos
Autor/es	Editorialistas de Travessia
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano II, nº 6, jan-abril/1990. São Paulo
Título	Carta de Goiânia
Autor/es	Participantes do 1 Encontro Nacional dos Atingidos por Barragens
Resumo	Carta
Ano/Edição	Ano II, nº 6, jan-abril/1990. São Paulo
Título	Intervenções e armadilhas de grande porte
Autor/es	Antônio Oswaldo Servá Filho
Resumo	Aborda-se os desdobramentos e consequências sociais, ambientais, políticas e culturais dos grandes projetos, como barragens hidrelétricas, sobre populações e ecossistemas atingidos; as formas de organização popular para salvaguardar seus territórios ou conseguir ressarcimento de parte dos prejuízos materiais, morais, ambientais, culturais sofridos, por um lado, e, por outro, o tratamento que os Estados, inclusive o brasileiro, da às populações atingidas, quando não as marginalizando, escamoteando as suas demandas como irracionais, emotivas e atrasadas.
Ano/Edição	Ano II, nº 6, jan-abril/1990. São Paulo
Título	O planejamento do setor elétrico brasileiro
Autor/es	Emílio Lèbre La Rovere
Resumo	O debate sobre grandes projetos inevitavelmente coloca algumas perguntas cruciais, que têm de ser respondidas. Para que se constroem as grandes barragens? Quem se beneficia com a produção dessa eletricidade? É absolutamente indispensável realizar essas obras para se ter a energia necessária ao funcionamento da nossa sociedade? Há alternativas para evitar os impactos negativos desses empreendimentos? Para se obter elementos de resposta a essas questões, é necessário conhecer como se faz a política energética no Brasil e quais são os principais problemas encontrados no planejamento do setor. Este trabalho pretende contribuir nesse sentido, esclarecendo

Ano/Edição	alguns pontos que precisam ser melhor analisados e discutidos no debate atual sobre as grandes barragens no Brasil. Ano II, nº 6, jan-abril/1990. São Paulo
Título	Implantação de grandes hidrelétricas: estratégias do setor elétrico, estratégias das populações atingidas
Autor/es Resumo	Carlos B. Vainer; Frederico Guilherme B. de Araujo O artigo discute sobre processos políticos, sociais e econômicos de implantação de grandes hidrelétricas e considera os seus fortes impactos ambientais e sociais. Propõe reflexões sobre em que condições deverá ocorrer a participação popular nas tomadas de decisões sobre as necessidades energéticas a serem atendidas, os custos sociais e ambientais a serem ressarcidos, etc. A participação dos atingidos ficará confinada aos esforços para mitigar os impactos negativos das obras ou ocorrerá no momento em que se opta por um padrão de produção e distribuição de eletricidade, no qual, portanto, é possível conceber modelos alternativos ao atualmente vigente?
Ano/Edição	Ano II, nº 6, jan-abril/1990. São Paulo
Título	As políticas de gestão da força de trabalho e as condições de vida do trabalhador das obras barrageiras
Autor/es Resumo	Ângela M. Tude de Souza Aborda-se as estratégias das empresas privadas e públicas na formação da gestão da força de trabalho nos grandes projetos. Observa-se que no início da obra, o maior aumento populacional decorre diretamente do recrutamento de pessoal com experiência para a preparação, a locação e a apropriação do canteiro de obras. A população dita interna cresce mais do que a externa, salvo casos em que a antecipação de ações se desenvolva com base no alojamento das populações trabalhadoras externamente a seu canteiro, forte presença de firmas especializadas sub-contratadas para serviços de sondagem e locação.
Ano/Edição	Ano II, nº 6, jan-abril/1990. São Paulo
Título	Alto Uruguai: migração forçada e a reatualização da identidade camponesa
Autor/es Resumo	Ilse Scherer-Warren; Maria José Reis; Neuza Maria Bloemer A partir da década de 50 instala-se no Brasil uma política de produção de energia, com vista à independência do país neste

Ano/Edição	<p>setor. Este sonho é alimentado, de modo especial desde a década de 70, através da elaboração e execução de projetos e construção de hidrelétricas de grande porte. Sonhou-se, na verdade, que a energia hidrelétrica era “barata”, “limpa” e “renovável”. Exemplos brasileiros provenientes de projetos desta natureza, já executados ou em execução, permitem questionar uma a um estes pressupostos. Este é um dos focos desse artigo, além de apontar para os movimentos migratórios de camponeses e também de organização dos atingidos por barragens no bojo das grandes obras.</p> <p>Ano II, nº 6, jan-abril/1990. São Paulo</p>
Título Autor/es Resumo Ano/Edição	<p>Malária, migrações e grandes projetos na Amazônia</p> <p>Alberto Najar</p> <p>Este trabalho pretende mostrar que a relação entre o enorme crescimento da malária no Brasil e particularmente na região Amazônica não é, como procuram insinuar alguns documentos oficiais, uma consequência das condições climáticas. Estas explicações procuram passar uma ideia desbravadora e pioneira cuja contrapartida são os inevitáveis custos para a saúde. Tudo acaba indo para a conta do progresso. Quando muito, admite-se que “componentes socioeconômicos representem fatores importantes na transmissão da malária” (Arcoverde, 1985) prevalecendo a visão de que os determinantes da história da endemia são fundamentalmente fatores biológicos e ecológicos num sentido restrito.</p> <p>Ano II, nº 6, jan-abril/1990. São Paulo</p>
Título Autor/es Resumo Ano/Edição	<p>Alternativas às hidrelétricas na região amazônica – o caso de Ji-Paraná</p> <p>Luiz Bassegio</p> <p>Enquanto o governo brasileiro planeja construir algumas dezenas de lagos artificiais na região amazônica para atender a uma demanda sempre crescente de energia, diversas entidades, como sindicatos, associações de defesa do meio ambiente e Igrejas comprometidas com a causa popular organizam uma luta de resistência a estes projetos. Entretanto, não basta não aceitar as consequências nefastas destas obras, é preciso apresentar alternativas concretas e viáveis a estes projetos. É o que pretendemos fazer nesse artigo.</p> <p>Ano II, nº 6, jan-abril/1990. São Paulo</p>

Título	Lutas, vitórias e desafios: a resistência no Alto Uruguai (Relato de experiência)
Autor/es	Luiz Alencar Dalla Costa
Resumo	Relato de experiência
Ano/Edição	Ano II, nº 6, jan-abril/1990. São Paulo

HABITAÇÃO/MORADIA

Título	Migrar e morar (Editorial)
Autor/es	Dirceu Cutti
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano V, nº 14, set-dez/1992. São Paulo

Título	Acampamento de grande projeto: uma forma de imobilização da força de trabalho pela moradia
Autor/es	Gustavo Lins Ribeiro
Resumo	A partir da Revolução Industrial, grandes projetos, como a construção de canais, ferrovias, cidades e hidrelétricas, possuem uma história intimamente relacionada com a expansão do capitalismo. Seja por causa das poderosas articulações de interesses públicos e privados por eles realizadas, seja pela gigantesca mobilização de capital e trabalhadores que provocam, ou ainda pelo estabelecimento de novos sistemas regionais explicitamente vinculados à economia capitalista como um todo. Na história dos grandes projetos, encontramos uma transmissão de modelos de organização do processo produtivo e de administração da força de trabalho. O principal ator social portador deste modelo no tempo é o engenheiro e, por extensão, sua expressão coletiva: a escola de engenharia e a empreiteira. Os engenheiros, através da acumulação de conhecimentos herdados via educação e experiência prática, reproduzem soluções modelares ao início de cada obra. É por esta razão que os grandes projetos podem ser pensados como uma forma de produção que mantém características estruturais semelhantes em diferentes contextos geográficos e históricos (Ribeiro 1985, 1987).
Ano/Edição	Ano V, nº 14, set-dez/1992. São Paulo

Título	A rua como alternativa de moradia e sobrevivência
Autor/es	Maria Antonieta da Costa Vieira
Resumo	A crescente ocupação de espaços públicos como moradia pela população de rua incomoda diferentes grupos sociais e instituições, pelos mais diferentes motivos que vão de um sentimento de solidariedade com o desabrigado, passam pela indignação sobre o transtorno e sujeira provocados por aqueles que se instalam nas ruas e vão até as dificuldades que o poder público enfrenta diante de uma situação contraditória: Gerenciar o espaço público e atender as necessidades da população. É voz corrente que esta população está aumentando nas ruas de São Paulo e de outros grandes centros do país. A imprensa tem constantemente dado destaque a esta questão, associando-a a um fenômeno, o internacional - aumento crescente dos “thomeless” nos grandes centros urbanos no primeiro mundo, - fruto do processo econômico recessivo, onde imigrantes pobres e desempregados passam a usar a rua como alternativa de moradia. A ausência de estudos sistemáticos sobre a população de rua impede seu dimensionamento mais preciso. Chega-se a exagerar seu número, fala-se em centenas de milhares de pessoas nas ruas de São Paulo.
Ano/Edição	Ano V, nº 14, set-dez/1992. São Paulo
Título	Os moradores do lixão de Campina Grande
Autor/es	Maria Zélia Pereira Fernandes
Resumo	Neste artigo nos propomos a analisar a moradia e as condições de trabalho dos Catadores de Lixo de Campina Grande. Esta condição de trabalho tem sido também uma das estratégias de sobrevivência utilizada pela população desempregada e sem qualificação profissional do município de Campina Grande no Estado da Paraíba, de modo a compreender como essa atividade “permite” sua reprodução social e de sua família. Para entendermos essa estratégia, resgatamos todo o processo de produção na catação de lixo. Analisamos a construção do espaço social, onde se articulam produção e moradia; as condições de trabalho; a comercialização do lixo e as condições de vida desses trabalhadores - nível de renda, moradia, padrão alimentar, saúde e educação. Para tanto, utilizamo-nos de uma pesquisa tipo participativa, na qual foram aplicados questionários e entrevistados 50 chefes de família, no período de fevereiro a junho de 1990. Este espaço que está sendo produzido e (re)produzido pelos Catadores

Ano/Edição	de Lixo é palco privilegiado onde se processa a mais explícita forma de miséria, onde o homem para sobreviver precisa travar disputa com animais como: vacas, cachorros, porcos e insetos - baratas, ratos e moscas. A pobreza visível nessa paisagem testemunha a condição de vida do homem que é desprovido dos meios de produção. Ano V, nº 14, set-dez/1992. São Paulo
Título	A moradia provisória do migrante sazonal
Autor/es	José Jorge Gebara
Resumo	Com as sucessivas crises econômicas que assolam o país, cujo maior peso recai sobre os trabalhadores, as condições de moradia pioram de forma drástica. Caem os investimentos na construção civil, aumenta o desemprego, os salários são arrojados e as camadas assalariadas de menor poder aquisitivo são colocadas em situação de maior penúria, inclusive com relação à questão da moradia. A falta de uma política habitacional adequada conduziu ao caos por todos conhecido e leva muitas famílias ao sofrimento. Não ter onde morar retrata a total ausência de cidadania. A perda do emprego conduz fatalmente à próxima perda: o teto. E o migrante, aquele que já se vê forçado a sair de seu lugar de origem e partir para outro local, distante, desconhecido e sem garantias mínimas? Pretende-se aqui relatar e comentar, um pouco, sobre as condições de moradia do migrante sazonal do corte de cana na região de Ribeiro Preto-SP.
Ano/Edição	Ano V, nº 14, set-dez/1992. São Paulo
Título	Morar e conviver
Autor/es	Alfredo José Gonçalves
Resumo	As reflexões que se seguem nasceram a partir de um trabalho pastoral junto a comunidades eclesiais da periferia de São Paulo, mais especificam ente algumas favelas do Parque Santa Madalena, zona leste da cidade. Não se trata propriamente de um artigo, e sim de alguns comentários a respeito do conceito morar, relacionando-o à convivência numa população com elevado número de migrantes.
Ano/Edição	Ano V, nº 14, set-dez/1992. São Paulo
Título	A luta pelo direito de morar
Autor/es	Fermino Fecho; Erminia Maricato
Resumo	Em 1940 havia cerca de 13 milhões de brasileiros vivendo em

Ano/Edição	<p>idades, o Censo Demográfico de 1980 já acusava a existência de mais de 82 milhões de habitantes urbanos, concentrados, sobretudo, nas capitais dos Estados, nos grandes centros e nas regiões metropolitanas. Enquanto a população brasileira triplicava nesse período, a população urbana do país crescia em seis vezes: de 31% do total, passou para 68%. A população rural declinou de quase 69%, em 1940, para 32%, em 1980. Nessas últimas décadas, as nossas cidades foram literalmente invadidas por grandes contingentes populacionais, A Região Metropolitana de São Paulo, por exemplo, pulou de aproximadamente 1.500.000 habitantes, em 1940, para 17.500.000, em 1990, população superior a de muitos países europeus e latino-americanos. As outras metrópoles brasileiras apresentaram, também, em menor escala, crescimento urbano excepcional.</p> <p>Ano V, nº 14, set-dez/1992. São Paulo</p>
Título Autor/es Resumo Ano/Edição	<p>Morar ou apenas se adaptar num conjunto habitacional: fragmento da história de Itaquera I</p> <hr/> <p>Amélia Luisa Damiani</p> <p>Vindo do centro da cidade de São Paulo, pela avenida Radial Leste, chega-se à Cohab Itaquera I ou, simplesmente, Cohab I. Avista-se uma massa, que parece acinzentada, de prédios, rodeada por uma paisagem de baixas casas. Compacta edificação que inaugura uma imagem nova. A primeira vista, perspectiva de aridez, no jogo geométrico da disposição dos inúmeros prédios crus, avessos ao que os rodeia. É a arquitetura pobre dos prédios construídos, indiferentes ao que poderia ser a história desse lugar. Mas, seja como for, a vida se vinga, o espaço concebido, mesmo rudimentar, humaniza-se. O que parece igual ou similar, diferencia-se, com a configuração própria que lhe conferem seus moradores. Mesmo se o sentido primordial da ação for, até mesmo, a realização do espaço concebido.</p> <p>Ano VIII, nº 23, set-dez/1995</p>
Título Autor/es Resumo	<p>Conjunto habitacional: um universo diverso da metrópole</p> <hr/> <p>Maria de Fátima Almeida Martins</p> <p>As mudanças na reprodução da sociedade, a partir dos anos 30, impostas por um padrão de acumulação do capital qualitativa e quantitativamente distinto do anterior, põem em evidência a emergência de um novo caráter nas relações entre o Estado</p>

Ano/Edição	<p>e a sociedade brasileira, ou seja, a atuação daquele passa a ser fundamental no estabelecimento e reiteração das relações essenciais para o domínio da burguesia urbano-industrial que então emerge. É nos marcos desse contexto que se põe a exigência de uma urbanização que se fizesse simultaneamente ao processo de industrialização. Mais precisamente, que as taxas de urbanização geradas no e pelo processo fossem muito acima do próprio crescimento de incorporação da força de trabalho exigida pela indústria. Dessa forma, as extensas periferias das cidades industriais, que engrossavam a cada dia funcionavam como verdadeiras forças produtivas, impulsionando a acumulação. É então sob o primado da (re) definição das condições de reprodução do capitalismo no Brasil - onde está incluída a instrumentalização produtiva da urbanização -, que foram concebidas e concretizadas várias e distintas políticas visando dar sustentação institucional ao processo de industrialização ao qual o país estava se inserindo. Por seu turno, tornava-se iminente a necessidade e a preocupação do Estado em promover políticas especificamente urbanas em consonância com os propósitos da reprodução das relações de produção que se faziam presentes e hegemônicas.</p> <p>Ano VIII, nº 23, set-dez/1995</p>
------------	--

<p>Título</p> <p>Autor/es</p> <p>Resumo</p>	<p>Os sem-casa: sua cidade e sua arte</p> <p>Elaine Pedreira Rabinovich</p> <p>A morte do espaço público, declarada por Sennet (1979), ocorreu concomitantemente às ruas serem transformadas em passagens. As ruas tornaram-se meios de deslocamento e perderam uma significação própria. Assim, pode-se dizer que o público se tornou o fundo ou o palco para o “íntimo”. Em uma sociedade “Intimista”, o indivíduo se torna marcado por uma psicologização do ser social e por uma ausência de uma vida significativa que decorra de um meio distinto da esfera do eu. Tal ausência leva-o a perder o poder do brincar, necessário para que se realize como pessoa: tal indivíduo, segundo esse autor, torna-se assim um “artista privado de arte”. Em tal espaço público, a casa pode ser dita representar o íntimo. Serfaty Garson (2003) enfatiza: as práticas do morar são uma questão de cultura e, na sociedade ocidental, devido à obsessão pela segurança e à segregação das classes sociais, o <i>chez-soi</i> ou o sentimento de lar, — a casa — passaram a representar os territórios da intimidade. Os sem-casa moram nas ruas, no público, sem casa ou em simulacros de casa. São chamados pela</p>
--	--

Ano/Edição	<p>sociedade instalada em moradias convencionais de “bárbaros”, em uma recuperação de sentidos antigos a ela atribuídos: bárbaro tanto significa, etimologicamente, o que fala mal, balbucia, quanto nômades que abandonaram seu território de origem e movimentavam-se sobre qualquer território como se fosse deles, sempre prontos para abandoná-los (Eco, 1987). Os sem-casa vagam pela cidade, ocupando suas “franjas”, “fronteiras” ou “limites”. Sua existência é definida por uma cidade que não ocupa sua “res” pública, tornando-a terra “de ninguém”. Em um culto período de tempo, surgiu uma nova categoria de cidadãos ‘nômades” moradores na/da rua. Este nomadismo pode ser visto como uma reprodução especular da própria sociedade no seu lado “invisível”, aproximando-os, deste modo, de certas manifestações da arte contemporânea.</p> <p>Ano XIX, nº54, jan-abril/2006. São Paulo</p>
Título	Migrantes sem-teto: uma dupla condição contemporânea no espaço urbano
Autor/es Resumo	<p>Leda Veloso Buonfiglio; Igor Catalão</p> <p>Este artigo atenta para uma luta sugerida no espaço urbano enquanto estratégia de vida para o migrante e seus descendentes. Essa luta revela-se numa prática socioespacial particular recente de apropriação do espaço urbano capitalista: ocupam-se edifícios do centro antigo da cidade de São Paulo. Para tanto, partimos do encontro dramático de dois processos na cidade: migrar e não morar, relação invertida surgida no contexto urbano, quando habitar na cidade grande parece ter se tornado uma impossibilidade histórica, e o migrar, como sabemos, manancial contínuo da pobreza, irrigado por todos os cantos do país. Não se trata, pois, de analisar a migração ou a falta de política habitacional tomadas isoladamente, mas a combinação complexa destes dois processos, manifestada em grande parcela da população urbana em nossas cidades. Ora, sabemos que o sonho comum de qualquer migrante recém-chegado é ainda o mesmo: poder se estabelecer na cidade de destino para pertencer e não simplesmente permanecer nela. No entanto, este sonho não parece fácil de ser alcançado. A exploração econômica do valor do espaço impõe-se no tecido urbano e cria uma dupla condição contemporânea: a do migrante tornado sem-teto. A simultaneidade dos processos revela condições de miséria mistas ligando espaços geográficos distintos: do campo à cidade “ex-sem-terras” tornam-se sem-tetos, alguns mesmo perambulantes entre uma condição e outra, mas são sempre e indefinidamente migrantes (Bursztyn,</p>

Ano/Edição	1997). Não obstante, cabe salientar que nem todo sem-teto é necessariamente um migrante e vice-versa. De modo algum se trata de etapas obrigatoriamente complementares, sendo apenas um recurso para dar conta da realidade dinâmica dos processos urbanos estudados em São Paulo. Ano XIX, nº54, jan-abril/2006. São Paulo
Título	Casa de brasileiros em Londres: a importância da casa para os imigrantes brasileiros
Autor/es Resumo	Gustavo Tentoni Dias Este artigo tem como objetivo apresentar a importância da casa no processo migratório de brasileiros para Londres. Partindo da premissa de que a sociedade brasileira concebe o espaço privado da casa como um local que pode abrigar iguais e garantir a segurança de todos, em oposição ao espaço público da rua (DAMATTA, 1991), este texto busca investigar se estas características da cultura brasileira se fazem presentes, também, entre os brasileiros que se encontram fora do território nacional. Para dar corpo a esta indagação, o artigo conta com os resultados colhidos num estudo etnográfico, acompanhado de entrevistas, que vem sendo desenvolvido junto a um grupo de aproximadamente dez jovens brasileiros , além de uma bibliografia previamente selecionada .
Ano/Edição	Ano XXIII, nº 66, jan-jun/2010. São Paulo
Título	Duas histórias de migrantes sobre educação, trabalho e moradia na periferia paulistana (1960 e 1980)
Autor/es Resumo	Adriana Santiago Rosa Dantas Este artigo discute a inserção de migrantes internos na periferia de São Paulo, vindos em condições educacionais e sociais parecidas, mas em tempos distintos, nas décadas de 1960 e 1980. Os dados analisados fazem parte de uma pesquisa realizada em Ermelino Matarazzo, na periferia leste da cidade de São Paulo, que recebeu migrantes nordestinos a partir da década de 1940. No texto, são comparadas duas moradoras, dentre as dezoito entrevistas da pesquisa, analisando-se sua inserção na cidade de São Paulo em relação à educação, trabalho e moradia.
Ano/Edição	Ano XXVI, nº 73, jul-dez/2013. São Paulo

IDENTIDADE

Título	Imagens do migrante nordestino em São Paulo
Autor/es	Germano Leóstenes Alves le Sobral
Resumo	O processo migratório implica, invariavelmente, situações que encerram confrontos Inter étnicos. Os deslocamentos espaciais de indivíduos e grupos configuram-se, pois, como “momentos” de crise e (re)construção de identidades. A trajetória do migrante é marcada pela reelaboração de seus referenciais identificatórios - traços socioculturais com os quais os sujeitos identificam-se e a partir dos quais se fazem reconhecidos como membros de um grupo - e, portanto, envolve o questionamento de valores e de imagens de si e do outro. Dentre esses referenciais destaca-se o lugar de origem dos sujeitos: “a cidade ou terra é vista como mãe e nutriz: o lugar é um arquivo de lembranças afetivas e realizações esplêndidas que inspiram o presente: o lugar é permanente e por isso tranquiliza o homem, que vê fraqueza em si mesmo e movimento em toda parte” (TUAN, 1983, 171).
Ano/Edição	Ano VI, nº 17, set-dez/1993
Título	Identities (Editorial)
Autor/es	Jose Guilherme Cantor Magnani
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano VII, nº 19, maio-ago/1994
Título	Índios ou caboclos? – os filhos da Serra do Umã
Autor/es	Rodrigo de Azevedo Grunewald
Resumo	Embora o presente artigo tenha por título uma indagação, não toma por objetivo respondê-la de forma fechada ou definitiva. O propósito que aqui se estabelece é o de refletir a construção da identidade exibida pelo grupo étnico Atikum-Umã, o qual surgiu no cenário nacional como um grupo indígena apenas na década de quarenta do presente século. A comunidade indígena de Atikum-Umã, com uma população de quase quatro mil habitantes, habita a Serra do Umã, distrito de Carnaubeira, município de Floresta, sertão de Pernambucano. Esta região geográfica foi, a partir da passagem do século XVII / XVIII, palco de muitos conflitos entre índios e brancos que penetravam cada vez mais nas terras dos primeiros levando adiante a frente de expansão pastoril.
Ano/Edição	Ano VII, nº 19, maio-ago/1994

Título	Multidões e identidade coletiva: o papel dos saques no nordeste
Autor/es	Frederico de Castro Neves
Resumo	Muito se tem questionado, diante destes últimos e constrangedoras episódios da vida nacional, sobre a legitimidade do campo político no Brasil, sabe-se que há problemas, dúvidas e modificações urgentes a serem implementadas neste campo, mas não conseguimos, pelo menos em nível de senso comum, situar estas críticas e alcançar o âmbito de suas possíveis soluções. Tentarei, dentro dos limites deste artigo, realizar algumas reflexões sobre este campo, especialmente no que diz respeito ao princípio da representatividade, o qual, creio, traz problemas talvez problemas insolúveis no terreno mesmo da democracia, como caso específico para esta análise, questionarei este princípio conduz à criação de representações preconceituosas e pouco úteis no entendimento dos saques a mercados e armazéns públicos que acontecem no nordeste brasileiro, especificamente nos períodos de secas. Estas reflexões, espero, poderão levar a algumas novas conclusões a respeito do processo de constituição de identidades políticas, no jogo das ações e reações sociais com que elas se constituem
Ano/Edição	Ano VII, nº 19, maio-ago/1994
Título	Eu e as fronteiras do outro
Autor/es	Cléria Botelho da Costa
Resumo	Este texto apresenta alguns resultados da pesquisa intitulada Vozes da Terra - a qual se constitui num estudo de caso do assentamento de Indaiás localizado ao sul do Mato Grosso do Sul - e tem por objetivo fazer uma análise das representações acerca da identidade e etnia dos trabalhadores rurais que lá vivem. O assentamento de Indaiá é um agrupamento de trabalhadores rurais oriundos de diferentes regiões do país e que têm como traço comum, a vivência no Paraguai e por isso, comumente, são conhecidos como "brasiguaios". O fio condutor da pesquisa foi a oralidade, através da qual as histórias de vida foram trabalhadas. As diferenças: o reconhecimento da alteridade.
Ano/Edição	Ano VII, nº 19, maio-ago/1994
Título	Ser "gaúcho" no Nordeste
Autor/es	Rogério Haesbaert
Resumo	A "invasão gaúcha" nos cerrados nordestinos pode ser considerada uma das pontas de uma grande rede, espécie

	<p>de “diáspora gaúcha”, que reúne, hoje, duas heranças aparentemente antagônicas: a da modernidade capitalista e da “sede pelo novo” do imigrante europeu “desbravador” e o tradicionalismo gaúcho do campeador pampeano. Alguns meses de pesquisas no oeste baiano, Chapada Diamantina e sul do Piauí, para onde convergiram nos anos 80 milhares de agricultores sulistas, atraídos pelas terras baratas e os gordos subsídios da SUDENE permitiram perceber a intensidade dos conflitos que, para além da esfera econômica, já bastante estudada, compreendem disputas pelo poder político (pondo em xeque o velho coronelismo e sua base socioespacial, o latifúndio pastoril) e atritos culturais entre identidades regionais que podem ser consideradas hoje as mais distintas e marcantes do país: a baiana e a gaúcha, duas balizas no <i>continuum</i> entre as influências africanas e europeias na cultura brasileira.</p> <p>Ano/Edição Ano VII, nº 19, maio-ago/1994</p>
<p>Título</p> <p>Autor/es</p> <p>Resumo</p> <p>Ano/Edição</p>	<p>Caçando um lugar: a identidade regional no trajeto da exclusão</p> <hr/> <p>Maura Penna</p> <p>Se eu tivesse lugar, eu não tinha lutado tanto na vida, não linha caminhado tanto conto eu caminhei durante 20 anos. Tem 21 anos que eu estou caminhando atrás do meu lligar de ficar e ainda não achei, (HM. P46). Ao analisara trajetória deum migrante, trabalhador rural pobre de alguma região do Nordeste (ou do Norte de Minas Gerais, que integra o Polígono das Secas), em seus sucessivos deslocamentos em busca de uma vida melhor, pensa-se quase que imediatamente nos reflexos dessas andanças sobre a sua identidade social. E, especificamente, sobre a identidade regional, enquanto uma forma particular de identidade social, vinculada à origem territorial e, portanto, de base espacial. Pois ser de um certo lugar não expressa necessariamente vinculo de propriedade. mas sim uma rede de relações. através das quais o espaço se torna suporte de comunicação, de Inter relação, de organização de sentido.</p> <p>Ano VII, nº 19, maio-ago/1994</p>
<p>Título</p> <p>Autor/es</p> <p>Resumo</p>	<p>A produção de um estigma: Nordeste e nordestinos no Brasil</p> <hr/> <p>Helion Povia Neto</p> <p>Não é difícil perceber o quanto as imagens do nordestino e</p>

<p>Ano/Edição</p>	<p>do migrante encontram-se, em nosso país, profundamente associadas. Um exemplo carregado de negatividade poderia ser o das recentes manifestações de hostilidade a nordestinos ocorridas em São Paulo. quando “slogans” exigiram que os mesmos voltassem à sua terra Sem colocar discussão o caráter minoritário de tais manifestações, nem desacreditá-las como meras imitações de situações de intolerância verificadas em outros contextos nacionais. não achamos prudente ignorá-las. Isso por acreditarmos que as situações referidas dizem respeito a concepções engendradas juntamente com os processos históricos que deram origem à atual formação social e territorial brasileira. Possuem, portanto, certo enraizamento. o qual deve ser considerado, até mesmo com vistas ao combate à intolerância. Para começar. um dado concreto: é o Nordeste (tal como o entendemos hoje) efetivamente a região que, historicamente, mais contribuiu para as necessidades de força de trabalho da economia nacional. As migrações têm sido, no Brasil, importante elemento para a constituição do mercado capitalista de trabalho: os nordestinos devem receber, nesse particular, o devido destaque. Visando alcançar uma compreensão mais profunda dos fundamentos da imbricação Nordeste-migração. faremos uma breve retrospectiva histórica da mesma. sem o compromisso de cobrir a totalidade dos processos históricos até o presente e detendo-nos apenas nos momentos que nos parecem decisivos.</p> <p>Ano VII, nº 19, maio-ago/1994</p>
<p>Título Autor/es Resumo</p>	<p>“Especificidade negra”: singular ou plural?</p> <p>Ana Lúcia E. F. Valente</p> <p>O fato de uma revista especializada em estudos migratórios pretender reunir artigos com propostas de análise sobre as identidades dos diversos grupos que compõem a população brasileira. inclusive dos negros. pode causar um certo estranhamento. Porém. trata-se de impressão inicial, já que, em tese, quando se pensa no traslado de um povo ou de um grande número de pessoas de um país para outro e mesmo de uma região para outra de um único país, a ideia é que resulta de uma opção voluntária. Faz parte do imaginário da nação que os migrantes sempre estão em busca de um sonho de eldorado, de uma vida mais digna. Quer emigrantes. quer imigrantes - uma diferença difícil de se memorizar nos anos de secundário e, hoje, mais problemática de ser aceita como mera oposição - aqueles que deixam um país ou aqueles que</p>

Ano/Edição	<p>entram num outro, têm em comum a expectativa de que a mudança, a passagem lhes ofereça uma nova e melhor condição de existência. Por essa razão, quando se recorda que os negros chegaram ao Brasil como escravos, percebe-se que não se pode, sem incorrer equívocos de interpretação, deixar de lado um aspecto fundamental: a imigração negra foi forçada e realizada à revelia de seu povo. Ao menos durante quatro séculos. Não se pode, pois, insistir na manutenção daquele imaginário ante a constatação de que os negros foram obrigados a abandonar um “modo de vida”, seu trabalho, sua cultura. ao serem arrancados da África.</p> <p>Ano VII, nº 19, maio-ago/1994</p>
<p>Título</p> <p>Autor/es</p> <p>Resumo</p> <p>Ano/Edição</p>	<p>Exportação de tensões sociais na Amazônia: brasivianos, brasuelanos e brajolas – identidades construídas no conflito</p> <p>Alfredo Wagner Berno de Almeida</p> <p>Os deslocamentos de grupos camponeses e povos indígenas através das fronteiras internacionais, são analisados neste artigo consoante categorias específicas de representação e processos reais em curso, evitando reduzi-los ao que o senso comum intelectual contemporâneo designa como “migrações” ou ‘ ‘migrações internacionais”. Parte-se do pressuposto de que a relativização do princípio da nacionalidade (HOBBSBA WM: 1990), notadamente no que concerne à Amazônia, antes de ser uma decisão de aparatos de Estado, que priorizam a integração de mercados e a internacionalização da economia, consiste numa prática necessária de segmentos sociais diversos, apoiados em unidades de trabalho familiar e referidos a circuitos mercantis diferenciados, agrícolas e extrativos.</p> <p>Ano VIII, nº 21, jan-abril/1995</p>
<p>Título</p> <p>Autor/es</p> <p>Resumo</p>	<p>Estar aqui, estar lá ... o retorno dos emigrantes valadarenses ou a construção de uma identidade transnacional?</p> <p>Gláucia de Oliveira Assis</p> <p>Este artigo parte desta temática geral, para pesquisar um movimento específico verificado particularmente na cidade de Governador Valadares (MG) – conhecida nacionalmente pelo significativo número de valadarenses nos EUA – procurando problematizar um dos aspectos deste fluxo de grande impacto na vida cotidiana da cidade: o caráter temporário da migração. O projeto do emigrante valadarense de ‘Fazer a América “, em geral, consiste em trabalhar de ()2 a 05 anos para conseguir capital para</p>

Ano/Edição	<p>comprar uma casa, um carro, ou montar um negócio e retornar ao país de origem. Para executá-lo. Estes emigrantes contam com aqueles que ficaram para financiar a viagem, cuidar dos filhos, fazer os investimentos na terra natal e esperar pelo retorno. O projeto torna-se, portanto, familiar, afetivo e econômico envolvendo aqueles que não migraram nesse processo.</p> <p>Ano VIII, nº22, maio-ago/1995</p>
Título	Ítalos-brasileiros: a revivificação da identidade étnica em Santa Maria-RS
Autor/es Resumo	<p>Maria Catarina C. Zanini</p> <p>Na região denominada de IV Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul, muitos são os relatos da Era Vargas que narram as diversas formas de violência utilizada contra esses imigrantes. Violência, não somente no sentido físico, mas também na forma como foram obrigados a abandonar suas línguas e costumes. Esse quadro, porém, começou a reverter-se no decorrer da segunda metade deste século. Muitas associações foram criadas e, a partir do centenário da Imigração Italiana, começou-se a afirmação e reconstrução de uma italianidade. E, ser italiano no Brasil não significa, para esses descendentes, possuir símbolos culturais fechados, mas sim revalorizá-los no cotidiano da cultura italiana em contato com a sociedade nacional e regional. A partir desta constatação desenvolvemos, em 1997, um projeto de pesquisa que visava investigar quais seriam os elementos fomentadores da revivificação da italianidade em Santa Maria.</p>
Ano/Edição	Ano XII, nº34, maio-ago/1999
Título	Identidades conjunturais X identidade tradicional: as múltiplas faces da teuto-brasilidade no interior de São Paulo
Autor/es Resumo	<p>Olga Rodrigues de Moraes von Simson</p> <p>Nosso objetivo ao estudar os descendentes de alemães no município de Campinas foi o de reconstruir a história social do processo de imigração, fixação e integração desse grupo na vida local e tentar compreender como, na atualidade, esse contingente da população nacional vivencia sua identidade teuto-brasileira e se ela tem alguma importância nas parcerias bi-nacionais que Brasil e Alemanha vêm desenvolvendo nos campos econômico, social e cultural. A pesquisa, apesar</p>

de ser apenas um estudo do contingente alemão na cidade de Campinas, buscou iniciar uma reflexão mais ampla que procura avaliar como o grupo imigrante teuto, um dos primeiros a ser chamado para substituir o braço escravo nas grandes plantações cafeeiras paulistas do século passado aqui se fixou, se reproduziu e prosperou trazendo certamente contribuições para a formação da sociedade paulista, e como hoje a base sócio-política e cultural criada a partir da imigração germânica de meados do século passado e enriquecida por levas posteriores quantitativamente menores, permite uma intensa relação econômica e cultural entre essa região do país e a Alemanha. uma nação que neste final de século se afirma novamente como uma das maiores forças econômicas e políticas do Mundo Ocidental. Foram reunidas as histórias de Vida dos membros mais velhos das colônias imigrantes vivendo nas zonas rural e urbana procurando focalizar o processo de escolarização e as atividades familiares relacionadas ao lazer e ao consumo cultural. Também foram coletados documentos oficiais e privados relacionados ao processo imigratório dessas famílias, fotografias antigas e publicações com o intuito de orientar a coleta das narrativas orais e complementá-las.

Ano/Edição

Ano XII, nº 35, set-dez/1999. São Paulo-SP

Título

Assimilação dos imigrantes no Brasil – inconstâncias de um conceito problemático

Autor/es
Resumo

Giralda Seyferth

Num artigo publicado em 1951, Emílio Willems fez uma breve referência à ideia de assimilação prevalente no Brasil, suposta como processo no qual os grupos alienígenas devem desaparecer - metaforicamente “diluídos”, “absorvidos”, “digeridos” - na sociedade dominante luso-brasileira. Nesse contexto, a existência de minorias não é admitida, nem aceita, na discussão pública dos problemas de assimilação, e as possíveis influências culturais dos imigrantes e seus descendentes estão contidas na ideia vaga de “contribuição” em benefício do país adotivo (Wilhelm, 1951: 209). A assertiva de Willems tem correspondência no estudo de Manuel Diegues Junior sobre a influência da imigração nos processos de urbanização e industrialização ocorridos no Brasil: trata-se de destacar a colaboração econômica de diferentes grupos de imigrantes especialmente os de maior expressão demográfica - acrescentando breves informações sobre a legislação restritiva e dados acerca das “contribuições” resultantes do contato cultural entre alienígenas e brasileiros. Diegues não escapa de

<p>Ano/Edição</p>	<p>uma certa visão idealizada do melting pot, embora defina a cultura brasileira como alguma coisa vagamente plural “dentro da sua base lusitana” (Diegues Junior, 1964: 371). Nos dois trabalhos a assimilação é claramente associada a mecanismos de desenvolvimento econômico e mobilidade social, em situações de contato interétnico. A citação dos dois textos tem como propósito apontar diferentes formas de apropriação da ideia de assimilação: por um lado, surgiu, ainda no século XIX, como um dos elementos constitutivos do discurso nacionalista brasileiro, com consequências práticas sobre as relações Inter étnicas; por outro lado, enquanto conceito sociológico referido à mudança social, tornou-se importante instrumento de análise de contextos inter étnicos produzidos pela imigração até o início da década de 1970, incluindo ou não sua congênere antropológica, a aculturação (circunscrita à temática da mudança cultural). De qualquer modo, os diferentes usos do conceito convergem para o problema da integração dos imigrantes e seus descendentes na sociedade nacional.</p> <p>Ano XIII, nº 36, jan-abril/2000. São Paulo</p>
<p>Título Autor/es Resumo</p>	<p>A ritualização do pertencimento – o “paraíba” e seus espaços Fernando Cordeiro Barbosa</p> <p>O trabalho e a residência para os migrantes, mais do que para os demais trabalhadores, têm uma estreita relação de dependência mútua (Sayad, 1992). Essa interdependência leva os trabalhadores a terem como uma das alternativas para a efetivação dos projetos intrínsecos à migração, a inserção em atividades produtivas que ofereçam a moradia (Barbosa, 2000). Não é por menos que as ocupações de empregada doméstica e de empregado de edifício são apontadas pelos estudiosos da migração, como Durham (1984) e Garcia Júnior (1989), como atividades potencialmente absorvedoras de mão-de-obra migrante. Os trabalhadores aderem a essas ocupações por diferentes interesses, valores e agentes mediadores. Dentre esses motivos destacam-se o capital social propiciado pelas relações de parentesco e amizade, a desqualificação técnica para a execução de serviços que não se inscrevem em sua trajetória camponesa e certas similitudes com as relações existentes no espaço social de origem, como a pessoalização da relação de trabalho, bem como as estratégias adotadas por esses trabalhadores para a implementação dos projetos vislumbrados, como se bem traduz na articulação entre trabalho e residência. A inserção nessas ocupações que</p>

Ano/Edição	<p>articulam casa e trabalho implica não apenas a constituição dos migrantes como trabalhadores, mas também como moradores. O “morar no trabalho”, “morar em casa de família” e “morar no prédio”, conforme os termos utilizados pelos entrevistados, conduz esses trabalhadores a serem moradores de espaços enobrecidos, como a Zona Sul do Rio de Janeiro, lugar esse habitualmente relacionado à camada média carioca. O fato desses trabalhadores residirem nesses espaços tem suas implicações, como veremos a seguir, uma vez que o local de residência é simbolicamente investido de sentidos e valores, conforme pode ser percebido na literatura sobre espaços sociais de trabalhadores.</p> <p>Ano XIII, nº 38, set-dez/2000. São Paulo</p>
Título	Demarcando fronteiras
Autor/es	Sidney Antonio da Silva
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XV, nº 44, set-dez/2002. São Paulo
Título	Mais estrangeiros que os outros? Os japoneses no Brasil
Autor/es	Célia Sakurai
Resumo	<p>Ao refletir sobre a presença dos japoneses no Brasil, fica evidente que, pelo fato de serem mais estranhos, mais diferentes, são também, um grupo de grande visibilidade na trama da sociedade, sendo permanentemente cercados pela curiosidade, espanto, ou apoio. Os japoneses têm um lugar controverso na história recente do Brasil, que pode tanto ir da admiração como ao desprezo. Historicamente pode-se afirmar que foram interlocutores privilegiados para as elites nacionais debaterem questões cruciais do país, sobretudo no período até a Segunda Guerra Mundial. No período após a guerra, há uma diluição do grau de estranhamento até pela própria convivência com a sociedade abrangente e também pela tendência geral de se ir aparando as arestas das diferenças culturais e raciais. O objetivo deste artigo é repassar alguns dos mais importantes diálogos empreendidos entre esse grupo de imigrantes e a sociedade que os recebeu. Nesse trajeto, as muitas identidades dos nipo-brasileiros vão se forjando e tomando corpo no movimento permanentemente intercâmbio com a sociedade brasileira.</p>
Ano/Edição	Ano XV, nº 44, set-dez/2002. São Paulo

Título	Espírito Uchinanchu: okinawanos em São Paulo
Autor/es	Sonia Maria de Freitas
Resumo	O presente texto' aborda a imigração okinawana dentro da história do processo imigratório em São Paulo, São aqui apresentadas as peculiaridades e as especificidades dessa imigração, bem como a saga dos imigrantes de Okinawa em São Paulo; sua origem, a viagem, destino, trabalho no campo e na cidade, lazer, religião, cultura e preconceitos e a reconstrução da identidade étnica para os descendentes da primeira e da segunda gerações.
Ano/Edição	Ano XV, nº 44, set-dez/2002. São Paulo
Título	Estrangeiro – gringo – brasileiro: aproximação e afastamento entre brasileiros e não-brasileiros
Autor/es	Thaddeus Blanchette
Resumo	No pensamento popular brasileiro, o conceito de “étnico” se refere ao que não é completamente brasileiro, mas que existe em território brasileiro. Quando “étnico” é aplicado às conglomerações humanas, ele referenda formas de vida social que são marcadamente diferentes daquelas entendidas como brasileiras, mas que fazem parte do cotidiano nacional. Se aplicado aos objetos, idem: a comida étnica é aquela que, por uma razão ou outra, não consideramos como completamente brasileira, mas que podemos degustar no Brasil. Podemos dizer então que, para ser étnico, uma pessoa, objeto, ou fenômeno há de sinalizar uma ligação dupla, uma conexão simultânea com o Brasil e também com uma outra entidade considerada como não-brasileira. O étnico tem a ver com que está no Brasil, mas que também é estranho ao Brasil. Hoje em dia, “étnico” também é popularmente usado para indicar pessoas e fenômenos não necessariamente reconhecidos como tendo origem no “estrangeiro”. O caso da arte “étnica” afro-brasileira ou indígena é um exemplo disso. Tipicamente, porém, étnico está ligado ao estrangeiro no pensamento popular, tido como o resultado de uma aproximação inacabada elou parcial deste com o Brasil. Nessa visão de mundo, ele se transforma em étnico através de sua incorporação ao novo país. Vale a pena, então, indagar o que é um estrangeiro e como ele é incluído no Brasil.
Ano/Edição	Ano XV, nº 44, set-dez/2002. São Paulo

Título	Adaptação pioneira dos imigrantes da Letônia na Terra Prometida
Autor/es	Henrique M. Silva
Resumo	Embora as colônias agrícolas de imigrantes europeus tenham marcado profundamente a evolução e a identidade das províncias do Sul do país, elas também se fizeram presentes, ainda que em proporção menor, em São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo, e tiveram papel importante na evolução social, econômica e política das regiões onde foram inseridas. Neste artigo enfocaremos uma colonização ocorrida no estado de São Paulo.
Ano/Edição	Ano XV, nº 44, set-dez/2002. São Paulo
Título	O imigrante árabe: uma etnografia das famílias
Autor/es	Janie Kiszewski Pacheco; Lenora Silveira Pereira
Resumo	Entre as últimas três décadas do século XIX até meados dos anos 40 do século XX teriam entrado mais de cem mil imigrantes “turcos” no Brasil. Esses ‘turcos”, na quase totalidade, eram imigrantes sírio-libaneses, pois até 1892 todos os indivíduos oriundos das regiões do império turco-otomano foram classificados indistintamente como “turcos” e posteriormente passaram a ser designados como “árabes”. Nossa intenção inicial não é tratar do tema da imigração árabe, mas contextualizá-la histórica e sociologicamente a fim de compreendermos o processo de integração deste imigrante à realidade nacional para, a seguir, considerarmos a “família árabe” em três obras de ficção: Lavoura Arcaica, Dois Irmãos e Nur na Escuridão, de Raduan Nassar, Milton Hatoum e Salim Miguel, respectivamente. Ao contrário de outros grupos de imigrantes, para Truzzi, a imigração dos sírio-libaneses foi ‘espontânea e individual” (Veja 04/10/2000:125). Tal argumento é corroborado pelo estudo de Safady ao afirmar que ‘não houve, no sentido próprio da expressão, imigração árabe ² para o Brasil” (1994:36). Segundo ele, a imigração de japoneses, italianos e alemães se deu em decorrência de um entendimento anterior entre o governo brasileiro e os governos de onde provinham os imigrantes. Muitos vieram para substituir a mão-de-obra escrava nas fazendas, especialmente após a abolição da escravatura em 1888, Ao chegarem no Brasil, esses imigrantes receberam moradia, trabalho e até um salário antecipado. No entanto, como assinala Safady, “isso não aconteceu no caso dos árabes,

Ano/Edição	que tiveram de buscar seus próprios meios de sobrevivência' (1994:37). Ano XV, nº 44, set-dez/2002. São Paulo
Título	A “Colônia Alemã” do Rio de Janeiro pelas lentes do Clube Germana
Autor/es Resumo	Marina Michahelles pode parecer uma novidade, mas já vem de longe a presença de imigrantes alemães na cidade do Rio de Janeiro. Segundo Carlos Fouquet, a cidade tem a “colônia alemã urbana” mais antiga do Brasil. O primeiro núcleo de indivíduos de origem germânica teria começado a se formar a partir de 1808, como diversos outros grupos de estrangeiros, atraídos pelas possibilidades de desenvolver atividades comerciais em decorrência da abertura dos portos ¹ . A “colônia alemã” teria se consolidado em 1821, com a fundação da Gesellschaft Germania (Sociedade Germania, também conhecida vulgarmente por Clube Germania). Essa agremiação ou clube de caráter social, formado principalmente por homens de negócio ligados ao grande comércio, era frequentado por parte dos 200 indivíduos denominados “alemães” e 100 suíços, que constam no Registro de Estrangeiros como residentes na cidade em 1822 (Fouquet, 1974: 47). Nesse período, é possível que a popularidade de Leopoldina da Áustria atraísse a presença dos assim chamados “alemães” para a cidade, em função da origem germânica da imperatriz. Quando se trata de imigração alemã em metrópoles como Rio de Janeiro e São Paulo, aborda-se um fenômeno distinto do que ocorreu para os núcleos coloniais alemães no sul do país. Nesses últimos, a imigração se caracterizou por uma política específica, dirigida para a captação de famílias formadas principalmente por agricultores. Já para os centros urbanos, além da fixação de imigrantes não ter tido uma base familiar, não recebeu tal estímulo e subvenção para o estabelecimento da população estrangeira. O Rio de Janeiro nesse sentido tinha ainda um status especial no que diz respeito ao plano político, econômico e geográfico. Como distrito federal, a cidade concentrava após a Primeira Guerra Mundial um terço do comércio e da indústria do país, sendo ainda porto e porta do Brasil.
Ano/Edição	Ano XV, nº 44, set-dez/2002. São Paulo

Título	Marcando diferenças para forjar semelhanças – os descendentes de imigrantes italianos em Caxias do Sul-RS
Autor/es Resumo	<p>Miriam de Oliveira Santos</p> <p>A cidade de Caxias do Sul costuma ser referenciada como um modelo da imigração italiana para o Rio Grande do Sul. Se a palavra modelo” for interpretada como um padrão desejado, um exemplo a ser seguido, pode até ser. Se pensarmos em Caxias do Sul como um “tipo-ideal” weberiano, estaremos muito longe da verdade, porque a colonização de Caxias do Sul possui inúmeras particularidades em relação às demais. Se pensarmos na definição de grupo étnico de Seyferth (1986, p.530) em que ela aponta como fundamentais tanto uma identidade distintiva atribuída, quanto uma cultura, origem e história comum, verificaremos que a rigor não se pode categorizar os descendentes de imigrantes italianos de Caxias do Sul, como um grupo étnico, já que lhes falta uma identidade distintiva atribuída. No entanto a mesma autora ao definir etnia afirma que este termo “é empregado na literatura antropológica para designar um grupo social que se diferencia de outros grupos por sua especificidade cultural. “ (Seyferth, 1986, p.435) Portanto, de maneira análoga a que Morales aplica aos nordestinos na feira de São Cristóvão do Rio de Janeiro, podemos alegar que: “a rigor não se está tratando de etnicidade nem de grupo étnico. Mas, numa visão de dentro, (...) se vê que o grupo (...) tem uma lógica e valores diferentes do grupo que o circunda. “ (Morales, 1993, p.6).</p>
Ano/Edição	Ano XV, nº 44, set-dez/2002. São Paulo
Título	Identidade, estereótipo e políticas – o caso dos Rom na Itália
Autor/es Resumo	<p>Nando Sigona</p> <p>Como as políticas contribuem para a reprodução e consolidação dos estereótipos? Como, por sua vez, os estereótipos tornam-se fatores de legitimação para as próprias políticas? Como, ainda, ambos influenciam a identidade dos indivíduos e dos grupos que pretendem explicar e governar? Este artigo explora tais interrogações, em particular quanto ao caso dos rom na Itália, enfocando como o discurso público sobre ‘ciganos’ e “nômades”, alimentado por estereótipos e preconceitos antigos e novos, tornou-se a base para políticas sociais discriminatórias que permitiram a manutenção de um estado de pobreza e segregação, favorecendo por vezes diretamente a marginalização das comunidades rom. Como destaca Piasere (2004, 4), “a categoria ‘cigano’ parece portanto uma</p>

Ano/Edição	<p>identidade externa, a ser desconstruída e depois reconstruída englobando-se diversos movimentos rom; esta construção 'externa' deve ser um ponto de partida já que, devido a ela, os rom compartilharam destinos análogos na Europa." A presente intervenção enfoca tais processos e indaga como políticas sociais e estereótipos contribuíram, conjuntamente, para a construção daquelas identidades burocráticas utilizadas pelo sistema político para fins de governo e controle. Mas há ainda uma outra face da moeda. Retomando uma frase de Zetter (1991, 40), o artigo questiona "como a identidade se forma, se transforma e é manipulada dentro do contexto definido pelas políticas públicas e, sobretudo, pelas práticas burocráticas".</p> <p>Ano XVIII, nº 51, jan-abril/2005. São Paulo</p>
<p>Título</p> <p>Autor/es</p> <p>Resumo</p>	<p>A (re)invenção de identidades no processo de integração de imigrantes latino-americanos</p> <p>Cristina Wulfhorst</p> <p>O estudo da migração como realidade sociocultural e suas implicações subjetivas está despontando como grande necessidade em escala mundial, considerando a intensidade dos fluxos migratórios e as características diferenciadas de décadas atrás. A globalização das migrações significa que cada vez mais países afetam-se e estão envolvidos simultaneamente nos processos de migração, o que impossibilita sua análise através de uma visão estritamente nacional, a qual sustenta as políticas migratórias,</p> <p>A presença hispano-americana¹ no Brasil não é um fenômeno novo, mas tem mantido uma certa regularidade, mesmo a partir dos anos 30, quando a maioria dos países da região adotou políticas migratórias protecionistas (Silva, 2001 p. 490). O lento crescimento econômico latino-americano tem sido um dos principais propulsores para a decisão migratória, sendo que, segundo Bonassi (2000), a maioria das imigrações dentro do Mercosul são forçadas, provocadas pela pobreza, conflitos, guerras internas, perseguições ideológicas e políticas dos regimes militares. Mas há ainda outros motivos que precisam ser considerados, como: a construção de um imaginário em relação à formação do Mercosul, que remete a uma suposta facilidade de mobilidade entre os países integrantes; o transporte de baixo custo; oportunidade de trabalho e estudo e questões afetivas. Além disso, a construção de redes sociais passa a ser um dos fatores decisivos na escolha de um local para imigrar. Por conta disso, as teorias imigratórias reducionistas, como a classificação dicotômica por imigração</p>

Ano/Edição	<p>voluntária e involuntária, não se sustentam mais para explicar a complexidade dos movimentos migratórios, nos quais o involuntário e voluntário, o desejo e o não-desejo aparecem mesclados. Isto nos leva a perceber outros modos possíveis de subjetivar a experiência migratória e as “identidades” que ali podem ser (re)inventadas.</p> <p>Ano XVIII, nº 53, set-dez/2005. São Paulo</p>
Título	Alteridades e identidades, diferenças e distinções: o jogo de espelhos do reconhecimento social e político
Autor/es	Sidnei Marco Dornelas
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XIX, nº 56, set-dez/2006. São Paulo
Título	identidad, clase y migraciones: una aproximación a partir del contexto migratório colombiano
Autor/es	Leonardo Bejarano Rodriguez
Resumo	<p>El texto que ofrecemos a continuación es una exploración abierta que busca generar reflexión y debate en torno a las categorías de identidad y clase como procesos de clasificación social heterogéneos y discontinuos. En una primera parte realizaremos algunas aclaraciones conceptuales alrededor de las implicaciones del denominado nacionalismo metodológico en la comprensión de las migraciones y como éstas deberían entenderse ante todo como una forma de movilidad. Posteriormente, veremos cómo las nociones de identidad y clase, a través de las migraciones, adquieren relevancia y complejidad. Por último, utilizaremos algunas pistas que hemos observado en nuestro trabajo de campo en Toulouse (Francia) y Barcelona (España) con personas de origen colombiano pertenecientes a una minoría privilegiada en su sociedad de origen para mostrar, a manera de ejemplo, las relaciones existentes entre las nociones de identidad y clase cuando los contextos que explican, permiten y legitiman las desigualdades sociales cambian a través de la experiencia migratoria.</p>
Ano/Edição	Ano XIX, nº 56, set-dez/2006. São Paulo
Título	identidad, alteridad y prácticas culturales: colectivo uruguayo en Madrid
Autor/es	Karina Baggio Paredes
Resumo	La temática de las identidades/ alteridades nos presenta el desafío de encontrar caminos para su comprensión que den

Ano/Edição	<p>conta de su complejidad, sus múltiples dimensiones y la articulación dinámica de los actos que las constituyen. En este trabajo consideraré algunas narrativas surgidas en el trabajo de campo que vengo realizando con uruguayos que residen en la Comunidad de Madrid¹ a propósito de pensar sobre estas temáticas.</p> <p>Ano XIX, nº 56, set-dez/2006. São Paulo</p>
<p>Título</p> <p>Autor/es</p> <p>Resumo</p> <p>Ano/Edição</p>	<p>Migraciones internacionales: alteridades y ciudadanía</p> <p>Enrique Satamaria; Leonardo Cavalcanti</p> <p>Hablar de convenciones y de figura social es plantear que aquello de lo que se está hablando no es algo dado ni evidente en sí mismo. Lejos de ello, ‘inmigración’, “Inmigrante”, ‘extracomunitario’, pero también ‘otros’, ‘alteridad’ o incluso “ciudadanía” son términos a los que habitualmente recurrimos para dar cuenta de ciertos seres y aconteceres sociales y en las que se emboscan toda una serie de procesos sociopolíticos y cognitivos que normalmente pasan desapercibidos, y que son los que les dan el múltiple y polivalente significado que hoy por hoy estos términos tienen. Desde nuestra perspectiva, no es, en absoluto irrelevante plantearse preguntas como ¿qué y quién es un “inmigrante”? ¿Cómo percibimos, pensamos e imaginamos la “inmigración” y a los migrantes? ¿Cómo hemos llegado a percibir, pensar e imaginar la “inmigración” y a los migrantes tal y como lo hacemos? En definitiva, ¿qué implicaciones políticas tiene todo ello? O, dicho de otro modo, ¿cómo se traduce en relación con la ciudadanía? Para reflexionar sobre éstas y otras cuestiones, lo haremos tomando como punto de partida algunos de los matices del fenómeno migratorio en España. En los últimos años, hemos asistido a la progresiva configuración sociopolítica de un fenómeno social, al que tras la incorporación de España a la hoy denominada Unión Europea se ha acabado denominando “inmigración no comunitaria”. Un fenómeno que, si bien en un principio era considerado socialmente insignificante, algo anecdótico e incluso exótico, a partir de mediados de los años ochenta, ha ido adquiriendo un progresivo protagonismo en la vida social y en el imaginario de la sociedad española, hasta el punto de que hoy damos por sentado que España, como suele afirmarse ampulosamente, es un “país de inmigración”.</p> <p>Ano XIX, nº 56, set-dez/2006. São Paulo</p>

Título	Ciudadanía e identidade europea desde una perspectiva transnacional
Autor/es	Carlota Solé Puig; Sònia Parella Rubio
Resumo	Porello, este artículo pretende explorar distintas aproximaciones teóricas a la ciudadanía de residencia (iLLS doncililii) y se centra en una revisión del concepto de ciudadanía que, amparándose en una perspectiva transnacional, sea capaz de vehicularse a partir de una identidad europea cotupartida, compatible con las múltiples identidades (Brewer, 1999), pertenencias y prácticas colectivas de los ciudadanos en distintos espacios sociales y territoriales a la vez.
Ano/Edição	Ano XIX, nº 56, set-dez/2006. São Paulo
Título	Entre la alteridade y el crisol: la inmigración en Argentina
Autor/es	Paola Carolina Monkevicius
Resumo	Tomemos como caso a la comunidad lituana? Nadie dudaría hoy que los lituanos pertenecen, aunque en un lugar secundario, al componente europeo que dio origen a la característica composición poblacional argentina. Como ejemplo, podemos decir que participan activamente de las fiestas y ferias de “colectividades” ³ donde se reúnen los diferentes grupos de origen trasatlántico, además integran la selectiva asociación de entidades extranjeras de Berisso ⁴ , siendo parte activa de la organización de la fiesta provincial del inmigrante en esa ciudad. Sus expresiones folclóricas son desarrolladas y expuestas en conmemoraciones y festivales a nivel municipal, provincial y nacional para representar el aporte cultural para inmigratorio. Sin embargo, la “entrada” de los lituanos al molde del crisol no se produjo de manera unilineal. Las disputas y debates ideológicos sobre la definición de la identidad argentina y el lugar del inmigrante europeo afectaron también las representaciones sobre el lituano en tanto “otro” étnico. Los criterios para definir la mismidad alteridad oscilaban al ritmo de las construcciones hegemónicas de nacionalidad. Por lo tanto, en este artículo me propongo analizar cómo se fueron modificando esos criterios, desde una alteridad claramente “marcada” hasta la posibilidad de invisibilización actual que implica la inclusión en el crisol en tanto “colectividad europea”. Para tal fin consideraré básicamente dos momentos: la etapa en la cual se produjo la mayor entrada de inmigrantes lituanos (décadas de 1920 y 1930) analizando el rol de los intelectuales y los dirigentes en la construcción y definición del inmigrante

Ano/Edição	lituano, y la etapa presente, observando básicamente cómo las construcciones hegemónicas de alteridad, donde la utopía del crisol aún ocupa un lugar central, son reproducidas desde la prensa nacional y sus discursos mediáticos. Ano XIX, nº 56, set-dez/2006. São Paulo
Título	Identidade e alteridade religiosas na experiência migratória
Autor/es	Roberto Marinucci
Resumo	Na primeira parte deste artigo, vamos analisar as características e as conseqüências que a saída da própria terra comporta para o migrante, principalmente, no que se refere à sua prática religiosa. Para isso, lançaremos mão da análise de Peter Berger. Na segunda parte, aprofundaremos a dialética entre identidade e alteridade religiosa, em busca de uma visão da religião que estimule e sustente o migrante no seu encontro dialético com a alteridade.
Ano/Edição	Ano XX, nº 57, jan-abril/2007. São Paulo-SP
Título	“Eu sou daqui, meus pais não!”
Autor/es	Sílvio Marcus de Souza Correa; Karin Elinor Sauer; Carina Santos de Almeida
Resumo	Nas últimas décadas, houve um aumento dos estudos sobre juventude no Brasil, especialmente no campo da sociologia. Até a década de 70, de um modo geral, havia poucos trabalhos sobre a questão juvenil no Brasil. Mas refletir sobre a condição juvenil implica uma compreensão polissêmica da juventude. No Brasil, há jovens que residem em espaços distintos: cidades pequenas, médias e grandes, meio rural e urbano. Assim, a juventude brasileira apresenta inúmeras formas de diferenciação como gênero, pertencimento étnico, origem social e geográfica. Tal diversidade não é apanágio de jovens metropolitanos. Nas cidades de pequeno e médio porte tem-se uma juventude plural em espaços singulares, onde a condição juvenil não é homogênea (Catani, 1998; Vasconcelos, 2002; Correa, 2007; Novaes, 2006). Se, por um lado, a juventude apresenta condições desiguais em termos socioeconômicos, culturais e espaciais, a desigualdade advinda pela trajetória de jovens marcada ou não ela migração também se manifesta na sociedade ampla. Os jovens relacionados à migração, direta ou indiretamente (via parental), apresentam trajetórias ou mesmo narrativas familiares similares em alguns aspectos. Entre os jovens migrantes e aqueles de “segunda geração”, as diferenças

Ano/Edição	podem se expressar, por exemplo, pelo tempo de residência na sociedade acolhedora. Ano XX, nº 59, set-dez/2007. São Paulo
Título	A segregação na dialética da alteridade
Autor/es	Sidnei Marco Dornelas
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XXI, nº 62, set-dez/2008. São Paulo
Título	Formação de um duplo narciso ou angustia em terra estrangeira
Autor/es	Marcela Jussara Miwa
Resumo	O narcisismo pode ser compreendido como uma defesa do ego ao deparar-se com o diferente, o estranho ou frustrações. Tal defesa recorre a mecanismos, por vezes inconscientes, de negação da realidade — ou do outro — buscando refúgio em idealizações, fantasias, dissociando-se da realidade (ver p. ex. Rosenfeld, 1989 e Symington, 2003). O presente texto procura ilustrar como, no período da imigração japonesa, podem-se localizar dois grupos distintos com defesas narcísicas. De um lado, os brasileiros da campanha antinipônica, o que denomino “narcisismo verde-amarelo”, que negavam, e mesmo, rejeitavam os estranhos japoneses. E por outro lado, até como reação ao antiniponismo e aos problemas de adaptação, os imigrantes, que não aceitavam a realidade brasileira e refugiavam-se em colônias, cultivando valores da pátria que deixaram, idealizando um Japão poderoso. Nas linhas seguintes pretendo retomar algumas passagens tanto do movimento antinipônico, como também dos primeiros anos das vidas dos japoneses, em nosso país, no intuito de demonstrar a possibilidade de reler esses eventos históricos como mecanismos de defesa egóica.
Ano/Edição	Ano XXI, nº 62, set-dez/2008. São Paulo
Título	Ver-se nos olhos do outro: gênero, raça e identidade brasileira no estrangeiro
Autor/es	Cláudia Barcellos Rezende
Resumo	Neste artigo, examino como a articulação entre identidade nacional, gênero e raça aparece no discurso de um grupo de brasileiros que fez seu doutorado no exterior. A partir da condição de ser estrangeiro em outro país, analiso como a identidade brasileira é percebida de forma marcada pelo gênero e pela raça, marcas estas vivenciadas de modo

Ano/Edição	ambíguo. Em particular, procuro compreender o que significa afirmar, como a maioria fez, que eles não têm “aparência” de brasileiro. Em termos teóricos, está em questão a dimensão contrastiva na elaboração das identidades nacionais e o modo como o gênero e a raça são constitutivos de um tipo nacional. Ano XXIII, nº 66, jan-jun/2010. São Paulo
Título	Saboreando o Brasil em Londres: comida, imigração e identidade
Autor/es Resumo	Graça Brightwel Estudiosos da emigração brasileira em diferentes contextos geográficos já apontaram para o papel singular que a comida possui na construção e manutenção da(s) identidades brasileiras em situações de deslocamento. Este texto apresenta algumas considerações retiradas de leituras, observações de campo e reflexões sobre as minhas próprias experiências gastronômicas como imigrante e pesquisadora brasileira em Londres. Os atos de comprar, preparar e comer alimentos familiares, quando se vive em outro país, podem mexer com emoções e memórias profundas estabelecendo uma conexão com outros tempos e lugares. Estas memórias podem trazer saudade de lugares, pessoas e experiências anteriores, incitando o desejo de voltar ao país de origem. Ou talvez estas lembranças sejam dolorosas, melhor que sejam esquecidas. Estas memórias formam, portanto, uma ponte entre o velho e o novo. A familiaridade proporcionada pela busca de ingredientes, o modo de preparar os alimentos e a maneira como são consumidos auxilia no processo de adaptação proporcionando que a pessoa se sinta em casa em um país estrangeiro.
Ano/Edição	Ano XXIII, nº 66, jan-jun/2010. São Paulo
Título	Ciganos, Roma e Gypsies: categorias de atribuição e classificação identitárias
Autor/es Resumo	Mirian Alves de Souza O objetivo deste artigo é apresentar algumas considerações sobre a categoria étnica cigano, realçando que aqueles identificados por ela possuem consideráveis diferenças sociológicas e culturais entre si. A partir de uma pesquisa etnográfica que compreende famílias que se autoclassificam como calon, horarano, kalderash (entre outras formas de autodesignação) e, sobretudo, lideranças políticas, exponho a

Ano/Edição	relação entre classificações estatais, prática transnacionais e sujeitos cujo processo de construção identitária tem a ver com a identidade cigana geral, fortemente marcada por estereótipos. Ano XXIII, nº 67, jul-dez/2010. São Paulo
Título	Na pia batismal: tradição e identidade étnica nas práticas de transmissão de nomes de batismo em um grupo de imigrantes italianos
Autor/es	Fábio Augusto Scarpim
Resumo	O presente artigo tem como eixo central a análise das práticas de nomeação em um grupo de imigrantes e descendentes de italianos no município de Campo largo, Paraná, no final do século XIX e início do XX. O objetivo deste artigo é entender como se processaram as práticas de transmissão de nomes de batismo no interior do grupo, analisando a frequência dos prenomes dados a meninos e meninas no decorrer de cinquenta anos. A análise da frequência dos prenomes masculinos e femininos no interior do grupo foi realizada a partir dos registros paroquiais (atas de batismo, casamentos e óbitos) sistematizados pela metodologia de reconstituição de famílias, oriunda da demografia histórica.
Ano/Edição	Ano XXIV, nº 69, jul-dez/2011. São Paulo
Título	O parangolé e a expressão da identidade migrante
Autor/es	Vera Horn
Resumo	O artigo analisa o romance Porto il velo adoro i Queen (2008), de sumaya abdel Qader, italiana de origem jordaniana e palestina, no qual procura desconstruir os estereótipos relacionados a essa condição dupla e aos “fardos” identitários que lhe são impostos. a consciência de estar ao mesmo tempo dentro e fora leva a protagonista da obra a questionar os conceitos de identidade cultural, casa e pertencimento e a refletir sobre o desafio de viver uma identidade complexa em um processo de contínuas mudanças e construções. Busca-se estabelecer relações com o parangolé, criação artística de helio Oiticica, em 1964, que só se revela inteiramente na interação com o usuário. O conceito de identidade em caminho expresso por agualusa, as identidades fragmentárias de stuart hall ou a “celebração móvel” da identidade levada a cabo pela protagonista da obra literária, associam-se à dimensão móvel do parangolé, que se transforma continuamente e não demarca um território.
Ano/Edição	Ano XXV, nº70, jan-jun/2012. São Paulo

Título	Mangia che te fa bene! Comida e identidade entre os descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul
Autor/es Resumo	Maria Catarina Zanini; Miriam de Oliveira Santos Neste artigo, analisamos o papel da comida para os descendentes de italianos que migraram para o Rio Grande do Sul em finais do século XIX e início do século XX. No sul do Brasil, os imigrantes europeus se instalaram em pequenas colônias que, embora dentro dos parâmetros da política de colonização brasileira, buscavam reproduzir o modelo camponês europeu. Esses imigrantes eram, em sua maioria, camponeses pobres, católicos e provenientes do norte da Itália. Uma migração familiar marcada pela expectativa da <i>cucagna</i> , da terra em que os salames nasceriam em árvores e a conquista da riqueza seria uma questão de tempo e algum trabalho. Ou seja, além de ascenderem socialmente e tornarem-se proprietários, aquelas populações queriam comida e a queriam em abundância. Acreditamos que a ênfase na fartura representa a prosperidade e o desejo de perpetuá-la, mas também sinaliza para a diferenciação cultural e a simbologia da migração que deu certo.
Ano/Edição	Ano XXVI, nº 72, jan-jun/2013. São Paulo
Título	Dicotomias, identificaciones y migraciones en las Américas (Ensaio)
Autor/es Resumo	Leonir Mario Chiarello Este artículo analiza el rol de las migraciones en identificaciones dicotómicas entre América del Norte y América Latina. Considerando las migraciones internacionales como factores y, al mismo tiempo, consecuencia de las narrativas histórico-culturales dicotómicas entre América del Norte y América Latina, el artículo concentra su análisis en tres momentos históricos específicos durante los cuales las migraciones internacionales y las identificaciones dicotómicas interactuaron en forma más evidente: a) fines del siglo XIX, cuando ingresaron significativos contingentes de migrantes europeos al continente americano, b) siglo XX, cuando Estados Unidos se convirtió en el nuevo “Norte” de la migración continental, y c) el periodo actual, en el que los inmigrantes latinoamericanos residentes en Estados Unidos son percibidos como una amenaza para la seguridad nacional y cultural.
Ano/Edição	Ano XXVI, nº 72, jan-jun/2013. São Paulo

Título	É como pertencer a um lugar que nunca foi seu. Deportados negociando imobilidade involuntária e condições de retorno a Cabo Verde
Autor/es Resumo	Heike Drotbohm Baseado em pesquisa antropológica em Cabo Verde, um pequeno país insular no oeste africano, este capítulo trata da deportação de migrantes não cidadãos e seu retorno involuntário para seus países de origem. Esta ação estatal atualmente constitui um elemento importante na conexão de sociedades e práticas estatais principalmente na Europa ou na América do Norte, com a subsistência no chamado Sul Global. Enquanto alguns desses migrantes deportados permaneceram nos países de destino por alguns meses ou anos, antes de serem retornados pela força do Estado, muitos passaram os anos de formação no exterior. Portanto, no dia de sua chegada, seus países de origem pareceram lugares estrangeiros, com línguas, códigos de conduta social e hábitos de consumos não familiares. Este artigo aborda o modo específico de retorno dessas pessoas, seus esforços de reintegração, suas habilidades em utilizar as experiências de migração anteriores para construir novas relações sociais, e sua renegociação de pertencimento em campos sociais transnacionais.
Ano/Edição	Ano XXVIII, nº 75, jul-dez/2014. São Paulo

IMPrensa/MÍDIA

Título	A Penna contra a emigração
Autor/es Resumo	Ely Souza Estrela Estima-se que mais de 17% das pessoas nascidas na Bahia vivem fora do estado. Desse montante não se sabe quantos vivem ao certo no estado de São Paulo. Sabe-se entretanto, que vivem na região metropolitana, marcando com sua presença não somente o ABC paulista, mas principalmente os bairros mais periféricos da cidade de São Paulo. A participação das regiões da Bahia no contingente populacional que se deslocou para São Paulo não é uniforme. Não se dispõe de dados atualizados sobre o número de indivíduos que partiram de cada uma das regiões do estado da Bahia em direção a São Paulo; amostragem elaborada por Antonio Jordão Neto e Santa Helena Bosco, bem como a tabela publicada por Jorge

Ano/Edição	<p>Calmon mostram que o maior número de pessoas que deram entrada na Hospedaria dos Imigrantes Visconde de Parnahyba eram provenientes das zonas fisiográficas da Serra Geral e Chapada Diamantina. Em linhas gerais, essas regiões formam a área que, na “geografia imaginária” das comunidades sertanejas, é compreendida como alto sertão da Bahia. Esta região, juntamente com o Rio São Francisco, constituía-se em verdadeira porta de entrada/saída de população da Bahia em relação ao centro-sul do país, até mais ou menos a abertura da Rodovia Rio-Bahia, em fins da década de 1940, e a desativação do transporte de passageiros da Viação Estrada de Ferro Leste Brasileiro - em meados da década de 80.</p> <p>Ano XV, nº 43, maio-ago/2002. São Paulo</p>
Título	Um olhar sobre o trabalhador de kassegui: processo migratório e trabalho através da mídia étnica
Autor/es	Edson Ioshiaqui Urano
Resumo	O processo migratório ocasiona a formação de redes, conexões e sistemas de migração, no bojo de um amplo movimento de bens, capitais e serviços. Um dos componentes dessas redes são as mídias étnicas. Estas, como os demais meios de comunicação, acabam sendo um lugar de confluência de outras redes que constituem este movimento como, por exemplo, os agenciadores de mão-de-obra e as famílias de migrantes. O interesse do presente artigo está em ilustrar as mudanças ocorridas no processo migratório e no trabalho dos de kasseguis tendo como material as transformações de conteúdo constatadas na própria mídia. Mais especificamente, o jornal <i>International Press</i> , que possui edição em português e espanhol voltadas para a comunidade latino-americana no Japão,
Ano/Edição	Ano XV, nº 43, maio-ago/2002. São Paulo
Título	Os migrantes na imprensa alemã
Autor/es	Luisa Deponte
Resumo	A sociedade atual caracteriza-se cada vez mais por um rápido desenvolvimento da assim chamada “sociedade da informação”, na qual os meios de comunicação de massa adquirem um papel central na sua função de “observadores” e de “construtores” de realidade social, tanto assim que as interpretações que esses dão aos acontecimentos não só se tornaram indispensáveis para a compreensão do mundo

Ano/Edição	<p>real, como também repercutem sobre este modificando-o. A informação jornalística possui, portanto, grande responsabilidade quer em favorecer, quer em tornar mais conflitante o inevitável processo de encontro e de integração entre diferentes etnias no interior da sociedade.</p> <p>Ano XV, nº 43, maio-ago/2002. São Paulo</p>
Título	Mídia e migração: uma relação difícil
Autor/es	Lorenzo Prencipe
Resumo	<p>A imigração é mais do que um assunto atual. Ela é, em todos os lugares e em todos os momentos, o teste, a pedra de toque da qualidade democrática de uma sociedade” (RSF, 1992). Apesar desta profissão de fé de Paul Bouchet, antigo presidente da “<i>Commission Nationale Consultative des droits de l’homme</i>”, a abordagem que a mídia faz sobre a migração é caracterizada mais por questões em aberto do que por respostas efetivas. Como toda realidade social, o tema da imigração na Europa não escapa à complexidade e à dificuldade com relação à validade e à univocidade definitiva de suas chaves de leitura. O mal estar da mídia é o reflexo do mal-estar de toda a sociedade, que ainda não aceitou a imigração como um de seus principais elementos constitutivos</p>
Ano/Edição	Ano XV, nº 43, maio-ago/2002. São Paulo
Título	A imagem dos refugiados kosovares na imprensa italiana no período março – junho/1999
Autor/es	Kamila kowalska
Resumo	<p>No transcorrer da última semana de março de 1999, o mundo foi invadido pelas imagens televisivas dos albaneses que fugiam do Kosovo. As cenas apresentadas comoviam os numerosos espectadores do mundo todo e os repórteres de televisão, especialmente aqueles das maiores agências, entre as quais BBC, CNN, SKY, etc., informavam a respeito das tragédias de gente obrigada a deixar as próprias casas. Eram exibidas as imagens da destruição completa de refinarias, pontes, casas, fábricas e estações de TV. Em meio a isso tudo, podiam ser vistas as multidões de jovens que se manifestavam nas praças das cidades sérvias, cantando e proclamando slogans cheios de ironia, raiva mas também de humorismo. Em seguida se voltava ainda às imagens das casas destruídas, do trem que tinha sido bombardeado e dos rostos destruídos de albaneses em fuga, que se dirigiam em fila em direção às</p>

fronteiras...” (Lukovic,2000:7).

De um ponto de vista geral, não há dúvida de que o papel dos Meios de Comunicação, na difusão das informações a respeito dos acontecimentos de países diferentes e distantes, no que tange às guerras, os fugitivos, mas também a respeito da imagem dos estrangeiros, da imigração e da variedade das culturas é muito relevante e, outrossim, indispensável. As coisas, às quais um espectador por si só jamais poderia ter acesso, por motivos de língua e cultura, bem como pelas grandes distâncias, ou simplesmente pela periculosidade da situação em casos de conflitos, tudo isso vem superado através dos Meios de Comunicação, que nos trazem diretamente em casa qualquer imagem. A pergunta fundamental que se impõe é, porém, até que ponto a imagem transmitida reflete o objeto em questão de forma neutra e quando, pelo contrário, começa a condicionar o espectador. Para que a imprensa não tenda a reproduzir uma imagem estereotipada ou prejudicial dos estrangeiros e das diversidades, no decorrer do último decênio foram assinadas, na Itália, três cartas de princípios com relação à imprensa e imigração: a Declaração do compromisso de uma informação pluralista (1993-1994), a Carta de Ercolano (1995) e as Recomendações para uma informação não racista (1996). As regras anunciadas nesses documentos convidam os jornalistas a combater os estereótipos sobre a imigração, a abster-se de julgamentos que não sejam comprovados pelos fatos, a evitar julgamentos e discriminações na linguagem e nas manchetes e a levar em conta a mudança do sentido das palavras no tempo. Os resultados obtidos pelas pesquisas, no âmbito da relação dos Meios de Comunicação italianos e os imigrantes, entre eles, as pesquisas realizadas pelo Centro de Estudos Inter-culturais da Universidade de Verona nos anos 1998-2002; pelo Censis a respeito do tema dos imigrantes e das minorias étnicas nos Meios de Comunicação (realizado entre maio e setembro de 2001); pela agência ANSA, e também do estudo aqui apresentado, é mais que evidente que estes princípios nem sempre foram obedecidos e plenamente respeitados (Licata, 2003:128).

Ano/Edição

Ano XVIII, nº 51, jan-abril/2005. São Paulo

Título

Entre a subalternidade e a indignação: mídias produzidas por brasileiros nos Estados Unidos

Autor/es

Marina Pereira de Almeida Mello

Resumo

O propósito deste artigo é mostrar que as experiências de

emigrantes brasileiros radicados nos EUA, por meio de seus veículos de comunicação intragrupal, engendram maneiras peculiares de ser, ver e sentir o mundo. Tais cosmovisões caracterizadas por subjetividades em trânsito podem constituir aquilo que Boaventura de Sousa Santos define como ecologia de saberes, desde que interpretadas à luz de metodologias e teorias contra-hegemônicas de análise.

Ano/Edição Ano XXVI, nº 73, jul-dez/2013. São Paulo

Título **Imigração haitiana e a relação com comunicação, consumo e trabalho**

Autor/es **Cristóvão Domingues de Almeida**

Resumo O artigo tem como objetivo debater comunicação, consumo, trabalho enquanto processo de mediação dos imigrantes haitianos em São Paulo e compreender de que forma os haitianos se articulam para superar as desvalorizações, a precarização e a informalidade, uma vez que muitos deles têm qualificações, mas desenvolvem atividades laborais aquém das suas formações profissionais. Com base em observação e entrevista em profundidade com os haitianos é possível constatar que eles mantêm as expectativas de acesso ao mundo do trabalho e o desejo de melhorar as condições de vida, sendo que para isso mobilizam-se em redes migratórias. Evidenciamos que os usos e as articulações, através da comunicação face a face e das plataformas digitais, ajudam a superar as situações de desvalorização da força vital do trabalho, garantindo a permanência, fortalecendo as lutas e melhorando as condições de vida.

Ano/Edição Ano XXX, nº 80, jan-jun/2017. São Paulo

INDÍGENAS

Título **Os pankararé do brejo do burgo na cidade de São Paulo**

Autor/es **Lidia Izabel da Luz**

Resumo Este artigo trata da migração temporária de índios Pankararé de Brejo do Burgo para São Paulo, a partir de 1955. O Brejo do Burgo fica na Bahia, na região do Sertão de Paulo Afonso. Considerando a violência dos conflitos agrários que atinge os Pankararé, o artigo busca compreender como São Paulo significa para esta etnia indígena, um entre outros espaços que tiveram

Ano/Edição	de ocupar, ao longo de sua história, para continuar mantendo seus meios de vida no local de origem, reproduzidos segundo sua maneira própria e diferenciada de ser, de conceber e ordenar o mundo. Nessa medida, migrar é também uma forma de resistir; de continuar vivendo como desejam e como são. Ano I, nº 1, maio-ago/1988. São Paulo-SP
Título	Governo mente ao anunciar demarcação da área Yanomani (Denúncia)
Autor/es Resumo Ano/Edição	CIMI – Conselho Indigenista Missionário (Denúncia) Ano I, nº3, jan-abril/1989
Título	Nas terras Waimiri-Atroari – projetos de morte
Autor/es Resumo	Egydio Schwade Como todos os grandes projetos executados nos últimos 20 anos pelo governo e empresários na Amazônia, Balbina foi concebida nos gabinetes refrigerados de Brasília e Manaus. Em 1972, pelo menos oito aldeias Waimiri-Atroari ou Kinã localizavam-se na região do lago de Balbina, todas elas interligadas por varadouros que, por sua vez, como uma teia de aranha ligavam também as aldeias Karib da região Norte do país e países vizinhos. A partir de 1973, os Waimiri-Atroari já começaram a sentir os efeitos do projeto Hidrelétrico de Balbina. A FUNAI e o 6º Batalhão de Engenharia e Construção (BEC) começaram a reprimir os índios na margem leste da BR-174, impedindo-lhes o livre trânsito naquela parte de seu território tradicional. Começou aí a reação dos Waimiri-Atroari, que culminou com o massacre do sertanista da Funai, Gilberto Pinto e demais funcionários do Posto Abonari II, à exceção de um só. Este artigo apresenta os meandros desse violento processo de violação de direitos étnicos e territoriais dos Waimiri-Atroari engendrado pelo Estado brasileiro e empresas em nome do progresso.
Ano/Edição	Ano II, nº 6, jan-abril/1990. São Paulo
Título	O preconceito tecnológico e o conhecimento indígena da natureza
Autor/es Resumo	Eduardo Carrara Os índios ainda hoje. passados quinhentos anos do

Ano/Edição	<p>descobrimto da América (1492), são alvo de muitos preconceitos. O mais forte deles é o preconceito tecnológico do Ocidente, o qual caracteriza os índios das Américas como “sociedades primitivas”. Segundo interpretações de missionários, viajantes e precursores do estudo antropológico, tais eram vistas como possuidoras de uma tecnologia incipiente (domínio rudimentar sobre a natureza). de hábitos e costumes de povos não civilizados, isto é. “selvagens” e bárbaros”. Tratarei sucintamente da origem científica deste preconceito específico e de como se deve lançar um novo olhar sobre as culturas indígenas, Uma vez que a “cultura material” indígena também é elaborada através do pensamento e conhecimento que estes povos possuem da natureza, aqueles devem ser bases de sustentação de tecnologias avançadas que lidam hoje com o meio ambiente e seu desenvolvimento.</p> <p>Ano VII, nº18, jan-abril/1994</p>
Título Autor/es Resumo Ano/Edição	<p>Índios e territórios</p> <hr/> <p>Dirceu Cutti Editorial Ano IX, nº 24, jan-abril/1996. São Paulo</p>
Título Autor/es Resumo	<p>Viagens de ida, de volta e outras viagens: os movimentos migratórios e as sociedades indígenas.</p> <hr/> <p>João Pacheco de Oliveira A representação ocidental sobre o índio como um “primitivo” assegura a ordenação da diversidade humana e simultaneamente prescreve o destino das sociedades indígenas. Desintegração, assimilação, anomia e deslocamento populacional são as consequências previsíveis deste processo, onde o progresso apresenta-se como a resultante de uma tendência inelutável em abandonar a primitividade e adotar os modos de comportamento dados como mais “civilizados”. Uma tentativa muito limitada (embora libertária e bem intencionada) de modificar esta forma de pensar sobre as sociedades indígenas é trocar os sinais valorativos implícitos na história oficial. Para isso é possível beber em muitas fontes, entre elas a tradição indianista na literatura, o positivismo na versão rondoniana, como também recuperar uma vertente romântica do próprio pensamento social. Nessa via a “descoberta” ‘passou a ser descrita como a ‘ ‘conquista’ a epopeia da formação nacional foi substituída pela tragédia</p>

Ano/Edição	<p>da destruição da população autóctone. Ainda que tais formulações tivessem uma importante função politico-pedagógica ao contrapor-se aos discursos dominantes, muitas vezes tais mudanças não corresponderam a um avanço real no conhecimento daquele processo histórico, não aportando novos materiais etnográficos e documentais que tivessem uma efetiva capacidade explicativa, É importante precaver-se para que no futuro tais postulações não percam a condição de chaves interpretativas, sendo automatizados como atos simbólicos de mera reiteração identitária, que vêm a constituir-se cm uma frágil e insuficiente base para o estabelecimento de estratégias políticas eficazes para as sociedades indígenas.</p> <p>Ano IX, nº 24, jan-abril/1996. São Paulo</p>
<p>Título</p> <p>Autor/es</p> <p>Resumo</p>	<p>De como “chegar a ser gente”: etnicidade e hierarquia entre migrantes indígenas em Manaus</p> <p>Jorge O. Romano</p> <p>Os efeitos do crescente processo de urbanização, que se tem manifestado nos últimos cinquenta anos com o crescimento da migração das populações rurais e das pequenas cidades para os polos urbanos regionais de desenvolvimento industrial e comercial, também expressam-se entre os povos indígenas que mantêm contatos antigos com a sociedade nacional. A cidade de Manaus, no coração da Amazônia, é um desses polos, apresentando durante muito tempo um dos maiores ritmos de crescimento demográfico do país, concentrando um alto fluxo de migração extra e intra-regional, incluindo populações indígenas originárias de várias nações ou grupos como, por exemplo, Tukano, Apurina, Mura, Munduruku e Sateré-Mawé. Os problemas que se manifestam em Manaus, em torno dos conflitos que sofrem os migrantes indígenas, remetem-nos aos fenômenos de ‘eticidade” em áreas urbanas². A etnicidade é entendida como um conceito que cobre uma gama de fenômenos relativos a comportamentos e crenças de agentes condicionados pela situação de membros de povos ou etnias inseridas em sociedades receptoras. Na dimensão da estrutura social consideram-se as etnias enquanto relações que permitem delinear grupos de identidade minoritários nas diversas situações de contato interétnico onde o conflito - latente ou manifesto - é a qualidade distintiva. Na dimensão da identidade, a etnicidade remete ao plano das representações e das manifestações ideológicas. A identidade étnica é essencialmente contrastiva. Funciona como uma espécie de “condensador ideológico”</p>

Ano/Edição	que guarda a energia das contradições, as quais são produto tanto da 'linha étnica' ; como também, frequentemente, da "linha de classe". As relações conflitivas de dominação-sujeição, que se estabelecem a partir dessas contradições, são as que, em geral, conformam e caracterizam as identidades étnicas, estigmatizando a uma delas - como acontece com a identidade de "índio" - e dignificando a outra, em nosso caso, a de "civilizado"
Ano/Edição	Ano IX, nº 24, jan-abril/1996
Título	Os Kaingang do Paraná e seus deslocamentos cíclicos para o Mato Grosso do Sul
Autor/es Resumo	Kimiye Tommasino Este artigo refere-se a uma sociedade meridional e à experiência recente de alguns de seus membros como trabalhadores temporários no município de 13rasilândia-MS. Os Kaingáng dos Postos Indígenas Apucarana (município de Londrina), Barão de Antonina e São .Jerônimo (município de São .Jerônimo da Sena), localizados na região norte do Estado do Paraná, começaram a se deslocar para a Fazenda da Destilaria Brasilândia SIA-I) IF.13RASA há cerca de cinco anos, onde vão cortar cana-de-açúcar, Permanecem por períodos de dias e repetem essas viagens três a quatro vezes ao ano. Os Kaingáng pertencem ao tronco linguístico Jê e vivem hoje nas reservas Indígenas dos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. No total são cerca de 20 mil pessoas, No Paraná vivem pouco mais de oito mil, distribuídos em I I postos indígenas. Nossa pesquisa refere-se aos Kaingáng de três postos que se localizam na região norte do Estado do Paraná: Postos Indígenas Apucarana (município de Londrina), 13arão de Antonina e São Jerónimo (município de São Jerónimo da Serra).
Ano/Edição	Ano IX, nº 24, jan-abril/1996
Título	Por falar em paraíso terrestre
Autor/es Resumo	Alcida Rita Ramos Ao fim de sua quarta viagem ao Novo Mundo e até a hora da morte, Cristóvão Colombo estava certo de haver chegado à entrada do Paraíso Terrestre. Convenceu-se disso quando viu a foz de um grande rio, majestoso. amazónico. Era o Orinoco. A impressão foi tão forte que só o apelo ao divino pôde satisfazer os sentidos do comandante do Mar Oceano. Tamaña grandiosidade só poderia ser coisa de Paraíso, aquele portento líquido tinha que ser um dos quatro rios do Éden, se

Título	Na terra do aldeamento, na cidade, em todo o litoral: o movimento dos índios Tremembé
Autor/es Resumo	Alecsandro Ratts Os Tremembé estão entre os grupos indígenas que “ reapareceram’ no cenário cearense, desde a década de 80, após mais de cem anos de propaganda “extinção” oficial dos índios no Ceará. Quem fala cm Tremembé geralmente se refere a população indígena que mora em Almofala, local de um aldeamento do século XVIII e que hoje é distrito do município de Itarema, situado a 270km de Fortaleza. Os Tremembé de Almofala e aqueles que migraram para Fortaleza estão retornando os vínculos de parentesco no atual contexto da luta pela terra. Esta situação permite discutir território, cidade e visibilidade para os Tremembé.
Ano/Edição	Ano IX, nº 24, jan-abril/1996
Título	Os Kaxinawá e os Brabos: territórios e deslocamentos populacionais nas fronteiras do Acre com o Peru
Autor/es Resumo	Txai Terri Valle de Aquino; Marcelo Piedrafita Iglesias No estado do Acre, nos últimos quinze anos, ao longo de toda a fronteira internacional do Brasil com o Peru, têm ocorrido recorrentes conflitos armados, envolvendo, de um lado, índios Kaxinawá dos rios Jordão e Hurnaitá, Katnpa e Kulina do rio Envira; seringueiros do alto rio Tarauacá e índios Jamináwa e Manchincricri do alto rio Iaco, e, de outro, integrantes de populações indígenas ainda em contato sistemático com o mundo dos seringais, conhecidos regionalmente como os “brabos”. Violentos enfrentamentos, que mais frequentemente acontecem nos meses do “verão” (junho a setembro), têm resultado em mortos e feridos de ambos os lados. Neste texto, pretendemos resgatar a secularidade destes conflitos armados entre os “brabos” e os Kaxinawá e seringueiros ao longo da fronteira internacional Brasil-Peru, demonstrando sua continuidade nas diferentes situações históricas que marcaram a vida das populações indígenas inseridas nos seringais nativos dos altos rios do estado do Acre. Será analisado como, nos anos 90, os saques e ataques dos ‘brabos” nas cabeceiras do rio Jordão resultaram na redefinição das formas de ocupação da Terra Indígena, provocando restrições ao uso de importantes recursos naturais e intensos processos migratórios de grupos familiares Kaxinawá para outros quatro seringais situados fora dos limites da terra já regularizada. Destacaremos, ainda,

<p>Ano/Edição</p>	<p>como esta expansão do território Kaxinawá está contextualizada em processos económicos e políticos mais amplos, que decorrem da prolongada crise da economia da borracha, da recente criação do Município de Jordão e da atuação de diferentes órgãos do Estado brasileiro. A partir desta situação vivenciada pelos Kaxinawá do rio Jordão, almejamos contribuir para o enriquecimento de estudos que vêm sendo gerados sobre a importância da empresa seringalista como matriz de apropriação territorial e de organização económica e social na faixa de fronteira da região amazônica no presente século, a participação dos índios no traçado e manutenção das fronteiras da nação brasileira, as políticas indigenistas do órgão oficial direcionadas a populações indígenas ditas “isoladas” ou “arredias” e processos de construção de territorialidade, frutos das mobilizações dos índios, em situações marcadas pelas ações do Estado nacional e de outros atores dos âmbitos local e regional.</p> <p>Ano IX, nº 24, jan-abril/1996</p>
<p>Título</p> <p>Autor/es</p> <p>Resumo</p>	<p>Waimiri-atroari: invasão e fragmentação do território indígena</p> <p>José Aldemir de Oliveira</p> <p>O avanço das relações sociais de produção na Amazônia estabelece novas formas e conteúdos espaciais, impondo o novo e destruindo culturas, natureza e modos de vida. Esse processo, se não é específico para a Amazônia, adquire aí maior dimensão, em decorrência da predominância da natureza e de culturas ainda não adaptadas a uma tendência de homogeneização que ocorre com o avanço do capital. A invasão do território dos Waimiri-Atroari é o exemplo de um processo de produção espacial que se dá a partir da destruição quase que completa de seu modo de vida e de sua cultura. Este artigo demonstra, do ponto de vista da espacialidade, a expansão da fronteira na área nordeste do Estado do Amazonas e o processo de ocupação do território dos Waimiri-Atroari, a partir do planejamento e da construção da estrada BR174 (Estrada Manaus-Boa Vista), da construção da Usina Hidrelétrica de Balbina e da implantação do Projeto de Mineração Pitanga do grupo Paranapanema. Esse processo não é linear, mas de certa forma sequencial. Os Waimiri-Atroari ocupavam toda a área que hoje corresponde ao Município de Presidente Figueiredo, situado a 100 quilômetros ao norte de</p>

Ano/Edição	Manaus, na fronteira sul de Roraima. Ano IX, nº 24, jan-abril/1996. São Paulo
Título	Esbulhos de terras e resistência indígena em Escada-pe no Século XIX
Autor/es Resumo	Edson Silva No século XIX acontece um grande assalto às terras indígenas, principalmente a partir de meados do período, quando nas áreas de povoamento mais antigo ocorre o aumento da concentração fundiária e, ao mesmo tempo, a população - formada por libertos, índios, negros e brancos pobres -, torna-se assalariada, passando a viver na periferia da grande propriedade (Cunha, 1992, 15). Em Pernambuco, a fertilidade da Região da Mala Sul com um solo propício ao cultivo da cana e as proximidades com o Porto do Recife, estimularam a concentração de engenhos para a fabricação do açúcar. A lógica da economia agro-exportadora motivou ao longo do século XIX as invasões pelos senhores de engenho das duas aldeias indígenas (Barreiros e Escada) existentes na Região. e a expulsão dos nativos de seus territórios tradicionais. Este texto objetiva evidenciar o protagonismo indígena em Pernambuco no século XIX, no momento em que o crescimento da produção açucareira e a modernização da indústria do ramo ocorreram com grandes custos sociais. com esbulhos de terras dos indígenas, que tiveram dentre os seus direitos negados, até o de estarem presentes como ativos participantes em análises da história do período.
Ano/Edição	Ano IX, nº 24, jan-abril/1996. São Paulo
Título	Sociedades indígenas em novo perfil: alguns desafios
Autor/es Resumo	Dominique Tilkin Gallois _____ O Brasil indígena é hoje composto de mais de 215 etnias, falando 170 línguas distintas. Mais de 300.000 índios, distribuídos em cerca de 590 terras descontínuas. Salvo raras exceções, essas terras não correspondem aos territórios historicamente ocupados por esses grupos. mas a fragmentos de espaços percorridos em histórias com mais de 500 anos, ou muito menos, levando-se em conta que muitas terras foram alcançadas e apropriadas recentemente, em processos de fuga ou de transferência forçada. Desde a promulgação da Constituição Federal de 1988, já foram registradas cerca de 390 organizações indígenas, que nem sempre correspondem

ou representam unidades “étnicas”, mas facções de um mesmo grupo, ou articulações regionais entre vários grupos. Ao mesmo tempo, modificam-se as condições de acesso da população brasileira aos conhecimentos e informações relativos à chamada “questão indígena”. As instituições indigenistas convencionais e as universidades vêm gradativamente deixando de ser o espaço privilegiado para a produção e a difusão de caracterizações atualizadas das sociedades indígenas, enquanto iniciativas nesse sentido são tomadas pelos próprios índios, que obtêm crescente visibilidade em seus movimentos, através de múltiplas formas de articulação com agências governamentais ou não governamentais. E nesse contexto que representantes de algumas sociedades indígenas vêm se apropriando de novos instrumentos disponibilizados pela comunicação globalizada, para divulgar seus projetos políticos e culturais, formatando para o grande público um novo perfil “dos índios”, construindo novas imagens que atingem ou agregam um número crescente de comunidades espalhadas em todo o país. Os processos de construção e revisão de identidades decorrentes desta participação em amplas redes de comunicação ainda carecem de sistematização. Por esta razão, qualquer caracterização do atual perfil das sociedades indígenas no Brasil constitui um exercício arriscado, dada a falta de parâmetros para agregar experiências, vozes e situações das mais diversificadas. Para abordar esse quadro complexo, no qual as delimitações étnicas, territoriais ou culturais indígenas apresentam configurações variáveis e em permanente reformulação, apresentarei comentários a respeito de alguns desafios conceituais persistentes no diálogo que as sociedades indígenas se esforçam em ampliar em múltiplas frentes, no Brasil contemporâneo: suas alternativas de representação, suas formas de territorialidade, seus acervos de conhecimentos. São questões que nos obrigam a considerar novos usos e novas instituições relacionadas às identidades. E que nos levam a rever os parâmetros de descrição cultural e, sobretudo, de delimitação das unidades de análise.

Ano/Edição

Ano XIII, nº 36, jan-abril/2000. São Paulo

Título

Assentamentos indígenas no médio São Francisco: o caso dosTuxá e Pankarú

Autor/es

Ely Souza Estrela

Resumo

Dentre os vários aspectos do cotidiano que marcam

indistintamente indígenas e sertanejos/caboclos, relevadas as nuances diferenciais, que aqui não vem ao caso abordar, destaca-se a experiência da migração. Aliás, convém frisar que, desde a chegada dos primeiros colonizadores, o deslocamento forçado tornou-se fenômeno muito conhecido dos indígenas brasileiros. O foco deste trabalho² é acompanhar a trajetória do deslocamento de duas comunidades indígenas — os tuxá e pankararú - que habitam atualmente a região do Médio São Francisco, em períodos não muitos recuados.

Ano/Edição Ano XIV, nº39, jan-abril/2001. São Paulo

Título **Fronteiras de tradição cultural Guarani Mbya e a presença do Jurua (civilizado) nas Reservas Indígenas**

Autor/es **Marília G. Ghizzi Godoy**

Resumo Relato

Ano/Edição Ano XVII, nº 48, jan-abril/2004

INDOCUMENTAÇÃO

Título **Tá legal? Tudo em ordem? Tudo sob controle?**

Autor/es **Heinz Dieter Heidemann**

Resumo Editorial

Ano/Edição Ano XI, nº 30, jan-abril/1998. São Paulo-SP

Título **Migrações internacionais não-documentadas: uma tendência global crescente**

Autor/es **Hugo Graeme**

Resumo A Globalização é um dos fenômenos mais difundidos dos anos noventa e associado a CIC. fluxos financeiros, bens e informações cruzam fronteiras nacionais em volumes nunca antes verificados. Globalização e redução massiva dos custos reais de viagem têm mostrado também um aumento na escala e complexidade no movimento de pessoas entre nações. Entretanto, as barreiras oficiais erguidas por Estados Nações para o influxo de pessoas têm sido mais resistentes ao processo da globalização do que as barreiras aos fluxos de informações. movimentos financeiros e mercadorias. Contudo, as desigualdades, diferenças e complementaridades internacionais que propiciaram os outros fluxos são impingidos de forma igualmente forte sobre as pessoas.

Ano/Edição	<p>Diante das barreiras impostas à entrada nos países. as migrações internacionais, aquelas que acontecem à margem dos sistemas oficiais de controle, crescem exponencialmente. De fato. pode parecer que exista pelo menos a mesma quantidade de migrantes internacionais ilegais quanto migrantes oficialmente reconhecidos. Entretanto, quase toda a pesquisa e literatura disponíveis sobre padrões, causas e consequências das migrações internacionais dedicam-se à consideração dos migrantes legalmente documentados; fato que não surpreende dadas as dificuldades inerentes em medir as migrações não-documentadas, sem mencionar aqui as dificuldades em estudá-las detalhadamente.</p> <p>Ano XI, nº 30, jan-abril/1998. São Paulo-SP</p>
Título Autor/es Resumo	<p>A legitimidade da condição clandestina</p> <p>Teresa Sales</p> <p>Quando estudei a migração de “corumbas” (pequenos produtores agrícolas da região do Agreste de Pernambuco que na época do corte da cana se deslocam temporariamente à Zona da Mata), o principal critério para classificar os trabalhadores rurais naquela região canavieira do Nordeste era sua condição de “fichados” ou “clandestinos” (Suarez, 1977). Usei na verdade uma autonegação pré-existente na região desde o início dos anos 60 (anos que representaram um importante marco dos movimentos sociais rurais). quando os trabalhadores daquela região que conseguiram legalizar sua situação trabalhista passaram a se autonegarem de trabalhadores “fichados”. A situação antinômica seria a dos “clandestinos”, ou seja, aqueles que estavam fora dos direitos por não terem conseguido ainda regularizar sua situação trabalhista. Onde não houve esse marco de lutas pelos direitos. como no caso da região canavieira de São Paulo, os mesmos tipos de trabalhadores eram e são ainda nomeados de “boias-frias”, O sentido ali atribuído ao “clandestino” em oposição ao “fichado”, é a condição do trabalhador rural de estar excluído dos direitos trabalhistas; ou seja: é clandestino não por estar em uma situação ilegal. mas por estar excluído da situação de legalidade. São exemplos históricos que podem ser úteis para alguém refletir sobre a situação de clandestinidade dos atuais imigrantes brasileiros, tanto em seu processo migratório, quanto em seu cotidiano enquanto imigrantes ilegais ou indocumentados em um país estrangeiro. Vou explorar a hipótese de que a sua situação se assemelha em vários</p>

aspectos à situação dos nossos trabalhadores “clandestinos” a que me referi anteriormente, ou seja, são clandestinos não porque estejam fora da lei, no sentido de estarem contrários a ela (tal como o exemplo dos partidos clandestinos), mas sim porque estão excluídos de uma lei que os deveria beneficiar. Por outro lado, os imigrantes indocumentados desfrutam de uma condição legítima na sociedade americana que os leva a não se sentirem clandestinos (contrários às leis vigentes), mas sim excluídos dos direitos a que deveriam fazer jus. Essa legitimidade da condição de imigrante indocumentado é lastreada, por um lado, nos pressupostos da nação americana (nação de imigrantes); e por outro, nas relações étnicas do grupo, que se vê detentor de direitos lá dos quais são preteridos no Brasil, sendo a Igreja (que é o principal vínculo de sociabilidade do imigrante brasileiro nos Estados Unidos) a principal instituição que dá suporte à legitimidade da condição clandestina do imigrante brasileiro naquele país. As páginas que seguem constituem uma reflexão sobre a questão da clandestinidade dos imigrantes brasileiros, a partir de dados de minhas entrevistas realizadas entre setembro de 1995 e janeiro de 1996 na região da Grande Boston, estado de Massachusetts, USA.

Ano/Edição

Ano XI, nº 30, jan-abril/1998. São Paulo-SP

Título

“IIRIRA 96” – fechando o cerco aos clandestinos nos EUA

Autor/es

Joyce Anne Rodrigues Monteiro

Resumo

Ao pensarmos na migração internacional, poucos países nos chamam a atenção como os Estados Unidos, o principal país de destino da maior parte dos migrantes espalhados pelo mundo e recentemente também de imigrantes brasileiros. Ao longo dos anos, os Estados Unidos têm se destacado não só por ser considerado como uma nação de imigrantes, como pelo fato de que, desde 1965, esse país tem implantado leis de imigração liberais, que privilegiam o critério de reunir famílias separadas pela migração. No entanto, o grande número de imigrantes que têm chegado nos últimos anos nos Estados Unidos tem gerado uma série de debates e despertado muitas polêmicas sobre a utilidade e o papel desses imigrantes, principalmente os clandestinos (ou ilegais), na sociedade americana. A maioria da população branca dominante, em especial, tem apresentado uma certa resistência em aceitar a nova população constituída por latinos e asiáticos. Como

Ano/Edição	<p>resultado, pressões para um aumento no controle de quem pode ou não entrar no país têm sido cada vez maiores. Assim, o último passo dado para restringir o ingresso desses imigrantes envolve a sua política migratória, ou seja, os critérios estabelecidos pela lei americana para controlar esse fluxo, o que se fez sentir diretamente na mais recente lei de imigração. mais conhecida como IIRIRA 96. O objetivo desse artigo é esclarecer como essa última lei atinge os imigrantes, em especial os ilegais, explicando as suas principais cláusulas. Antes disso, no entanto, será feito um breve Resumo das políticas migratórias nos Estados Unidos para compreendermos melhor como essa lei trouxe transformações fundamentais para a política migratória americana dos últimos trinta anos.</p> <p>Ano XI, nº 30, jan-abril/1998. São Paulo-SP</p>
Título	<p>Uma exploração muito particular: o caso da migração mexicana para os EUA</p>
Autor/es	<p>John Gledhill</p>
Resumo	<p>No mês de abril do ano de 1997 entrou em vigor nos Estados Unidos uma lei que regulamenta a imigração ilegal explicitando a responsabilidade dos imigrantes, juntamente com a lei de reforma da assistência pública, pena de morte e antiterrorismo. A combinação de tais medidas, supostamente contrárias ao “terrorismo”, num conjunto de medidas que pretende reformar leis migratórias, nos oferece uma visão preliminar do clima ideológico que já tem consequências diretas na vida dos trabalhadores mexicanos nos Estados Unidos. Cabe ressaltar ainda que também o Congresso Americano não tem deixado de relacionar a questão da migração “indocumentada” à questão do narcotráfico. A proposta deste artigo é relacionar os acontecimentos recentes com uma história mais ampla da migração de trabalhadores mexicanos para os Estados Unidos, com o objetivo de demonstrar que os mexicanos tendem a enfrentar uma dupla situação de desvantagem nos seus intentos de ganhar a vida no Norte, Por um lado, seus esforços econômicos sempre têm fortalecido o país vizinho, e os governos mexicanos têm procurado fortalecer uma relação de conformidade às demandas das administrações estadunidenses no que se refere à política migratória. Essa questão está bem explícita no Tratado de Livre Comércio de 1994, o qual permite a liberdade de movimento do capital,</p>

Título	Migrantes ilegais: a vida e a lei (Relato de experiência)
Autor/es	Margherita Bonassi
Resumo	Relato de experiência
Ano/Edição	Ano XI, nº 30, jan-abril/1998. São Paulo-SP
Título	Clandestinidade e intolerância – caso dos bolivianos em São Paulo
Autor/es	Sidney Antonio da Silva
Resumo	É, portanto, proposta deste trabalho analisar as várias faces da clandestinidade vivida por um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo, mostrando que o principal desafio que esses imigrantes podem enfrentar na cidade não é a questão jurídica da clandestinidade, condição esta que não se constitui em um problema maior para o seu dia-a-dia, mas as várias acusações preconceituosas, as quais revelam como as alteridades enquanto negatividade são construídas e manipuladas no mundo contemporâneo.
Ano/Edição	Ano XI, nº 30, jan-abril/1998. São Paulo-SP

LITERATURA

Título	Migrante sazonal – “ave ferida” (Poema)
Autor/es	Alfredo Jose´ Gonçalves
Resumo	Poema
Ano/Edição	Ano I, nº 1, maio-ago/1988. São Paulo
Título	Conversa ao pé de um ponto de ônibus (Crônica)
Autor/es	Dirceu Cutti
Resumo	Crônica
Ano/Edição	Ano I, nº 2, set-dez/1988. São Paulo
Título	Buscar o amanhã... um amanhã novo! (Poema)
Autor/es	Alfredo José Gonçalves
Resumo	Poema
Ano/Edição	Ano I, nº 3, jan-abril/1989. São Paulo
Título	Forjando resistência (Poema)
Autor/es	Editorial de Travessia
Resumo	Poema
Ano/Edição	Ano I, nº 1, set-dez/1988. São Paulo

Título	Conversa a dois (Crônica)
Autor/es	Alfredo José Gonçalves
Resumo	Crônica
Ano/Edição	Ano II, nº 4, maio-ago/1989
Título	Afinal, quem manda neste país? (Tirinhas)
Autor/es	Nani (Nani Manda Brasa)
Resumo	Tirinhas
Ano/Edição	Ano II, nº 5, set-dez/1989. São Paulo
Título	Migrar, mudar, votar para mudar (Poema)
Autor/es	D. Pedro Casaldáliga
Resumo	Poema
Ano/Edição	Ano II, nº 5, set-dez/1989. São Paulo
Título	Aos que partem (Música)
Autor/es	Zé Vicente
Resumo	Música
Ano/Edição	Ano III, nº 7, maio-ago/1990
Título	“A ressurreição dos deuses” (Poema)
Autor/es	Alfredo José Gonçalves
Resumo	Poema
Ano/Edição	Ano IV, nº 10, maio-ago/1991. São Paulo
Título	Imagens de ontem e de hoje
Autor/es	Dirceu Cutti
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano VI, nº 17, set-dez/1993. São Paulo
Título	Imagens de migrantes na poesia de Mário de Andrade
Autor/es	Iná Camargo Costa
Resumo	Quando pensamos nos projetos dos modernistas brasileiros para a poesia, normalmente nos ocorrem aqueles aspectos mais técnicos de sua luta contra o conservadorismo literário. Assim, são referidos os propósitos de romper com as formas fixas (soneto, rimas em final de verso. versos metrificados. estrofes segundo códigos muito determinados, etc.) e, um pouco mais genericamente, a intenção de afrontar os critérios consagrados de bom gosto. Os conservadores eram identificados pelos modernistas como os parnasianos: Olavo Bilac, que morrera em 1919 mas continuava - e continua

Ano/Edição	<p>- vivo na sensibilidade poética brasileira. Martins Fontes e outros nomes menos conhecidos hoje, Mas certamente o conservadorismo em poesia ultrapassava em muito esse grupo de poetas. Há um ponto, por assim dizer de honra. que une todos os conservadores, parnasianos ou não: a luta pela correção da língua. Isto é: nenhum deles admite cm literatura o que chamam erros e ficam doentes sempre que se deparam com os chamados barbarismos, palavrão que designa diferentes tipos de vícios de linguagem. como pronúncia. grafia ou significação incorretas. Mas se nos detivermos sobre o significado original de bárbaro. palavra grega Í. da qual deriva barbarismo, veremos que esta contém ideias que as gramáticas nem sempre explicitam.</p> <p>Ano VI, nº 17, set-dez/1993. São Paulo</p>
Título Autor/es Resumo	<p>Imagens do migrante na música popular brasileira</p> <p>Celso F. Favaretto</p> <p>a conhecida canção de Dorival Caymmi, “Peguei um Ita no Norte” que se tornou emblemática: à pouco conhecida ‘ ‘No Dia em que eu vim-me embora”, de Caetano Veloso. a saga dos nordestinos que vêm para o Sul, acreditando “na fama e no dinheiro para ser feliz’ ‘(l). atravessa a música popular brasileira das décadas de 50 e 60 compondo um imaginário de exílio e saudade, de esperança e decepção. Incidindo. especialmente, na vida do homem simples e pobre. marcado pela seca c miséria. sem futuro na terra que tanto ama, o tema do retirante comparece nas músicas com uma força semelhante (embora justificada por outros aspectos da análise social) ao deslocamento, na década de 30. de escritores e artistas do Norte/Nordeste, Bahia e Minas para o Rio. Analisando o acontecimento. bradou um crítico da época: “são os do Norte que vêm”, como que valorizando a interferência e as mudanças de registro que provocavam na literatura. Norte). Norte e Sul são substancializados: são metáforas de pobreza e riqueza, imagens de atraso e progresso, articulando sempre a decisão de ir e o anelo de voltar. Entre a ilusão e a desilusão, imagens recorrentes na maioria das músicas. o Sul aparece como o ugar do trabalho e da esperas do lamento e da saudade: “Hoje longe muitas léguas/ Nesta triste solidão/ Espero a chuva cair de novo/ Pra mim <i>vortá</i> pro meu sertão”. Entretanto. ainda que esse imaginário seja muito cristalizado, há diferenças e ambiguidades que modalizam o tema da ida</p>

Ano/Edição	e da volta, pois ora as músicas remetem a uma mitologia coletiva, ora procedem de mitologizações individuais. Assim, embora se possa classificar as canções em três tipos, não são necessariamente estanques: canções saudosistas, de lirismo, ingênuo e fundo edênico; canções politizadas, lírica e esquemáticas na forma do “protesto”; canções afirmativas, em que a migração é efeito de decisão irreversível. Ano VI, nº 17, set-dez/1993
Título	Migração e discurso literário: imagens e representações nos anos 30
Autor/es Resumo	Ana Regina Ribeiro Bastos; Helion Povoá Neto Um rápido olhar por certos discursos que, no momento atual, apontam “culpados” pela crise econômica revela que, mais uma vez, os migrantes estão sendo chamados à responsabilidade. Tal como em outros momentos de nossa história, as migrações aparecem como problema, a ser sanado com a prol da ordem social que se pretende preservar. Esta culpabilização não é feita, entretanto, sem grandes dificuldades para os acusadores. Afinal, o conjunto de processos sociais a que damos o nome de “migração” envolve grandes massas populacionais, as quais encontram-se, quase sempre, na condição de vítimas preferenciais dos problemas pelos quais são responsabilizadas. Os movimentos migratórios estão, por outro lado, profundamente imbricados com o processo mesmo de formação da sociedade brasileira, não sendo possível isolar os fenômenos sociais e imaginá-los tal como se não existisse o fator “migração”. Afinal, para agregar um dado numérico, calcula-se que, hoje, cerca de um quarto (1/4) dos brasileiros habitam municípios que não os de sua origem. Multiplicam-se, entretanto, as manifestações contra o excessivo “inchamento” urbano, bem como contra as “hordas” que, nas metrópoles (e, cada vez mais, nas cidades médias) incomodam nosso olhar, clamando por soluções urgentes. Não é difícil localizar algumas das razões pelas quais o cidadão comum sente-se ameaçado por este problema social, que através de algumas distorções acaba por se confundir com a questão migratória: inúmeras imagens através das quais tal questão é atualmente veiculada reforçam o sentimento de rejeição aos migrantes, negando-se quase sempre a encarar as causas mais profundas do problema.
Ano/Edição	Ano VI, nº 17, set-dez/1993

Título	Terra vermelha (conto)
Autor/es	Liliana Laganá
Resumo	Conto
Ano/Edição	Ano IX, nº26, set-dez/1996. São Paulo-SP
Título	À Romá (Poema)
Autor/es	Zurca Sbanò
Resumo	Poema
Ano/Edição	Ano X, nº 27, jan-abril/1997. São Paulo
Título	Festa “gaúcha” nos gerais da Bahia (Crônica)
Autor/es	Rogério Haesbaert
Resumo	Crônica
Ano/Edição	Ano XI, nº31, maio-ago/1998. São Paulo
Título	Como uma bola de neve (Conto)
Autor/es	Liliana Laganá
Resumo	Conto
Ano/Edição	Ano XI, nº32, set-dez/1998. São Paulo
Título	A ilusão do migrante (Poema)
Autor/es	Carlos Drummond de Andrade
Resumo	Poema
Ano/Edição	Ano XIII, nº 36, jan-abril/2000. São Paulo
Título	Assentamento (Música)
Autor/es	Chico Buarque
Resumo	Música
Ano/Edição	Ano XIV, nº39, jan-abril/2001. São Paulo
Título	Um personagem, dois olhares
Autor/es	Dirceu cutti
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XV, nº 43, maio-ago/2002. São Paulo
Título	Um personagem – dois olhares (Editorial)
Autor/es	Dirceu Cutti
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XV, nº 43, maio-ago/2002. São Paulo
Título	Clarice Lispector: a literatura em busca do outro
Autor/es	Nanami Sato

Resumo	Na literatura brasileira há um bom número de obras que tratam de migrantes e imigrantes: um rápido esforço de memória traz à lembrança uma lista aleatória da qual constam Vidas Secas, de Graciliano Ramos; Seara Vermelha, de Jorge Amado; Canaã, de Graça Aranha, e obras mais recentes, como A Majestade do Xingu, de Moacyr Scliar, e Dois Irmãos, de Milton Hatoum.
Ano/Edição	Ano XV, nº 43, maio-ago/2002. São Paulo
Título	A difícil viagem de retorno à aldeia
Autor/es	José Edilson de Amorim
Resumo	O tema da volta, na tradição literária, tem seu modelo paradigmático na Odisseia, primeira sobre o assunto no cânone ocidental. Depois da narrativa homérica, são muitas os retornos de maridos e filhos. Uns são os pródigos; outros os providentes, com muitas prendas, sinais e amuletos de reconhecimento. Entre percalços, azares e heroísmos, Ulisses, senhor de terras e de posses em Ítaca, reconquista sua casa, reaproxima-se dos seus e recompõe seu domínio: numa volta triunfal, vai sendo reconhecido por todos, até pelo seu velho cachorro, que somente esperava o antigo dono para morrer. Num enredo de matreirices e manobras duvidosas, Ulisses acaba por matar os inimigos que lhe ameaçavam as posses - dos bens e da sua própria Penélope, paciente, diligente e intrigante. É dessa maneira que retorna o herói grego, sob a proteção dos deuses, coisa já bem distante do nosso pobre mundo de mortais. Sem dúvida, foi nesse modelo heroico que inspirou aquele político, ao afirmar, enfático, que “ninguém se perde na volta”. A afirmação, talvez pela ênfase e circunstância histórica em que foi aproveitada, virou quase profecia, repetida em discurso grave, em louvaminha oportunista ou mesmo em brincadeira ocasional. Isto porque o autor da pomposa sentença mandou por muito tempo no jogo político paraibano, sendo figura de projeção nacional. Ocorre que, mais perto da volta odisseica, o homem que falou frase tão afirmativa voltava justamente à chefia de governo do estado da Paraíba, do qual, aliás, nunca se afastara, sob o ponto de vista da influência política
Ano/Edição	Ano XV, nº 43, maio-ago/2002. São Paulo
Título	Brasileiros migrantes na literatura
Autor/es	Teresa Sales
Resumo	A academia se debruça sobre o fenômeno das migrações analisando seus aspectos demográficos, econômicos, sociais

e políticos. Há porém uma outra perspectiva pela qual têm sido abordadas as migrações, sejam elas internas a um país ou internacionais. Pelo seu caráter de epopeia, de êxodo e de aventura que mobiliza milhares de pessoas em movimentos de desenraizamento, as migrações têm dado origem a uma vasta produção literária. É nessa produção literária que melhor se expressa o drama humano das migrações. Quem melhor do que Steinbeck para expressar o êxodo rural provocado pela Crise de 1929 nos Estados Unidos? Apesar da recência de nossa emigração em direção a outros países, a partir do momento em que me interessei por esse fenômeno, fiquei atenta à produção literária sobre o assunto. O que encontrei foi ainda muito pouco. Porém já com algumas obras sugestivas e que indicam um campo fértil para outros trabalhos, à medida em que o Brasil solidifica sua posição de país também de emigração. Sobre a imigração de outros povos para nosso país a produção artística e literária é não apenas abundante, como muito presente na mídia de grande audiência, tal como nas novelas da Rede Globo que espalham a imagem do Brasil mundo afora. Houve apenas uma novela dessa emissora de televisão onde o tema do imigrante brasileiro nos Estados Unidos foi levantado, porém logo esmaecido por outros aspectos secundários da trama que vieram a tomar o primeiro plano. Na primeira parte desse artigo analiso alguns trabalhos pioneiros que utilizaram uma abordagem jornalístico descritiva da emigração dos brasileiros e de seu cotidiano imigrante em países estrangeiros. Na segunda parte analiso obras de ficção propriamente. Em ambas as partes sigo a ordem cronológica da publicação das obras. Concluo o artigo com algumas considerações sobre aspectos sociológicos que emergem dessas obras literárias.

Ano/Edição Ano XV, nº 43, maio-ago/2002. São Paulo

Título **Migrante (Poema)**

Autor/es

Dirceu Cutti

Resumo

Poema

Ano/Edição

Ano XV, nº 43, maio-ago/2002. São Paulo

Título **Herdeiro da migração (Poema)**

Autor/es

Paulo André Alves do Amaral

Resumo

Poema

Ano/Edição

Ano XXI, nº 61, maio-ago/2008

Título	Sem Papéis (Conto)
Autor/es	Catitu Tayassu
Resumo	Conto
Ano/Edição	Ano XXII, nº 64, maio-ago/2009
Título	Escrita afirmativa: reflexões sobre a produção literária elaborada e consumida por descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul
Autor/es	Maria Catarina Chitolina Zanini
Resumo	Este artigo tem por objetivo analisar a forma como a literatura produzida e consumida por descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul tem dialogado com seus processos identitários e de construção de memórias. Por meio desses escritos observa-se que há um processo de resistência e de tentativa de narrarem a si mesmos, como agentes de suas existências e historicidades.
Ano/Edição	Ano XXIII, nº 67, jul-dez/2010. São Paulo
Título	Escrevo-lhe (Conto)
Autor/es	Catitu Tayassu
Resumo	Conto
Ano/Edição	Ano XXIII, nº 67, jul-dez/2010. São Paulo
Título	Paredes poéticas (Conto)
Autor/es	Catitu Tayassu
Resumo	Conto
Ano/Edição	Ano XXIV, nº 68, jan-jun/2011. São Paulo
Título	Zingari (Crônica)
Autor/es	Helion Povoá Neto
Resumo	Crônica
Ano/Edição	Ano XXIV, nº 69, jul-dez/2011. São Paulo
Título	Cenas de um encontro desencontrado (Crônica)
Autor/es	Dirceu Cutti
Resumo	Crônica
Ano/Edição	Ano XXV, nº70, jan-jun/2012. São Paulo
Título	Relações familiares – parentesco, compadrio e migrações na modernidade capitalista no Brasil dos anos 1970: reflexões por meio da história e música
Autor/es	Victor H. de Resende

Resumo	O presente artigo trata, por meio da análise de músicas do trio Sá, Rodrix & Guarabyra, e da dupla Sá & Guarabyra, das relações familiares, de parentesco e compadrio no contexto dos anos 1970 no Brasil. As músicas tornam-se fontes importantes para a análise do contexto das famílias, sobretudo das populações ribeirinhas que, durante aquela década, em meio ao processo de intensa urbanização, viram-se expulsas do meio rural pelas construções de barragens como parte do programa nacional de racionalização das terras e dos projetos de aumento do potencial hidrelétrico no país, dentro do regime autoritário do período em questão.
Ano/Edição	Ano XXV, nº 70, jan-jun/2012. São Paulo
Título	Feios, sujos e muito, muito malvados: migrantes italianos entre as sombras de Hollywood – breve introdução
Autor/es	Maurizio Russo
Resumo	É possível analisar, numa perspectiva diacrônica, a evolução do imaginário fílmico sobre as migrações. Existe um cinema militante (sobretudo nas últimas três/quatro décadas) que é fruto do trabalho e da reflexão de diretores ou grupos de pesquisa (produção de documentários, por exemplo) preocupados com o fenômeno migratório. Mas existe no cinema hollywoodiano clássico, aquele cinema hegemônico que inunda as salas do mundo inteiro, uma forma estereotipada de ver os migrantes. Esta produção de estereótipos condiciona a própria história do cinema e a evolução cinematográfica do século XX e XXI. Quais são as imagens, os estereótipos, as banalizações com as quais foi arquivada a figura do migrante no cinema hollywoodiano? Neste artigo traçamos uma breve introdução sobre a visão de italianos e latinos no cinema dos Estados Unidos, enfatizando o nascimento dos estereótipos sobre os migrantes.
Ano/Edição	Ano XXV, nº 71, jul-dez/2012. São Paulo
Título	A sombra os acolherá (Conto)
Autor/es	Lucas Florêncio
Resumo	Conto
Ano/Edição	Ano XXVIII, nº 76, jan-jun/2015. São Paulo
Título	Ao fim dessa estrada (Conto)
Autor/es	Lucas Florêncio
Resumo	Conto
Ano/Edição	Ano XXVIII, nº 77, jul-dez/2015. São Paulo

Título	Maria do Parque Dom Pedro (Poema)
Autor/es	Luiz Kohara
Resumo	Poema
Ano/Edição	Ano XXX, nº 80, jan-jun/2017. São Paulo

MEMÓRIA

Título	A lembrança do Sul
Autor/es	Paola Cappellin
Resumo	Depois de 16 de março, dia inaugural do plano “Brasil Novo”, os eventos vão rapidamente delineando um processo de recessão econômica, no qual se detecta a reorganização da oferta de emprego. Os jornais, reproduzindo as estatísticas do DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e FIESP (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), tornam manchete o desemprego que imediatamente atinge os trabalhadores da construção civil, da indústria e dos serviços. Além disso, quando os dados deste período são comparados com aqueles dos períodos imediatamente posteriores aos planos “Cruzado” ’Bresser”, e “Verão”, observa-se que o plano “Brasil Novo” apresenta um impacto recessivo mais intenso, sendo que o desemprego e demissões atingem mais uma vez um tradicional segmento de trabalhadores urbanos: os nordestinos que haviam migrado para as grandes cidades do Centro-Sul. Homens e mulheres de todas as idades, e até grupos familiares, passam a povoar os terminais rodoviários; orçamentos familiares desestruturam-se; sonhos de uma vida melhor se esvanecem. O retorno para o local de origem não é novidade, muitos já o viveram, alguns pensando que não mais voltariam a migrar, outros simplesmente para ajudar a família no período da colheita. Mas o que representa para estas pessoas a migração? O que elas carregam consigo na volta? O que fica como balanço de meses, anos de trabalho nas grandes cidades do sul? Buscaremos responder a estas questões a partir de alguns resultados obtidos em estudos realizados entre 1980 e 1987 sobre um grupo de trabalhadores urbanos e rurais paraibanos que, após ter migrado para o Sul, retornam para o seu Estado.
Ano/Edição	Ano III, nº 8, set-dez/1990

Título	Tempo de recordar
Autor/es	Sidnei Marco Dornelas
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XI, nº32, set-dez/1998. São Paulo
Título	Como uma bola de neve (Conto)
Autor/es	Liliana Laganà
Resumo	Conto
Ano/Edição	Ano XI, nº32, set-dez/1998. São Paulo
Título	Os sampauleiros: memória do deslocamento
Autor/es	Ely Souza Estrela
Resumo	A memória coletiva dos habitantes do alto sertão da Bahia! está marcada pelo tipo/humano/social denominado de sampauleiro. Era assim que a população do alto sertão baiano designava os indivíduos que partiam para o Centro-Sul ou retornavam ao solo natal. O sampauleiro era o indivíduo que, embora possuísse a propriedade da terra, não dispunha de recursos para torná-la produtiva; era o expropriado; o antigo agregado; a vítima da seca ou dos desmandos do coronel; o filho rejeitado ou rebelde; a moça violentada; a mãe solteira, o fugitivo da lei ou da rígida moral sertaneja; o endividado; o aventureiro; o jagunço sem chefe. A naturalidade do tipo humano pouco interessava. O que contava era o propósito e as condições da viagem. Na verdade, o sampauleiro era um ser humano/social típico de uma sociedade e de uma época que, não obstante as permanências, mudou em muitos aspectos. Em algumas localidades do alto sertão baiano ainda hoje usa-se o termo, mas o mesmo não está impregnado da carga simbólica do passado.
Ano/Edição	Ano XI, nº32, set-dez/1998
Título	Trajatórias e memórias de negros migrantes
Autor/es	Alecsandro J. P. Ratts
Resumo	As migrações tornaram-se uma tradição para os moradores de agrupamentos rurais que se mantêm coesos apesar de toda a expropriação que ocorre no campo. Este artigo procura abordar essa tradição de migração entre indivíduos originários de “comunidades negras rurais” - os quilombos contemporâneos - no Estado do Ceará. Alguns desses homens e mulheres que apresentam grande mobilidade territorial participaram ativamente da formação de uma

rede de agrupamentos negros baseada no parentesco e na constituição de diversas auto-imagens dentre as quais a de “uma grande família espalhada pelo país”. Sem me prender à dicotomia das abordagens da migração como mobilidade da força de trabalho ou como resultado de motivações individuais (Becker, 1997; Vainer, 1996) e indo em direção contrária às afirmações imperativas de “desenraizamento” como efeito da mobilidade extrema das famílias mais pobres (Bosi, 1987: 362), pretendo discorrer sobre um fenômeno coletivo, via histórias individuais, ressaltando a dimensão étnica: são trabalhadores, são negros e migram seguindo o percurso de outros parentes e permanecem, agregados, com algumas exceções. Cabe indicar ainda que este artigo é fruto de uma pesquisa em andamento, e os dados apresentados se originam de narrativas basicamente orais e em alguns “objetos biográficos” (documentos cartorários, fotografias, utensílios, ruínas arquitetônicas) encontrados nas localidades em questão. O trabalho de campo vem acontecendo ao longo de, pelo menos, quatro anos entre os moradores de Conceição dos Caetano e Água Preta (Tururu-CE), Goiabeiras e Lagoa do Ramo (Aquiraz-CE) e entre as famílias oriundas dessas localidades e residentes em Fortaleza. As rotas migratórias principais se dão entre os agrupamentos rurais, destes para os Estados de Amazonas, Pará e Acre e, dos agrupamentos para Fortaleza.

Ano/Edição

Ano XI, nº32, set-dez/1998

Título

A memória da casa e a memória dos outros

Autor/es

José Moura Gonçalves Filho

Resumo

Há quatro Centros de Juventude (CJ) em Vila Joanisa, pequeno bairro afastado para a periferia sul de São Paulo. Mantiveram os nomes das comunidades a que estão vinculados: São Carlos, São João, São Francisco e Santa Rita. Sem contar sábados e domingos, as crianças são neles recebidas todos os dias da semana, pela manhã ou pela tarde, antes ou depois da escola. Todo dia há almoço e um pequeno lanche: muitas crianças só nestas refeições têm o que comer; outras, bastam-se com isso para que o alimento de casa fique para o resto da família. A ocupação da Vila Joanisa foi sobretudo conduzida por famílias de migrantes, gente saída das Minas Gerais ou interioranos paulistas. A avenida Yervant Kissaijikian, balizada pelas paradas de ônibus, corta todo o bairro até Diadema. Forma um eixo predominantemente comercial, amontoando

Ano/Edição	<p>pequenas lojas, mercado, açougue, padaria e ramificando-se por ruas bastante íngremes. Dois bolsões de barracos vão logo se expor às margens da Yervant. Se prosseguimos pelas ruas à esquerda (rumo à comunidade São João Batista) ou à direita (rumo comunidade São Francisco), pelo menos mais uma favela vai se impor de cada lado.</p> <p>Ano XI, nº32, set-dez/1998</p>
<p>Título</p> <p>Autor/es Resumo</p>	<p>Migrantes canudenses em São Paulo: a memória num contexto de discriminação</p> <p>José Roberval Freire da Silva</p> <p>Segundo dados do IBGE, o maior número de naturais de outros Estados que vivem na Grande São Paulo são de origem baiana, ou seja, 1.120.588 pessoas (PNAD, 1993), Nesse macro universo inserem-se os migrantes canudenses aos quais se reportará este artigo, cerca de duas mil pessoas que mantêm algum tipo de vínculo com a União pelos Ideais de Canudos-UPIC, fundada em 1992. Os primeiros chegaram na década de 60, abrindo caminho para os futuros migrantes que, nas décadas de 70 e 80, fizeram parte do expressivo deslocamento campo-cidade, conhecido como Êxodo Rural. Nos anos 90, os jovens constituem o contingente mais expressivo. Os primeiros canudenses dessa rede foram trabalhar em fábricas. Atualmente, a maioria trabalha no setor de serviços. Esses migrantes estabeleceram-se sobretudo em bairros da região sul da cidade – Santo Amaro, Taboão da Serra e no ABC, em Mauá e em Guarulhos.</p> <p>Ano XI, nº32, set-dez/1998</p>
<p>Título</p> <p>Autor/es Resumo</p>	<p>Mi amada isla: construcción de la historia de vida de um inmigrante caboverdeano</p> <p>Marta M. Maffia; Lucia E. Giorgieri</p> <p>El estudio de la migración caboverdeana constituye una nueva contribución al conocimiento de la diversidad cultural en Argentina, un reconocimiento del papel que jugaron ésta y otras minorías en la construcción del país y una mejor comprensión de la experiencia de los inmigrantes en América. La migración desde Cabo Verde hacia Argentina es la única proveniente de África negra en el presente siglo. Si bien sus comienzos están situados a fines del siglo XIX, se pueden establecer de modo tentativo, tres momentos de mayor afluencia: el primero entre los años 1910 y 1920, el segundo</p>

entre 1927 y 1933, y el tercero después de 1946, terminando aproximadamente en la década de los años sesenta. La conjunción de múltiples factores puso en marcha este proceso migratorio, entre los que se destacan los naturales como el suelo, de características volcánicas, y el clima del archipiélago, con sus cíclicas sequías, la ausencia de estructuras económicas de base, la política implementada por la metrópoli portuguesa, de la que fueron colonia hasta su independencia en 1975, La mayoría de los caboverdeanos coinciden en señalar como los factores más significativos: el hambre, la falta de trabajo y de un porvenir para sus hijos, factores que alimentaron durante más de un siglo la emigración en diferentes direcciones, siendo que África, Europa y América eran los principales destinos. En Estados Unidos, Brasil y Argentina se localizaron los principales contingentes migratorios que se dirigían para América. En Argentina, provenientes en su mayor parte de São Vicente, Santo Antão, São Nicolau, los encontramos a principio de siglo concentrados en las localidades ribereñas de Dock Sud y Ensenada; hoy ya con cuatro generaciones se han radicado en la Capital Federal, Provincia de Buenos Aires y en algunas otras provincias del interior del país.

Ano/Edição

Ano XI, nº32, set-dez/1998

Título

Reconstruindo o passado: memórias migrantes da zona norte de Natal

Autor/es
Resumo

Julie A. Cavignac

Hoje, as consequências da passagem rápida do rural ao urbano no Brasil moderno começam a ser apontadas. Fato econômico e histórico determinante na configuração atual do país, esta mutação aparece na realidade bastante complexa e tem consequências sociais e culturais determinantes. Por isso, uma pesquisa sobre as produções narrativas de migrantes morando numa zona periférica da capital do Rio Grande do Norte (a Zona Norte de Natal), propõe avaliar a transformação de uma cultura dita tradicional (a dos habitantes do interior) num contexto urbano. Isso se torna possível ao avaliar-se a importância das mudanças na composição do corpus narrativo: memorização ou esquecimento das histórias da “tradição”, criações poéticas, sumiço dos folhetos de cordel, etc. Da mesma forma, através do relato das suas vidas, é possível perceber as transformações ocorridas na vida cotidiana dos novos moradores da cidade e dos migrantes mais antigos da Zona Norte. Afinal, é a ocasião de propor uma leitura cruzada dos textos orais e escritos

Ano/Edição	da realidade dos migrantes, dos seus discursos e das suas narrativas, sublinhando a importância do corpus narrativo da elaboração de uma identidade e, através desta, mostrar uma apropriação da história do lugar de migração e do espaço. Ano XI, nº32, set-dez/1998
Título	Memórias de trabalhadores rurais na cidade
Autor/es	Charles D'almeida Santana
Resumo	Entre os anos de 1960 e 1980 o cotidiano em Salvador modificava-se por força da presença de lavradores expulsos do campo baiano e por conta de diversas facetas do processo de industrialização pelo qual passava. Simultaneamente, a região dos municípios de Conceição do Almeida e Santo Antonio de Jesus, no Recôncavo Baiano, experimentava uma profunda transformação em seus modos de vida e de luta no campo. A concentração de terras, a extinção das roças de café e de fumo, o fechamento de engenhos de açúcar e a ampliação da criação de gado, processos históricos articulados entre si, empurravam os trabalhadores rurais para cidades próximas, outras regiões e estados brasileiros. Nessas circunstâncias, obviamente, a migração foi a alternativa para uma expressiva parcela dos agricultores da região, especialmente para as novas gerações que se viram sem perspectiva de encontrar terras para o trabalho. A cidade de Salvador foi um dos principais destinos dessa onda migratória. Esta opção pela capital deve-se à ampliação de oferta de empregos, em toda sua Região Metropolitana, e à proximidade entre as duas regiões. Assim, os trabalhadores dos municípios considerados participaram, por variados caminhos, no processo cultural, no fervilhar da vida tanto rural quanto urbana da Bahia. Neste texto, nossos olhares voltam-se a alguns impasses que surgem quando buscamos interpretar, nas dinâmicas do dia-a-dia na capital baiana, a participação de trabalhadores oriundos daquela determinada região rural do Estado.
Ano/Edição	Ano XI, nº32, set-dez/1998
Título	Memória como resistência: o migrante
Autor/es	Teresinha Bernardo
Resumo	A memória de diferentes grupos sociais constitui um bem cujo valor é inestimável, principalmente diante do atual processo de globalização que se vive e que, para alguns estudiosos,

Ano/Edição	<p>possui o significado da homogeneização: anulam-se as diferenças mas permanecem as desigualdades. No entanto, os pesquisadores da cultura sabem que, nesses processos interativos, as produções humanas - fruto de determinadas relações sociais - longe de desaparecerem, florescem com toda a sua força. Em outras palavras, refiro-me aqui ao trabalho, aos hábitos alimentares, à religião com os seus ritos e mitos, às histórias que são transmitidas de geração em geração (se que modificadas), às danças, às músicas, às maneiras de expressar a amizade, o amor, a raiva, a dor. Essas expressões culturais, quando analisadas pelo viés da memória desnudam o cotidiano dos diferentes grupos de convívio que os indivíduos participaram no passado e vivem no presente.</p> <p>Ano XI, nº32, set-dez/1998. São Paulo</p>
Título Autor/es Resumo Ano/Edição	<p>Um olhar retrospectivo</p> <hr/> <p>Dirceu Cutti Editorial Ano XIII, nº36, jan-abril, 2000</p>
Título Autor/es Resumo Ano/Edição	<p>Reconstruir o passado: re-significar o presente</p> <hr/> <p>Sidnei Marco Dornelas Editorial Ano XVII, nº49, maio-ago/2004. São Paulo</p>
Título Autor/es Resumo	<p>Um migrante que veio de longe</p> <hr/> <p>Maria da Conceição A. Castro</p> <p>A maneira de viver do caboclo amazônico e sua relação com o mundo aquático, manifestada num cotidiano de múltiplas facetas, instiga pesquisadores e inspira poetas a tê-los como referência para suas incursões científicas ou literárias. Vê-se nos versos do saudoso poeta e maestro santareno, Wilson Fonseca, essa pujança retratada, tal como entoa na música do boto que se transforma em um belo rapaz e que depois de seduzir as caboclas ribeirinhas desaparece. Do mesmo modo, o poeta amazonense Tiago de Melo transmite com maestria esse cativante universo, em obras como “Pátria das Águas”, entre outras mais. Observa-se nas letras poéticas desse autores, o retrato de uma paisagem que ainda transpira abundância - rios, florestas, margens e ribanceiras. Nesse cenário de mitos, segredos e fronteiras ambicionadas, gerou-se a “civilização ribeirinha, na qual os rios, lagos, igarapés e</p>

Ano/Edição	igapós são fontes da vida, da morte e do imaginário regional (Amazon View, 2004). Mas, quem é esse caboclo e de onde veio? Ano XVII, nº49, maio-ago/2004. São Paulo
Título	A memória da terra-mãe na narratividade do imigrante italiano
Autor/es Resumo	Antonio Busnardo Filho; Maria Ivoneti Busnardo Ramadan O cultivo do café transformou o campo em espaços existenciais onde lutas, desejos e experiências eram constantemente vivenciadas; por este motivo, a epopéia cafeeira é até hoje tema da literatura, do teatro, da teledramaturgia, cuja saga suscita sempre O desejo de recontá-la. Assim, o corpus deste artigo é a história de vida de um descendente de imigrante italiano. Franqueamos ao informante, com 75 anos e alguns problemas de saúde, que fosse relatando espontaneamente os acontecimentos, sem impor-lhe nenhuma diretriz prévia, o que permitiu que ele deixasse fluir naturalmente as lembranças. Mas a um idoso trazer à tona o passado sempre desencadeia certa emoção e sofrimento e com isso as lembranças, carregadas de afeto, deslizavam desorganizadas pela memória. Suas evocações acabaram por envolver os pesquisadores. por pertencerem eles ao mesmo uni verso de vida do informante. Com o intuito de ordenar o material recolhido, a fim de submetê-lo à análise, resolvemos agrupá-lo por temas. Este procedimento fez com que de ouvintes passássemos também a narradores, caracterizando-se este “corpus” por uma polifonia de vozes narrativas. Criaram-se dois contextos de situação narrativa. Um, o do informante, que, tendo vivido a história como personagem, retira dessa experiência as informações de que necessita. Outro, em que o narrador relata uma história a que é estranho, porque não a integrou como personagem. Recorrendo à teoria da literatura, diríamos que o primeiro é o narrador homodiegético, o próprio informante, o segundo. heterodiegético. (Reis, 1995:370-371). A narrativa apresentada por temas, com suas respectivas análises, para distinguir a presença dos dois narradores usará N1 e itálico, para o narrador original e N2 para O segundo narrador, e a fala de ambos estará entre parênteses, com a fonte em tamanho menor.
Ano/Edição	Ano XVII, nº49, maio-ago/2004. São Paulo

Título	Guardiões de memórias: a força dos arquivos pessoais
Autor/es	Maria Catarina Chitolina Zanini
Resumo	Este breve ensaio! tem a pretensão de, por meio da descrição de momentos de minha pesquisa etnográfica entre descendentes de imigrantes italianos da região central do estado do Rio Grande do Sul, salientar o quanto a identidade étnica e a construção de memórias se assentam tanto em narrativas como em objetos e lugares (especialmente as casas) dos quais os indivíduos extraem sentido e força para constantemente reatualizarem suas noções de pertencimento grupais (e pessoais também). Tais objetos e lugares são considerados sagrados pelos seus detentores, guardados e conservados como relíquias de família e, por eles, e em torno deles se reforça todo um zelo aos antepassados, ao tempo dos antigos' e tudo o que deles exala. São, em termos antropológicos, portadores de mana (Mauss, 1974: 138), e as narrativas acerca das origens, por vezes, se inspiram neles e deles extraem legitimidade e temporalidade.
Ano/Edição	Ano XVII, nº49, maio-ago/2004. São Paulo
Título	Do colonato ao assalariamento
Autor/es	Neusa de Fátima Mariano
Resumo	Os relatos aqui reunidos são de ex-trabalhadores do campo em Jaú-SP; suas lembranças expressam o modo de vida simples nas colônias durante as décadas de 1940, 5() e início de 6(). Os depoimentos versam ainda sobre a sociabilidade nos dias de hoje, no contexto das novas relações de trabalho, com a implantação do assalariamento no campo. Os ex-trabalhadores em questão são resultado da intensa miscigenação que, no estado de São Paulo, envolveu populações caipiras negros e imigrantes europeus. Foram trabalhadores agrícolas, primeiro como colonos e, depois como assalariados no campo ou na cidade. Como assalariados, muitos tornaram-se moradores da cidade de Jaú e da metrópole paulistana, tendo assim, vivenciado a experiência do êxodo rural. O município de Jaú (SP) foi grande produtor cafeeiro e receptor de imigrantes europeus, principalmente italianos integrados ao sistema de colonat0 ² e, mais recentemente destacou-se na produção de cana de açúcar, já com a implantação do assalariamento no campo. Para que se possa produzir documentos a partir dos relatos orais é preciso analisar os mesmos, não havendo como fugir da interferência do pesquisador que, após transcrevê10s,

Ano/Edição	<p>os fragmenta e seleciona trechos conforme o seu interesse. Portanto, as narrativas aqui registradas mostram um passado a partir de lembranças de um momento histórico vivido e sentido, permitindo o entendimento do processo pelo qual se chegou ao modo de vida atual. Enfim, um modo de vida simples, de trabalho pesado, recompensado de vez em quando por festas é o que revelam os relatos de ex-trabalhadores do campo sobre a vida nas fazendas, sob O regime de colonato.</p> <p>Ano XVII, nº49, maio-ago/2004. São Paulo</p>
<p>Título</p> <p>Autor/es</p> <p>Resumo</p> <p>Ano/Edição</p>	<p>Os espanhóis de Villa Novaes e suas narrativas</p> <p>Marília Klaumann Cánovas</p> <p>O imigrante espanhol representou, segundo destacados estudiosos da temática da emigração em massa ¹, o terceiro contingente em volume a dirigir-se para o Brasil no cômputo geral do período. Há indícios, no entanto, de que teria representado, dentre os ingressos das principais nacionalidades para o Estado de São Paulo no mesmo período², a segunda posição dos que demandaram as lavouras cafeeiras do Oeste Paulista ³ por razões diversas, a essa expressividade numérica parece não corresponder um número equivalente de investigações, se compararmos ao montante de trabalhos multidisciplinares que foram destinados ao emigrante italiano, por exemplo. Nos inícios da década de 1980, após longa peregrinação por diversos locais e acervos, na tentativa de rastrear a presença de vestígios da passagem desse contingente pelo Estado de São Paulo, foi-nos sugerida como uma possibilidade uma localidade próxima à cidade de Catanduva — Villa Novaes — ,por haver concentrado em sua ocupação inicial, grande número de famílias espanholas que para lá haviam ocorrido, nas primeiras décadas, atraídas pela possibilidade de adquirir seu quinhão de terra. Lá existiriam, segundo o informante, remanescentes (ainda) de primeira geração e seus descendentes, cujas histórias lhe eram familiares e próximas, já que sua mãe fora parteira no local por várias décadas. Essa informação, à época, forneceu-nos ânimo renovado. Afinal, durante meses, havíamos percorrido, em vão, distintos locais e pesquisado diferentes acervos documentais, na tentativa de vislumbrar qualquer possibilidade de viabilização de investigação acerca desse grupo.</p> <p>Ano XVII, nº49, maio-ago/2004. São Paulo</p>

Título	Os brincantes de Lucas e histórias de um boi migrante
Autor/es	Luciana Gonçalves de Carvalho
Resumo	Diferentes expressões populares aludindo ao tema de perda e recuperação de um novilho precioso espalham-se por quase toda parte do Brasil, como variantes de um mesmo ciclo mítico do boi que aparece incorporado em muitas histórias, músicas, danças e performances dramáticas pelo país afora: boi calemba no Rio Grande do Norte, boi pintadinho no Rio de Janeiro, boi bumbá no Pará e Amazonas, boi-de-mamão em Santa Catarina, boi-de-reis no Espírito Santo, cavalo-marinho em Pernambuco e bumba-meu-boi no Maranhão, Realizações singulares de um conjunto amplo de manifestações em que a figura de um boi — uma representação plástica do animal, mais ou menos realista, confeccionada artesanalmente — contracena com homens e mulheres nos papéis de cantadores, vaqueiros, índios, palhaços, escravos, fazendeiros e outros, essas expressões conjugam modalidades distintas de canto, toque, dança, teatro, narrativa e jogo. Frequentemente associadas a crenças e sentimentos religiosos, não perdem, contudo, o caráter lúdico que seus praticantes lhes reservam e denunciam, ao tratá-las preferencialmente como brincadeiras, e a si próprios como brincantes.
Ano/Edição	Ano XVII, nº49, maio-ago/2004. São Paulo
Título	Migrantes em Jaraguá do Sul (SC): novos “carreros” a serem percorridos e a tessitura do “fio de Ariadne”
Autor/es	Ancelmo Schörner
Resumo	A história oficial de Jaraguá do Sul, cidade localizada no Norte de Santa Catarina, sustenta que em 1864 a princesa Isabel, filha do imperador Pedro II e herdeira do trono, casou-se com o Conde d’ Eu. Como parte do dote constavam as terras que vieram a formar o município, no Vale do Itapocu. Ao engenheiro e coronel Emílio Carlos Jourdan, amigo do Conde d’Eu e da princesa Isabel, coube a tarefa da demarcação das terras. No princípio eram 12 léguas quadradas, sendo aumentadas, posteriormente, para 25 léguas quadradas. A região começou a ser explorada efetivamente a partir da década de 1870, quando Jourdan chegou para tomar posse de dez mil hectares de terras ao norte da Colônia Dona Francisca, entre a barra do Rio Jaraguá, a Leste, e a margem do Rio Itapocu, ao Norte. Antes da assinatura do contrato de medição, em 11/01/1876, Jourdan havia feito um contrato com a princesa para colonizar parte do referido patrimônio. Pelo contrato ela arrendou, durante 15 anos, 430

Ano/Edição	<p>hectares de terras no Jaraguá sede, fez promessa de venda de dois mil hectares e, caso a compra se efetivasse, não precisaria pagar o arrendamento recebendo, ainda, o direito de povoar e extrair erva-mate, madeira e minérios. Assim, a história do Jaraguá está intimamente ligada às amizades de Jourdan com os proprietários das terras onde foi erguido o Estabelecimento Jaraguá, que consistia em engenho de açúcar, de farinha de mandioca e de fubá, olaria e serraria, em 1877.</p> <p>Ano XX, nº58, maio-ago/2007. São Paulo</p>
Título	Duas lembranças: migração, história e cativo num povoado mineiro
Autor/es	Eduardo Magalhães Ribeiro; Flávia Maria Galizoni
Resumo	De que se recorda o migrante, qual lembrança carrega da sua terra, e como constrói sua história? Migrantes transportam consigo uma história própria, que se expressa no costume e no sotaque; às vezes retornam à origem em busca das lembranças que carregam na memória, e costumam ser muito valorizadas, porque os conforma como sujeitos. Quase sempre é assim, e isso foi comentado com tanta frequência na literatura e nas pesquisas que se tornou quase um consenso. Drummond resumiu tudo num poema, mostrando que, definitivamente, a lembrança é a maior das bagagens que o migrante carrega consigo: afinal, ele teria mesmo, algum dia, saído de sua terra? Mas sempre é preciso ter claro que lembranças não são fatos, não são estáveis, e nem mesmo são individuais. Elas não são registradas. cambiam. são flexíveis, Por isso, são referências que podem ser transformadas e reconstruídas, e assim ganham uma força maior que o poder de lembrar, que a memória. Embora possam ser um capital coletivo dos mais valiosos, base para ações por emancipação e liberdade, podem ser também base para construir domínios sobre pessoas ou grupos. Então. a história recontada desmonta, desfaz, remonta outras histórias.
Ano/Edição	Ano XXI, nº60, jan-abril/2008. São Paulo
Título	Lembranças de viagens às fronteiras do Brasil – migrações temporárias de lavradores do nordeste mineiro
Autor/es	Eduardo Magalhães Ribeiro; Flávia Maria Galizoni; Thiago de Paula Assis
Resumo	Desde começos do século XX, lavradores do nordeste de Minas Gerais migraram rumo às fronteiras agrícolas do Sudeste e Sul brasileiros. Esses lavradores saíam dos vales dos rios

Mucuri e Jequitinhonha e, apesar da grande distância, em boa parte das vezes migravam temporariamente, por conta do esgotamento das terras de plantio e da impossibilidade de auferir renda em dinheiro trabalhando nas decadentes fazendas de gado da região. Este artigo¹ descreve esses deslocamentos temporários para essas fronteiras, analisando as situações que os levavam a migrar, a maneira como perceberam essa migração e, por fim, suas aventuras no destino escolhido. O artigo tem origem numa pesquisa realizada entre 2000 e 2001, em municípios do nordeste de Minas Gerais, e em Betim, Contagem e Belo Horizonte, no centro de Minas, entrevistando antigos migrantes, agora lavradores da sua própria terra, que narravam seus destinos, o aprendizado no trabalho, a situação da partida e retorno. A investigação combinou pesquisa documental e de campo, analisando a dinâmica do sítio familiar e da fazenda do nordeste de Minas Gerais, investigando fluxos migratórios e a entrada no mundo do trabalho. Foram entrevistados sitiantes, assentados, aposentados e assalariados rurais originários do nordeste mineiro que migraram depois dos anos 1950, além de mediadores, agentes de pastoral e fazendeiros.

Ano/Edição

Ano XXI, nº 61, maio-ago/2008. São Paulo

Título

Memórias de gênero: a construção de uma *ídischkeit* imaginária no Brasil

Autor/es
Resumo

Joana Bahia

Este artigo analisa a vida e a importância das ativistas de esquerda europeia e nacional, na elaboração de uma identidade judaica progressista e libertária, base da formação, entre os anos 1910 e 1920, da Associação Scholem Aleichem (ASA) e da Casa do Povo ou Instituto Cultural Israelita Brasileiro (ICIB), instituições atualmente situadas nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, respectivamente. Muitos deles vieram por motivos econômicos, mas, os principais fatores para o seu deslocamento foram as ditaduras na Polônia, Hungria e Romênia, e a crescente ascensão do antissemitismo, e de suas militâncias nos partidos comunistas e no *Bund*. Os jornais e demais documentos, bem como entrevistas feitas com os ativistas constituem as fontes analisadas neste artigo. As posturas políticas, o modo como organizavam as atividades em ambas as associações, suas ideias sobre identidade e educação (formação de uma rede escolar própria) são dados

Ano/Edição	considerados para a compreensão do que o grupo concebe como identidade étnica e social. Ano XXIV, nº 68, jan-jun/2011. São Paulo
MERCOSUL	
Título	Migrações no MERCOSUL
Autor/es	Dirceu Cutti
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XII, nº 33, jan-abril/1999. São Paulo
Título	Migração brasileira no MERCOSUL
Autor/es	Rogério Haesbaert; Marcelus Silveira
Resumo	Este trabalho diz respeito ao processo migratório de brasileiros para os demais países do Mercosul. processo antigo, mas que tem se revigorado nas duas últimas décadas, configurando migração diferenciada que envolve principalmente habitantes do Sul do País que se dirigem para os vizinhos do Prata em busca de terras para a agricultura. Ao contrário de outros migrantes que se dirigem predominantemente para as cidades caso dos paraguaios na Argentina - os brasileiros estão. basicamente. expandindo a chamada fronteira agrícola do País e “exportando” os dilemas já vividos no Brasil. Daí a recente preocupação revelada pela imprensa. especialmente no Uruguai e na Argentina. com a provável entrada dos sem-terras brasileiros em seus territórios.
Ano/Edição	Ano XII, nº 33, jan-abril/1999. São Paulo-SP
Título	Entre as leis e as realidades localizadas: as tentativas de construção de um mercado comum solidário
Autor/es	Marcia Anita Sprandel
Resumo	O presente artigo é uma tentativa de diagnosticar, sete anos depois da assinatura do Tratado de Assunção, de que forma vem se desdobrando a “livre circulação de forças produtivas”, ou seja. de trabalhadores (formais ou informais) e de suas famílias. pelas fronteiras do Mercosul. Ao fazê-lo. identifica como diferentes instâncias da sociedade civil. principalmente as centrais sindicais e as organizações não-governamentais, se inserem neste processo. de forma a influenciá-lo. Num

Ano/Edição	segundo momento. o artigo faz breves referências aos registros de deslocamentos populacionais entre as fronteiras dos países membros. Finalmente. resguardadas as especificidades regionais, analisa tais deslocamentos como parte da crescente c problemática movimentação de homens. mulheres e crianças trabalhadores pelas fronteiras do planeta. Ano XII, nº 33, jan-abril/1999. São Paulo-SP
Título	MERCOSUL: fontes do direito do trabalho (Relatório)
Autor/es	Marcio Poschmann
Resumo	Relatório
Ano/Edição	Ano XII, nº 33, jan-abril/1999. São Paulo-SP
Título	Hispano-americanos em São Paulo: alcances e imites de um processo de integração
Autor/es	Sidney Antonio da Silva
Resumo	Propomo-nos analisar neste artigo alguns aspectos da reprodução social dos hispano-americanos em São Paulo. buscando traçar. Em primeiro lugar, um possível perfil destes imigrantes na cidade com o objetivo de destacar as diferenças e as semelhanças presentes em cada grupo. Em segundo lugar. focalizaremos as formas como cada grupo se insere no mercado de trabalho paulistano. mostrando as suas peculiaridades e contradições. Finalmente, analisaremos alguns aspectos da sua integração sociocultural, a qual antecede e extrapola os limites do tratado que formalizou o Mercosul. focalizando questões complexas atinentes aos conceitos de “cidadania transnacional” e de identidades. Os dados aqui analisados foram colhidos no arquivo do Centro Pastoral dos Latino-americanos, situado nas dependências da Igreja N, Sra. da Paz. no bairro da Liberdade-SP. Foram consultadas fichas relativas à década de 90, Vale ressaltar que o referido arquivo apresenta vários problemas. pois o preenchimento dos campos em boa parte das fichas é bastante deficiente, e muitas vezes a informação não é clara. sendo passível de várias interpretações. Apesar desses problemas. tais dados apresentam uma grande riqueza. pois no verso da maioria das fichas há informações sobre a trajetória do imigrante. a partir do momento em que ele se apresentou à Pastoral para encaminhar o seu processo de documentação ou pedir alguma forma de ajuda. Entre os grupos de imigrantes atendidos pelo referido Centro de Pastoral, destacamos os bolivianos. os chilenos. os argentinos.

Ano/Edição	<p>os paraguaios, os uruguaios e os peruanos, No caso boliviano vale notar entretanto, que os dados foram colhidos a partir de 1994. pois os que se referem aos anos anteriores, já foram analisados em outro trabalho pelo autor deste artigo (Silva. 1997). Tais dados serão, portanto. comparados com os colhidos ultimamente. Dentre os dados auferidos e que nos possibilitam construir um possível perfil dos hispano-americanos em São Paulo. apresentamos a classificação por sexo. idade. estado civil. grau de instrução. proveniência, ocupação profissional, local de residência São Paulo. filho brasileiro e a passagem por uma das instituições que acolhe os migrantes na cidade, a AVIM (Associação de Voluntários pela Integração dos Migrantes).</p> <p>Ano XII, nº 33, jan-abril/1999. São Paulo-SP</p>
Título Autor/es Resumo	<p>Agricultura brasileira: globalização e integração no MERCOSUL</p> <p>José Sidnei Gonçalves</p> <p>A discussão sobre globalização e integração econômica nem sempre deixa claro alguns aspectos relevantes que provocam decorrências internas expressivas no campo do ajustamento das economias e os efeitos sociais desse processo. O primeiro aspecto é que as nações são diferentes não apenas no seu potencial econômico, mas quanto à sua força geopolítica. Dessa maneira uma economia continental como a brasileira. concorrente em potencial da norte-americana terá tratamento e sofrerá impactos distintos da globalização que os verificados no caso chileno onde optou-se por um caminho de complementaridade em relação aos Estados Unidos. O segundo aspecto decorre de que a globalização, e inserido nela o discurso neoliberal de eliminação da proteção às produções nacionais, ocorre numa situação onde os maiores exportadores mundiais são também os maiores importadores mundiais fazendo com que a Rodada Uruguai do GATT tenha sido nada mais que um ajuste de contas entre as pressões norte-americanas e europeias as maiores potências econômicas, e também agrícolas do globo. Tanto assim que os subsídios agrícolas de ambas as economias passam a ser permitidos pelas regras vigentes no comércio internacional, na mesma medida que coíbem a intenção de outras nações seguir movimentos semelhantes. O terceiro aspecto reside no fato de que o mercado internacional não corresponde ao ideal liberal de concorrência perfeita pois para qualquer produto importante transacionado pode-se</p>

Ano/Edição	<p>citar um conjunto de máximo rneia dúzia de empresas que respondem por mais de dois terços das vendas realizadas. São empresas multinacionais com o apoio explícito dos países de origem nas suas pressões sobre as diversas nações que atuam nesse mercado como compradoras elou vendedoras. Numa palavra, torna-se fundamental entender que o grande cassino internacionalizado representado pelo capital volátil também interfere diretamente nas condições de negócios e nas possibilidades de inserção de cada nação no mundo globalizado. e nesse cassino. vale o poder econômico que impede apostas vencedoras contra a banca.</p> <p>Ano XII, nº 33, jan-abril/1999. São Paulo-SP</p>
<p>Título Autor/es Resumo</p> <p>Ano/Edição</p>	<h2 style="text-align: center;">METRÓPOLE / CIDADE</h2> <p>Migrações e metrópoles</p> <p>Pablo C. Benetti; Carlos Vainer</p> <p>A partir da análise de estatísticas demográficas nas respectivas Regiões Metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro, o texto apresenta facetas do fenômeno migratório do campo para as cidades impulsionado pela modernização agrícola e as precárias condições de vida no campo, por um lado, e, por outro, pelo desenvolvimento industrial e as perspectivas de trabalho formal e melhores condições de vida na cidade. A análise ainda enfoca essa migração como um problema social e político.</p> <p>Ano I, nº 2, set-dez/1988. São Paulo-SP</p>
<p>Título Autor/es Resumo</p>	<p>Problemas e mitos na luta pela moradia</p> <p>Ermínia Maricato</p> <p>O agravamento da crise habitacional tem motivado muitos debates entre os militantes dos movimentos urbanos, sem que, entretanto, tenha surgido uma estratégia comum e lúcida de como enfrentar o problema. Com a intenção de contribuir para definição de estratégias políticas, vamos abordar três temas que frequentemente são tratados de forma isolada, podendo constituir mitos dados como indiscutíveis. O primeiro deles é o de que a intensa migração campo/cidade é a grande, quando não a única responsável pelos problemas habitacionais. O segundo diz respeito à defesa do acesso à terra como forma</p>

Ano/Edição	principal de obtenção da moradia e o terceiro trata do mutirão como a forma mais desejável de produção, não só da moradia, mas também da elevação da consciência popular. Ano I, nº 2, set-dez/1988. São Paulo-SP
Título	Rio Branco, cidade menina
Autor/es	Sílvio Bez Birolo
Resumo	O artigo aborda o desenvolvimento urbano em Rio Branco-AC no contexto do êxodo rural interno no Acre e a contribuição dos mirantes para o desenvolvimento da capital acreana. Também aponta os processos sociais que contribuíram para a exclusão dessa população migrante em relação aos serviços de infraestrutura e saneamento básico nas periferias de Rio Branco.
Ano/Edição	Ano I, nº 2, set-dez/1988. São Paulo-SP
Título	“Digo pro senhor, vida de peão não tem futuro” (Palavra do migrante)
Autor/es	Patrício Carvalho
Resumo	Depoimento
Ano/Edição	Ano I, nº 2, set-dez/1988. São Paulo-SP
Título	Ocupação: a arma dos sem teto (Relato de experiência)
Autor/es	Lires Marques
Resumo	Relato de experiência
Ano/Edição	Ano I, nº 2, set-dez/1988. São Paulo-SP
Título	SOS Acre – No Acre: alagação rima com exploração, que rima com eleição, que rima com expulsão, que por sua vez rima com migração (Reportagem)
Autor/es	Francisco Redante
Resumo	Reportagem
Ano/Edição	Ano I, nº 2, set-dez/1988. São Paulo-SP
Título	Vamos à metrópole!
Autor/es	Dirceu Cutti
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano VIII, nº 23, set-dez/1995. São Paulo

Título	A mobilidade intra-regional na metrópole: consolida-se uma questão
Autor/es Resumo	<p>José Marcos Pinto da Cunha</p> <p>Ao que parece, a mobilidade interestadual que roubava a cena dos estudos migratórios das décadas anteriores foi progressivamente perdendo peso relativo para outras formas de deslocamentos populacionais relativamente menos visíveis em uma época quando a grande questão era a migração dos nordestinos ou mineiro para São Paulo, a ocupação das fronteiras agrícolas, etc. De fato, como será demonstrado, já na década de 70, algumas formas de deslocamentos intra-regionais começam a ganhar maior volume e importância relativa e, por conseguinte, passaram a figurar, mesmo que de maneira ainda tímida na agenda atual dos estudos migratórios. Tratam-se, na verdade, de deslocamentos populacionais de caráter permanente (migração intrametropolitana) ou diário (mobilidade pendular) que surgiram e ganharam força em decorrência do processo de expansão e (re)estruturação urbana, sobretudo nas áreas metropolitanas, alimentados pela tendência sustentada de concentração demográfica ao longo das décadas de 60 e 70. Dentro deste contexto, o presente artigo busca analisar alguns dos dados censitários disponíveis de forma a mostrar a importância crescente destes novos movimentos populacionais na dinâmica demográfica das Regiões Metropolitanas, em detrimento das históricas migrações interestaduais. Além disso, pretende-se apresentar algumas de suas características mais marcantes, para o que se recorre às informações da década de 70 já que até o momento não se dispõe de dados mais recentes. Também como forma de situar esta discussão, apresenta-se preliminarmente alguns antecedentes sobre a história migratória nacional, da qual o tema abordado é uma decorrência.</p>
Ano/Edição	Ano VIII, nº 23, set-dez/1995. São Paulo
Título	São os migrantes tradicionais?
Autor/es Resumo	<p>Cynthia Andersen Sarti</p> <p>É sabido que a significativa maioria da população pobre e trabalhadora da cidade de São Paulo é migrante. Suas vidas são o resultado da urbanização e industrialização do País, a partir dos anos 50, e da intensa migração que fez parte deste processo, sobretudo nos anos 60 e 70. Era o «sonho feliz de cidade», a promessa de dias melhores que alimentou o árduo</p>

Ano/Edição	deslocamento para o sul, em busca do Brasil moderno, cuja síntese perfeita estava em metrópoles como São Paulo. Sonho que forjou as periferias pobres das cidades. obrigando sua população a «chamar depressa de realidade», nas palavras de Caetano Veloso, o que se mostrou «o avesso do avesso» de seu sonho. Ano VIII, nº 23, set-dez/1995
Título	A reinvenção de Curitiba: pluralismo étnico e imagens de primeiro mundo
Autor/es	Maria Cecília Solheid da Costa
Resumo	Neste artigo pretendo indicar que, em tempos recentes, o resgate as origens estrangeiras e da composição multiétnica da população local é instrumental na sedimentação da imagem que associa Curitiba a uma cidade de Primeiro Mundo. Também que a visibilidade de grupos e de tradições étnicas diferentes no contexto das celebrações dos 300 anos da cidade expressa uma ideologia oficial da harmonia mas, ao mesmo tempo, implica reconstrução da identidade de curitibano e reelaboração da imagem de cidade-modelo.
Ano/Edição	Ano VIII, nº 23, set-dez/1995
Título	Uma face desconhecida da metrópole: os bolivianos em São Paulo
Autor/es	Sidney Antonio da Silva
Resumo	Neste artigo, a partir dos dados etnográficos coletados na cidade de São Paulo ¹ , propomo-nos a penetrar o nosso olhar para além do aparente brilho que caracteriza a metrópole paulista, na tentativa de apreendermos o vivido por um grupo de imigrantes, os quais, por um lado, não são reconhecidos socialmente, em razão dos vários estigmas que lhes são atribuídos pela sociedade local, e por outro, não existem enquanto cidadãos, porque são indocumentados ou clandestinos. Trata-se dos imigrantes bolivianos, mais especificamente dos bolivianos indocumentados que trabalham no ramo da costura. A partir da experiência de clandestinidade, estes imigrantes constroem estratégias de sobrevivência, e ao mesmo tempo, organizam-se socialmente, recriando os seus valores culturais em vista da construção de uma nova imagem social de si mesmos.
Ano/Edição	Ano VIII, nº 23, set-dez/1995

Título	Migrantes e vizinhos
Autor/es	Sidnei Marco Dornelas
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XIII, nº 38, set-dez/2000. São Paulo
Título	Brás, Moóca e Belenzinho: formação e dissolução dos antigos bairros “italianos” além-Tamanduateí
Autor/es	Margarida Maria de Andrade
Resumo	No final do século XIX, quando São Paulo apenas despontava no cenário urbano brasileiro, Brás, Moóca e Belenzinho incluíam-se entre os novos bairros que nasciam na capital pela concentração do contingente crescente de imigrantes que afluía à cidade uma vez iniciada a Grande Imigração, promovida pelo governo brasileiro no quadro de substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre. Além deles, devem ser citados, o Bom Retiro, a Barra Funda, a Água Branca, a Bela Vista, o Cambuci. Mas nenhum destes destacou-se como o conjunto formado pelo Brás, Moóca e Belenzinho. Destacou-se como maior concentração de imigrantes e de fábricas da cidade e destacou-se como núcleo de intensa vida própria, a ponto de merecer a designação de ‘outra cidade”, frequentemente atribuída ao conjunto até os anos de 1940. Mas, essa “outra cidade”, esse conjunto de bairros, que como os demais citados eram identificados como “italianos”, sofre, na segunda metade do século XX, um processo muito intenso de descaracterização, no sentido da dissolução de sua antiga identidade como bairros de imigrantes que, ao mesmo tempo que os distinguira na cidade, constituía elemento de redefinição da própria cidade.
Ano/Edição	Ano XIII, nº 38, set-dez/2000. São Paulo
Título	Urbanização, bairro e vida de bairro
Autor/es	Odette Carvalho de Lima Seabra
Resumo	Parece existir uma mística em relação ao bairro que o reintroduz na prática social como objeto de discurso. O bairro se torna cada vez mais portador de ideologia, com a qual, supostamente, seria possível produzir uma opinião visando determinadas práticas. Isto aparece, seja nos argumentos preservacionistas, visando qualificar um patrimônio, seja nos argumentos de segurança, visando o estabelecimento de territórios, Torna-se, portanto, necessário compreender qual é o estatuto do bairro na história urbana e porque tanto se evoca o bairro, Afinal, é preciso não deixar margem às ontologias e

Ano/Edição	nem às nostalgias. Impõe-se compreender a historicidade do bairro, Mostro, neste breve estudo, aspectos da formação dos bairros de além-T1etê em São Paulo e indico algumas das suas metamorfoses. Antes de tudo, firmo as premissas do meu raciocínio, relativas à urbanização, Ano XIII, nº 38, set-dez/2000
Título	As novas e velhas esperanças de uma comunidade em Florianópolis
Autor/es Resumo	Francisco Canella Comunidade de origem migrante, com passado militante e pobre. Um lugar que reúne essas características, em uma cidade como Florianópolis, pode nos colocar um conjunto de importantes questionamentos: de um lado, tal tipo de comunidade, tanto pela sua própria existência como pelas lutas que promoveu, aponta as contradições de um discurso acerca do desenvolvimento urbano de Florianópolis; de outro, permite a compreensão de uma peculiar dinâmica social estabelecida em uma comunidade de periferia urbana. É esse segundo aspecto que o presente artigo pretende abordar: como no contexto de lutas que denunciavam um discurso e apontavam alternativas para a cidade, foram produzidas específicas sociabilidades, e em que estado se encontram hoje. Examinar esse processo, considerando suas rupturas e permanências, é o objetivo desse artigo.
Ano/Edição	Ano XIII, nº 38, set-dez/2000
Título	São Miguel Paulisa dos “baianos”
Autor/es Resumo	Paulo Fontes Partindo do estudo de caso do bairro paulistano de São Miguel Paulista e da Nitro Química, grande fábrica ali localizada. esse artigo é parte de uma pesquisa de maior fôlego que. justamente, procura explorar as relações entre as tradições e costumes dos migrantes nordestinos de origem rural e o processo de formação da classe trabalhadora em São Paulo, particularmente nos anos 50. São Miguel Paulista e a Nitro Química são lugares particularmente interessantes para examinar essa questão. A grande maioria das operárias e operários da empresa era composta de migrantes nordestinos e, em consequência, São Miguel Paulista tornou-se (e é até hoje conhecido como) o primeiro “bairro nordestino” da capital paulista.
Ano/Edição	Ano XIV, nº 40, maio/2001. São Paulo

Título	Política de gestão urbana e mobilidade intrametropolitana – a migração como estratégia de inserção no mercado habitacional na região do Distrito Federal e entorno
Autor/es	Maria Célia Silva Caiado
Resumo	Apesar das especificidades, o processo de estruturação urbana e distribuição populacional do Distrito Federal e Entorno não pode ser dissociado dos processos de urbanização e desenvolvimento nacional. A configuração socioespacial resultante do processo de urbanização não poderia ser muito diferente daquelas encontradas nas demais metrópoles nacionais, uma vez que está submetida ao mesmo processo econômico (regime de acumulação) e à mesma formação social. No entanto, diferente de algumas das principais metrópoles nacionais, no DF, a formação da periferia não está associada à abertura de áreas industriais, igualando-se àquelas, entretanto, no que se refere à oferta de moradias para a população de baixa renda não desejada no interior das áreas centrais, ainda que a lógica que permeia o processo de urbanização da região seja baseada no modelo de desenvolvimento e no processo de urbanização característicos do período de auge da industrialização nacional. Além das especificidades relacionadas à estrutura intra-urbana da região, o processo de ocupação territorial do DF diverge daquele das demais cidades, aglomerações urbanas e regiões metropolitanas pela atuação diferenciada do Estado no controle desta ocupação, em função da propriedade pública de grande parte das terras urbanas. A propriedade pública da terra urbana, que poderia ter se constituído em instrumento distributivo, na verdade tornou-se o principal instrumento de ocupação seletiva, principalmente no processo inicial de ocupação no DF, propiciando a institucionalização da segregação socioespacial da população e a migração em direção aos municípios goianos limítrofes.
Ano/Edição	Ano XVII, nº 50, set-dez/2004. São Paulo
Título	A vida na rua sob o olhar de seus moradores
Autor/es	Renata Nogueira Fioroni; Ana Paula Leivar Brancaleoni; José Marcelino de Rezende Pinto
Resumo	Diversos termos, como morador de rua, povo da rua, entre outros, são utilizados para se referir ao segmento social da população com baixa ou nenhuma renda e que de alguma forma habita (temporária ou definitivamente) os logradouros públicos da cidade (praças, jardins, viadutos, etc.), áreas

degradadas (casas abandonadas, galpões), ou pernoitam em albergues públicos (Simões, 1992). Atualmente, este grupo populacional é bastante heterogêneo e engloba vários sub-grupos que podem ser formados por homens e mulheres solitários e até famílias que transformam locais públicos em moradia. Há a existência de um outro grupo, que são os migrantes recém-chegados à cidade, que foram despejados, estão desempregados, ou ainda migram de um lugar para outro em busca de melhores condições de vida. Na rua misturam-se moradores “tradicionais” (mendigos, andarilhos), pessoas com menos tempo nessa situação (desempregados) e também aqueles que sobrevivem do mercado informal, como catadores de papelão, de latas de alumínio ou guardadores de carro (Rosa, 1994). Um cotidiano de violência, doença, solidão e morte - assim é a difícil vida das pessoas que fazem da rua seu local de moradia. Recessão, crise social e institucional, ausência de políticas públicas e falta de moradia são alguns pontos que fazem parte do contexto em que se insere o morador de rua (Simões, 1992). Dentro deste mesmo contexto, há pouca literatura que trata a questão deste segmento social, dificultando assim um estudo mais sistematizado e profundo a respeito do assunto. Não existem também dados estatísticos precisos sobre essa população (Rosa, 1994). Como exemplo, basta dizer que o Censo realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) no ano de 2000, não contabilizou as pessoas que vivem em situação de rua (Folha de São Paulo, junho de 2000). Com isso, essa população não é computada nas estatísticas oficiais da população brasileira, o que dificulta ainda mais a implementação de políticas públicas para este segmento da população.

Ano/Edição Ano XVII, nº 50, set-dez/2004. São Paulo

Título Espaço-urbano-migrante

Autor/es

Dirceu Cutti

Resumo

Editorial

Ano/Edição

Ano XIX, nº54, jan-abril/2006. São Paulo

Título Espaços divididos e disputados: relações sociais entre nativos e os “de fora” em Guariba-SP

Autor/es

Andréa Vettorassi

Resumo

Município de Guariba, região de Ribeirão Preto-SP. Na década de 50, há um primeiro cinturão, um transbordamento significativo dos limites históricos da cidade do café. Nesta

década, os primeiros migrantes nordestinos chegaram à cidade, força de trabalho para a nascente economia canavieira. Guido Garavello, empreiteiro e proprietário em Guariba, abriu um novo loteamento, o Bairro Alto, mais conhecido como João-de-Barro, porque a grande maioria de suas casas foi construída pelos migrantes nordestinos residentes no loteamento, que chegam anualmente à cidade em busca de trabalho no corte da cana. Suas casas não foram construídas da maneira tradicionalmente paulista (ou seja, “moderna”), mas com lajotas de barro, comuns nos estados nordestinos. O loteamento oferecia terrenos baratos, exageradamente parcelados e menores que os padrões vigentes. O objetivo estratégico do loteador era o de evitar a desvalorização da Vila Garavello, sua propriedade localizada mais ao centro da cidade, com uma possível ocupação dos terrenos adjacentes pelos migrantes nordestinos (Mendes, 1997: 143). Localizado na principal entrada de Guariba, o Bairro Alto é o “cartão de visitas” mencionado acima, representante das desigualdades sociais e econômicas propiciadas pela modernização das usinas de cana-de-açúcar. A infra-estrutura do bairro é bastante precária e distinta do resto da cidade². Por ser um espaço diferenciado de todos os outros, é que o Bairro Alto pode ser considerado um campo autônomo, um espaço social marcado pelas relações sociais horizontais, como também pelas relações e lutas verticais entre as classes. Para os moradores mais antigos de Guariba, é o bairro em que vivem os “invasores”, a gente de maus costumes, violenta e responsável pela desordem urbana. Este artigo objetiva trazer à tona, baseado na metodologia da História Oral e em dados quantitativos, os tipos de relações sociais existentes entre os guaribenses e os grupos migrantes, ambos parte fundamental da figuração social de Guariba. Percebemos, a partir das entrevistas realizadas, que estas relações não raro são permeadas por estigmas (Goffman, 1988) e violência simbólica (Bourdieu, 1989), questões que buscamos revelar neste estudo.

Ano/Edição

Ano XIX, nº54, jan-abril/2006. São Paulo

Título

Migraciones, espacios urbanos y hospitalidad

Autor/es
Resumo

Juan de la Haba; Enrique Santamaria

Las migraciones internacionales que tienen hoy por destino la geografía hispana nos han llevado a replantearnos, entre otras cosas, las relaciones que los seres humanos mantenemos con y

Ano/Edição	<p>em las ciudades contemporáneas. En éstas, la heterogeneidad sociocultural no sólo se ha convertido en un tema de interés y debate público, sino que constituye un principio organizativo básico. Con ello no queremos decir que aquella sea una novedad propia de las actuales metrópolis, pues, somos conscientes de que es consustancial a la morfología de la ciudad, sino que aquí queremos ceñirnos específicamente a esos entornos urbanos que hoy tienden a calificarse de “multiculturales”, principalmente a partir de la presencia y circulación de una amplia gama de migrantes extranjeros que son distinguidos — por ambigua y problemática que sea esta distinción — de la denominada población autóctona. En estas páginas, queremos ocuparnos de esa antigua institución que es la hospitalidad en relación con las migraciones y los espacios urbanos; una institución que, a lo largo de la historia ha trabajado de manera diversa, aunque muy frecuentemente reducida a la condición de mera virtud, “el interior de la sociedad como una fuerza corrosiva” (Schérer, 1993). Con este fin, partiremos inicialmente de las formas más persistentes y equívocas de representar las cuestiones urbanas en relación con los procesos migratorios, esbozaremos después una crítica de lo que hemos dado en llamar razón espacial, para, finalmente, apuntar algunas consideraciones sobre cómo pensar hoy en día la hospitalidad en relación con la recepción y el encuentro entre sujetos, sean estos o no “Inmigrantes”.</p> <p>Ano XIX, nº54, jan-abril/2006. São Paulo</p>
Título Autor/es Resumo	<p>O urbano entre a direita e a esquerda, o público e o privado: a rua negada como possibilidade à vida</p> <hr/> <p>Ricardo Baitz</p> <p>Quem não tem casa mora debaixo da ponte é o que expressa um antigo ditado popular. Ele remonta a uma época em que a cidade, aparentemente, existia para todos, desde os mais afortunados, com seus palacetes, até aos mais pobres, carentes inclusive de um teto. Época em que o “viver em condições precárias” era entendido como algo passageiro, já que as dificuldades de fixação decorrentes da pobreza se ajustariam com a cidade crescendo e fornecendo mais empregos e moradias. De lá até o momento em que este texto é escrito, muito aconteceu; mas o principal é que a cidade cresceu em ritmo acelerado, e também foi aceleradamente</p>

Ano/Edição	<p>que mais pessoas passaram a viver nas ruas, e não só embaixo dos viadutos e pontes. Enfim, tornou-se cada vez mais comum pessoas desempregadas se verem sem perspectiva outra senão irem, com a família, morar com parentes ou na rua. Também se tornou muito mais difícil escapar à última: as pessoas que conseguiram sair da rua, normalmente o fizeram com muita ajuda humanitária externa, prestada por pessoas e entidades de apoio, como a Igreja. Enfim, mudou o tempo, e com ele os conteúdos sociais, que é o assunto deste artigo.</p> <p>Ano XIX, nº54, jan-abril/2006. São Paulo</p>
Título	<p>A reterritorialização dos migrantes nordestinos em Rio das Pedras</p>
Autor/es Resumo	<p>Luciano Ximenes Aragão</p> <p>Rio das Pedras é uma comunidade localizada na Zona Oeste do Rio de Janeiro, na Baixada de Jacarepaguá, situada entre a opulenta Barra da Tijuca, o maciço da Tijuca e o Anil. Na recontagem de 1996, feita pelo IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, essa localidade apresentava 7.439 domicílios e 24.581 habitantes. Para a Prefeitura e para o presidente da Associação de Moradores, ultrapassa 65 mil residentes. Segundo pesquisa realizada pelo Departamento de Sociologia e Política da PUC-Rio, 60 % dos moradores de Rio das Pedras são migrantes. Sugere-se, desse modo, que uma parte significativa dos outros 40% sejam filhos de migrantes, a segunda geração. É uma comunidade de formação recente, tendo suas primeiras ocupações iniciadas no final dos anos cinquenta (do século XX), sendo que o período de maior crescimento populacional e expansão territorial ocorreu nos anos 1980 e 1990, revelando as dificuldades do poder público frente à crise habitacional que atinge a cidade. Também indica que o crescimento das comunidades de baixa renda não é alimentado exclusivamente pelos fluxos migratórios, na medida em que houve sua redução nas últimas décadas, para o caso do Rio de Janeiro. Reconhecida como “uma comunidade de nordestinos”, Rio das Pedras apresenta ainda como especificidade o fato de se manter livre da “violência” desencadeada pela territorialização do tráfico de drogas; isto é reiteradamente indicado pelas lideranças locais e pelos seus moradores, além de amplamente divulgado nos meios de comunicação.</p>
Ano/Edição	<p>Ano XIX, nº54, jan-abril/2006. São Paulo</p>

Título	Economia, urbanização e novas territorialidades no desenvolvimento de São Paulo
Autor/es	Carlos A. Brandão; Cláudio Schuller Maciel; Fernando César de Macedo
Resumo	O objetivo deste texto é apresentar a evolução demográfica e urbana recente no estado de São Paulo, a partir de transformações econômicas que criaram novas territorialidades, tornando a rede urbana paulista muito mais adensada e complexa. Encontra-se dividido em quatro partes, além desta sumária apresentação. Na primeira, são descritos aspectos do crescimento demográfico e urbano recente, destacando processos de desconcentração demográfica, seja no sentido metrópole-interior, seja pela própria periferação das metrópoles estaduais (São Paulo, Santos e Campinas). Na segunda, discute-se a interiorização do desenvolvimento paulista; na terceira, as mudanças na distribuição espacial da indústria que impactaram a rede urbana estadual. Por fim, uma breve nota sobre a evolução recente da agropecuária que também promoveu um avanço na urbanização do interior.
Ano/Edição	Ano XIX, nº54, jan-abril/2006. São Paulo
Título	O migrante e a cidade: enraizamento e/ou desenraizamento
Autor/es	Hidelberto de Souza Ribeiro
Resumo	Este artigo discute a dinâmica de modernização que veio sendo implementada nas últimas quatro décadas na Amazônia Legal, e os impactos em suas populações, em especial, as populações de trabalhadores rurais (lavradores e posseiros) e indígenas, vítimas de expulsão, violência e migração. Mostra também que, nesse processo, o estado age de maneira contraditória, pois, ao mesmo tempo em que, de um lado, aparece como um agente dinamizador dessa modernização, ao implementar obras de infraestrutura, financiar projetos agropecuários, distribuir subsídios fiscais e terras, tudo no sentido de atrair pessoas interessadas em investir naquilo que hoje se conhece por agronegócio, por outro lado, esse mesmo Estado configura-se como um agente omissor ao permitir que madeireiros, especuladores, grileiros, fazendeiros e empresários rurais apropriem-se de terras devolutas fazendo uso da força, da violência, da pistolagem, do constrangimento e da morte sem que, nada em absoluto, lhes aconteça (Martins, 1996; 1995; 1993; 1989; 1988a: 1988b•, 1985; 1983; 1982).
Ano/Edição	Ano XIX, nº54, jan-abril/2006. São Paulo

Título	Primeira impressão – o Rio de Janeiro visto por quem nele chegou de navio
Autor/es	Zoy Anastassakis
Resumo	Tomo a situação de chegada como um momento em que a falta de domínio da linguagem verbal cria uma situação ‘boa para pensar’ como se dá a comunicação em contextos atípicos. No texto, atento também para a questão das felicidades e infelicidades (nos termos de Austin, 1962) vividas no momento de chegada, para a observação de como se opera a percepção e a adaptação a um mundo estruturado diferentemente do da ‘terra natal’. Ou seja, busco refletir sobre os modos como as pessoas operam os deslocamentos de sentido que experimentam a partir da imigração.
Ano/Edição	Ano XX, nº58, maio-ago/2007. São Paulo
Título	O núcleo colonial Antônio Prado e as origens da segregação urbana em Ribeirão Preto
Autor/es	Adriana Capretz Borges da Silva Manhas; Oswaldo Mário Serra Truzzi
Resumo	Embora um povoado tivesse começado a se configurar com a demarcação do patrimônio de São Sebastião em 1856, o desenvolvimento urbano realmente significativo em Ribeirão Preto teve início apenas no último quartel do século XIX, quando a expansão cafeeira atingiu as ‘terras roxas’ e os cafeicultores paulistas impuseram-se sobre os antigos pecuaristas mineiros que detinham a posse do solo. Se nos primeiros tempos todas as atividades urbanas se concentraram na região central, uma primeira expansão ocorreu já no ano de 1887, com a criação do núcleo colonial Antônio Prado. Apesar das características favoráveis ao seu progresso - formado de imigrantes, em sua maioria, italianos, com profissão urbana e pecúlio para aquisição do lote no novo país — este núcleo teve sua área desvalorizada diante do restante da cidade, dando origem aos territórios de pobreza da zona norte de Ribeirão Preto. Concebido para constituir um ‘viveiro de mão-de-obra’ para as lavouras de café que atingiram a região, bem como de provê-la de gêneros de subsistência, que eram caros e escassos na época, acabou servindo à burguesia dominante como depositário de tudo o que ela desejava esconder: fábricas, hospitais e agentes de contaminação, animais e, sobretudo, pessoas pobres, incluindo operários e imigrantes. A sociedade receptora os desejava para o trabalho, mas os rejeitava para o convívio social. O isolamento espacial causado pela dificuldade

Ano/Edição	de acesso, infra-estrutura urbana precária e presença de equipamentos urbanos indesejáveis foi responsável pelo isolamento da área que, ao longo dos anos, transformou-se em “outra cidade” dentro de Ribeirão Preto. Ano XXI, nº 62, set-dez/2008. São Paulo
Título	Migração e segregação urbana: estudos de caso em uma cidade metropolitana (Canoas-RS)
Autor/es Resumo	Cleusa Maria Gomes Graebin; Danielle Heberle Viegas Ao refletir sobre a formação da cidade de Canoas, situada na Região Metropolitana de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul (Brasil), nos reportamos a um mosaico. A cidade, hoje uma referência por sua localização estratégica e seu parque industrial, encontra no fenômeno da migração uma de suas principais características históricas. Canoas tem acolhido em diferentes momentos de sua constituição, seja como vila do município de Gravataí ainda no século XVIII, ou como cidade emancipada a partir da década de 1940, diferentes fluxos de migrantes: contingentes de europeus em fuga dos cenários das duas grandes guerras mundiais; contingentes saídos da zona rural e de pequenos núcleos urbanos do Estado; migrações em modalidades mais curtas, intrametropolitanas. O elo é a busca de trabalho, melhores condições de vida e nas últimas décadas, moradia, com a participação de indivíduos e famílias nos movimentos de ocupação de espaços irregulares. A intensificação das migrações para a cidade deu-se a partir da segunda metade do século XX, após a Segunda Guerra Mundial, na esteira do processo histórico da globalização no qual se inseria o Brasil e no da urbanização vertiginosa quando se formavam grande parte das cidades metropolitanas do país. Assim, ao estudar Canoas, confirma-se a tendência de pensar os fenômenos sociais da migração/urbanização/metropolização em perspectiva entrelaçada. E a partir desse eixo temático que fluem as reflexões que fazemos nesse trabalho cuja origem está nas pesquisas desenvolvidas nos projetos Canoas: para lembrar quem somos ¹ e Festas de origem açoriana no Rio Grande do Sul ² . São dois estudos de caso com os quais pretendemos contribuir para as reflexões sobre migrações no Brasil. A porta de acesso são as memórias de migrantes, decodificadas a partir de depoimentos orais.
Ano/Edição	Ano XXI, nº 62, set-dez/2008. São Paulo

Título	(Des) caminhos da migração pendular na metrópole do Rio de Janeiro – uma perspectiva a partir dos eixos de transporte
Autor/es	Luciano Ximenes Aragão
Resumo	O presente texto procura demonstrar que o deslocamento diário da população não deve ser visto como algo mecânico. Na própria mobilidade, os trabalhadores urbanos lançam mão de estratégias que permitem a articulação de distintas modulações da vida e revelam que o corpo se apresenta como estratégia de acumulação. Não obstante, em alguns momentos particulares, o par dialético mobilidade/imobilidade assume contornos mais precisos.
Ano/Edição	Ano XXII, nº64, maio-ago/2009. São Paulo
Título	La città abbandonata: dove sono e come cambiano le periferie italiane. (Resenha) Mauro Magatti (org.)
Autor/es	Por Sidnei Marco Dornelas
Resumo	Resenha
Ano/Edição	Ano XXIII, nº 66, jan-jun/2010. São Paulo
Título	Renda e migração na Região Metropolitana de Belo Horizonte
Autor/es	Thiago Canettieri
Resumo	As migrações intrametropolitanas representam importante elemento de análise para compreensão da expansão urbana das metrópoles brasileiras. Este artigo tem por objetivo apresentar a análise da função que a renda desempenha na decisão da migração intrametropolitana no contexto da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). Com base nas informações censitárias disponibilizadas pelo IBGE para os Censos de 2000 e 2010 foram consideradas as migrações no contexto interno da região metropolitana, sendo considerado o fluxo migratório da cidade principal (Belo Horizonte) para os outros municípios e o fluxo dos outros municípios para a cidade principal, organizando as informações de acordo com a renda. Os resultados encontrados tanto para 2000, quanto para 2010, mostram que Belo Horizonte experimenta saldos migratórios diferentes, que variam de acordo com a renda.
Ano/Edição	Ano XXVI, nº 73, jul-dez/2013. São Paulo

MIGRAÇÃO SUL-SUL

Título **Nuevos destinos de la migración africana reciente: los senegaleses en Argentina**

Autor/es **Bernarda Zubrzycki**

Resumo Con este trabajo pretendemos aportar al conocimiento de un nuevo fenómeno vinculado a la movilidad humana: las migraciones africanas subsaharianas hacia Sudamérica en general, y migraciones senegalesas hacia Argentina en particular. Nos centraremos en caracterizar la migración senegalesa hacia Argentina, las motivaciones para migrar y las formas de ingresar al país.

Ano/Edição Ano XXVI, nº 72, jan-jun/2013. São Paulo

Título **Novas rotas da migração Sul-Sul: o caso dos peruanos no Brasil**

Autor/es **Camila Daniel**

Resumo Este artigo tem como objetivo refletir sobre a dinâmica de mobilidade dos peruanos para o Brasil. Analisando seu perfil e as principais motivações que os impulsionam a ir para o exterior, indica-se que, ao contrário do que o senso comum imagina, a população peruana no Brasil é diversa e heterogênea, incluindo desde trabalhadores em atividades informais, até profissionais altamente qualificados, oriundos das mais diferentes partes do país, com múltiplos níveis de escolaridade, que (re)produzem uma «cultura de migração». O artigo se baseia em pesquisa bibliográfica e no trabalho de campo realizado com peruanos no Rio de Janeiro.

Ano/Edição Ano XXVI, nº 73, jul-dez/2013. São Paulo

MULHERES

Título **A migração de mulheres do Vale do Jequitinhonha para São Paulo: de camponesas à proletárias**

Autor/es **Maria Aparecida de Moraes Silva**

Resumo O objetivo deste trabalho é apresentar, a partir de dados preliminares de uma pesquisa que estamos desenvolvendo com mulheres migrantes do Vale do Jequitinhonha para a agriculturapaulista (região de Ribeirão Preto), algumas reflexões sobre o processo de transformação social que afeta milhares

Ano/Edição	<p>de camponeses. Visamos compreender a situação da mulher migrante num conjunto de relações: com a terra, o trabalho, a família, ou seja, buscamos não a análise individualizada desta mulher, o que caberia em outras situações, mas a análise de uma mulher cuja identidade passa pela propriedade ou posse da terra, de uma mulher camponesa vivenciando o processo de proletarianização, em virtude da migração.</p> <p>Ano 1, nº 1, maio-ago/1988. São Paulo-SP</p>
Título	Constância e permanência: as mulheres de um bairro na periferia de São Paulo
Autor/es	Sylvia Leser de Mello
Resumo	Não é pequena a responsabilidade do pesquisador que se propõe a escrever sobre um bairro popular da periferia de São Paulo, por mais que o conheça há muitos anos. É responsável pela imagem que vai projetar de alguma coisa que conhece, não é a sua experiência pessoal de vida, mas é a vida de outras pessoas. O seu trabalho, portanto, deve ser bastante preciso, deve evitar a excessiva subjetividade, especialmente os preconceitos oriundos de sua classe, tentando, ao mesmo tempo, reconstruir, pela palavra, a riqueza e a variedade constituintes da vida coletiva que está descrevendo. Tomar um bairro como unidade de análise envolve, também, complicações de ordem conceitual: o que é precisamente um bairro? Será dado enfoque especial sobre o papel e a participação das mulheres na organização cotidiana do bairro.
Ano/Edição	Ano III, nº 7, maio-ago/1990. São Paulo-SP
Título	Mulher: sujeito ou objeto do planejamento familiar
Autor/es	Angela Arruda
Resumo	A questão que temos diante de nós é: a mulher consegue controlar sua própria fecundidade segundo sua conveniência, ou esta sofre outras pressões e acaba se manifestando sem obedecer aos seus anseios e necessidades?
Ano/Edição	Ano IV, nº9, jan-abril/1991. São Paulo-SP
Título	Operárias na calçada
Autor/es	Patrick Clarke
Resumo	Encontrei, por aí, um dia, as comadres da calçada. Gente nova, povo novo lutador. Semeando a esperança no meio de uma grande desgraça. Vivendo a utopia da vida nova, transformada em poesia do reino, pelas lágrimas amargas da derrota. Parece

Ano/Edição	paradoxo. Mas da sarjeta da humilhação, ali em plena cidade nobre, reduto dos poderosos, fortaleza dos que tudo possuem, um “bando de mulheres operárias, sem nada a não ser sua fé e o sonho de um mundo diferente, armou sua tenda e pariu um novo tempo, um mundo que nunca mais vai ser o mesmo. Disso tudo, fui discípulo tardio, testemunha privilegiada, companheiro comovido, solidário. Senti, nas visitas diversas, nas conversas, nas rezas e nas partilhas, a eclosão de algo inédito. De uma boa nova, que o mundo, a nossa sociedade de consumismo exausto, muito precisa. Ano VI, nº 16, maio-ago/1993. São Paulo-SP
Título	“De mulher pra mulher”
Autor/es	Dirceu Cutti
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano IX, nº26, set-dez/1996. São Paulo-SP
Título	Terra vermelha (conto)
Autor/es	Liliana Laganá
Resumo	Conto
Ano/Edição	Ano IX, nº26, set-dez/1996. São Paulo-SP
Título	O rosto feminino da migração sazonal
Autor/es	Maria Aparecida de Moraes Silva
Resumo	Em geral, os estudos sobre as migrações temporárias revelam que elas se referem aos homens. Segundo estas interpretações, enquanto as mulheres ficam, os homens partem. Portanto, se existe visibilidade quanto à migração masculina, há a invisibilidade quanto à feminina. Este fato pode ser explicado pelas seguintes razões: 1 - em se tratando de populações camponesas, geralmente, o que ocorre, é que alguém precisa ficar para desempenhar as tarefas agrícolas durante o tempo de ausência daqueles(as) que partem. Normalmente, atribuem-se às mulheres o papel de ficarem na terra, uma vez que o mundo exterior pertence aos homens; 2 - em virtude das relações de gênero prevalentes na sociedade, cabe às mulheres as funções ligadas à reprodução, tais como as tarefas domésticas e o cuidado dos filhos; 3 - geralmente, a migração feminina é interpretada vis-a-vis o emprego doméstico de mulheres solteiras nas cidades. Estes três fatores fundamentados na compreensão da migração feminina a partir da óptica da divisão sexual do trabalho, através da qual,

Ano/Edição	às mulheres são destinadas as funções reprodutivas acrescidas àquelas ligadas ao trabalho na terra. O objetivo deste texto é contar uma outra história. História de mulheres migrantes sazonais. Camponesas do Vale do Jequitinhonha (MG) que partem em busca do pão de cada dia na região de Ribeirão Preto (SP). O trabalho é a colheita do café e o corte da cana. Trata-se de mulheres casadas, solteiras, viúvas, sós, com filhos pequenos, maiores, lactentes, grávidas (Silva, 1995). Ano IX, nº26, set-dez/1996. São Paulo-SP
Título	A volta por cima
Autor/es	Wanderlucce Pessoa Bison
Resumo	Enfocando o processo migratório sob a perspectiva das implicações decorrentes para os sujeitos nele envolvidos, este artigo aborda um grupo de mulheres que transita entre o Vale do Jequitinhonha-MG e a cidade de São Paulo! Olhar os migrantes sob tal prisma tem conformado uma espécie de lugar central. Os estudos enfatizam, com frequência, as rupturas culturais, as transformações na bagagem política, enfim, os múltiplos impactos que o processo de confronto com universos diversos pode trazer para eles. Partindo desta temática geral, objetivamos pontuar algumas particularidades concernentes ao grupo reportado, chamando a atenção para aspectos que têm sido, até então, pouco explorados pelos pesquisadores.
Ano/Edição	Ano IX, nº26, set-dez/1996. São Paulo-SP
Título	Viagens de ida e volta: a migração de camponesas pobres na Argentina
Autor/es	Cristina Biaggi
Resumo	A história de Rita, a de uma mulher jovem que migra e decide retornar, é a história de muitas outras camponesas que nasceram na zona rural de Santiago del Estero. Esta província, localizada no noroeste argentino, caracteriza-se historicamente por ser uma região expulsora de população. Desde o início do século XIX, quer por razões de ordem ecológica, quer em virtude do modelo de desenvolvimento que se foi impondo a partir da hegemonia de Buenos Aires sobre o país, seus excedentes populacionais passaram a migrar definitivamente ou temporariamente. Ainda que, como consequência das políticas econômicas implementadas no país a partir dos anos setenta, a expulsão de população tenha diminuído nas duas

Ano/Edição	últimas décadas, e que seu destino final tenha deixado de ser exclusivamente Buenos Aires, atualmente a emigração de jovens da área rural continua sendo vista como a única opção possível para numerosas famílias. Ano IX, nº26, set-dez/1996. São Paulo-SP
Título	Mudança, crise e redefinição de papéis: as mulheres brasileiras lá fora
Autor/es Resumo	Sylvia Duarte Dantas De Biaggi É sabido que o processo de imigração constitui-se numa difícil experiência de vida, com características únicas. O imigrante tem de lidar com múltiplas perdas decorrentes da mudança de país, em que deixa para trás familiares, amigos, trabalho e todo um contexto onde língua, normas sociais e locais eram bem conhecidos. Além disso, também tem de ajustar-se a um novo local onde o que antes era parte da rotina se torna um desafio diário. Estudiosos definem a adaptação do imigrante ao novo país como um processo de aculturação em que ocorre uma mudança na cultura, principalmente do grupo minoritário, em função do contato contínuo entre dois grupos culturais distintos (Berry et al., 1987; Phinney, Chavira, & Williamson, 1992). Segundo Berry (1980), tal processo envolve três fases: contato, conflito e adaptação. Essa experiência será mais ou menos estressante para o imigrante dependendo de vários fatores, como por exemplo: similaridade ou não na língua, diferença de costumes e valores entre as duas culturas, além de aspectos psicológicos de cada indivíduo. desta forma, o processo de aculturação é visto como multivariável, ou seja, muitos fatores entram em jogo na adaptação ao novo local. um destes fatores é a mudança na concepção dos papéis sociais de gênero. Este artigo tem como objetivo analisar a experiência das mulheres brasileiras como imigrantes nos Estados Unidos, particularmente na cidade de Boston, com enfoque em seus papéis de gênero no âmbito da família.
Ano/Edição	Ano IX, nº26, set-dez/1996. São Paulo-SP
Título	Trabalhadoras brasileiras em Boston
Autor/es Resumo	Ana Cristina Braga Martes O objetivo deste artigo é analisar a inserção das mulheres brasileiras no mercado de trabalho na Área Metropolitana de Boston, Estados Unidos, com especial atenção às formas de acesso a este mercado (Margolis, 1992 e 1993; Sales, 1994;

Soares, 1995). Convém salientar que o número de mulheres brasileiras que atualmente vivem na área é desconhecido², uma vez que a avassaladora maioria dos brasileiros encontra-se na situação de indocumentados. A maioria das brasileiras veio para esta região acompanhada dos maridos, namorados ou pais. Mas há um número cada vez mais significativo de mulheres que emigram sozinhas, sejam elas solteiras, viúvas ou divorciadas. As brasileiras que emigram acompanhadas tendem a ter um papel de menor peso na decisão de migração. Elas influenciam, emitem suas opiniões e ajudam, mas na maioria dos casos, a ‘ ‘decisão final ‘ ‘ cabe aos homens. A partir dos dados até agora coletados é possível levantar a hipótese de que o papel da mulher brasileira é mais marcante nas decisões de retorno (De Biaggi, 1993), uma vez que são elas, e não os homens, que mantêm fortalecidos os vínculos afetivos e familiares no Brasil, estimulando a volta de muitas famílias. De qualquer modo, as brasileiras fogem do papel atribuído pelos pesquisadores às mulheres latinas⁴, africanas e asiáticas, cujos comportamentos são descritos como passivos em relação às decisões de migração⁵. Migrar, para as mulheres brasileiras, não tem sido uma experiência vivida para “além do seu controle” como escreve Gina Buijs ao se referir às palestinas e vietnamitas.

Ano/Edição

Ano IX, nº26, set-dez/1996. São Paulo-SP

Título

A mulher migrante em Honduras

Autor/es

Janete A. Ferreira

Resumo

Os países da América Central, durante décadas, foram vítimas de toda sorte de violências políticas e sociais. Foram o palco de guerras civis sangrentas e de massacres indiscriminados, onde a principal vítima foi a população mais pobre. Isso gerou uma onda de refugiados na região, que veio engrossar o caldo dos fluxos migratórios que buscam novas oportunidades nos países da América do Norte. No entanto, uma incipiente industrialização em alguns países, como Honduras, tem provocado uma crescente migração rural-urbana interna. Nas indústrias de Honduras, conhecidas como as maquiladoras, destaca-se a presença de operárias, mulheres migrantes de origem rural. Neste artigo, procura-se traçar um perfil das condições de vida dessa parcela da população trabalhadora hondurenha.

Ano/Edição

Ano IX, nº26, set-dez/1996. São Paulo-SP

Título	A estrada, a rua e a zona
Autor/es	Nancy Cardoso Pereira
Resumo	É Páscoa e alguém da equipe de agentes da Casa começa a cantar e conversar com as mulheres sobre a vida e as situações difíceis: os medos e as mortes; as alegrias e surpresas. Fala-se da frustração que tomou conta dos amigos e amigas de Jesus quando foi preso e morto sem que ninguém pudesse resistir ou ajudar. As mulheres falam de seus mortos. São muitos. Surge um nome de mulher: Maria Madalena. Quem era? O que se sabe dela? Como deve ter se sentido? Aos poucos, as mulheres vão dizendo o que ouviram ou aprenderam nas catequeses e na vida: era prostituta; Jesus a tratou bem: não foi discriminada; andava com Jesus... Alguém pergunta: de onde ela era? As mulheres dizem que não sabem. O nome já diz: Maria de Madalena. Era o nome de uma cidade, uma região. Maria de Madalena. As mulheres logo entendem. Claro! Com elas é assim também: recebem o nome do lugar de onde vieram. Uma é a Gaúcha; a outra é a Mineira...mas tem também a Mineirinha; duas são Baianas. Os nomes bem parecidos escondem outros nomes, os verdadeiros que ninguém ou quase ninguém conhece.
Ano/Edição	Ano IX, nº26, set-dez/1996. São Paulo-SP
Título	“Nos trajetos da sujeição” – as brasileiras na Suíça
Autor/es	Luiza Huber
Resumo	Quando se toca no assunto da migração de mulheres brasileiras para a Europa, geralmente este vem associado à prostituição, o que significa, no mínimo, um desconhecimento de fatores que têm sua origem na enorme desigualdade sociopolítica entre os países dos chamados “Primeiro e Terceiro Mundo” e no interior de muitos países do “Terceiro Mundo’ “. A prostituição no próprio país ou a migração para o “mundo desenvolvido” são encaradas muitas vezes como sendo as únicas opções para escapar da miséria. A conquista do coração de um príncipe encantado em forma de um homem loiro de olhos azuis que possa garantir um casamento e a estabilidade ainda é o sonho de um grande número de mulheres brasileiras. Por outro lado, esse homem encontra na mulher brasileira negra, ou “cor de jambo” o objeto do seu desejo e de sua fantasia. Na Suíça, as brasileiras formam, juntamente com as dominicanas, marroquinas e tailandesas, o maior grupo de mulheres migrantes dos chamados países do “Terceiro Mundo’ Fica difícil falar em números exatos, uma vez que grande parte

Ano/Edição	<p>delas vive ilegalmente no país e sem registro em nenhum órgão. Em 1995, o FIZ (Centro de Informações para Mulheres da Ásia, África e América Latina, em Zürich), atendeu a 154 mulheres migrantes, dentre as quais 56 eram brasileiras. Elas formam, também no atendimento por telefone, a grande maioria: 52 para um total de 195, Como estas mulheres ingressam na Suíça? Fundamentalmente, são três as formas: como dançarinas, via casamento ou como turistas.</p> <p>Ano IX, nº26, set-dez/1996. São Paulo-SP</p>
Título	Distante do Éden: as condições de trabalho das migrantes na região do São Francisco
Autor/es Resumo	<p>Adélia de Melo Branco; Semira Adler Vainsencher</p> <p>Analisando-se a realidade concreta do Nordeste do Brasil, de acordo com Bacelar (1997), não há como negar: a despeito do grande crescimento econômico e da entrada no mercado globalizado, a pobreza continua sendo uma das características mais marcantes dessa Região. Segundo Guimarães Neto (1997), inúmeros fatores, entre eles a escravidão e a concentração do poder político e econômico, contribuíram para a existência da pobreza que o Nordeste enfrenta, deixaram marcas profundas na economia local e tiveram uma forte influência na sua evolução. Tais fatores concorreram para dificultar o acesso à terra, garantir a presença marcante do latifúndio - onde o proprietário, no contexto de relativo excedente de população, sempre possuiu uma enorme capacidade de definir relações de exploração da força de trabalho - e defender o papel do capital mercantil, no interior da própria economia regional, além do papel que o mesmo exerceu nas relações do Nordeste com os comércios internacional e inter-regional, notadamente na comercialização da produção agrícola.</p>
Ano/Edição	Ano XIV, nº41, set-dez/2001. São Paulo
Título	Cooperação e competição entre emigrantes brasileiras
Autor/es Resumo	<p>Soraya Fleischer</p> <p>Como já foi amplamente mostrado pela mídia e pela literatura acadêmica, desde a década de 1970, o Brasil tem apresentado um perfil emigracionista e vem se incorporando ao conjunto das nações que abastecem o mercado primeiro-mundista com trabalhadores braçais. Nas últimas décadas do século, ou no chamado “triênio da desilusão” (Sales, 1999, p.32), o desânimo com as políticas econômicas, a falta de perspectiva de ascensão social e a desesperança foram os principais motivos</p>

Ano/Edição	<p>para a saída dos brasileiros (Assis, 1999, Torresan, 1994, Sasaki, 1999). Assim, a literatura define nossos emigrantes como, prioritariamente, “exilados da crise” ou “refugiados econômicos”. É importante inserirmos o caso brasileiro no contexto atual das migrações internacionais (Margolis, 1994). Apesar dos brasileiros se distinguirem do padrão do migrante pobre, pouco instruído e pouco qualificado profissionalmente, também estão na condição de migrantes ilegais ou não-documentados e suprem a demanda do mercado secundário e informal. Devido à ilegalidade e ao desconhecimento da língua, eles vão ingressar nos escalões mais baixos da pirâmide de trabalho e constituir uma mão-de-obra subvalorizada, subremunerada e submissa. Os estudos sobre os dekasseguis resumem o perfil destas ocupações com os “3K”: kitanai (sujo), kiken (perigoso) e kitsui (penoso) (Sasaki, 1999). Além disso, estes emigrantes se inserem no contexto polêmico e explosivo das medidas restricionistas e xenofóbicas contra estrangeiros.</p> <p>Ano XIV, nº41, set-dez/2001. São Paulo</p>
Título Autor/es Resumo	<p>Mulheres imigrantes no Japão</p> <p>Lúcia E. Yamamoto</p> <p>O presente estudo pretende, através da apresentação dos casos das mulheres que pertencem a essas três maiores comunidades estrangeiras, analisar as funções que elas ocupam na sociedade receptora. Os estudos relacionados à migração feminina são críticos quanto ao pouco caso que se faz da presença feminina no processo migratório. Mesmo os pesquisadores que apontam para a feminização desse processo, dedicam pouca atenção para a sua importância (Kofman, 1999, p.269). Quando são consideradas neste processo, as mulheres são vistas como dependentes de familiares ou então consideradas somente dentro do papel que ocupam na esfera privada (Kofman, 1999, p.270). Neste estudo, vamos tentar demonstrar que, mesmo respondendo às expectativas familiares, as mulheres participam ativamente nesse processo migratório, atuando como força de trabalho dentro da sociedade receptora.</p> <p>Ano XIV, nº41, set-dez/2001. São Paulo</p>
Título Autor/es Resumo	<p>Mulheres migrantes na fronteira Brasil-Bolívia</p> <p>Roberta Peres Guimarães; Rosana Baeninger</p> <p>A migração internacional recente em território brasileiro já se apresenta como um fenômeno relevante, complexo e multifacetado da população há mais de 50 anos, em especial</p>

nas áreas de fronteiras. Os fluxos migratórios chamam a atenção pela complexidade e volume da circulação de pessoas e capitais, bem como pelos impactos nos espaços migratórios, diversos não somente em pontos de origem e destino, mas também em motivações, trajetórias e estratégias. A fronteira Brasil-Bolívia abriga um movimento intenso entre os dois países, em ondas migratórias de diferentes intensidades (Silva, 1997). Neste contexto, surge o tema da migração feminina e seus diferenciais em todos os aspectos do fenômeno. Baseado numa pesquisa de campo realizada em Corumbá no fim de 2006, em parceria entre o NEPO (Núcleo de Estudos de População) e o IRD (Institut de Recherche pour le Développement) – França, este artigo se propõe a um olhar atencioso sobre as mulheres envolvidas neste fluxo migratório. A perspectiva de gênero torna-se importante aporte teórico das migrações internacionais, porque revela questões latentes que por muito tempo foram deixadas de lado em função de análise voltada exclusivamente para os aspectos econômicos da migração internacional (Morokvasie, 2003; Boyd e Grieco, 2003). O migrante era definido como do sexo masculino, sem que se questionasse a presença das mulheres em fluxos migratórios, e seus diferenciais e impactos causados pelo volume de mulheres que circulavam em espaços migratórios que eram definidos a princípio como masculinos (Morokvasic, 2003). Neste sentido, relações de gênero construídas desde o lugar de origem dos migrantes e ao longo de todo o processo, delimitam, condicionam, configuram e orientam esses fluxos, através de diferentes vetores, tanto femininos como masculinos, tanto em relações familiares quanto na inserção dos migrantes em seus lugares de destino.

Ano/Edição

Ano XXII, nº 63, jan-abri/2009. São Paulo

Título

Tráfico de mulheres: um novo/velho drama amazônico

Autor/es

Lúcia Isabel da Conceição Silva; Marcel Theodoor Hazeu

Resumo

Este artigo aborda o tráfico de mulheres da Amazônia para o Suriname, baseado na pesquisa Trinacional sobre Tráfico de Mulheres do Brasil e da República Dominicana para o Suriname, realizada entre 2007 e 2008 sob a coordenação da ONG Sociedade dos Direitos Sexuais Amazônia – SODIREITOS. O estudo ouviu 15 mulheres brasileiras e 8 mulheres dominicanas que vivenciaram a situação de tráfico em clubes no Suriname. Neste texto discutem-se as situações de violações vivenciadas por essas mulheres antes e durante a situação de tráfico.

Ano/Edição	Uma das conclusões do estudo é a percepção da relação entre a situação das mulheres e o contexto das relações de gênero na Amazônia, assim como resultantes das políticas de desenvolvimento implementadas na região. Ano XXV, nº 71, jul-dez/2012. São Paulo
Título	Apresentação – A importância da categoria “gênero” nos novos estudos migratórios
Autor/es	Ana Carolina Gonçalves Leite
Resumo	Apresentação
Ano/Edição	Ano XXIX, nº 78, jan-jun/2016. São Paulo
Título	A face feminina na migração “permanentemente” temporária no estado de São Paulo: o caso das trabalhadoras da citricultura
Autor/es	Lidiane M. Maciel; Giovana Gonçalves Pereira
Resumo	Este artigo tem como objetivo apresentar a face feminina nos processos migratórios “permanentemente” temporários (SILVA, 1992) na Região Administrativa Central do Estado de São Paulo nos anos recentes. A abordagem metodológica fundamentou-se na aplicação de técnicas qualitativas que privilegiaram entrevistas semiestruturadas e biografias migratórias com familiares de trabalhadores rurais do setor citrícola da referida região. Para tanto, foram realizadas pesquisas de campo nos municípios de São Carlos e Matão no interior paulista e Jaicós no interior piauiense. Nossa hipótese central é de que os processos migratórios alteram profundamente a posição das mulheres em relação às suas famílias e em suas comunidades de origem, lançando-as num jogo de recomposição de suas identidades sociais.
Ano/Edição	Ano XXIX, nº 78, jan-jun/2016. São Paulo
Título	Rostos femininos nas migrações internacionais: mulheres brasileiras no Sul da Flórida
Autor/es	Valéria Barbosa Magalhães; José Renato de Campos Araujo
Resumo	Este artigo busca chamar a atenção para a heterogeneidade que caracteriza a diáspora brasileira para o exterior. Parte-se da constatação de que os estudos migratórios brasileiros tendem tradicionalmente a não perceber a diversidade e as várias dimensões do fenômeno migratório como partes constitutivas de nossa presença nos quatro cantos do mundo. O artigo toma como exemplo as mulheres brasileiras no Sul da Flórida e está baseado em intensa pesquisa de campo realizada entre 2002 e 2015, assentada em fontes diversas e

Ano/Edição	em métodos qualitativos combinados. Buscou-se mostrar que as experiências migratórias de mulheres indicam que vivências subjetivas dificilmente podem ser generalizadas, mas que constituem e explicam quadros coletivos mais amplos. Este fato complica qualquer expectativa de interpretações estruturais únicas para as migrações. Ano XXIX, nº 78, jan-jun/2016. São Paulo
Título	Rostos goianos na migração
Autor/es	Juliana dos Santos Pereira Moraes
Resumo	Neste artigo descrevo algumas trajetórias que representam percursos migratórios das imigrantes goianas, que moram em Lisboa. Por meio delas é possível pensar sobre algumas articulações e interseccionalidades que são feitas a partir de marcadores sociais como ser mulher e brasileira num contexto migratório e de que modo esses marcadores ainda se articulam com a categoria regional.
Ano/Edição	Ano XXIX, nº 78, jan-jun/2016. São Paulo
Título	Mulheres em movimento: registrando memórias migrantes
Autor/es	Tatiana Chang Waldman; Maria Angélica Beghini Morales
Resumo	A proposta deste artigo é apresentar o Projeto de História Oral do Museu da Imigração intitulado “Mulheres em movimento: migração e mobilização feminina no estado de São Paulo”, que teve início em julho de 2015. Desde então já foram realizadas entrevistas com oito mulheres migrantes, todas residentes na cidade de São Paulo, de diferentes idades, origens (até o momento entrevistamos mulheres de países da América do Sul, como Bolívia, Chile e Peru), e com trabalhos e projetos em diversas áreas de atuação. O projeto foi elaborado a partir da observação de uma crescente mobilização e conquista de espaços, especialmente nos últimos anos, por parte das mulheres migrantes na cidade de São Paulo. A proposta é refletir sobre o processo migratório e a experiência da mobilidade da perspectiva feminina e de gênero.
Ano/Edição	Ano XXIX, nº 78, jan-jun/2016. São Paulo
Título	Vivencias discriminatorias según colombianas e paraguayas radicadas en Ecuador y Brasil
Autor/es	Elizabeth Ruano; Patricia Nabuco Martuscelli
Resumo	A partir de las respuestas de migrantes colombianas y paraguayas radicadas en Ecuador y Brasil respectivamente y, en perspectiva con las disposiciones de los tratados

Ano/Edição	internacionais, se objetiva analisar la yuxtaposición de formas de discriminación negativa, género, nacionalidad, lingüística, étnico-racial y estatus migratorio. La intersección analítica entre esas afirmativas y los dispositivos internacionales contra la discriminación, de los cuales son signatarios los cuatro países aquí analizados, ratifica la distancia entre los postulados de esas normativas internacionales y la situaciones cotidianas de discriminación que obstaculizan la inserción digna de las inmigrantes en los países de destino. Ano XXIX, nº 78, jan-jun/2016. São Paulo
Título	A feminização como tendência da migração boliviana para São Paulo
Autor/es Resumo	Clara Lemme Ribeiro O presente artigo pergunta-se sobre a nova tendência migratória chamada de feminização das migrações, partindo do caso empírico do fluxo de bolivianos para São Paulo. A presença feminina boliviana passa a chamar atenção após a década de 1990, quando começa a aumentar rapidamente. Os motivos de saída da Bolívia das mulheres relacionam-se às dificuldades no acesso à terra, ao trabalho e ao dinheiro. Após a chegada, as trajetórias passam necessariamente pelo emprego na costura, podendo seguir por outros caminhos. Nas oficinas, as mulheres lidam com uma divisão do trabalho produtivo, a realização das atividades domésticas, o cuidado com os filhos e a exposição à violência sexual. Em nossa interpretação, a feminização das migrações constitui-se como um momento da crise do trabalho, tanto em relação à sua mobilização para fora do país de origem quanto em relação à sua inserção. O cerne dessa nova tendência é a contradição entre um ganho de autonomia por parte das mulheres e uma exposição a formas renovadas de violência.
Ano/Edição	Ano XXIX, nº 78, jan-jun/2016. São Paulo
Título	Mulheres japonesas e suas famílias: migração e colonização privada no estado de Mato Grosso – 1952
Autor/es Resumo	Aldina Cássia Fernandes da Silva Este texto tem como proposta compreender a relação entre a formação de sentido cultural e o papel das mulheres japonesas e suas famílias na colônia Gleba Rio Ferro, no estado de Mato Grosso - MT. Essas mulheres são filhas de imigrantes japoneses que vieram para o Brasil antes da Segunda Guerra Mundial e permaneceram nas cidades de Marília - SP e Assaí

- PR até 1952, momento em que as famílias adquiriram lotes de terras no projeto de colonização privada conduzido pela Colonizadora Rio Ferro Ltda., no estado de Mato Grosso. Para tanto, a história oral será utilizada como metodologia na interpretação das experiências vivenciadas durante o processo migratório e na nova área de ocupação dessas famílias.

Ano/Edição Ano XXIX, nº 78, jan-jun/2016. São Paulo

Título **Vozes de mulheres migrantes não apenas em 8 de março**

Autor/es **Elizabeth Ruano**

Resumo Neste relato problematizo o caráter trivial que pode assumir a noção de representação em contextos migratórios. Para tanto, retomo a minha participação em condição de representante das mulheres migrantes na mesa1 de abertura do “Seminário Regional de Cooperação Sul-Sul sobre a Proteção dos Direitos dos Trabalhadores e Trabalhadoras Migrantes na América Latina e no Caribe”2, realizado em 83 de março de 2016. Essa incursão esteve demarcada pela comemoração do dia internacional da mulher e se tratou de uma homenagem idealizada pela organização desse evento às mulheres migrantes. Atualmente alcançam mais de 111 milhões de mulheres, número que representa 48% do contingente global de migrantes no mundo.

Ano/Edição Ano XXIX, nº 78, jan-jun/2016. São Paulo

NOMADISMOS

Título **Nomadismos: dos pastos ao asfalto**

Autor/es **Heinz Dieter Heidemann**

Resumo Editorial

Ano/Edição Ano X, nº 27, jan-abril/1997. São Paulo

Título **Eu poderia fugir com eles (Depoimento)**

Autor/es **Paulo Pedro Garcia**, por Dirceu Cutti

Resumo Depoimento

Ano/Edição Ano X, nº 27, jan-abril/1997. São Paulo-SP

Título **Ciganos**

Autor/es **Mirella Karpati**

Resumo Quem é o cigano? O que é que faz do cigano um cigano? Uma história comum, uma língua comum- tradições e costumes comuns? Todos esses fatores, que são elementos fundantes de

Ano/Edição	<p>uma etnia e que, ao lado do território e da estrutura política, constituem um povo, não chegam a ser tão determinantes para os ciganos. Excetuando a ausência de território e de estrutura política própria, os outros elementos se revelam segmentados em variações infinitas de tal forma a constituir um quadro fluido, em permanente mutação, dando a impressão de fugir ao vínculo de uma definição. No entanto, onde quer que viva nos cinco continentes, o cigano afirma com orgulho: “Rom sim, sou cigano”.</p> <p>Ano X, nº 27, jan-abril/1997. São Paulo-SP</p>
Título	Entre o nomadismo e o sedentarismo: os ciganos circenses
Autor/es	Heloisa Pires Lima; Rosana Fernandes
Resumo	<p>Tendo como base o depoimento de um cigano circense, este artigo propõe-se levantar, para reflexão, algumas questões sobre o nomadismo no contexto urbano. Para entender a relação ciganos/circenses em São Paulo, entre 1994 e 1996 foi acompanhado o cotidiano do patriarca de uma família que afirma ser de origem cigana e cujo círculo familiar mantém vínculos estreitos com atividades circenses. Fomos encontrá-lo pela primeira vez num espaço à beira da marginal Tietê, perto do prédio do jornal “o Estado de São Paulo”. tão paulistano e corriqueiro como as cantoneiras que se formam às margens da cidade. Trata-se de José António Sbano, viúvo, 73 anos e cinco filhos.</p>
Ano/Edição	Ano X, nº 27, jan-abril/1997. São Paulo-SP
Título	A globalização e o espaço do cidadão: espaço global – mundo fragmentado
Autor/es	Virgínia R. S. Bueno
Resumo	<p>Tenho por 12 anos desenvolvido pesquisas empíricas junto aos vários grupos ciga nos presentes, principalmente na região da Grande São Paulo e entre estes notadamente o subgrupo “calon” (dialeto cale), cujos membros são tradicionalmente nômades e que viviam em pequenos e médios acampamentos espalhados pela região. Paralelamente à pesquisa, desenvolvi alguns projetos que visaram a uma melhor integração entre estes e a sociedade majoritária. A criação da Primeira Escola Itinerante destinada à alfabetização bilíngue entre os calons foi um destes projetos. e graças ao apoio internacional conseguimos ao longo de quatro anos, alfabetizar 427 crianças</p>

<p>Ano/Edição</p>	<p>e adultos, bem como facilitar a obtenção de documentos legais a 672 calons. Tais demonstrações evidenciam a imensa marginalidade a que este grupo étnico está submetido dentro do contexto nacional. situação não muito diferente de outras partes do mundo, principalmente na Europa e América do Norte, onde também ocorrem estas manifestações de marginalidade sócio-política entre os subgrupos Kalderash, Manuche e Sinti.</p> <p>Ano X, nº 27, jan-abril/1997. São Paulo-SP</p>
<p>Título Autor/es Resumo</p>	<p>Nas trilhas de Lampião – o nomadismo como estratégia</p> <p>Ana Cláudia Duarte Rocha Marques</p> <p>Terra de todos e de ninguém: a presença dos fora-da-lei no sertão nordestino remonta ao período colonial. Antes de perguntar-se <i>qual</i> é a lei, parece ter sido amiúde mais relevante para o sertanejo a certeza de saber quem a dita primeiro, de acordo com o local e com as circunstâncias, Deste modo, o caráter relativo da lei apresenta-se à superfície, como um dado adquirido e partilhado por todos e como um corolário da constatação de que ela é absoluta para cada um daqueles que a ditam. Em um confronto entre dois ehelt2s locais, isto é, entre dois grandes grupos de aliados, infringir as leis de um deles pode ser condição de fidelidade ao outro. Quantas histórias de vida foram marcadas por um crime cometido um dia e pela posterior proteção obtida junto a um chefe poderoso, capaz. de controlar a máquina jurídica local, livrando o dos aborrecimentos que esta poderia causar-lhe? Quantos jagunços iniciaram assim sua trajetória de guerra?</p> <p>Ano X, nº 27, jan-abril/1997. São Paulo-SP</p>
<p>Título Autor/es Resumo</p>	<p>O que distingue o nomadismo da migração? O caso do cangaço de Lampião</p> <p>Jorge Luiz Mattar Villela</p> <p>Certos grupos humanos têm na adoção de um modo de vida marcado pela mobilidade espacial o fator fundamental de sua especificidade. Contudo, ciências como a Geografia, a História. a Sociologia e a Antropologia confundem sistematicamente as noções de nomadismo. transumância e migração. tornando nebulosas algumas particularidades que subsistem entre os grupos que têm aquele fator em comum. Através da análise de algumas formas de banditismo, proponho uma definição de nomadismo. muito influenciada pela de Deleuze e Guattari</p>

Título	Habitantes de rua – um caso de nomadismo urbano
Autor/es	Claudia Turra Magni
Resumo	<p>A ideia vigente de que a população que vive na rua é migrante, oriunda da zona rural ou de cidades do interior, buscando adaptar-se ao meio urbano, não é de todo desprovida de razão. No entanto, limita o assunto à temática do êxodo e ainda oculta uma questão mais importante: embora haja algumas exceções, O sujeito que passa a viver na rua tem que se deslocar constantemente por pressão ou conveniência. de modo a se adaptar às condições sócio ecológicas do meio urbano. Excluída de um mercado de trabalho rentável. frequentemente sem vínculo ou apoio familiar, induzida a optar por morar em aglomerados sub habitacionais ou a viver na rua, esta população acaba por fazer da mobilidade, não apenas um período transitório, como ocorre com a migração. mas uma fôrma de vida, mantida ao longo dos anos e através das gerações. O termo trecheiro, utilizado por muitos moradores de rua para se autodesignarem. é bastante sugestivo: refere-se àquele que vive no “trecho”, parando nos caminhos e se deslocando com muita frequência. No constante recomeço, em que quase nada é estável ou permanente, a fragilidade de seus vínculos com o trabalho, a família. a moradia, revelam uma vida marcada pela fragmentação. A noção de nomadismo, usada com fins analíticos, confere um corpo teórico ao modo de vida deste segmento social, e representa uma forma de resgatar a lógica própria que caracteriza as suas condições de vida, Segundo Sahlins, (1977), a existência nômade não possui um protótipo genérico devido às riquezas empíricas com que se apresenta. com seus problemas de vida próprios e suas circunstâncias de meio ambiente. A cidade moderna. portanto. pode ser entendida como um tipo ecológico especial da vida nômades mesmo que ela se configure, neste meio, de forma aberrante, pois a estrutura c a ordem social das cidades e da própria civilização. têm as bases de seu desenvolvimento fundadas no sedentarismo.</p>
Ano/Edição	Ano X, nº 27, jan-abril/1997. São Paulo-SP
Título	À Romá (poesia)
Autor/es	Zurca Sbano
Resumo	Poesia
Ano/Edição	Ano X, nº 27, jan-abril/1997. São Paulo-SP

OUTROS TEMAS

Título	Uma travessia de conflitos e vitórias (Editorial)
Autor/es	Editorialistas
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano I, nº3, jan-abril/1989. São Paulo
Título	Apresentação (Ed. 69 – decasséguis, retorno, italianos, coreanos, Quebec, tráfico de pessoas, Zingari)
Autor/es	Helion Povia Neto; Lúcia E. Yamamoto
Resumo	Apresentação
Ano/Edição	Ano XXIV, nº 69, jul-dez/2011. São Paulo
Título	Apresentação (Ed. 71 – cinema, tráfico de mulheres, nordestinos, marco regulatório, barrados)
Autor/es	Dirceu Cutti
Resumo	Apresentação
Ano/Edição	Ano XXV, nº71, jul-dez/2012. São Paulo
Título	Apresentação (Ed. 72 – andanças, comensalidade, racismo, pastoral, Brasil, Argentina, Itália, França)
Autor/es	Dirceu Cutti
Resumo	Apresentação
Ano/Edição	Ano XXVI, nº 72, jan-jun/2013. São Paulo
Título	Apresentação (Ed. 73 – refúgio, Sul-Sul, cativos, renda, mídias, periferia)
Autor/es	Dirceu Cutti
Resumo	Apresentação
Ano/Edição	Ano XXVI, nº 73, jul-dez/2013. São Paulo
Título	Apresentação (Ed. 74 – paraguaios)
Autor/es	Dirceu Cutti
Resumo	Apresentação
Ano/Edição	Ano XXVII, nº 74, jan-jun/2014. São Paulo
Título	Introdução (Ed. 74 – paraguaios)
Autor/es	Tiago Rangel Côrtes; Carlos Freire da Silva
Resumo	Introdução
Ano/Edição	Ano XXVII, nº 74, jan-jun/2014. São Paulo

Título	Apresentação (Ed. 75, migração e religião, COMIGRAR, cabo-verdianos, escola, judeus, armênios, emigração espanhola, okinawanos)
Autor/es	Jose Carlos Pereira
Resumo	Apresentação
Ano/Edição	Ano XXVII, nº 75, jul-dez/2014. São Paulo

Título	Apresentação (Ed. 76, Dossiê “Trabalho e políticas migratórias transnacionais”)
Autor/es	Jose Carlos Pereira
Resumo	Apresentação
Ano/Edição	Ano XXVIII, nº 76, jan-jun/2015. São Paulo

PASTORAL DO MIGRANTE

Título	Miguel, 20 anos de vaivém
Autor/es	Equipe Pastoral do Migrantes – Dobrada/Santa Ernestina-SP
Resumo	Entrevista realizada em outubro de 1985. Miguel é trabalhador, que reside na comunidade Cabeceira do Cone de Cuba, município de Chapada do Norte-MG. Tem 38 anos e há 20 anos emigra para o trabalho na safra de cana-de-açúcar no interior do estado de São Paulo. Ele relata sua infância com os seus dez irmãos e a necessidade de migrar sazonalmente para criar seus próprios filhos. Miguel também fala sobre a vida de sofrimento do cortador de cana que é explorado pelo patrão e pelo “gato” e as miseráveis condições de trabalho.
Ano/Edição	Ano 1, nº 1, maio-ago/1988. São Paulo

Título	Pastoral Migratória – uma experiência junto aos sazonais (Relato de experiência)
Autor/es	Equipe Pastoral dos Migrantes Dobrada/Santa Ernestina-SP
Resumo	Este artigo relata a atuação da Pastoral do Migrante nas dioceses de Jaboticabal/SP e de Araçuaí/MG, em virtude da articulação entre regiões de origem e regiões de destino da migração. O trabalho consiste na atuação da pastoral com os migrantes temporários através de diálogos, encontros, discussões, reivindicações, buscando respeito ao trabalhador e melhorias das condições de vida e de trabalho. Nessa ação conjunta de acompanhamento e intercâmbio, buscava ainda abrir espaços para que o migrante exercesse seu protagonismo social.
Ano/Edição	Ano 1, nº 1, maio-ago/1988. São Paulo-SP

Título	João Batista Scalabrini e sua atuação junto aos migrantes (Especial)
Autor/es Resumo	Cláudio Ambrozio João Batista Scalabrini nasceu em Fino Mornasco, Província de Como-Itália, a 8 de julho de 1839. Com 18 anos de idade ingressou no seminário, e em 1863 foi ordenado sacerdote. Queria ir para as missões, mas o seu bispo o enviou como professor, e depois reitor do seminário. Em 1870 tornou-se pároco de São Bartolomeu, uma paróquia na periferia industrial de Como. Em 1876 foi sagrado bispo de Piacenza, Com ele, Piacenza tornou-se, por 29 anos, um centro irradiador de muitas reformas e iniciativas. Entre suas diversas obras sociais estão: A fundação do Instituto Surdo-Mudo e a criação de um instituto para a assistência religiosa, social e sindical para trabalhadores sazonais do cultivo de arroz, na região norte da Itália. O que tornou João Batista Scalabrini mais conhecido foi, no entanto, sua obra em favor dos migrantes. Ele fundou, em 1887, a Congregação dos Missionários de São Carlos-Scalabrinianos; em 1889, a Sociedade São Rafael, composta por leigos; e, em 1895, a Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeu-Scalabrinianas. Os três institutos tinham como finalidade específica o trabalho de promoção humana, espiritual e social dos emigrantes italianos. Scalabrini visitou por duas vezes seus missionários e migrantes além-oceano: em 1901 esteve nos Estados Unidos e em 1904 no Brasil e na Argentina, Faleceu no dia 1º de junho de 1907 em Piacenza. Aos 9 de novembro de 1997, o papa João Paulo II o declarou bem-aventurado.
Ano/Edição	Ano XI, nº 30, jan-abril/1998. São Paulo-SP
Título	“Como Caim, sem destino” (Depoimento)
Autor/es Resumo	Sidnei Marco Dornelas
Ano/Edição	Ano XIII, nº 37, maio-ago/2000. São Paulo
Título	Scalabrini e seu legado
Autor/es Resumo	Dirceu Cutti Editorial
Ano/Edição	Ano XVIII, nº 52, maio-ago/2005. São Paulo

Título	A realidade sobre a migração brasileira - relato de viagens pelas Ferrovias Central do Brasil – 1968 e Alta Sorocabana – 1969
Autor/es Resumo	Alberto Romano Zambiasi; Alvírio Morés O presente estudo sobre a realidade da migração brasileira que nos propomos expor, é fruto do esforço e dedicação não de uma ou duas pessoas apenas, mas de uma equipe toda de companheiros de pesquisa pela ferrovia Central do Brasil em 1968, na Alta Sorocabana em 1969. Entre as duas viagens, alcançamos um total de 593 entrevistas, sendo que: 230 em zona rural; 237 em trânsito nos trens, albergues e estações ferroviárias —e, 126 nas cidades, aplicadas junto a autoridades civis e eclesiásticas, agrônomos, médicos, professores, agentes de polícia, diretores e funcionários da migração, chefes de estações ferroviárias, etc.... Nessas viagens aplicamos questionários e entrevistamos migrantes. Além dessas viagens de estudo, pretendemos nos servir, nesta exposição, das experiências obtidas em três anos de trabalho no Departamento de Migrantes de São Paulo, e dos cinco anos de serviço junto aos marginalizados nas favelas, em trabalho conjunto com o Movimento das Organizações Voluntárias pela Promoção do Favelado
Ano/Edição	Ano XVIII, nº 52, maio-ago/2005. São Paulo
Título	Seminário João XXIII e o Centro de Estudos Migratórios – memórias de um passado recente
Autor/es Resumo	Pe. Alfredo José Gonçalves Na trajetória do Seminário João XXIII, a sensibilidade sócio pastoral para com os migrantes tem a idade do próprio edifício. Ele foi fundado ainda em 1954, passando a ter sua sede atual a partir de 1962, quando foi inaugurado o prédio que abriga, atualmente, a casa formativa e o Instituto Teológico São Paulo (ITESP), localizado no Alto do Ipiranga da capital paulista. Em torno desta época, os seminaristas de filosofia e teologia que passaram por suas dependências, começaram a desenvolver uma ação pastoral em três frentes: presença na ex-favela do Vergueiro, localizada a cerca de dois quilômetros do seminário; algumas viagens às regiões onde a migração apresentava maiores desafios, tais como o nordeste brasileiro, Paraguai e o norte do Paraná; contatos com o Pe. Jacyr F. Braido e com Pe. Juarez Segalin, então à frente do Centro de Estudos Migratórios (CEM), fundado em 1969, e

Ano/Edição	<p>cujas dependências localizavam-se no prédio do Seminário. Neste contexto de crescente sensibilidade para o fenômeno das migrações, principalmente internas, é que surge o projeto do CEM, que pouco a pouco irá se consolidar na Província São Paulo, em conexão com projetos idênticos de abertura aos novos Pe. fenômenos migratórios, também atuantes nas demais províncias da Congregação dos Missionários de São Carlos. Em rápidas palavras, o CEM se enquadra no projeto da criação de centros que, de forma científica, pudessem acompanhar de perto o fenômeno das migrações em todos os países onde atuavam os padres Scalabrinianos, constituindo mais tarde a Federação dos Centros de Estudos J. B. Scalabrini. Ano XVIII, nº 52, maio-ago/2005. São Paulo</p>
Título Autor/es Resumo	<p>Pastoral dos Migrantes: peregrinos da resistência</p> <p>Maria Aparecida de Moraes Silva</p> <p>O papel desempenhado pelos Missionários não pode ser caracterizado como meramente assistencialista. Muito ao contrário. Sempre lutaram em defesa dos direitos desta população excluída de direitos e cidadania. Enfrentaram duros embates com os poderosos, com os donos de grandes usinas e fazendas; percorreram alojamentos, pensões de migrantes espalhados por estas imensas áreas de cana do interior paulista. Muitas vezes, enfrentaram ameaças, advindas dos representantes dos proprietários. Em outras tantas, saíram em defesa dos migrantes escravizados, por meio de denúncias à Promotoria Pública. Por outro lado, desenvolvem também o trabalho de conscientização nos locais de origem dos migrantes. Procuram acompanhar a saga de milhares de homens, mulheres e crianças, que todos os anos deixam seus lares e partem em busca de trabalho, esperança e utopias. O Boletim Cá e Lá, publicação da Pastoral, reflete o acompanhamento da caminhada, do vaivém que é permanentemente temporário dos migrantes ao longo dos anos. Na condição de professora e pesquisadora, aprendi e continuo aprendendo com a práxis da Pastoral, baseada no conhecimento e no respeito às pessoas. Práxis, que não se traduz pela imposição de ideias àqueles, supostamente, considerados ignorantes e não portadores de consciência política ou religiosa. Porém, práxis construída a partir das necessidades, valores e desejos dos sujeitos envolvidos no processo de migração. Práxis libertadora, cuja matéria prima é a experiência de cada um. Uma análise sociológica do trabalho da Pastoral dos Migrantes — Setor</p>

Ano/Edição	<p>Temporários —exige alguns cuidados relativos ao próprio ofício que ora desempenho, a saber, o ofício de sociólogo, segundo as célebres lições de Wright Mills. Cabe-me ressaltar que a preocupação não se circunscreve nos limites estreitos da ideologia, pois minha função enquanto assessora da Pastoral durante todos estes anos tem sido conduzida pela autonomia intelectual e pelas exigências éticas da pesquisa. É evidente que as pressupostas neutralidade ou objetividade não existem nas pesquisas sociais. Contudo, a inserção do pesquisador numa determinada realidade social precisa ser orientada pela vigilância epistemológica, para que o mesmo não se torne meramente porta-voz dos grupos sociais com os quais está envolvido. Trata-se de um verdadeiro desafio, pois as relações criadas no momento da pesquisa não são apenas ditadas pela racionalidade do conhecimento abstrato.</p> <p>Ano XVIII, nº 52, maio-ago/2005. São Paulo</p>
Título	Do centro dos italianos ao centro dos migrantes na cidade de São Paulo
Autor/es Resumo	<p>Pe. Gelmino Costa</p> <p>O ano de 1886 marcou o início da imigração italiana organizada para o Brasil. Os que chegaram antes desta data foram numericamente insignificantes. O número maior de italianos acabou ficando no Estado de São Paulo e alcançou o seu auge na segunda década de 1900. A partir de então o número foi diminuindo por causa dos retornos, das mortes e das naturalizações. O Censo de 1940 registrava ainda a presença de 235 mil italianos no Estado de São Paulo. A história da imigração italiana em São Paulo foi marcada por diversos binômios opostos: muitos imigrantes se deram bem e se integraram com a sociedade brasileira, outros voltaram à pátria de origem; alguns foram marcados pelo sucesso e outros pelo insucesso; alguns fizeram parte da elite empresarial, enquanto outros nunca deixaram da classe operária; alguns ocuparam postos de liderança dentro do movimento operário, pois já haviam participado de lutas operárias na Itália, outros se alinharam aos patrões pois tinham sido por eles favorecidos; muitos eram bem aceitos pelos operários brasileiros, outros eram mal vistos, pois ocupavam os melhores postos nas fábricas. Essa situação gerou conflitos, às vezes latentes e outras expressos, entre italianos e brasileiros, mas não se pode falar de conflito étnico de maiores proporções. Às vezes, patrões, políticos e</p>

Ano/Edição	polícia tentaram jogar os brasileiros contra os estrangeiros, em geral não conseguiram, mas conseguiram sim, expulsar muitos imigrantes do Brasil. Ano XVIII, nº 52, maio-ago/2005. São Paulo
Título	Memórias sobre a abertura do carisma escalabriniano
Autor/es	Pe. Giovanni Simonetto
Resumo	Depoimento
Ano/Edição	Ano XVIII, nº 52, maio-ago/2005. São Paulo
Título	Pastoral além-fonteiras (Comunicação)
Autor/es	João Paulo Santos
Resumo	Comunicação
Ano/Edição	Ano XIX, nº 55, maio-ago/2006. São Paulo-SP
Título	Hospitalidade e hostilidade, ternura e conflito
Autor/es	Dirceu Cutti
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XX, nº 57, jan-abril/2007. São Paulo-SP
Título	Acolhida no contexto bíblico e estra-bíblico – vétero-testemunho: semelhanças e originalidade
Autor/es	Paolo Parise
Resumo	O mundo cristão se aproximou das experiências e tradições de Israel de formas diferentes e, às vezes, até antitéticas. No passado, Israel foi concebido como um povo tão diferente dos demais que quase parecia alheio ao contexto cultural em que formou sua identidade, e isso só pelo fato de ter sido o povo da Bíblia, escolhido por Deus. Em seguida, mais recentemente, passou-se ao extremo oposto, eliminando esta diferenciação em relação aos outros povos. Tornou-se, assim, um dos muitos povos do Oriente Médio daquela época, perdendo suas peculiaridades. Após esta oscilação entre continuidade e descontinuidade com a compreensão dos povos vizinhos, hoje a tentativa é a de se chegar a um maior equilíbrio, a uma síntese ¹ . O nosso ensaio se coloca nesta última postura. Israel foi se estruturando em contato com os povos vizinhos. Influenciou e foi influenciado, Isso vale para o processo que o leva progressivamente do politeísmo ao monoteísmo, os mitos fundacionais, as narrativas de heróis, a legislação, os rituais e muitas outras realidades, F vale, também, para o tema da acolhida e outros afins, como hospitalidade e hostilidade.

Ano/Edição	Israel apresenta, ao mesmo tempo, algo de semelhante às populações vizinhas e algo de específico. Paralelos e originalidade sobre as compreensões e práticas de acolhida se misturam. Ano XX, nº 57, jan-abril/2007. São Paulo-SP
Título	O dever da hospitalidade no Antigo Testamento
Autor/es	Sidnei Marco Dornelas
Resumo	A Bíblia reúne em vários livros as tradições acumuladas, relidas e reinterpretadas, que exprimem a história do povo de Israel. São escritos marcados por uma visão de mundo religiosa, que interpreta todos os acontecimentos através da ótica de uma Aliança firmada entre o povo e o único Deus verdadeiro. Foi este Deus que chamou Israel à existência, o formou, o libertou da escravidão, e lhe deu a terra em que haveria de se constituir como nação. Israel, numa situação de perene contato e conflito com outros povos, partilha com eles uma série de influências culturais e religiosas. Nesse sentido, as leis e práticas de hospitalidade relatadas na Bíblia contêm paralelos significativos com os povos do mundo antigo. As práticas de hospitalidade e de hostilidade entre pessoas, grupos e povos relatadas na Bíblia, constituem-se por isso em um fato social marcante, movido por uma determinada dinâmica cultural. Configurando-se como fenômeno social, cria condicionamentos dos quais Israel não se acha excluído, e fora dos quais nem a Bíblia poderia ser bem compreendida. No entanto, existe um permanente esforço nas tradições bíblicas, em se demarcar das práticas e tradições desses povos. Existe uma busca em Israel no sentido de se afirmar a consciência de sua identidade, a partir de um fato fundador: a “Eleição” (Bianchi, 1996, p. 13). A memória de seu chamado à existência através da Aliança firmada com os patriarcas Abraão, Isaac e Jacó; de sua libertação do Egito sob a liderança de Moisés, quando Deus ouviu os seus clamores, no momento em que ainda estava submetido à condição de escravo e estrangeiro; de sua travessia pelo deserto, sob o olhar permanente de Deus, educando-o para que pudesse entrar na “terra prometida”, dom de Deus — esta consciência constitui-se no diferencial crítico, que vai forjar a sua identidade como ‘povo eleito’. Esta consciência se faz patente no conjunto de Leis do Pentateuco, em que se deixa entrever a sua forma de conceber as práticas de hospitalidade.
Ano/Edição	Ano XX, nº 57, jan-abril/2007. São Paulo-SP

Título	Acolhida ao estrangeiro no Novo Testamento
Autor/es	Rita Bonassi
Resumo	Na história do judaísmo encontram-se múltiplas atitudes frente à questão dos gentios e de sua salvação. É verdade que alguns ambientes judaicos produziram intolerância e sectarismo com relação aos estrangeiros, contudo, não é correto falar de um cristianismo universalista saído de um judaísmo fechado. A tradição judaico-helenista chegou a colocar judeus e gentios no mesmo patamar, ambos empenhados em uma vontade comum de bem. Também a tradição apocalíptica considerou gentios e judeus atingidos pelo mal de igual forma e, portanto, necessitados de salvação. O rabinismo, que se desenvolve no 1 ^o século ao lado do cristianismo, fala de uma aliança de Deus com os não hebreus e é neste contexto histórico que se coloca a figura e a ação de Jesus de Nazaré.
Ano/Edição	Ano XX, nº 57, jan-abril/2007. São Paulo-SP
Título	Questões teológico-pastorais sobre a hospitalidade aos migrantes
Autor/es	Sidnei Marco Dornelas
Resumo	Toda reflexão bíblica feita até aqui visa trazer à presença da sociedade e da Igreja critérios éticos e religiosos apoiados na autoridade da Palavra de Deus, a fim de iluminar o discernimento humano sobre as questões que desafiam O mundo atual. Nesse sentido, toda a reflexão sobre hospitalidade tem por objetivo recolocar os fundamentos éticos desta atitude humana, em sintonia com as indicações da Palavra de Deus. Com efeito, a questão da acolhida e da hospitalidade cresce em importância na medida em que a mobilidade dos povos, o cruzamento de diferentes deslocamentos de população, leva a moldar uma nova sociedade, diversificada socialmente e múltipla culturalmente, em que os velhos problemas somam-se aos novos, tornando mais complexas as novas situações de convivência entre os grupos sociais. Como re-propor a atitude da hospitalidade no interior da sociedade multicultural, em que a percepção do território, da estabilidade social, do cotidiano, das referências culturais e étnicas, mudam constantemente? Em que medida as leis podem e devem refundar a convivência social? Em que termos se deve colocar a hospitalidade, enquanto relação humana e contato pessoal, fundamento da atitude mais trivial e cotidiana em que se apoia a ação pastoral? O que se deve aceitar e O que se deve rejeitar nas relações com

Ano/Edição	aquele que é diferente de nós? A dialética entre hospitalidade e hostilidade deixa de ter lugar no atual paradigma civilizatório da globalização? É justificável uma acolhida completamente sem discriminações (ou seria antes uma temerária “acolhida indiscriminada”)? Ano XX, nº 57, jan-abril/2007. São Paulo-SP
Título	Acogida y hospitalidade en la frontera – unas perspectivas desde las Casas del Migrante
Autor/es	Gioacchino Campese
Resumo	Las migraciones masivas que caracterizan el mundo globalizado en el cual vivimos hacen posible como nunca en la historia de la humanidad el encuentro y el choque de personas y comunidades de diferentes nacionalidades, culturas, y religiones. Esta diversidad alimentada por las migraciones se puede mirar sobretodo en las grandes ciudades de nuestro planeta, pero se hace siempre más presente también en ciudades y pueblos más pequeños. La manera con la cual hay que enfrentar esta alteridad y esta diversidad, que no son conceptos abstractos, sino sobretodo personas de carne y huesos, representa uno de los desafíos más cruciales de nuestra época que quiere e debe aprender el camino hacia la convivencia y la armonía. En este contexto la acogida y la hospitalidad asumen una importancia y valor fundamental como lo demuestra también la atención que estas dimensiones de la vida humana han despertado en el campo de la pastoral, con la fundación y difusión de numerosos centros de acogida para inmigrantes y refugiados, y más recientemente en el campo de la reflexión filosófica y teológica. Es precisamente a partir de la experiencia humana y pastoral de un tipo de estos centros de acogida, es decir las Casas del Migrante de los Misioneros Scalabrinianos en Estados Unidos, México y Guatemala, que se quiere aquí presentar una contribución a la reflexión sobre la acogida y la hospitalidad. Este ensayo se divide en cuatro partes principales. En un primer momento se presentarán la historia y desarrollo de las Casas del Migrante subrayando la intuición fundamental que ha inspirado este ministerio específico. En la segunda sección se hablará de quienes son los huéspedes de estos centros, y los servicios que las Casas ofrecen. La tercera parte provee una reflexión sobre la acogida y la hospitalidad a partir desde esta experiencia de frontera. En la conclusión se reconocerá y contemplará el papel fundamental que los mismos inmigrantes tienen en la

Ano/Edição	<p>realización de estas dinámicas de acogida y hospitalidad. Antes de empezar este artículo es importante por este autor afirmar el hecho que sus reflexiones no son simplemente el resultado de lecturas y estudio, sino también y sobretodo de una rica y compleja experiencia de siete años de trabajo pastoral en la Casa del Migrante en Tijuana (México). Es principalmente por esa razón que este autor cree de poder hablar con suficiente credibilidad sobre los temas tan significativos que se van a tratar aquí.</p> <p>Ano XX, nº 57, jan-abril/2007. São Paulo-SP</p>
<p>Título</p> <p>Autor/es</p> <p>Resumo</p>	<p>Acolhida ao migrante: um valor sagrado</p> <p>Analita Candaten</p> <p>Em toda migração existe a experiência de um êxodo. um desenraizamento e isso implica uma separação da terra natal, das raízes, da cultura, dos afetos familiares e dos amigos e o migrante sempre corre o risco de abrir uma ferida incurável, um exílio sem retorno. Muitos migrantes ao deixarem o seu país, ou o seu local de origem, enfrentam dias de viagens em condições subumanas em barcos, atravessando fronteiras, expondo-se a todo tipo de perigo e elevado é o número dos que sucumbem antes de chegar ao local de destino. Entre as inúmeras dificuldades que encontram, o impacto com a nova realidade provoca no migrante diversas formas de desadaptação. Psicologicamente, sofre a solidão, a insegurança, as incertezas quanto ao futuro, o medo que seu projeto migratório falhe. Sociologicamente, encontra dificuldade em integrar-se num ambiente novo, por motivos econômicos, culturais, associativos, logísticos e linguísticos. Moralmente, a dificuldade de adaptação nasce do ambiente estranho, no qual seus hábitos e regras de vida não são mais sustentados pelas relações familiares e amigas. No âmbito religioso, depara-se com uma maneira diferente de expressar a própria fé, com as preocupações cotidianas que não deixam espaço à dimensão transcendente da vida, bem como, com as dificuldades de encontrar uma comunidade capaz de sustentar a sua fé e a prática religiosa.</p> <p>Ano XX, nº 57, jan-abril/2007. São Paulo-SP</p>
<p>Título</p> <p>Autor/es</p> <p>Resumo</p>	<p>Famílias de emigrantes no norte do Paraná – interrogações sobre uma possível “Pastoral dos ausentes”</p> <p>Sidnei Marco Dornelas</p> <p>A região norte do Paraná está marcada historicamente pela</p>

<p>Ano/Edição</p>	<p>migração. Se no espaço de pouco mais de trinta anos ela se povoou intensamente no ritmo da expansão do café, em menos de dez anos ela conheceu um movimento extraordinário de emigração, movido pela urbanização do país, pelo avanço da fronteira agrícola em direção à Amazônia e pela sua própria modernização agrícola e concentração fundiária, que veio esvaziando, desde então, o campo paranaense. Os efeitos para a população rural e urbana se fizeram sentir, principalmente, sobre os grupos mais vulneráveis, o chamado proletariado rural. Essa história de migração influenciou de diferentes maneiras a atuação da Igreja Católica nessa região. Atualmente, as tendências que levaram a esta crescente expulsão de população continuam a agir, atingindo até mesmo a classe média urbana, e criando, a partir da última década, um grande movimento de emigração para fora do país. Trata-se de um fato novo, que traz para dentro da Igreja e da Pastoral do Migrante uma diversificação de problemas e de pessoas a serem acompanhadas, levando inclusive a se perguntar: é possível uma pastoral dos ausentes?!</p> <p>Ano XXI, nº60, jan-abril/2008. São Paulo</p>
<p>Título Autor/es Resumo Ano/Edição</p>	<p>Perdas e ausências... dores e algo mais</p> <hr/> <p>Dirceu Cutti Editorial Ano XXI, nº60, jan-abril/2008. São Paulo</p>
<p>Título Autor/es Resumo</p>	<p>Uma família boliviana vagando por São Paulo (Depoimento)</p> <hr/> <p>Por Sidnei Marco Dornelas; Mário Geremia Nos dias de hoje, marcados pelo fortalecimento das fronteiras nacionais e das guerras contra substantivos (tipo “drogas” e “terrorismo”), em que populações e até religiões inteiras são tachadas de ameaçadoras e dignas de exclusão, ainda existe uma tendência de se pensar o Brasil como uma espécie de refúgio: talvez o último país que ainda aceita o imigrante de braços abertos. Até os membros dos movimentos negros e indígenas, sempre atentos aos preconceitos homogeneizantes forjados em nome do nacionalismo, afirmam que o Brasil ama o imigrante — tendo uma preferência por ele, talvez em detrimento de seus filhos nativos. Os que acham a política de imigração brasileira liberal demais podem ficar sossegados. Longe de ser o mais acolhedor de todos os países, o Brasil detém um estatuto de estrangeiros antiquado e vago — porém excepcionalmente flexível — que permite</p>

Ano/Edição	<p>aos imigrantes menos direitos do que os existentes nos Estados Unidos. Se for verdade que o país ainda não fechou suas fronteiras, é igualmente verdadeiro que, uma vez fncado em terras brasilis, o imigrante está à mercê de uma burocracia arbitrária e frequentemente corrupta. Ademais, ele se vê cercado de uma série de preconceitos, amplamente difundidos entre a população, cuja característica principal é a sua incontestabilidade. Finalmente, enquanto na Europa e nos Estados Unidos, o imigrante encontra movimentos nativos que o apoiam e que militam em favor de seus direitos, no Brasil, a sociedade civil praticamente o esquece, acreditando que migração para o Brasil é coisa do passado.</p> <p>Ano XXI, nº60, jan-abril/2008. São Paulo</p>
Título	Um passado no presente (Relato)
Autor/es	Pe. Antonio Garcia Peres; Ir. Inês Facioli
Resumo	Relato
Ano/Edição	Ano XXI, nº 61, maio-ago/2008. São Paulo
Título	Para sair do confinamento: a experiência das visitas às oficinas de costura de imigrantes bolivianos no quadro do Projeto Somos Hermanos
Autor/es	Sidnei Marco Dornelas
Resumo	<p>Neste artigo esboçamos um ensaio exploratório que busca resgatar a experiência vivida por agentes de pastoral e de saúde por ocasião da implementação do projeto Somos Hermanos ¹. Partindo da constatação das condições de vida insalubres e de trabalho degradantes dos imigrantes latino-americanos em algumas áreas centrais da cidade, da segregação em que eles se encontravam no interior do espaço urbano, bem conno os sinais de xenofobia e preconceito entre agentes de serviços públicos e da população local em relação a eles, o projeto visava uma sensibilização dos agentes públicos e sua aproximação da população imigrante, em sua maior parte em situação de clandestinidade. Entre tantas atividades promovidas, uma das iniciativas originais foi a formação de equipes mistas com os agentes do Programa de Saúde da Família, compostas por brasileiros e imigrantes, por agentes de saúde pública e membros da Pastoral, na prática das visitas às oficinas de costura dos imigrantes. Sem o objetivo de esgotar todos os aspectos envolvidos nessa iniciativa pastoral, a prática de visitas a esses espaços segregados por essas equipes, a experiência concretamente vivenciada por alguns agentes, é o que em parte visamos recuperar neste artigo.</p>
Ano/Edição	Ano XXII, nº 63, jan-abri/2009. São Paulo

Título	Pastoral do Migrante – relações e mediações. Ana Cristina Arantes Nasser; Sidnei Marco Dornelas
Autor/es	Resenha por José Carlos Pereira
Resumo	Resenha
Ano/Edição	Ano XXII, nº 65, set-dez/2009. São Paulo
Título	Migrações, transformações sociais e reforma eclesial: Pastoral jesuítica e scalabriniana no Brasil
Autor/es	Maurizio Russo
Resumo	Este artigo representa a primeira parte de uma pesquisa <i>in fieri</i> abrangendo, <i>grosso modo</i> , da Primeira República brasileira até a Primeira Guerra Mundial, durante os dois pontificados de Leão XIII e Pio X. O fim da escravidão, o início da imigração no fim do século XIX e a República trazem um profundo processo de reorganização e reestruturação da Igreja Católica brasileira, com a chegada de contingentes estrangeiros que transformam o panorama social, cultural e religioso e constituem uma nova realidade eclesial. A vinda de novas tradições religiosas dos imigrantes europeus traz novas exigências pastorais quanto à assistência religiosa e material, concentrando a atenção e o debate. Ocorre a organização das missões segundo um princípio linguístico, a evangelização nos idiomas originários dos imigrantes, com fortalecimento de identidades nacionais, costumes e tradições típicas dos lugares de origem. Jesuítas, Escalabrinianos e Capuchinos são os primeiros e mais ativos nesse tipo de missão.
Ano/Edição	Ano XXIV, nº 68, jan-jun/2011. São Paulo
Título	Imigração haitiana em Manaus: presença da Pastoral
Autor/es	Pe. Gelmino Costa
Resumo	A partir de 2010, a sociedade brasileira começou a ouvir: “Os haitianos estão aqui.” Nós, da Pastoral do Migrante, não ouvimos dizer, nós os acolhemos, apertamos a mão a todos no momento da chegada. Por isso, neste simples <i>comunicado/testemunho</i> , descreveremos, rapidamente, o processo de chegada dos imigrantes haitianos em Manaus, bem como a atitude de acolhida por parte da igreja católica e da sociedade civil.
Ano/Edição	Ano XXIV, nº 68, jan-jun/2011. São Paulo

Título	Migrazioni: dizionario sócio-pastorale. Graziano Battistella (Curatore). Ed. San Paolo: Cinisello Balsamo (MI), 2010. (Resenha)
Autor/es	Por Paolo Parise
Resumo	Resenha
Ano/Edição	Ano XXIV, nº 68, jan-jun/2011. São Paulo
Título	A comunidade brasileira em Roma: trinta anos de serviço pastoral entra acolhida e integração
Autor/es	Francesca Vietti; Sérgio Durigon
Resumo	Relato
Ano/Edição	Ano XXVI, nº 72, jan-jun/2013. São Paulo
Título	A paróquia católica e a pastoral da mobilidade humana: a questão do território e a missão da Igreja junto aos migrantes
Autor/es	Sidnei Marco Dornelas
Resumo	Tendo presente o esforço da Igreja Católica no continente latino-americano em renovar-se pastoralmente, este trabalho busca refletir sobre um aspecto fundamental em sua configuração missionária: o território da paróquia. Apresenta-se o modo como o território vem sendo concebido no horizonte desse processo de renovação da ação evangelizadora, trazendo à luz alguns pontos de sua problemática, tais como debatidos no campo da geografia e da sociologia. Com este referencial, colocam-se as questões atuais vividas concretamente neste processo de renovação da paróquia, tendo em vista uma ação mais “missionária”. No interior deste debate ganha destaque o lugar ocupado pelas pastorais da mobilidade humana, como instância de questionamentos, mas também como oportunidade real de experimentação missionária, sobretudo no espaço urbano.
Ano/Edição	Ano XXVI, nº 72, jan-jun/2013. São Paulo
Título	Diaspora missiology: theory, methodology and practice. Enoch Wan. Portland (EUA), Institute of Diaspora Studies, 2011. (Resenha)
Autor/es	Por Sidnei Marco Dornelas
Resumo	Resenha
Ano/Edição	Ano XXVI, nº 73, jul-dez/2013. São Paulo

Título	Dom Tomás Balduino: uma travessia de sonhos, fé, lutas e esperanças
Autor/es	(Nota <i>in memoriam</i>) José Carlos Pereira
Resumo	Nota
Ano/Edição	Ano XXVI, nº 73, jul-dez/2013. São Paulo

Título	Acolhida a migrantes e refugiados: a ética da pastoral do migrante e desafios para a democracia no Brasil
Autor/es	Jose Carlos Pereira
Resumo	O acolhimento à migrantes e refugiados é o tema que desenvolvo nesse artigo, a partir de um olhar sobre categorias sociológicas e jurídicas referentes às migrações. As formas de apropriação e uso dessas categorias podem facilitar ou bloquear o acolhimento aos migrantes oferecido pelo Estado através de um documento provisório. A concepção de acolhimento do Estado, baseada no caráter policial da segurança pública, é repensada em face às ações e concepções de acolhimento de instituições sociais como a Pastoral do Migrante. Esta procura fundamentar sua ação na ética cristã e nos direitos universais da pessoa humana. Concluo apontando desafios ao fortalecimento e ampliação da acolhida disponibilizada pela pastoral do migrante, e aponto para o protagonismo dos migrantes que, através de sua presença e organização social, influenciam a agenda de políticas migratórias no Brasil.
Ano/Edição	Ano XXIX, nº79, jul-dez/2016. São Paulo

Título	Missão Paz e imigração haitiana na cidade de São Paulo: 2010-2015 (Entrevista)
Autor/es	Por Kassoum Diémé
Resumo	Entrevista
Ano/Edição	Ano XXIX, nº79, jul-dez/2016. São Paulo

POLÍTICA

Título	Bolívia: crise e migração temporária.
Autor/es	Oficina de Asistencia Social de la Igreja - OASI
Resumo	Neste artigo é apresentado a grande crise entre governo e igreja, em 1987, que resultou no documento: “Um chamado pela esperança”, pela igreja”. O ano de 1987 entrou na história do povo da Bolívia caracterizado pelo enfrentamento entre

Ano/Edição	<p>duas opções contraditórias: enquanto o governo, instaurado em agosto de 1985, procura impor o mais agressivo projeto de dominação econômica, política e social com dramáticas consequências para os setores populares e declara o “Ano da Reforma Tributária”; por outro lado, a Igreja Católica, fazendo-se eco dos setores populares que irromperam o ano com mobilizações de rua em defesa das conquistas vigentes desde 1952, lança o documento mais crítico dos últimos tempos; “Um chamado à esperança”, no qual julga diretamente ao governo e ao projeto neoliberal expresso no decreto supremo 21060. O enfoque da análise é sobre a crise e a migração temporária de trabalhadores.</p> <p>Ano I, nº 1, maio-ago/1988. São Paulo-SP</p>
Título	Na democracia, votar não e tudo
Autor/es	Editorialistas de Travessia
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano II, nº 5, set-dez/1989. São Paulo
Título	Migrante vota diferente?
Autor/es	Antônio Flávio Pierucci; Reginaldo Prandi
Resumo	Em outubro de 1989, quase ao final das campanhas eleitorais para as Prefeituras, os editores de Travessia nos solicitaram um artigo a respeito do voto do migrante. Nessa ocasião, o processo eleitoral vinha sendo aferido, quase semanalmente, por diferentes institutos de pesquisa. As sondagens traziam não apenas as taxas de intenção de voto, mas também grande massa de informações sobre idade, sexo, escolaridade e posição socioeconômica dos eleitores de cada candidato. Nosso objetivo é comparar o voto do eleitor nativo com o voto do migrante.
Ano/Edição	Ano II, nº 5, set-dez/1989. São Paulo
Título	Clientelismo e dominação no cenário das eleições
Autor/es	César Barreira
Resumo	As eleições no Nordeste rural configuram um quadro expressivo de reprodução da estrutura local de poder. O período eleitoral é, nesse sentido, o momento em que a dominação aparece de forma cristalina, reafirmando os pactos produzidos e consolidados ao longo do tempo. Trata-se de um tempo já bem antigo. Desde 1881, a lei Saraiva deixava espaços para o progressivo desenvolvimento do poder coronelista. O crescimento das influências locais com luta eleitoral de casa em casa e o surgimento dos cabos eleitorais são formas a partir

Ano/Edição	das quais a dominação se consolida. Em termos genéricos é possível dizer que a situação se repete de forma invariante por muitos anos. É importante examinar o papel dos coronéis ao longo da história. Ano II, nº 5, set-dez/1989. São Paulo
Título	A UDR e o processo eleitoral
Autor/es	Regina Bruno
Resumo	O artigo analisa o fracasso eleitoral de Ronaldo Caiado e da UDR no processo eleitoral de 1989, diante da negação de apoio de parte da elite agrária, por um lado, por outro, diante de mobilizações populares contra a violência praticada pela UDR.
Ano/Edição	Ano II, nº 5, set-dez/1989. São Paulo
Título	Migração e voto: em busca de uma vida melhor
Autor/es	Judith Muszynski
Resumo	Analisa-se o comportamento de migrantes em processos eleitorais tendo em vista seus desejos de inserção social, participar da vida cosmopolita que buscam na cidade e alcançar melhores condições de vida.
Ano/Edição	Ano II, nº 5, set-dez/1989. São Paulo
Título	Reflexões às vésperas das eleições presidenciais
Autor/es	Maria Tereza Sadek
Resumo	Busca-se refletir sobre o ambiente político, cultural, social e utópico às vésperas da eleição de Tancredo Neves, rompendo com o ciclo de ditadura militar – 1964-1984 que se impôs ao Brasil. Quais eram as expectativas da sociedade, em especial dos movimentos populares e grupos sociais, como migrantes, que clamavam fortemente por mudanças?
Ano/Edição	Ano II, nº 5, set-dez/1989. São Paulo
Título	O imigrante espanhol em São Paulo e o voto
Autor/es	Avelina Martínez Gallego
Resumo	Dos imigrantes espanhóis chegados ao Brasil no final do século XIX e início do século XX, e que participaram dos movimentos trabalhistas do início deste, dispomos, embora bastante escassamente, de alguns registros constatáveis em bibliografias que tratam da formação do movimento operário em São Paulo. Porém, do contingente imigratório chegado ao Brasil nas décadas de 40 a 60, e que se caracterizou principalmente por fornecer, em sua grande maioria, trabalhadores para a indústria, temos poucas informações. É sobre este último

Ano/Edição	grande grupo de migrantes que este artigo versa considerando a sua participação social e política no Brasil. Ano II, nº 5, set-dez/1989. São Paulo
Título	Voto consciente: uma arma do trabalhador (Depoimento)
Autor/es	José Benedito da Silva
Resumo	Depoimento
Ano/Edição	Ano II, nº 5, set-dez/1989. São Paulo
Título	“De política eu não entendo muito, mas...” (Depoimento)
Autor/es	Josino Raimundo da Rocha
Resumo	Depoimento
Ano/Edição	Ano II, nº 5, set-dez/1989. São Paulo
Título	“América, país de imigrantes” e as crescentes restrições aos imigrantes nos Estados Unidos
Autor/es	Robson Goulart; Teresa Sales
Resumo	Esse artigo abordará as crescentes restrições aos imigrantes estrangeiros nos Estados Unidos, sobretudo a partir do momento em que, tendo já caído o muro de Berlim, o Estado da Califórnia se propõe a construir um outro simbólico muro separando o povo americano das novas levas de imigrantes latino-americanos. Referimo-nos à Proposição 187 do Governador Pete Wilson da Califórnia, aprovada há cerca de 2 anos naquele Estado com 60% de votos favoráveis dos eleitores e rejeitada, por inconstitucional, na Suprema Corte dos Estados Unidos. Essa proposição proibia saúde e educação livres para os filhos de imigrantes ilegais naquele Estado, pondo assim empecilhos fundamentais para sua permanência naquele país. O tema volta com força total na campanha presidencial americana, quando o polêmico pré-candidato republicano, Pat Buchanan, propõe, agora não apenas o simbolismo dos muros separatistas, mas sim a construção de um verdadeiro muro ao longo da fronteira Estados Unidos-México, proposição essa que se constitui igualmente em uma, dentre as várias proposições que compõem a atual proposta de lei sobre migrações em discussão no Congresso americano. Nesse artigo, aborda-se a política migratória dos Estados Unidos em seus antecedentes, até chegar à atual discussão da nova legislação que presentemente circula no Congresso americano e suas repercussões na sociedade daquele país.
Ano/Edição	Ano IX, nº25, maio-ago/1996. São Paulo

Título	As políticas migratórias na Europa – rigor e fechamento
Autor/es	Lorenzo Prencipe
Resumo	As migrações são um fenômeno mundial que os Estados Nacionais dominam com uma enorme dificuldade. Elas são ligadas por vezes à situações de violência que engendram volumosos fluxos de refugiados e de pessoas deslocadas, senão vejamos: Em 1995, o número destes era estimado em 27 milhões, contra 2,5 milhões em 1975 - um incremento aproximado da ordem de 10.000 novos refugiados/dia. Outra grande causa das migrações diz respeito às situações de subdesenvolvimento, provocadoras de fluxos de migrantes econômicos. Há cerca de 70 milhões a 85 milhões de não-nacionais no mundo, dos quais três quartos de pessoas dependentes: na Europa, 20 milhões; na África, entre 16 e 20 milhões; na América do Norte, entre 15 e 17 milhões; na América Central e do Sul, entre 7 e 12 milhões; na Ásia do Sul, do Sudeste e do Leste, entre 6 e 9 milhões; na Ásia do Oeste (Países Árabes), entre 6 e 7 milhões. Estas situações são de uma tal amplitude que não se pode deixar de levá-las em consideração. De fato, sobre os 100 milhões de migrantes que o mundo conta atualmente, a Europa só está aceitando algo em torno de 15 e 20 milhões, a exemplo da América do Norte. Os restantes encontram-se em outros lugares, ao Sul do planeta. A maioria dos pobres continua vivendo entre os pobres, e não tem os meios para emigrar em direção ao Norte rico. Disso desprende-se que a ameaça frequentemente difundida de uma grande invasão do Sul em direção ao Norte é injustificada.
Ano/Edição	Ano IX, nº25, maio-ago/1996. São Paulo
Título	Os albergues dos migrantes no interior de São Paulo: programas de ação social ou políticas de circulação de população?
Autor/es	Valmir Aranha
Resumo	Este artigo tem por objetivo analisar os programas de Assistência aos Migrantes não apenas para demonstrar que estes não atingem o seu objetivo assistencial, mas sobretudo como suas práticas institucionais enquanto políticas de migração isoladas ao nível municipal criaram uma rede de controle sem saídas que disciplina e circunscreve um fluxo migratório “que não tem mais origem nem destino, que é fluir permanente, circulação interminável” (Vainer, 1987: 24); ao mesmo tempo,

Ano/Edição	<p>definem as possibilidades de circulação em tempos e espaços urbanos bem demarcados nas cidades do Interior Paulista. Esta nova forma de mobilidade espacial é induzida e perpetuada pelas ações municipais a partir de mecanismos de controle que desterritorializando os migrantes acabam por reforçar o poder de instituições - os albergues - que passam a existir exclusivamente para administrar os efeitos produzidos pela sua própria ação, ou seja a circulação permanente dos itinerantes. Como resultado deste processo tem-se que estes migrantes, longe da liberdade de ir e vir, permanecem constantemente em movimento, paradoxalmente em lugar nenhum, mas concomitantemente em todos os lugares.</p> <p>Ano IX, nº25, maio-ago/1996. São Paulo</p>
Título Autor/es Resumo	<p>A migração de trabalhadores e os processos de integração</p> <p>Lelio Mármora</p> <p>Muito antes das propostas integradoras sub-regionais, os movimentos transfronteiriços de pessoas desenvolveram canais espontâneos de comunicação e ativos intercâmbios dentro e fora das distintas regiões, constituindo-se num avanço dos processos de integração cultural, social e econômica. É por essa razão que, quando se comprova que o intercâmbio humano é um dos fatores relativamente esquecidos dos esquemas integracionistas, enfrentamos uma espécie de paradoxo do qual o elemento pré-existente do esquema não aparece como parte do mesmo. A década de 90 apresenta-se com processos de integração sub-regionais mais realistas: menos burocratizados e com maior intervenção da empresa privada; menos ideológicos e mais pragmáticos. As relações bilaterais encontram-se mais ligadas aos temas regionais ou multilaterais. A interdependência, a internacionalização da economia e a globalização dos problemas impõe cenários de negociação, coordenação e cooperação em âmbitos regionais, para poder alcançar objetivos de políticas nacionais. Nesse contexto, deparamo-nos com esforços de integração regional que com suas características específicas, não só estão avançando no intercâmbio de bens, capitais, tecnologias e serviços, mas que também começaram a considerar o intercâmbio de população e, especificamente, da população trabalhadora. Porém, neste cenário de regiões que tendem ao estabelecimento de mercados únicos e de unidades políticas sociais cada vez mais integradas, a problemática migratória</p>

Ano/Edição	surge em duas situações, e seu papel é diferente desde que a analisemos ‘dentro dos espaços de integração’ ou ‘entre os diferentes blocos regionais integrados’. Ano IX, nº25, maio-ago/1996. São Paulo
Título	A seca e o homem: políticas anti-migratórias no Ceará
Autor/es	Frederico de Castro Neves
Resumo	Desde 1877, as frequentes migrações dos homens pobres do campo preocupam as autoridades e as elites do Ceará. Durante as secas, a cidade de Fortaleza, pela condição de capital, sofre com maior impacto estas repetidas ‘invasões’ de retirantes famintos, maltrapilhos e, por vezes, revoltados, que afrontam a agitada e vaidosa vida urbana moderna com sua triste aparência e com suas súplicas. Desde então o quadro se repete em quase todas as cidades de porte médio, sem que as medidas amenizadoras empregadas pelas autoridades surtam efeitos de longo prazo. O homem pobre do campo continua, a despeito da modernidade. expulso de suas terras pela total incapacidade de sobreviver, de reproduzir-se na sua exígua segurança alimentar. em períodos de crise climática. Estas medidas são (de uma certa forma, até hoje) pensadas segundo a lógica de que, para combater a seca. é necessário acumular água: a chamada “solução hidráulica” que remonta aos tempos do Império. As estruturas de sobrevivência dos camponeses sertanejos jamais foram pensadas cm sua fragilidade crônica. cm termos de uma brutal concentração de terras e de recursos d’água. O objetivo deste pequeno artigo é descrever e analisar as formas através das quais a sociedade enfrentou este problema, que variaram de um espanto inicial a uma tentativa de controle sistemático, até uma política de disciplinarização do homem do campo. O que poderemos concluir, talvez, é que, vista sob o prisma das ações compreendidas pelo Estado, a chamada “questão da seca”, tão alardeada pelos políticos e pelos meios de comunicação como o grande obstáculo ao desenvolvimento desta área do Brasil. não é uma simples “questão” de combater os efeitos das secas, mas de como manter o controle sobre essas massas de homens pobres que migram periodicamente em tempos de crise, devido à desestruturação de sua frágil economia de subsistência.
Ano/Edição	Ano IX, nº25, maio-ago/1996. São Paulo

Título	De facilidades y restricciones: políticas inmigratorias argentinas de los 90
Autor/es	Adriana Villalón
Resumo	E l examen de ciertas representaciones sobre lo que hace al estado nación argentino ser aregentino a través de sus políticas inmigratorias es una via de desnaturalizar reificaciones que hacen a la supuesta homogeneidad y solidez de los estados nacionales y que generan categorías construidas de soberania e identidad nacional, En el contexto del Mercosur la política argentina estatal actual revelaría ciertas contradicciones que se darían en ciertas facilidades administrativas dadas para la inmigración europea a través de “programas especiales” , como en exclusiones que se manifestarían en supuestas trabas burocráticas y legales para los países del Mercosur como, por ejemplo, para obtener la documentación o acceder a la escolarización. Así. es interesante comentar las actividades y acusaciones hacia la politica inmigratoria oficial por parte de algunos organismos defensores de los Derechos Humanos como el Centro de Estudios Legales y Sociales (CELS).
Ano/Edição	Ano XII, nº 33, jan-abril/1999. São Paulo-SP

Título	Estado e migração no Brasil – anotações para uma história das políticas públicas
Autor/es	Carlos B. Vainer
Resumo	Qualquer olhar medianamente atento lançado sobre a história pátria bastará para evidenciar a importância das políticas migratórias ² . Não seria exagero afirmar que a história da constituição e evolução do Estado brasileiro tem sido, também, em boa medida, a história de conceitos, instituições e práticas voltadas para equacionar e administrar a mobilização e localização de populações. Dessa perspectiva, não deixa de ser sintomático que em 31 de março de 1824, menos de uma semana após a promulgação da primeira constituição brasileira, que pode ser tomada como símbolo do próprio nascimento do estado nacional, D. Pedro I tenha assinado a Decisão nº 80, de 31 de março, mandando demarcar as terras da colônia alemã São Leopoldo, “a qual não pode deixar de ser. ‘reconhecida de utilidade para este Império, pela superior vantagem de se empregar gente branca livre e industriosa, tanto nas artes quanto na agricultura “ (apud. Demoro, 1960, p. 32). A partir de então, várias e sistemáticas foram as iniciativas para povoar com gente branca livre e industriosa as vastas terras de um

Ano/Edição	<p>estranho e esquizofrênico Império tropical, que acalentava o sonho de transformar-se numa nação branca enquanto sugava sofregamente o sobretrabalho dos escravos negros. Mas a própria escravidão, por muito tempo, constituiu obstáculo notável a que o Brasil acolhesse os braços que as revoluções agrícola e industrial iam tornando excedentários na Europa. O fracasso da experiência de importação de trabalhadores suíços e alemães promovida pelo Senador Vergueiro, que terminou com o levante dos parceiros da Fazenda Ibicaba mostrou os limites da tentativa de mobilização maciça de braços livres enquanto perdurasse o trabalho escravo. É quando se anuncia a aproximação do fim da escravidão, porém, que a questão da mobilização do trabalho começa a se colocar de maneira premente — e, em certa medida, angustiante. Como assegurar braços para a lavoura? Como substituir o trabalho escravo?</p> <p>Ano XIII, nº 36, jan-abril/2000. São Paulo-SP</p>
<p>Título Autor/es Resumo</p> <p>Ano/Edição</p>	<p>Imigração no Canadá: seleção e controle de entradas</p> <p>Soraia Maria do S. C. Vidal</p> <p>Feitas as considerações acima, com o texto busca-se recuperar alguns aspectos do processo de mudanças na legislação canadense, particularmente aquelas direcionadas ao controle das entradas de novos imigrantes, uma vez que o Canadá é um país que abre ou fecha as possibilidades para a entrada de imigrantes conforme as circunstâncias econômicas, resultando em variações cíclicas. As leis de imigração são de competência do Governo Federal, e todos os indivíduos que pretendam entrar no país estão sujeitos a um exame feito por um oficial federal. Ou seja, apesar de o país se colocar amplamente favorável à entrada de novos imigrantes e à manutenção de traços culturais diversos a difundida multiculturalidade, a mesma porta de entrada também comporta um controle sistemático, o que de certa maneira contribui, aparentemente, para um número pouco expressivo de imigrantes ilegais morando no país. Por outro lado, o Canadá também apresenta níveis representativos de emigração, decorrentes do retorno de imigrantes para os seus países de origem e da transferência de canadenses para os Estados Unidos, em especial. (Stalker, 1994).</p> <p>Ano XIV, nº41, set-dez/2001. São Paulo</p>

Título	As políticas públicas e os migrantes – entre as razões de Estado e as necessidades sociais
Autor/es	Sidnei Marco Dornelas
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XVII, nº 50, set-dez/2004. São Paulo

Título	Migraciones y libre circulación en el MERCOSUR: de políticas nacionales a políticas regionales
---------------	---

Autor/es	Nora Pérez Vichich
Resumo	<p>La economía, la vida laboral y la movilidad geográfica de los trabajadores en el espacio de integración regional del MERCOSUR, se procesa dentro de una compleja trama en donde se mezclan migraciones laborales tradicionales y flujos determinados por las transformaciones estructurales, los avances tecnológicos, y por la construcción de un espacio común como es el proyecto MERCOSUR puesto en marcha en 1991. Las migraciones laborales tienen una larga tradición entre los países que conforman el Mercosur: la contigüidad geográfica, la disparidad en los niveles relativos de desarrollo económico-social y los procesos de autoritarismo y violencia política han creado corrientes migratorias entre éstos países. Estas corrientes han tenido diferentes manifestaciones a lo largo de sus respectivas Historias. El tamaño de los flujos migratorios y su impacto en las población nativa de los países ha sido disímil. En la actualidad, en cada uno de ellos residen inmigrantes de países vecinos, aunque la Argentina es quien ha recibido y continúa recibiendo inmigrantes en mayor medida, seguido en importancia por Brasil , luego Paraguay, Chile y por último Uruguay. El peso de la inmigración en general es bastante bajo: en la Argentina representa el 4,2% de la población total, en Paraguay el 3,7%, en Uruguay el 2,7%, en Chile 1% y en Brasil sólo el 0,4% ¹. Las transformaciones que en las últimas décadas - y muy especialmente en los años noventa - han sufrido los países de la región en materia económica, política y social han modificado la direccionalidad y composición de los flujos migratorios haciendo que países tradicionalmente receptores, como la Argentina o el Brasil, se conviertan en emisores de población, y otros como el Paraguay o Chile, sustantivamente emisores, sean hoy receptores de migraciones de la región. Mayoritariamente, los migrantes son trabajadores. El tratamiento político normativo de la cuestión dentro de los diferentes ámbitos del MERCOSUR no</p>

Ano/Edição	<p>ha tenido los mismos fundamentos conceptuales ni ha sido de la misma naturaleza a lo largo de los casi 14 años de vigencia del MERCOSUR. Proponemos aquí, a modo de disparadores, algunos puntos de debate, que tienen que ver con el estatuto de los trabajadores fuera y dentro del proceso de integración, y también con el necesario salto cualitativo de los estados y la sociedad hacia la generación de políticas regionales.</p> <p>Ano XVII, nº 50, set-dez/2004. São Paulo</p>
<p>Título</p> <p>Autor/es</p> <p>Resumo</p> <p>Ano/Edição</p>	<p>Migração rural-urbana e política agrícola</p> <p>Manoel Antonio de Almeida Monteiro</p> <p>No Brasil, nas áreas “favorecidas”, de concentração de recursos, a agricultura de exportação e a agroindústria viabilizaram o surgimento e o crescimento das grandes empresas agrícolas, com consequente concentração da posse da terra. A orientação para o mercado externo e ação do meio urbano-industrial sobre o rural resultaram em modificações profundas no sistema de produção: foram suprimidas determinadas linhas de exploração enquanto expandiram-se outras, intensificou-se a utilização do capital mesmo por pressão e para o atendimento das necessidades da indústria. Estabeleceu-se um tipo de produção que requer pouca mão-de-obra ou que a exige apenas sazonalmente. Nas áreas empobrecidas ganha relevo o binômio latifúndio-minifúndio na explicação da miséria e do êxodo rural. O latifúndio por absorver parcela insignificante da mão-de-obra. O minifúndio sem capacidade de suporte de uma população que se multiplica gerando excedentes que forçosamente terão que migrar, isto quando não é anexado pelo latifúndio, migrando então todos os seus ocupantes. Nessas condições, nas áreas empobrecidas e “favorecidas”, como resultado do mesmo processo que as geram, o fenômeno da migração rural-urbana pode ser observado, certo que em condições diferentes, porém pela mesma causa: o tipo de exploração da terra. A migração rural-urbana pode provocar dois tipos de diminuição da população rural: a diminuição percentual (apesar de aumentar em número, a população rural torna-se percentualmente menor em relação à população total, já que se verifica um crescimento mais acelerado da população urbana), e a diminuição absoluta (a população rural torna-se numericamente menor com o decorrer do tempo).</p> <p>Ano XVII, nº 50, set-dez/2004. São Paulo</p>

Título	O Programa um milhão de cisternas e as políticas públicas
Autor/es	Naidison de Guintella Baptista
Resumo	Este é o tema do presente texto, no qual tentamos analisar a prática do Programa Um Milhão de Cisternas (PIMC), da ASA (Articulação do Semi-Árido), na ótica não apenas de um projeto, por mais bem feito que seja, mas da busca de construção de políticas de água. Deste modo, se quer, de um lado, identificar os passos dados na construção de políticas e, de outro, aqueles que ainda se constituem em lacunas. Partilha-se, assim, da opinião daqueles que afirmam serem importantes os projetos como escola e espaço de aprendizagem para a construção de políticas, sendo essas fundamentais, pois, sem as mesmas, não se obtém sequência na caminhada e mudanças mais significativas na sociedade.
Ano/Edição	Ano XVII, nº 50, set-dez/2004. São Paulo
Título	O imigrante na ótica da política migratória brasileira- visões da Segunda Guerra mundial aos anos 50
Autor/es	Francisco Aragão Azevedo
Resumo	Tendo em vista as expectativas em torno da imigração do pós-Guerra, cumpre falar dos pré-requisitos que os imigrantes precisariam atender para atender aos propósitos das políticas voltadas à imigração expostas pelas autoridades acadêmicas e governamentais de então. É impossível falar na questão do imigrante durante esse período sem mencionar a importância que o debate em torno da eugenia teve em relação ao processo de seleção deste e a influência de ideias racistas vindas do nazismo e de autores europeus como Gobineau quanto à inferioridade racial de povos não-europeus, bem como dos mestiços. Na verdade, a questão racial assumiu uma importância tal que em não poucos casos chega a se sobrepor às considerações de ordem econômica. Isso é particularmente notado nos escritos relacionados à imigração feitos por médicos no contexto da época.
Ano/Edição	Ano XVII, nº 50, set-dez/2004. São Paulo
Título	Receber e incorporar o diferente
Autor/es	Sidnei Marco Dornelas
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XX, nº58, maio-ago/2007. São Paulo

Título	“Spazio il benvenuto”: a reunificação familiar como processo de integração
Autor/es Resumo	<p>Mara Tognetti Bordogna; Giuseppe viola; Luisa Zanetti</p> <p>A população estrangeira com permanência legal na Itália até 1º de janeiro de 2005, segundo os dados Istat (Istituto Nazionale di Statistica), era de 2,7 milhões. O aumento verificou-se, principalmente, logo após a regularização efetuada no ano de 2002 com as Leis 189 e 222 (Ismu, 2006). Atualmente, o número de estrangeiros residentes na Lombardia oscila entre 766 mil e 813 mil. Com relação ao estado civil, a maioria destes são casados, o que equivale a 58,6% da população imigrante (Osservatorio Regionale per l’ integrazione e la multiethnicità, 2006). É interessante observar que a imigração na Itália, de um fenômeno extemporâneo e individual dos primeiros anos da década de 1970, transformou-se num fenômeno estrutural, com características sempre mais estáveis (de população), devido justamente à presença da família na migração (Tognetti Bordogna, 2004). É melhor, porém, falarmos de <famílias> , no plural, porque são diversas as formas de <fazer> e <ser> família na migração. As pesquisas nacionais e internacionais demonstram e confirmam o papel central que a família desempenha no projeto e na estratégia migratória do indivíduo (Dumon, 1993; Cesareo, 1993; Tognetti Bordogna, 1995, 1997, 2005), na escolha de migrar e sobre a pessoa da família que deve e pode partir. A migração, por sua vez, incide sobre as formas e modalidades de constituir e reunificar a família; dados recentes evidenciam que, se a migração acontece antes da efetivação da união, a reunificação realiza-se, em média, cinco anos após; caso contrário, este tempo é reduzido em quase dois anos. A decisão de migrar pesa sobre a constituição da nova família visto que, quem migrou, provavelmente, precisa de um tempo maior para se situar economicamente. Por outro lado, não se deve menosprezar o fato de que quem migrou é, e pode ser, mais atraente para o matrimônio.</p>
Ano/Edição	Ano XX, nº58, maio-ago/2007. São Paulo
Título	Metecos contemporâneos: hospitalidade, política e subjetividade na Grécia antiga e no mundo globalizado
Autor/es Resumo	<p>Fábio Augusto Moraes Soares Brito</p> <p>Poucos hoje em dia diriam que, a despeito do slogan ‘nação dos imigrantes’, os Estados Unidos seria um país hospitaleiro: O muro com/contra O México é um argumento eloqüente. Igualmente poucos usariam o termo “hospitalidade” para</p>

<p>Ano/Edição</p>	<p>definir o tratamento do governo francês dado aos imigrantes e descendentes de origem africana (especialmente argelinos) das periferias de Paris, os mesmos que o então ministro do Interior francês, Nicolas Sarkozy, se referiu certa vez como <i>racaille</i>, “escória” (Victor, 2005). Entre os Estados Unidos e a mãe, aliás, existem duas semelhanças aparentemente casuais: primeira, ambos os países já tiveram em suas pautas políticas a expulsão em massa de imigrantes; segunda, ambos os países, cada um a sua maneira, consideram-se como herdeiros legítimos da democracia como princípio político tal qual legada pela da cultura clássica, ou grecoromana¹. Estas semelhanças permitem, mesmo que casualmente, a questão: as práticas de restrição e repressão da imigração de França e Estados Unidos encontrariam algum paralelo no mundo antigo?</p> <p>Ano XX, nº58, maio-ago/2007. São Paulo</p>
<p>Título Autor/es Resumo</p>	<p>Como (não) se faz um brasileiro Por Thaddeus Gregory Blanchette</p> <p>Nos dias de hoje, marcados pelo fortalecimento das fronteiras nacionais e das guerras contra substantivos (tipo “drogas” e “terrorismo”), em que populações e até religiões inteiras são tachadas de ameaçadoras e dignas de exclusão, ainda existe uma tendência de se pensar o Brasil como uma espécie de refúgio: talvez o último país que ainda aceita o imigrante de braços abertos. Até os membros dos movimentos negros e indígenas, sempre atentos aos preconceitos homogeneizantes forjados em nome do nacionalismo, afirmam que o Brasil ama o imigrante — tendo uma preferência por ele, talvez em detrimento de seus filhos nativos. Os que acham a política de imigração brasileira liberal demais podem ficar sossegados. Longe de ser o mais acolhedor de todos os países, o Brasil detém um estatuto de estrangeiros antiquado e vago — porém excepcionalmente flexível — que permite aos imigrantes menos direitos do que os existentes nos Estados Unidos. Se for verdade que o país ainda não fechou suas fronteiras, é igualmente verdadeiro que, uma vez fincado em terras <i>brasilis</i>, o imigrante está à mercê de uma burocracia arbitrária e frequentemente corrupta. Ademais, ele se vê cercado de uma série de preconceitos, amplamente difundidos entre a população, cuja característica principal é a sua incontestabilidade. Finalmente, enquanto na Europa e nos Estados Unidos, o imigrante encontra movimentos nativos que o apoiam e que militam em favor de seus direitos, no Brasil, a sociedade civil praticamente o esquece, acreditando que</p>

Ano/Edição	migração para o Brasil é coisa do passado. Ano XXI, nº60, jan-abril/2008. São Paulo
Título	A Diretiva Europeia de retorno
Autor/es	João Carlos Jarochinski Silva
Resumo	Em 2008, os Estados europeus, grandes receptores de mão-de-obra imigrante, boa parte dela indocumentada, estabeleceram através de sua Organização Internacional, a União Europeia, uma Diretiva para o retorno forçado dos imigrantes ilegais ¹ . O presente artigo apresenta como objetivo principal uma crítica ao estabelecimento de regras comuns para o regresso de imigrantes não membros de países da União que, porventura, estejam em situação irregular. Apesar da Diretiva não possuir capacidade de obrigar os Estados a seguirem os seus ditames, é inquestionável que, devido ao avanço das relações jurídicas entre os países europeus, essa norma terá uma abrangência quase que total. Salientamos que essa abrangência é buscada insistentemente na própria introdução. Por esse motivo, podemos afirmar que ela marca uma posição bem nítida frente ao tema e que representará a atuação desses Estados nos próximos anos.
Ano/Edição	Ano XXII, nº 64, maio-ago/2009
Título	Migrações internacionais e políticas migratórias: França e Brasil (Entrevista)
Autor/es	Rossana Rocha Reis
Resumo	Entrevista
Ano/Edição	Ano XXII, nº 65, set-dez/2009. São Paulo
Título	A especificidade de Quebec no quadro das Políticas Migratórias Canadenses
Autor/es	Marcus Vinicius Fraga; Lucia Maria Machado Bógus
Resumo	O artigo oferece uma discussão introdutória sobre a política de imigração da província de Quebec, no Canadá, a partir da leitura de trabalhos de cientistas sociais canadenses e brasileiros e da legislação daquele país relativa ao assunto. Apresenta-se também como essa política de imigração vem incentivando estudantes de uma escola de língua francesa quebequense, em São Paulo, a buscarem o visto de residentes permanentes. Enfoca-se ainda alguns elementos do perfil socioeconômico desses estudantes. Como pontos de partida e de chegada, as migrações internacionais são tratadas como uma das questões mais importantes da atualidade.
Ano/Edição	Ano XXIV, nº 69, jul-dez/2011. São Paulo

Título	Las políticas públicas sobre Migraciones y la sociedade civil em América Latina – los casos de Argentina, Brasil, Colombia y México. Leonir Mario Chiarello (Coord.) New York: SIMN, 2011. (Resenha)
Autor/es Resumo Ano/Edição	Por Leonir Mario Chiarello; Lelio Mármora Resenha Ano XXIV, nº 69, jul-dez/2011. São Paulo
Título	As interações entre relações internacionais e migrações internacionais e os desafios para a soberania do Estado no atual contexto globalizado
Autor/es Resumo Ano/Edição	Leonir Mario Chiarello Este artigo mostra que a limitada interação entre as relações internacionais e o fenômeno das migrações é determinada pelo paradigma estatal e nacional através do qual se definem as teorias sobre as relações internacionais e as migrações, apesar da natureza transnacional destas últimas. Para superar o determinismo de tal paradigma estatal e nacional, o artigo propõe a governança global e ética das migrações internacionais como um novo paradigma de interação entre as relações internacionais e as migrações internacionais. Ano XXV, nº 71, jul-dez/2012. São Paulo
Título	Sociedade Beneficente Brasil Unido: entidade de amparo ao migrante nordestino em São Caetano do Sul
Autor/es Resumo Ano/Edição	Cristina Toledo de Carvalho O presente artigo apresenta os principais aspectos da política de amparo empreendida pela Sociedade Beneficente Brasil Unido, surgida, em 1950, em São Caetano do Sul, com o propósito precípua de prestar assistência a migrantes nordestinos. Tal política concretizava-se a partir de duas vias: a mutualista e a filantrópica. Enquanto a primeira era caracterizada por práticas representadas, basicamente, pela concessão de auxílios monetários a sócios da instituição, em casos de doença, dificuldades financeiras e desemprego, a segunda estava voltada para os não associados e consistia, principalmente, na disponibilização de abrigo, alimentação e providências para a obtenção de emprego, documentos e tratamentos médicos para os migrantes. Ano XXV, nº 71, jul-dez/2012. São Paulo

Título	Barrados: um ensaio sobre os brasileiros inadmitidos na Europa e o conto da aldeia global. Patrícia Duarte Rangel. Brasília-DF: Editorial Abaré, 2012. (Resenha)
Autor/es	Por Sidnei Marco Dornelas
Resumo	Resenha
Ano/Edição	Ano XXV, nº 71, jul-dez/2012. São Paulo
Título	Ascensão da extrema direita na Europa e a questão migratória
Autor/es	Lucas Valente da Costa
Resumo	Os resultados recentes de diversas eleições parlamentares em países europeus chamaram atenção pela quantidade de assentos que conseguiram partidos de extrema-direita com propostas xenofóbicas explícitas, alguns com votações recordes. Neste artigo, através da análise de diversos acontecimentos sociais e políticos e do estudo do impacto dos imigrantes na economia e sociedade europeia, faz-se uma relação entre o apoio popular a esses partidos em períodos de recessão econômica, especialmente aquele iniciado em 2008, ainda em curso em muitos países do continente europeu, com o impacto real dos imigrantes na estrutura econômico-social. Isto é devido ao corrente discurso de que imigrantes são a causa do desemprego dos nativos, discurso este que precisamente ganha força em períodos em que os empregos estão mais escassos. Os estudos analisados concluem que os imigrantes não contribuem para este fato, mas que tal discurso ganha apoio em períodos de crise, antes que a economia tenha tempo de se adaptar.
Ano/Edição	Ano XXV, nº 71, jul-dez/2012. São Paulo
Título	A integração dos imigrantes brasileiros na França
Autor/es	Gisele Maria Ribeiro de Almeida
Resumo	A política de integração dos estrangeiros à sociedade francesa prevê a adesão voluntária dos novos membros à comunidade nacional, o que exige a aceitação dos valores republicanos franceses. Neste contexto, a situação dos brasileiros como estrangeiros na França é amenizada pelo fato de que estes compartilham os elementos da cultura ocidental, o que tende a repercutir em relativa facilidade de integração ao modo de vida francês. No entanto, existem estereótipos sobre o Brasil e os brasileiros, particularmente sobre as brasileiras, que sustentam estigmas e desta forma alimentam práticas discriminatórias. A partir de entrevistas semiestruturadas

Ano/Edição	realizadas com imigrantes brasileiros na França e com ex-imigrantes retornados ao Brasil, este artigo reflete sobre a experiência de brasileiros como “estrangeiros” na França, considerando os diversos processos de “integração” e de “discriminação” vivenciados por estes brasileiros/as. Ano XXVI, nº 72, jan-jun/2013. São Paulo
Título	Cativos do Protocolo de Palermo
Autor/es	José Carlos Sebe Bom-Meihy
Resumo	O Protocolo de Palermo é um dos documentos mais importantes sobre o tráfico de pessoas, tema de grande importância no mundo globalizado. Com adesão de quase todos os países do mundo, o Protocolo, ainda que expresse avanços, guarda problemas que se refletem exatamente nos grupos que pretende proteger. A crítica maior a este documento decorre da distância entre os agentes emissores e as pessoas tratadas como “vítimas”. O tom oficial do enunciado do texto, além de submeter os implicados como “vítimas”, promove o aparato dos Estados como entidade salvadora única. A consequência mais evidente deste documento é a redução das “vítimas” como incapazes de gerenciar a própria vida. Desdobramento natural disto é a falta de sintonia entre as Polícias Federais e os envolvidos que padecem nas malhas do tráfico.
Ano/Edição	Ano XXVI, nº 73, jul-dez/2013. São Paulo
Título	Paraguaios em São Paulo: uma história e um retrato
Autor/es	Tiago Rangel Côrtes
Resumo	O objetivo deste artigo é apresentar, de forma introdutória, a história da migração paraguaia para a Região Metropolitana de São Paulo e, em seguida, o perfil, segundo o Censo de 2010, das pessoas nascidas no Paraguai residentes na RMSP, de modo a realizar uma análise da heterogeneidade dessa população. Sugere-se que os aspectos que consolidaram essa migração para São Paulo foram engendrados na ditadura de Alfredo Stroessner, com a perseguição massiva dos opositores ao governo, com a aproximação e intercâmbio entre o governo brasileiro e o paraguaio e, por fim, com a reestruturação fundiária do Paraguai e o consequente êxodo rural. Segundo os dados estatísticos apresentados, a migração paraguaia cresceu exponencialmente a partir da segunda metade dos anos 2000, concomitante às crises em outros países de destino dos paraguaios. O perfil dos migrantes recentes é de jovens, majoritariamente homens, com baixa escolaridade, que

Ano/Edição	trabalham com costura, vivem na Vila Medeiros, Bom Retiro e arredores e Vila Any, em Guarulhos. Ano XXVII, nº 74, jan-jun/2014. São Paulo
Título	Participação e representação na 1ª Conferência sobre Migração e Refúgio no Distrito Federal
Autor/es Resumo	Elizabeth Ruano; Tuila Botega Neste trabalho se analisa o processo conferencial de Migrações e Refúgio realizado no Distrito Federal. O estudo se apoiou na observação participante e na análise de documentos oficiais à luz dos conceitos de participação e representação. A análise revelou que as migrações internacionais e o refúgio constituem fenômenos com certa invisibilidade no Distrito Federal. Por isso, são relevantes os cenários de sensibilização propiciados pela conferência nessa localidade. Nesse sentido, o reconhecimento dos migrantes, refugiados e organizações da sociedade civil que defendem seus direitos constitui um avanço significativo conquistado nessa conferência.
Ano/Edição	Ano XXVII, nº 75, jul-dez/2014. São Paulo
Título	Falhas e sustentabilidade do sistema laboral temporário
Autor/es Resumo	Graziano Battistella Países tradicionais de imigração buscam políticas de migração permanente e concedem, todo ano, certo número de vistos para a residência permanente. Os procedimentos para concessão de vistos, os requerimentos para obtê-los e a sua distribuição variam de país para país. Mas, o objetivo comum é permitir que imigrantes residam em seus territórios. Contudo, na verdade, todos os países têm algum modelo de migração temporária. Esse tipo de movimento tem recebido muita atenção nos últimos 10 a 15 anos. Trata-se de um interesse que lança novas questões sobre as vantagens e desvantagens da migração laboral, sua sustentabilidade e a possibilidade de uma abordagem da migração temporária baseada em direitos. Esse artigo irá examinar experiências históricas de migração temporária e sua recente volta. Também analisará esse movimento na Ásia, concernindo seus quatro modelos diferentes e incluindo suas vantagens e desvantagens. O artigo será concluído apontando elementos para uma abordagem da questão migratória baseada em direitos.
Ano/Edição	Ano XXVIII, nº 76, jan-jun/2015. São Paulo

Título	Legalmente necessários, socialmente (in)desejados: imigrantes brasileiros no mercado de trabalho japonês
Autor/es	Katiani Tatie Shishito; Mariana Shinohara Roncato
Resumo	Este artigo analisa os condicionantes sociais da relação entre o Estado japonês e o imigrante, a fim de problematizar principalmente duas questões: qual foi (qual é) o papel do Estado japonês em relação à recepção dos imigrantes em seu país? Como ocorre a inserção destes no mercado da força de trabalho? Para responder a tais indagações, consideramos as reflexões sobre: i) as principais políticas migratórias de abertura ou restrição aos imigrantes durante os séculos XX e XXI; ii) a relação do mercado da força de trabalho com estas políticas destinadas aos imigrantes e iii) por fim, como ocorreu a inserção destes imigrantes no mercado de trabalho japonês.
Ano/Edição	Ano XXVIII, nº 76, jan-jun/2015. São Paulo
Título	Apresentação – Direitos Humanos, mobilização social e políticas migratórias (Ed. 80 – Dossiê Crianças migrantes e refugiadas/Migração Haitiana e políticas públicas)
Autor/es	Jose Carlos Pereira
Resumo	Apresentação
Ano/Edição	Ano XXX, nº 80, jan-jun/2017. São Paulo
Título	Políticas de acolhimento institucional a haitianos na cidade de São Paulo: 2010/2015
Autor/es	Kassoum Diémé
Resumo	Este artigo aborda a imigração haitiana no Brasil, no período 2010-2015, e sua relação com as políticas de acolhimento institucional a imigrantes haitianos no país, mas particularmente na cidade de São Paulo. O Conselho Nacional de Imigração, a Missão Paz de São Paulo e a Coordenação de Políticas para Migrantes da Prefeitura Municipal de São Paulo são as instituições cujo trabalho de acolhimento é analisado. Cada uma delas se envolveu de forma particular neste processo. A distância entre suas políticas para acolher os referidos imigrantes foi reduzida ao longo desse período por meio de diálogos e colaborações. Na cidade de São Paulo, o trabalho da Missão Paz, uma instituição de referência para a população migrante residente, serviu de inspiração para a criação da política pública institucional de acolhimento a imigrantes pela Coordenação de Políticas para Migrantes. Embora tenham permitido um acolhimento mais digno a esses

Ano/Edição	imigrantes, essas instituições se depararam naquele momento com alguns desafios estruturais da sociedade brasileira para fazer avançar suas políticas relativas aos imigrantes. Ano XXX, nº 80, jan-jun/2017. São Paulo
Título	A importância da imigração haitiana na nova lei municipal (São Paulo) de migração
Autor/es	Priscilla Pachi
Resumo	O presente artigo tem por objetivo analisar a importância da imigração haitiana e fazer uma breve análise da atuação do Estado, da sociedade civil (ONGS, dos próprios imigrantes e dos envolvidos com a causa dos imigrantes) e o papel exercido pela imprensa que foram fundamentais para a aprovação da Lei Municipal de Migração 16.478/2016 de julho de 2016 e pela tramitação e aprovação da Nova Lei Federal de Migração no. 13.445/17.
Ano/Edição	Ano XXX, nº 80, jan-jun/2017. São Paulo
Título	CNIg – Conselho Nacional de Imigração haitiana: cinco anos depois (Entrevista com Paulo Sérgio de Almeida, presidente do CNIg no período 2007-2016)
Autor/es	Por Kassoum Diémé
Resumo	Entrevista
Ano/Edição	Ano XXX, nº 80, jan-jun/2017. São Paulo
PRECONCEITO/XENOFOBIA	
Título	Um alvo privilegiado (Editorial)
Autor/es	Dirceu Cutti
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XVIII, nº 51, jan-abril/2005. São Paulo
Título	Imigração, preconceito e os enunciados subjetivos dos etnocentrismos
Autor/es	Giralda Seyferth
Resumo	A colonização e a imigração produziram diferenças sociais e culturais no meio propriamente rural, nas cidades emergentes de núcleos coloniais e nas cidades de Porto Alegre, Rio Grande, Curitiba, etc., onde também se estabeleceram imigrantes e egressos do sistema colonial. As peculiaridades

Ano/Edição	<p>das chamadas zonas coloniais italianas, alemãs, polonesas — formando culturas híbridas, conforme expressão de Willems (1980) serviram para marcar pertencimentos, identidades culturais próprias dos sistemas interétnicos. Em grande parte, tais pertencimentos também foram externalizados — especialmente antes de 1937 — através de publicações, monumentos, associações culturais e recreativas, ganhando maior visibilidade e motivando reações nacionalistas que culminaram na campanha de nacionalização do Estado Novo (1937-1945). Entre os diferentes grupos de imigrantes e descendentes, e entre estes e os brasileiros, manifestaram-se as subjetividades próprias da xenofobia, do preconceito (inclusive racial) e do etnocentrismo marcador das identidades coletivas contrastando com os princípios da nacionalidade brasileira igualmente carregados de preconceito contra aqueles cidadãos considerados alienígenas. Estas manifestações são o objeto do presente trabalho, tendo em vista a noção de preconceito e seus correlatos —etnocentrismo e discriminação.</p> <p>Ano XVIII, nº 51, jan-abril/2005. São Paulo</p>
Título Autor/es Resumo Ano/Edição	<p>Gringos e preconceitos brasileiros</p> <p>Thaddeus Blanchette</p> <p>O preconceito é geralmente pensado no Brasil como atributo ou falha moral da personalidade individual. Observamos, porém, que ele também é alguma coisa possível de ser utilizada — existe como um fato social no sentido que lhe é dado por Durkheim (1978:88) — algo que é independente da vontade ou da psicologia de qualquer indivíduo. Além de uma ou outra pessoa ser preconceituosa, ela se utiliza dos preconceitos, principalmente para desqualificar outros em momentos de conflito.</p> <p>Ano XVIII, nº 51, jan-abril/2005. São Paulo</p>
Título Autor/es Resumo	<p>Imigrante na cidades – paradoxos e pleonasmos</p> <p>Leonardo Cavalcante</p> <p>A indefinição e a ambigüidade na hora de definir a quem se deve atribuir o qualificativo de imigrante na cidade, estão fundadas em argumentos que contradizem o reconhecimento e o registro do espaço público como um lugar mergulhado na diversidade. Pensar a cidade como um ambiente cultural coeso e invariável é formular uma de suas antíteses, pois nela se produz um oceano de gentes, em que as dessemelhanças</p>

de formas, cores e movimentos orquestram esse mar de outros, no qual coexistem muitos outros distintos, Cabem, por conseguinte, as interpelações: Por que, em um espaço em que todos são diferentes, algumas diferenças incomodam tanto? Se a migração é de fato um fenômeno, o que justifica os discursos que insistem em apontá-la como um problema? Quem na cidade deveria ser reconhecido como imigrante e por quanto tempo? O presente texto procurará aprofundar questões como essas, assim como refletir sobre a construção simbólica da figura do imigrante. Um personagem que é constantemente apontado como dono de um lugar diferenciado, lugar do outro, do estranho, do intruso, do forasteiro e, geralmente, é associado a um problema a ser resolvido, quando, na verdade, representa a vitalidade, a renovação e a continuidade da cidade. Essas contradições, que serão matizadas a seguir, não deixam também de denunciar alguns dos paradoxos do mundo contemporâneo, pois, de acordo com Garcia Canclini (1990), ao mesmo tempo que vivemos em uma época de fraturas e heterogeneidades, de segmentações dentro de cada repertório nacional, cujos próprios grupos locais se comunicam e se identificam de forma fluida com ordens e símbolos transnacionais, não cessam os discursos que não se cansam de apontar que a presença dos chamados imigrantes representa uma “ameaça” e um “problema” para as cidades contemporâneas.

Ano/Edição

Ano XVIII, nº 51, jan-abril/2005. São Paulo

Título

A Praça é nossa – faces do preconceito num bairro paulistano

Autor/es

Sidney A. Silva

Resumo

Situada entre o cruzamento de duas ruas movimentadas de um bairro tradicional da capital paulista, encontra-se a praça Padre Bento, conhecida, popularmente, como Praça do Pari. Cercada por algumas casas comerciais, bares e pela imponente Igreja de Santo Antonio, esta praça passou a ser o lugar de encontro para muitos imigrantes bolivianos, últimos a chegarem neste bairro, atraídos pelos empregos oferecidos por outros imigrantes, entre eles judeus e coreanos, que os antecederam nas pequenas confecções da cidade. No início a convivência parecia ser pacífica, já que a ocupação da praça ocorria somente nos domingos à tarde. Entretanto, na medida em que a presença boliviana e de outros imigrantes hispânicos começou a crescer, alguns problemas vieram à tona

Ano/Edição	e os moradores locais, por sua vez, sentiram-se incomodados com estes “invasores” temporários. Este foi o começo de um conflito que culminou na expulsão dos bolivianos da Praça do Pari no ano de 2002, pois no entender dos moradores locais, a praça que estes imigrantes ocuparam “tem dono”, e seus “legítimos” frequentadores resolveram restabelecer a “ordem” e a “tranquilidade” perdidas. Ano XVIII, nº 51, jan-abril/2005. São Paulo
Título	Estereótipos e preconceito na experiência dos imigrantes brasileiros no Porto, Portugal
Autor/es	José Igor Renó e Machado
Resumo	As reflexões apresentadas neste artigo são baseadas no trabalho de campo desenvolvido para a realização da minha tese de doutorado (Machado, 2003). O trabalho de campo foi realizado entre março e outubro de 2000, além de duas outras estadias mais rápidas, a primeira em janeiro e fevereiro de 1998 e a segunda em fevereiro de 2002. Meu recorte espacial circunscreveu uma grande área, uma vez que os brasileiros não se agrupam em lugares específicos da cidade. O centro da pesquisa foi a cidade do Porto, onde se concentra grande parte das atividades econômicas dos brasileiros, mas os imigrantes moram nas cidades do entorno, que poderíamos chamar de “grande Porto”. São elas: Matosinhos, Leça da Palmeira, Vila Nova de Gaia, Maia, Gondomar, Valongo. O fato de estarem espalhados por lugares dispersos e, muitas vezes, longe uns dos outros facilita, ou potencializa, o papel de bares e restaurantes brasileiros como os pontos de encontro privilegiados, como os lugares onde brasileiros travam conhecimento uns com os outros e estreitam suas redes de relações. Os bares e restaurantes, onde uma parte considerável da pesquisa foi realizada, São, de certa forma, os nós de redes sociais que se espalham não uniformemente pela grande Porto e também por cidades do interior do norte de Portugal. Conectam, num mesmo ambiente, várias redes de trabalhadores de diversos lugares, formando um mapa do mundo do trabalho de imigrantes brasileiros no Porto.
Ano/Edição	Ano XVIII, nº 51, jan-abril/2005. São Paulo
Título	Racismo e sua negação: o caso dos imigrantes bolivianos em São Paulo
Autor/es	Szília Simai; Rosana Baeninger
Resumo	O artigo objetiva analisar na prática discursiva, como prática

social, vários exemplos discursivos da negação da existência de racismo, xenofobia e conflitos em relação à presença boliviana na cidade de São Paulo. O estudo indica o proeminente papel que a negação desempenha no discurso contemporâneo e, conseqüentemente, seus reflexos nas relações raciais e étnicas entre os imigrantes bolivianos e os brasileiros na cidade de São Paulo.

Ano/Edição Ano XXIV, nº 68, jan-jun/2011. São Paulo

Título **A Itália e o racismo disfarçado**

Autor/es **Dario Spagnuolo**

Resumo A acolhida e a hospitalidade são consideradas uma das características próprias da identidade italiana. Nos últimos anos, contudo, gravíssimos episódios de racismo demonstraram que em relação aos imigrantes existe um clima de ameaça que pareceria ter sido agravado pela crise econômica. Não obstante isto, o problema do racismo foi redimensionado pelos policy maker e pela mídia, que são exatamente aqueles que mais se lançam contra os imigrantes, acusados de ameaçar o bem-estar e a segurança. Junto ao multiplicar-se das agressões contra os mesmos, numerosas leis criminalizaram a pobreza e empurraram a população estrangeira à margem da legalidade. Este artigo tem por objetivo explicar as razões da falha da Itália em reconhecer o problema do racismo, bem como sua falta de habilidade e falta de vontade de lidar com ele. Por quanto tempo poderá continuar esta situação antes de desembocar num aberto conflito social?

Ano/Edição Ano XXVI, nº 72, jan-jun/2013. São Paulo

Título **O medo ao pequeno número: ensaio sobre a geografia da raiva. Arjun Appadurai. São Paulo: Iminuras/Itaú Cultural, 2009 (Resenha)**

Autor/es **Por Diane Portuguezis**

Resumo Resenha

Ano/Edição Ano XXVI, nº 73, jul-dez/2013. São Paulo

QUESTÃO AGRÁRIA

Título **Uma travessia de conflitos e vitórias**

Autor/es **Editorialistas de Travessia**

Resumo Editorial

Ano/Edição Ano I, nº 3, jan-abril/1989. São Paulo

Título	Novos rumos da migração para a Amazônia
Autor/es	Donald Sawyer
Resumo	Neste trabalho procuramos identificar as tendências passadas e novas de migração para a Amazônia, apontar as principais causas das mudanças ocorridas e refletir sobre as implicações políticas. Baseamos a análise em dados censitários, em outros dados quantitativos e na literatura disponível. Pesquisas de campo realizadas pelo CEDEPLAR em diversas partes da Amazônia permitiram incorporar uma dimensão mais qualitativa.
Ano/Edição	Ano I, nº 3, jan-abril/1989. São Paulo-SP
Título	O campesinato e a ocupação da terra no Brasil
Autor/es	Edgard Malagodi
Resumo	O Brasil tem sido tradicionalmente ocupado mediante o trabalho de desbravamento realizado pelo braço camponês livre. No período colonial e do Império, o escravo era utilizado somente após a implantação do engenho de cana ou da fazenda de café, na produção corrente: antes, porém da instalação das fazendas, na derrubada das matas, na colocação das primeiras culturas e na implantação de uma benfeitoria mínima, o trabalhador livre com sua família foi a força de trabalho insubstituível. O artigo procura refletir sobre a relação de trabalho comum em várias regiões brasileiras a saber, a relação entre o camponês, no papel de posseiro desbravando terras, e o fazendeiro que oferece terras ainda não desbravadas para serem cultivadas durante algum tempo em benefício do próprio camponês que, posteriormente retoma a terra já em condições de desenvolver a terra com a cultura por ele desejada.
Ano/Edição	Ano I, nº 3, jan-abril/1989. São Paulo-SP
Título	Resistência dos posseiros
Autor/es	Jean Hebette
Resumo	O texto aborda sobre a migração rural em direção ao campo paraense que mudou profundamente a fisionomia do sudeste do estado do Pará a partir dos anos 1960.
Ano/Edição	Ano I, nº 3, jan-abril/1989. São Paulo-SP
Título	Paraíso e inferno na Amazônia Legal
Autor/es	Ariovaldo Umbelino de Oliveira
Resumo	Este artigo pretende abordar sobre a colonização que, historicamente, no Brasil tem se constituído na

Ano/Edição	<p>alternativa escolhida pelas classes dominantes para evitar, simultaneamente, a necessária reforma estrutural do campo e, ao mesmo tempo, suprir-se de força de trabalho para seus projetos na fronteira. Dessa forma, a abertura das novas frentes de ocupação na amazônia sempre trouxe consigo este caráter contraditório da formação da estrutura fundiária brasileira no seio da lógica do desenvolvimento capitalista. Assim, o processo que leva os grandes capitalistas a investirem na fronteira contém o seu contrário, a necessária abertura dessa fronteira aos camponeses e demais trabalhadores do campo.</p> <p>Ano 1, nº 3, jan-abril/1989. São Paulo-SP</p>
Título Autor/es Resumo Ano/Edição	<p>A fronteira como lugar de utopia</p> <hr/> <p>Maria Antonieta da C. Vieira</p> <p>Aborda-se como os lavradores se dirigem à fronteira agrícola à procura de melhores condições de vida. Junto com eles, também vão os romeiros. Mas neste caso, amparados por suas crenças, eles procuram juntos realizar a construção de um outro mundo. Para além da fronteira vão cumprir as ordens de uma Missão, buscando realizar seu sonho de liberdade na articulação entre trabalho, migração, utopia, festas e devoções.</p> <p>Ano 1, nº 3, jan-abril/1989. São Paulo-SP</p>
Título Autor/es Resumo Ano/Edição	<p>Conflitos agrários no Paraná moderno</p> <hr/> <p>Cecília M. Westphalen; Altiva P. Balhana</p> <p>O artigo debate sobre o processo de revelação das terras roxas do Paraná. Os anos de revelação dessas terras caracterizam-se, na história regional, como tempo de negócios de terras. Negócios que, pela movimentação fundiária, favoreciam a ascensão do Paraná moderno, mas que também convulsionaram a comunidade paranaense. Seria este operário mais agitado da história da ocupação da terra pelos proprietários privados.</p> <p>Ano 1, nº 3, jan-abril/1989. São Paulo-SP</p>
Título Autor/es Resumo Ano/Edição	<p>Rondônia: uma alternativa para os migrantes? (Relato)</p> <hr/> <p>Luiz Bassegio</p> <p>Relato</p> <p>Ano 1, nº 3, jan-abril/1989. São Paulo-SP</p>

Título	A razão da nossa luta (Relato de experiência)
Autor/es	D. Antônio Possamai
Resumo	(Relato de experiência)
Ano/Edição	Ano 1, nº 3, jan-abril/1989. São Paulo-SP
Título	As invenções de migrantes
Autor/es	Eduardo Magalhães Ribeiro
Resumo	Nos últimos anos, cresceu a quantidade de pesquisas sobre os lavradores do Jequitinhonha que viajam para trabalhar algum tempo em outras regiões. O assunto recebe um tratamento muito parecido em quase todos os trabalhos, independente do pesquisador. de acordo com a maioria dos autores, as viagens anuais de lavradores começaram a partir da década de 70 com a implantação dos reflorestamentos nas áreas e planas das chapadas. Dizem eles que estas terras eram de uso livre para os lavradores que moram nas grotas (as terras perto dos rios, mais férteis). Com a grilagem feita pelas reflorestadoras, acabou a possibilidade dos camponeses continuarem retirando da chapada os frutos, a madeira e a lenha – que complementavam de forma importante a sua economia – e criou o mercado de terras na região. Pressionados pela escassez de terras, de recursos naturais, queda da produção e da renda, só restou aos lavradores das grolas a ida para São Paulo con10 alternativa de sobrevivência. O terreno da família, de acordo com a maioria dos autores, vira um pouso onde o lavrador fica a parte do ano que não está em São Paulo. Diversos autores comparam estes lavradores a andorinhas, que passam verão e inverno em lugares diferentes. O resultado destas mudanças tão constantes tem sido dissolver ou enfraquecer os laços da cultura, da lavoura, da família, da religião. A pobreza dos lavradores fica cada vez mais acentuada: viajando, descuidam do sitio, e são novamente forçados a viajar, A migração, como resposta às dificuldades, torna-se um destino. Os autores tratam assim deste tema com muito pouca variação. O objetivo deste texto é discutir esse destino tão fatal. Parte de uma área bem delimitada e analisa a terra e a produção. Deixando de tratar os camponeses por aquilo que eles são em alguns momentos - trabalhadores em São Paulo, como em outros momentos são garimpeiros, diaristas, grevistas, filhos, pais, avôs - procura entender o significado e a circunstância da viagem para São Paulo na sua vida.
Ano/Edição	Ano VI, nº 17, set-dez/1993. São Paulo

Título	Migração, controle político e luta pela terra em Mato Grosso no início do Século
Autor/es	Isabel Cristina Martins Guillen
Resumo	Extensos campos de soja dominam a atual paisagem sul-matogrossense. Cada palmo de terra tem dono, aliás, as terras mais caras do país. No entanto, Mato Grosso já figurou no imaginário social como um lugar de amplos espaços vazios, desocupado em grande parte até a década de quarenta. Sobre tudo a partir da década de cinquenta a especulação desenfreada com as terras tomou as manchetes dos jornais, e praticamente desapareceram as terras devolutas. Estas imagens nos fazem pensar que no início do século realmente era uma região desocupada. Contudo, suas terras eram já palco de lutas acirradas envolvendo diretamente a política partidária estadual quanto à melhor forma de para lá levar o progresso e a civilização que o Estado carecia, ou seja, como se abrir o sertão à expansão capitalista. É nesta história que estamos interessados.
Ano/Edição	Ano IX, nº25, maio-ago/1996. São Paulo
Título	Assente-se, a casa é sua
Autor/es	Dirceu Cutti
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XIV, nº39, jan-abril/2001. São Paulo
Título	A reforma agrária e o novo contexto institucional de políticas de combate à pobreza rural
Autor/es	Hildo Meirelles de Souza Filho; Antônio Márcio Buainain; Rinaldo Barcia Fonseca
Resumo	O objetivo deste artigo é apresentar uma reflexão sobre o papel da reforma agrária e dos instrumentos de política fundiária no novo contexto de políticas de combate à pobreza rural que se iniciou nos anos 90. Trata-se de compreender a transição de um ambiente caracterizado pelo centralismo das políticas públicas para um ambiente pautado pela descentralização das funções do Estado, Dentro desse novo ambiente não se pode mais esperar que as políticas tradicionais de reforma agrária tenham o mesmo sentido e resultados que tiveram no passado, sugerindo a necessidade de alterar a política fundiária. O artigo está dividido em cinco seções, nas quais procura-se resgatar a nova orientação da intervenção do Estado em termos de políticas voltadas para o meio rural. especialmente

Ano/Edição	no combate à pobreza, e algumas propostas alternativas de política fundiária que têm surgido no novo contexto liberal, Encerramos com urna reflexão sobre a necessidade de se adotar políticas abertas. que sejam capazes de contemplar um leque diversificado de instrumentos de intervenção, visando combater a pobreza rural em uma estrutura socioeconômica extremamente heterogênea. Ano XIV, nº39, jan-abril/2001. São Paulo
Título Autor/es Resumo	Novas migrações e assentamentos no extremo Sul do Brasil Tanya M. de Barcellos Este artigo discute questões relacionadas à problemática migratória do Rio Grande do Sul'. Seleccionamos o município de Bagé, enquanto campo exploratório para abordar novas configurações do fenômeno migratório no Estado. Isto porque esse município foi afetado pela presença de um número expressivo de assentamentos de agricultores sem terra, que lá se implantaram a partir dos anos de 1988 e 1989, trazendo para a reflexão uma realidade que inverte a tendência "tradicional" de migração com sentido rural—urbano. destacando fluxos migratórios orientados para o campo e impulsionados por movimentos sociais. Queremos chamar atenção para o fato de que importantes segmentos da população vêm expressando uma forte negaçãoda migração em direção às cidades como solução para a carência de terra e de trabalho agrícola. Ferrante (1995), em suas considerações sobre assentamentos rurais no Brasil, acentua o caráter inovador desse fenômeno. enquanto recriação da opção pelo rural. que deriva de uma proposta de resistência, e que é conquistada a partir de uma luta social. Por outro lado, os movimentos sociais do campo, enquanto estratégias de residência desenvolvidas pelos pequenos produtores face à desarticulação imposta pelo capital às suas condições de reprodução, poderiam se constituir em fatores relevantes na composição da dinâmica demográfica atual, em função da alteração que provocam em áreas rurais muitas vezes escassamente povoadas. Ano XIV, nº39, jan-abril/2001
Título Autor/es Resumo	Uma etapa pretérita: a passagem pelos acampamentos Maria Cecília Manzonli Turatti O presente artigo busca demonstrar, a partir de considerações de ordem antropológica, a peculiaridade de inscrição dos sujeitos acampados na ordem social, de fato: Luiza A. Nasser

Ano/Edição	<p>mostrando a situação de passagem a que estão submetidos, imersos num processo histórico de luta cujo objetivo final é ascender a uma condição identitária positiva, ou seja. abandonar a identificação que se concebe pela ausência - o acampamento sem-terra - em prol de um novo estatuto — o assentado com terra. O acampamento, portanto, situa-se no campo do vir-a-ser, como uma promessa futura de condições dignas de vida. Os acampados. por sua vez, oriundos das camadas subalternas expropriadas da terra com ferocidade - principalmente a partir da década de 5() do século XX entram em choque com os novos valores advogados pelos movimentos sociais, aprofundando sua já confusa identificação entre o mundo rural e o urbano.</p> <p>Ano XIV, nº39, jan-abril/2001</p>
Título Autor/es Resumo Ano/Edição	<p>As práticas de ocupação de terras em Teresina – a inserção entre a ilegalidade e a legitimidade</p> <hr/> <p>Antônia Jesuíta de Lima</p> <p>Pretendo, neste texto, expressar uma breve análise acerca da dinâmica que envolve as práticas sociais urdidas nas lutas de ocupação de terras por famílias pobres em Teresina, como se operam mediações e clivagens que se inclinam para “novas legalidades”, assentadas no reconhecimento, conquistado, do direito de acesso à terra, não pelos modos conferidos no direito formal, mas adquiridos no espaço público.</p> <p>Ano XIV, nº39, jan-abril/2001</p>
Título Autor/es Resumo	<p>Migrações em áreas de agronegócio</p> <hr/> <p>Moacir Palmeira; Beatriz Maria A. de Heredia</p> <p>No Brasil, as áreas de expansão do chamado agronegócio são áreas de forte expansão demográfica. Como mostram as estatísticas, há na base desse processo fluxos migratórios de outras regiões do país. A pertinência dessas informações estatísticas pode ser constatada num contato mesmo que superficial com essas áreas, quando observamos que o “mapa” de posições sociais elaborado pelos que aí vivem remente ao local de nascimento efetivo ou suposto das pessoas ou grupos a questão se referindo”: “gaúchos” e “maranhenses”, na área de soja, em Mato Grosso; “paulistas”, “paranaenses” e “baianos”, na área de expansão do café, no Triângulo Mineiro. Tal constatação tem levado os estudiosos a estabelecer conexões causais lineares: abrindo perspectivas de lucro ou de emprego, o agronegócio estaria atraindo excedentes</p>

Ano/Edição	<p>populacionais de outras regiões, repetindo o que já se passara, em outros momentos históricos, noutras partes do país. Pesquisas de campo, integradas em um projeto comparativo que vimos realizando naqueles dois estados, apontam para uma realidade mais complexa. Os fluxos migratórios não são necessariamente complementares. Entender essa movimento são constante e esse cruzamento de fluxos passa, a nosso ver, por entender as estratégias de reprodução social operadas pelas famílias envolvidas nesses diferentes movimentos, evitando as classificações convencionais que separam migrações sazonais e migrações definitivas; migrações de curta distância e migrações de longa distância; etc., bem como as interpretações que, procurando estabelecer grandes elos explicativos, acabam simplesmente repetindo e consagrando, através da ideologia do “pioneirismo” ou similares, as formulações dos que controlam o chamado agronegócio.</p> <p>Ano XXII, nº 65, set-dez/2009. São Paulo</p>
Título	Por um pedaço de chão: a diáspora gaúcha e catarinense para o Paraná e a construção do território-rede
Autor/es	Marcos Leandro Mondardo
Resumo	Investigamos aqui a diáspora gaúcha e catarinense para o Paraná das décadas de 1940 a 1970, especialmente, resgatando trajetórias socioespaciais pela memória daqueles/as que migraram em busca de terra. Foi no contexto da política da “Marcha para Oeste” de Getúlio Vargas, com a criação em 1943 da Colônia Agrícola General Osório (CANGO), e no interior de um tecer ininterrupto de redes sociais entre migrantes, amigos e familiares que essa migração se configurou no processo de des-re-territorialização.
Ano/Edição	Ano XXIII, nº 66, jan-jun/2010. São Paulo
Título	O cativo da terra. [Nova edição revista e ampliada] (Resenha). José de Souza Martins. São Paulo: Contexto, 2010.
Autor/es	Por Sidnei Marco Dornelas
Resumo	Resenha
Ano/Edição	Ano XXIII, nº 67, jul-dez/2010. São Paulo
Título	O que se passa em Caaguazú?
Autor/es	Carlos Freire da Silva; Tiago Rangel Côrtes
Resumo	Este artigo parte da constatação de que muitos dos migrantes paraguaios que se inseriram em São Paulo a partir da década

	de 2000 são de Caaguazú, uma região em que a economia é predominantemente rural. Desse modo, busca-se, a partir da trajetória de um jovem migrante, compreender as razões que têm levado muitas pessoas desta região a migrarem para São Paulo em busca de novas oportunidades. Serão abordadas questões relativas ao monocultivo da soja, à concentração de terras e ao êxodo rural. Além disso, trataremos dos impactos da migração na economia local de Caaguazú. O trabalho de campo foi realizado em São Paulo, onde se deu o primeiro contato com o migrante em uma oficina de costura, e em Repatriación, sua cidade natal, para a qual ele retornou para lavar a terra após o trabalho com a costura.
Ano/Edição	Ano XXVII, nº 74, jan-jun/2014. São Paulo

Título	Imigração e colonização: conflitos pela terra no Paraná e São Paulo entre os séculos XIX e XX. Ângelo Priori e João Bertonha (Orgs.). Guarapuava (PR), Ed. UNICENTRO, 2015. (Resenha)
Autor/es	Por Sidnei Marco Dornelas
Resumo	Resenha
Ano/Edição	Ano XXIX, nº 78, jan-jun/2016. São Paulo

REDES	
Título	Redes de solidariedade no aranhol do mercado
Autor/es	Heinz Dieter Heidemann
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XIV, nº 40, maio-ago/2001. São Paulo-SP

Título	Redes sociais na migração: questionamentos a partir da pastoral
Autor/es	Sidnei Marco Dornelas
Resumo	Gostaríamos de iniciar por este ponto: tentar esclarecer o que seria uma “rede social” e em que sentido poderíamos falar propriamente de uma rede de migrantes. Tendo presente de maneira mais clara a realidade das redes dos migrantes, poderíamos levantar de maneira geral quais seriam as suas formas de inserção na sociedade complexa, com suas

Ano/Edição	consequências e contradições, Uma consciência mais lúcida da realidade dessas redes permitiria então visualizar melhor a questão de suas potencialidades em relação à ação pastoral e às lutas pela cidadania. Ano XIV, nº 40, maio-ago/2001. São Paulo-SP
Título	Redes familiares na migração valadarensense para os Estados Unidos
Autor/es Resumo	Wilson Fusco Este trabalho pretende contribuir para aprofundar as questões acima, referentes ao fluxo Governador Valadares-Estados Unidos, e ainda analisar outras questões particulares, como o apoio fornecido pelas relações de parentesco e amizade e as estratégias de migração. Para tanto, vamos focalizar a presença e o uso das redes sociais próprias desse movimento, considerando de forma especial a dinâmica temporal do processo.
Ano/Edição	Ano XIV, nº 40, maio-ago/2001. São Paulo-SP
Título	Nós das redes
Autor/es Resumo	Maria Cristina Silva Costa Em pesquisa com um grupo de quarenta e seis trabalhadores rurais temporários de Ribeirão Preto (SP), em sua maioria ex-camponeses e migrantes recentes do campo para a cidade, constatei o que estudos anteriores já revelavam: o destacado papel desempenhado pelo parentesco, na migração de pessoas de origem rural e em suas tentativas de integração no contexto urbano. A família, de grande importância na estruturação do universo tradicional camponês, mantém-se como um valor que permanece e se renova na cidade. Mas, a organização interna dela e a maneira como é concebida revelam adequação às condições urbano-industriais. Justapondo-se atributos de duas ordens culturais diversas: tradicional e moderna. Esta mescla expressa, sem dúvida, a transição social e cultural vivida no deslocamento do universo rural ao urbano e na transformação de camponeses (colonos, pequenos sítiantes, meeiros, etc.) em trabalhadores rurais proletarizados. De maneira geral, para o grupo pesquisado - assim como para outros segmentos das classes populares (Durham, 1973 e 1980; Macedo, 1979) - embora a família, na cidade, não se configure como unidade de produção econômica, fundamento de sua relativa autonomia no mundo rural, permanece núcleo de grande importância,

Ano/Edição	<p>que até se fortalece no mundo urbano. Isto porque ela garante, por um lado, como unidade de rendimentos, a solução conjunta das questões de sobrevivência. Por outro lado, enquanto unidade de consumo, torna-se o centro para a definição coletiva de projetos de vida e de estratégias visando assegurar determinado nível de consumo de bens.</p> <p>Ano XIV, nº 40, maio-ago/2001. São Paulo-SP</p>
Título	Redes transfronteiriças no MERCOSUL
Autor/es	Rogério Hasbaert; Marcelo Santa Bárbara
Resumo	<p>A migração de brasileiros para os vizinhos do Prata acelerou-se nas últimas décadas e, mesmo antes da criação do Mercosul, já representava um amplo processo que impunha a organização espacial de conexões de vários tipos, ultrapassando as linhas de fronteira internacional. Se nos anos 7() e 8() a migração rumo ao leste paraguaio foi uma constante, nos anos 90 vieram se somar os fluxos, menos volumosos, mas economicamente relevantes, rumo ao Pampa uruguaio e argentino (Haesbaert e Silveira, 1999). Este artigo pretende sistematizar dados de uma pesquisa muito mais ampla, em fase final de execução¹, relativos aos fluxos de diversas ordens que se desdobram por sobre as linhas fronteiriças do Brasil com os vizinhos do Mercosul. Estes fluxos — econômicos, culturais e até mesmo políticos, de caráter legal ou ilegal, configuram aquilo que denominamos “redes transfronteiriças”.</p>
Ano/Edição	Ano XIV, nº 40, maio-ago/2001. São Paulo-SP
Título	Nas redes do comércio de retalhos
Autor/es	Sueli de Castro Gomes
Resumo	<p>O comércio de retalhos e resíduos têxteis está localizado nas ruas do Brás, antigo bairro industrial e operário da cidade de São Paulo. Esse bairro hoje, concentra um grande número de indústrias e lojas de confecções, que vendem no atacado e no varejo para as “sacoleiras” de todas as partes do Brasil. O comércio de retalhos: nasce nos interstícios das antigas indústrias têxteis e estende-se, posteriormente, para os rejeitos das confecções, as quais fornecem diariamente toneladas de resíduos e retalhos para serem comercializados pelos ‘retalheiros’. Uma parte desses retalhos é comprada por costureiras da Grande São Paulo e até mesmo por “sacoleiras”, sendo que a maior parte dessa mercadoria é enviada para Santa Cruz do Capibaribe – cidade do interior pernambucano,</p>

Ano/Edição	<p>que possui um polo de confecções de “sulanca” – vestuário de qualidade inferior, consumido, predominantemente, por uma população de baixa renda. O nordestino de menor poder de consumo passa a ser consumidor de “lixo”, do rejeito das confecções do Centro do Sul. Entre os retalhos de informações, percebemos uma rede de pessoas e mercadorias em torno do comércio de retalhos e resíduos e dessa maneira, inicia-se nossa teia de investigações.</p> <p>Ano XIV, nº 40, maio-ago/2001. São Paulo-SP</p>
Título	El papel de las redes migratorias en los procesos de reordenación de los flujos de bolivianos entre España y Brasil
Autor/es	Luisa Belchior Moskovics; Paloma Moré Corral
Resumo	<p>Esta comunicación pretende relacionar dos tendencias migratorias de actualidad: el incipiente retorno de bolivianos que habían emigrado a España y la reactivación del flujo de inmigrantes de esta misma nacionalidad hacia Brasil. nuestro objetivo consiste en analizar estos procesos desde las herramientas teóricas como son el concepto de redes migratorias, también llamada teoría del capital social, así como la idea de cultura migratoria. del mismo modo, discutimos la manera en que las transformaciones estructurales y coyunturales que están atravesando España y Brasil en los últimos años contribuyen a orientar los procesos de emigración que emprende la población boliviana. Entendemos que estos dos contextos de recepción están experimentando cambios sociales, políticos y económicos de muy distinta índole que pueden estar favoreciendo una reorientación de los flujos migratorios de la población boliviana. a través del estudio de caso de la re-migración de bolivianos retornados de España, hacia Brasil, queremos destacar el dinamismo de los flujos migratorios, así como discutir la pertinencia de la denominación sur-norte y sur-sur en estos procesos.</p>
Ano/Edição	Ano XXV, nº70, jan-jun/2012. São Paulo
Título	Nordestinos na Zona Leste de São Paulo: subjetividade e redes de migrantes
Autor/es	Valéria Barbosa de Magalhães
Resumo	<p>Este artigo pretende partilhar com os leitores algumas ideias levantadas pelo projeto Lembranças de Antigos Moradores da Zona Leste de São Paulo: migrantes nordestinos e história de bairros. A pesquisa utilizou as entrevistas de história oral</p>

Ano/Edição	<p>temática como principal fonte de informação. Considerando-se seus limites, o texto buscou tratar das redes de migrantes nordestinos que se formaram na Zona Leste de São Paulo, tendo por base a história do senhor Antônio Filho e fragmentos de outras histórias de vida. Ao final, propõe-se uma combinação de dimensões explicativas para o processo migratório.</p> <p>Ano XXVIII, nº 76, jan-jun/2015. São Paulo</p>
<p>Título</p> <p>Autor/es</p> <p>Resumo</p> <p>Ano/Edição</p>	<p style="text-align: center;">REFUGIADOS</p> <hr/> <p>Os refugiados na América Central (Relato de experiência)</p> <hr/> <p>Gabriela Rodriguez P.</p> <p>Relato de experiência</p> <p>Ano IV, nº 11, set-dez/1991</p>
<p>Título</p> <p>Autor/es</p> <p>Resumo</p> <p>Ano/Edição</p>	<p>“Refugiados do desenvolvimento” – os deslocamentos compulsórios de índios e camponeses e a ideologia da modernização</p> <hr/> <p>Alfredo Wagner Berno de Almeida</p> <p>O tema dos deslocamentos compulsórios de índios e camponeses inscreve-se como problema da ordem do dia de um campo cultural próprio, considerado transnacionalmente, que envolve uma ampla polémica em torno da eficácia dos chamados “planos de desenvolvimento” das agências multilaterais além de diversas situações sociais de conflito. Os comentários a seguir apoiam-se em dados de investigação etnográfica realizada pelo autor e em observações registradas a partir das comunicações apresentadas pelos participantes do grupo temático, que enfocou esta questão no âmbito do “Seminário Internacional: a questão energética na Amazônia - avaliação e perspectivas socioambientais ‘ ‘(*)”. O referido tema é analisado mediante categorias específicas de representação e processos reais, evitando reduzi-lo ao que o senso comum intelectual designa como ‘ migração’ ou “êxodo’ ‘ (Palmeira e Almeida, 1977:6) e suas respectivas derivações: ‘ ‘migração forçada ‘ ‘” involuntária” e “dirigida”.</p> <p>Ano IX, nº25, maio-ago/1996. São Paulo</p>

Título	A proteção internacional dos refugiados no limiar do Século XXI
Autor/es	José H. Fischel de Andrade
Resumo	O século XX tem testemunhado a internacionalização de diversos temas que, outrora, se restringiam à esfera da jurisdição interna exclusiva dos Estados. Esse processo possibilitou que a problemática dos Direitos Humanos, como um todo, fosse inserida na agenda internacional. Como não poderia deixar de ser, a especificidade dos diversos assuntos provenientes desse amplo campo, o da proteção internacional dos direitos humanos, propiciou em seu bojo o desenvolvimento, entre outras vertentes, da proteção aos refugiados. Esta pode se dar tanto de forma assistencial como jurídica. Aquela objetiva amenizar o sofrimento dos refugiados por meio de atividades e considerações sociais, económicas, psicológicas, educacionais, nutricionais, culturais etc. A proteção jurídica, por sua vez, almeja brindar ao refugiado a proteção que lhe foi subtraída em seu país de origem. Como não poderia deixar de ser, em várias ocasiões a proteção jurídica e a assistencial se mesclam, o que não é de se estranhar, posto que o objetivo último é idêntico: tornar a vida do refugiado, dentro das limitações que muitas vezes se colocam, a mais normal possível.
Ano/Edição	Ano IX, nº25, maio-ago/1996. São Paulo
Título	“Como Caim, sem destino” (Depoimento)
Autor/es	Por Sidnei Marco Dornelas
Resumo	Depoimento
Ano/Edição	Ano XIII, nº 37, maio-ago/2000. São Paulo-SP
Título	No coração da Europa (Relato de experiência)
Autor/es	Béatrice Panaro
Resumo	Relato de experiência
Ano/Edição	Ano XIII, nº 37, maio-ago/2000. São Paulo-SP
Título	Jovens imigrantes angolanos no Rio de Janeiro – imagens, relatos e diálogos
Autor/es	Regina Petrus
Resumo	Migrações induzidas ou forçadas por situações de guerra e conflitos armados são fenômenos muito antigos e significativos na história da humanidade. Tais movimentos migratórios foram, tradicionalmente, estudados mais com a

Ano/Edição	<p>preocupação de mensurar a população deslocada, identificar seus locais de destino ou, ainda, seus movimentos de retorno uma vez terminados os conflitos. Fenômenos políticos, sociais e econômicos. tem-se deles uma visão muito geral ao tratá-los somente como deslocamentos no espaço, fluxos, correntes migratórias, e aos seus atores como meros números nesses fluxos. Segundo Sayad, se a migração é, em primeiro lugar, um deslocamento no espaço e, antes de mais nada, no espaço físico, é preciso destacar que o espaço dos deslocamentos é também qualificado em outros sentidos; socialmente, economicamente, culturalmente, politicamente (Sayad: 1998, p. 15). Esse artigo resulta de uma experiência de acompanhamento realizada, desde o início de 1998, com grupos de jovens angolanos no Rio de Janeiro - principal ponto de destino e concentração desses imigrantes no Brasil. A migração de angolanos para o Brasil e, especialmente, sua presença na cidade do Rio de Janeiro, vem recebendo destaque crescente nos meios de comunicação de massa. Até o momento, existe pouca informação sistematizada sobre esse processo migratório, principalmente sobre sua fase mais recente. Predomina, assim, no senso comum, uma visão generalista e pouco precisa sobre essa migração, bem como uma imagem negativa de tais imigrantes,</p> <p>Ano XIII, nº 37, maio-ago/2000. São Paulo-SP</p>
Título	Refugiados de guerra e imigração para o Brasil nos anos 1940 e 1950 – apontamentos
Autor/es Resumo	<p>Odair Cruz Paiva</p> <p>O tema da imigração para o Brasil deve ser pensado enquanto um processo que se intensificou no final do século XIX e que continua presente até os dias atuais, Entretanto, trata-se de um tema que não deve ser pensado de maneira uniforme; em linhas gerais, podemos identificar ao menos três fases distintas da imigração para nosso país até os anos 1950(). A primeira fase (1888-1929) compreende o período da abolição formal da escravidão e a grande crise da cafeicultura em fins dos anos 1920. Nela, houve uma ênfase na inserção de imigrantes europeus e asiáticos, cujo mote foi o do abastecimento de braços para a lavoura do café. Neste período, a imigração para nosso país foi tratada - particularmente em São Paulo como política de mão-de-obra; aproximadamente 2.800.000 estrangeiros entraram no período entre 1886 e 1915 (Boletim do Departamento Estadual do Trabalho, 1929). Entre o final da I Guerra Mundial até o início dos anos 1930, a imigração</p>

Ano/Edição	<p>de europeus tendeu a refluir significativamente e a partir dos anos 1930 ela já era pouco expressiva - se comparada com as décadas finais do século XIX e os dois primeiros decênios do século XX. A partir dos anos 1930, e como resultado da depressão econômica provocada pelo crack da Bolsa de Valores de Nova Iorque, e também em virtude (da ascensão dos regimes nazifascistas na Europa, houve uma reorganização das formas de reprodução do capital em nível mundial. A Divisão Internacional do Trabalho (D.I.T) estruturada desde o século XIX que supunha a existência de padrões, de acumulação de capital diferenciados e combinados (países de economia industrial e países de economia agroexportadora) tendeu a uma reorganização</p> <p>Ano XIII, nº 37, maio-ago/2000. São Paulo-SP</p>
Título	Expatriados dentro da própria pátria – a imigração nordestina para a Amazônia
Autor/es Resumo	<p>Isabel Cristina Martins Guillen</p> <p>Até meados da década de setenta do século XIX, quando as secas assolavam o sertão, os problemas eram resolvidos de modo tradicional: abandonava-se a lepra gretada em busca de outras mais férteis, ou buscava-se o abrigo de algum poderoso proprietário rural que, de acordo com as regras paternalistas, abrigava os retirantes em tempos difíceis, em troca de favores no futuro. No entanto, a seca de 1877-1878 foi diferente, não por ter sido muito pior do que suas antecessoras, mas porque as relações econômico-sociais então dominantes no sertão estavam em mudança. Grandes plantações de algodão, alimentadas pelos preços altos no mercado internacional, ocupavam as terras antes dedicadas à agricultura de sobrevivência, valorizando-as monetariamente, retirando-as da ocupação desses homens livres e pobres. Até mesmo os proprietários não podiam mais dar abrigo nos moldes antigos, pois se encontravam também em ruína. A miséria e a fome campearam pelo sertão, levando milhares de camponeses a buscar ajuda nas grandes cidades do litoral nordestino. É nesse sentido que a seca de 1877-1878 se constitui num momento de inflexão, não só na forma como tradicionalmente se encontravam soluções para os seus problemas, mas principalmente por tornar visível, para todo o país, a miséria em que viviam os homens no sertão. Fotografias, estes grandes ícones da modernização que se assistiu no século XIX, mostravam os retirantes da seca nas</p>

Ano/Edição	<p>páginas de O Bezouro, revista ilustrada que circulava no Rio de Janeiro. Essas fotografias provocaram verdadeira comoção nacional, exacerbando o espírito de caridade entre as senhoras da elite que rapidamente organizaram campanhas para ajudar os irmãos do Norte» (Andrade; Logatto, 1994).</p> <p>Ano XIII, nº 37, maio-ago/2000. São Paulo-SP</p>
Título Autor/es Resumo	<p>El desplazamiento em Centroamérica – una lición necesaria</p> <p>Cristiina Zeledón M.</p> <p>La migración centroamericana no es un hecho reciente en la vida de la subregión. Desde el siglo pasado se documentan movimientos de distinta índole. Inuchos de ellos de tipo tradicional (económico estacional) o, incluso, causados por la situaciones políticas presentes en sus países por décadas, Por otra parte, también se producc un proceso migratorio interno vinculado a la tierra, donde el crecimiento demográfico sobre las parcelas del campesinado y el rendimiento decreciente de las mismas desemboca en una migración temporal, que lleva a los campesinos desde cl minifundio hacia las grandes extensiones agroindustriales en que se eoncentram las grandes empresas de exportación agrícola. Al mismo tiempo, se produce aquella liligración de largo plazo de tipo rural-urbano, que ha conformado las actuales urbes centroamericanas, particularmente de las grandes ciudades aunque también surgen las internedias, y que es uno de los benómcnos lliá,s característicos de los movimientos migratorios actuales. Dentro de este marco, el proceso de refugio y desplazan] iento interno señalado tiene ciertas características que es importante destacar: a) lo rnasivo (millones de personas afectadas); b) la ya señalada crisis del modelo de dominación en la región y la violencia generada por ésta que desemboca en conflictos armados internos en Guatemala, El Salvador y Nicaragua, que afectan profundannente a la población eivil: y. c) se da en el marco de una profunda crisis económica. En la denominada «década perdida para los derechos humanos en América Latina» (años ochenta), la causa principal de la lligración fueron los abusos y la violación constante de los derechos humanos, en el marco de la guerra, que llegaron a destruir gran parte del tejido social de las comunidades centroamericanas, afectando no solo las comunidades expulsoras sino también las de recepción y produciendo graves efectos psicosociales. económicos, políticos y culturales, que</p>

Ano/Edição	<p>han marcado incluso a tres generaciones de desarraigados/as por sus profundas implicaciones en la estructura y dinámica social. Al examinar las causas de éxodo en cada país, aparece claro que en Guatemala y El Salvador, que sulilan conflictos armados internos, el desplazamiento se produjo como resultado de politicas contrainsurgentes que no di ferenetaban entre la población civil y las fuerzas Insurgentes en las zonas de guerra. En cuanto a Nicaragua, se presentaba una guena distinta, de agresión/delt:nsa del territorio. En cualquiera de los tres casos. el desplazamiento se produjo ya fuera como resultado del conflicto o como una «1>oma de evital») que la población apoyara los movilnientos insurgentes.</p> <p>Ano XIII, nº 37, maio-ago/2000. São Paulo-SP</p>
Título	Refugiados: o reassentamento solidário no território brasileiro
Autor/es	César Augusto Silva da Silva; Viviane Mozine Rodrigues
Resumo	<p>Este trabalho visa estabelecer apontamentos ligados à práxis, ou seja, a informação, o conhecimento e a prática em termos do procedimento de integração dos refugiados, para fins explícitos de intervenção de modo a contribuir para a discussão e possíveis propostas sobre as relações de poder e as políticas públicas de “reassentamento” solidário no Brasil. É um tema recente, que apareceu na pauta de discussões nos marcos da comemoração do vigésimo aniversário da Declaração Regional de Cartagena, em que dezesseis Estados latino-americanos assinaram a Declaração e o Plano de Ação do México de 2004 que propõe soluções duradouras para os refugiados na América Latina, os deslocados de forma forçada de sua região.</p>
Ano/Edição	Ano XXII, nº 64, maio-ago/2009. São Paulo
Título	Fotografias poderão dar testemunho do trauma de refugiados no Brasil?
Autor/es	Tânia Biazoli de Oliveira; Polyana Stocco Muniz; Paulo César Endro
Resumo	<p>Partindo das fotografias de refugiados, contidas nos folhetos da Caritas Arquidiocesana de São Paulo, buscamos verificar se as imagens possibilitam uma experiência de crise que possa testemunhar sobre o passado imerso no trauma dos refugiados no Brasil. Analisamos o conteúdo e a forma das fotografias, destacando os retratos dos refugiados de diferentes idades,</p>

Ano/Edição	ambos os sexos e diversas regiões do mundo, bem como os cenários do refúgio. Descobrimos que as imagens seguem o princípio estético da estilização e não impedem que o horror se repita. Ano XXIV, nº 68, jan-jun/2011. São Paulo
Título	Feito com mais de mil pedaços (Relato)
Autor/es	Regina Petrus
Resumo	Relato
Ano/Edição	Ano XXV, nº 71, jul-dez/2012. São Paulo
Título	Refugiados LGBTI no Brasil
Autor/es	Fernanda Martinelli Sobreira
Resumo	O presente artigo tem como objetivo analisar a situação de intolerância sofrida pelos refugiados LGBTI no Brasil, primeiro por serem refugiados e, segundo pela própria orientação sexual. Apesar do avanço dos Direitos Humanos nas últimas décadas, ainda há situações de violações dos Direitos Humanos em diversos países, especialmente naqueles em que ser homossexual é crime, muitas vezes, punido com a pena de morte. Quando essas pessoas chegam ao Brasil, encontram muitas dificuldades e constataam a inexistência de diálogo, discussão e políticas públicas concretas para que refugiados LGBTI tenham seus direitos respeitados.
Ano/Edição	Ano XXVIII, nº 77, jul-dez/2015. São Paulo
Título	Humanitarian crises and migration: causes, consequences and responses. Susan Martin; Sanjula Weerasinghe; Abbie Taylor (Orgs.) London/New York: Routledge, 2014. (Resenha)
Autor/es	Por Sidnei Marco Dornelas
Resumo	Resenha
Ano/Edição	Ano XXVIII, nº 77, jul-dez/2015. São Paulo
Título	Apresentação (Ed. 77 – Dossiê Refugiados)
Autor/es	José Carlos Pereira
Resumo	Apresentação
Ano/Edição	Ano XXIX, nº79, jul-dez/2016. São Paulo
Título	Pensando eticamente sobre refugiados: um caso para a transformação da governança global
Autor/es	Mervyn Frost
Resumo	Todos nós, participantes da política global contemporânea,

enfrentamos uma série de problemas basicamente éticos envolvendo refugiados. Esses problemas éticos apresentados a nós estão se tornando mais urgentes a cada dia. As perguntas estão se tornando mais aguçadas como resultado da grande onda de refugiados entrando na Europa devido à atual guerra que ocorre na Síria. Nesse artigo, pretendo realizar três coisas. Primeiro, mostrarei que, no caso dos refugiados, os problemas devem ser entendidos essencialmente como problemas éticos e que, em sentido aprofundado, nós estamos perdendo tempo se continuarmos a ver os desafios apresentados pelos refugiados como meramente técnicos, legais, políticos ou administrativos. Segundo, apresentarei um esboço de uma maneira que eu considero particularmente útil para entender os problemas apresentados a nós pelos refugiados. Esse modo de análise está baseado no que chamo de teoria constitutiva. Ela considera as práticas globais dentro das quais nós somos constituídos como atores que nós mesmos entendemos ser. Terceiro, tentarei esclarecer quais são as implicações desse modo de análise para aqueles que, como nós, estão preocupados com a pergunta: “O que deve ser feito em relação aos problemas apresentados pelos imigrantes considerando como os experimentamos no mundo contemporâneo?” A análise que ofereço é radical no sentido de que mostra como a linguagem que usamos sobre ética internacional, especialmente a linguagem universal de direitos humanos, indica como aspectos das legislações nacionais e internacionais necessitam urgentemente de reformas.

Ano/Edição

Ano XXIX, nº79, jul-dez/2016. São Paulo

Título

“Refugiados LGBTI”: gênero e sexualidade na articulação com refúgio no contexto internacional de direitos

Autor/es
Resumo

Isadora Lins França; Maria Paula Oliveira

Neste artigo, reconstituímos a recente emergência da categoria “refugiados LGBTI” no contexto internacional de direitos, permitindo delinear um campo discursivo em que gênero e sexualidade entrecruzam-se com a noção de “refugiados”. Analisamos a articulação entre os principais instrumentos de construção do refúgio no campo dos direitos e sua releitura de acordo com desenvolvimentos recentes no campo dos direitos sexuais. O cenário é composto pela análise de documentos tais como guias e diretrizes publicados no âmbito do universo institucional do refúgio, particularmente da Agência da ONU para Refugiados (UNHCR), tematizando orientação sexual e identidades de gênero. Ao final, exploramos alguns indicativos

Ano/Edição	de como tais documentos se localizam no contexto brasileiro. Ano XXIX, nº79, jul-dez/2016. São Paulo
Título	Desafios para o reconhecimento de refugiados ambientais no Sistema de Proteção Internacional
Autor/es	Kamilla Jungo
Resumo	O presente artigo visa analisar os desafios para o reconhecimento dos refugiados ambientais no sistema de proteção internacional. A necessidade desse reconhecimento se justifica, pois, ainda hoje, os migrantes por razões ambientais se encontram sem lei específica, instituição ou agência responsável por sua assistência ou proteção. Até então, a única proteção que a pessoa deslocada por mudanças climáticas possui é decorrência do Direito Internacional dos Direitos Humanos, o qual, porém, não atende suas necessidades especiais. Este artigo pretende estudar como a crise ambiental deve ser levada em consideração para esta nova classificação de refugiados e/ou deslocados e como essas pessoas que foram obrigadas a abandonar suas terras de origem, temporária ou definitivamente, serão protegidas no âmbito internacional.
Ano/Edição	Ano XXIX, nº79, jul-dez/2016. São Paulo
Título	A presença húngara em São Paulo no pós Segunda Guerra Mundial
Autor/es	Diogo Gil Melo da Silva; Sênia Regina Bastos; Maria do Rosário Rolfsen Salles
Resumo	A Segunda Guerra Mundial produziu o deslocamento de milhões de europeus de suas regiões de origem. Finda a guerra, parte dos deslocados de guerra e refugiados foram abrigados provisoriamente nos antigos campos de concentração, fábricas ou construções abandonadas, cujas edificações foram adaptadas para acolhê-los. Organismos internacionais assumiram a responsabilidade por alimentá-los, abrigá-los, repatriá-los ou reassentá-los. O objetivo deste artigo é traçar as principais características dos húngaros que ingressaram na Hospedaria do Imigrante de São Paulo no pós Segunda Guerra Mundial, mediante a análise de um banco de dados que sistematiza a documentação anteriormente custodiada por essa instituição e atualmente transferida para o Arquivo Público do Estado de São Paulo.
Ano/Edição	Ano XXIX, nº79, jul-dez/2016. São Paulo

Título	Crianças refugiadas: crianças em alto risco
Autor/es	Ethel Kosminsky
Resumo	Crianças deslocadas da Síria, Afeganistão e Irã vivem em cidades de tendas no Líbano, Jordânia e Turquia. Como o Líbano não permite a construção de extensos campos de refugiados como há na Jordânia e na Turquia, famílias sírias pobres constroem tendas ao acaso. Algumas crianças sírias vivem como deslocadas internas em seus próprios países. Outras viajam para a Europa de barco ou a pé, com a esperança de chegarem a Alemanha, Suécia, ou talvez a França ou a Grã-Bretanha. Milhares de crianças já vivem em países europeus, principalmente na Alemanha. Baseado em relatórios do The New York Times, do MIP (Migration Policy Institute) e do CMS (Centro for Migration Studies), eu tentarei descrever e explicar a situação dessas crianças em situação traumática. De acordo com o Migration Update13(2015), guerras causam a ruptura da vida familiar.
Ano/Edição	Ano XXIX, nº79, jul-dez/2016. São Paulo
Título	Acolhida a migrantes e refugiados: a ética da pastoral do migrante e desafios para a democracia no Brasil
Autor/es	José Carlos Pereira
Resumo	O acolhimento à migrantes e refugiados é o tema que desenvolvo nesse artigo, a partir de um olhar sobre categorias sociológicas e jurídicas referentes às migrações. As formas de apropriação e uso dessas categorias podem facilitar ou bloquear o acolhimento aos migrantes oferecido pelo Estado através de um documento provisório. A concepção de acolhimento do Estado, baseada no caráter policial da segurança pública, é repensada em face às ações e concepções de acolhimento de instituições sociais como a Pastoral do Migrante. Esta procura fundamentar sua ação na ética cristã e nos direitos universais da pessoa humana. Concluo apontando desafios ao fortalecimento e ampliação da acolhida disponibilizada pela pastoral do migrante, e aponto para o protagonismo dos migrantes que, através de sua presença e organização social, influenciam a agenda de políticas migratórias no Brasil.
Ano/Edição	Ano XXIX, nº79, jul-dez/2016. São Paulo

Título	Viena e “a crise dos refugiados na Europa”: um mosaico etnográfico
Autor/es	Anne Unterwurzacher; Ethel V. Kosminsky; Katharina Auer-Voigtländer
Resumo	Neste artigo, as autoras querem ilustrar como a Áustria respondeu e ainda está respondendo à “crise dos refugiados” em 2015. O artigo está elaborado como um tipo de mosaico contendo diferentes pontos de vista, que destacam os interesses pessoais, compromissos e abordagens teóricas das autoras. A primeira seção apresenta uma breve visão geral sobre o histórico de migração na Áustria, desde 1900 até hoje, com foco especial em Viena. Na seção seguinte, Anne Unterwurzacher reflete sobre sua atuação como voluntária durante o tempo do movimento de refugiados. Ela descreve algumas de suas experiências com a intenção de ilustrar desenvolvimentos e desafios em curso na Europa. Na seção „Esta espera torna minha loucura”, Ethel Kosminsky descreve uma visita em um abrigo provisório de refugiados. Ela lança luz sobre alguns aspectos do cotidiano dos refugiados que vivem nesse lugar. Na última seção, o tópico “Inclusão de refugiados na Áustria – entre a hostilidade e o comprometimento” será abordado de um ângulo diferente: com base em um projeto de pesquisa real, Katharina Auer-Voigtlaender destaca o processo de inclusão de refugiados em comunidades menores.
Ano/Edição	Ano XXX, nº 80, jan-jun/2017. São Paulo

RELIGIÃO

Título	A emergência do sagrado
Autor/es	Editorialistas de Travessia
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano IV, nº 10 maio-ago/1991

Título	Práticas mágico-religiosas na cidade de São Paulo
Autor/es	José Guilherme Cantor Magnani
Resumo	Com certeza, todas aquelas coisas foram colocadas ali na esquina na noite anterior, uma sexta feira: as velas estão caídas e apagadas, menos uma que queimou até o fim; o alguidar contém ainda restos de uma farofa amarela; a garrafa está quebrada. Dá para perceber também, o charuto, as fitas,

Ano/Edição	<p>e as flores, agora murchas. Quem já não presenciou, nas ruas da cidade de São Paulo, uma cena semelhante? Para muitos, a inesperada descoberta obriga a um longo e prudente desvio; alguns não darão a mínima importância - “isso é coisa de gente ignorante” enquanto outros pronunciarão, com respeito, uma saudação ritual: ‘Larô-iê!’. Feitiçaria, macumba, “coisa feita”, “trabalho”, despacho? Obra do demônio, sem dúvida, esbravejaria aquele senhor de terno escuro com a bíblia na mão anunciando, na praça, a chegada do Reino do Senhor, o castigo dos pecadores e a salvação dos justos. Não deixa de chamar a atenção a presença de duas manifestações religiosas tão diferentes, a poucos metros uma da outra. Mais surpreendente seria, ainda, se se tentasse explicar a presença dessas e muitas outras manifestações semelhantes à luz dos cânones do evolucionismo cultural: afinal de contas, não estava prevista a contínua evolução da humanidade desde os estágios mais atrasados da “selvageria”- passando pela “barbárie”- até a etapa última da civilização?</p> <p>Ano IV, nº 10 maio-ago/1991</p>
------------	--

<p>Título</p> <p>Autor/es</p> <p>Resumo</p> <p>Ano/Edição</p>	<p>Pentecostalismo - religião de migrantes</p> <hr/> <p>Martin N. Dreher</p> <p>Não são necessárias muitas observações para se verificar que religião e migração estão profundamente ligadas. A Bíblia dos hebreus nos dá conta de que a história do povo hebreu começa com uma migração, a migração do patriarca Abrão e da matriarca Sarai. É a partir de revelação religiosa que migram de Ur, na Caldéia, em direção à Palestina. A religião hebraica também mostra todo o seu vigor, quando da migração de grupos de nômades hebreus para o Egito e, décadas mais tarde, do Egito, com longa peregrinação pela Península do Sinai, em direção à • Palestina. Poderíamos continuar a detectar espaços, nos quais religião e nomadismo, religião e migração se fazem presentes na história do povo hebreu. Em sua obra monumental a respeito da Missão e da Expansão do Cristianismo nos três primeiros séculos, Adolf von Harnack evidenciou que grande parte da expansão do cristianismo se deveu ao acompanhamento de populações migrantes. Qualquer estudo a respeito das grandes migrações dos povos germânicos e eslavos no asiático e europeu vai mostrar como o cristianismo foi sendo importante para os migrantes, bem como também foi se amoldando às condições dos migrantes.</p> <p>Ano IV, nº 10 maio-ago/1991</p>
--	---

Título	Cultos afro-brasileiros e fluxos migratórios
Autor/es	Lísias Nogueira Negrão
Resumo	Ao longo das décadas do Brasil colonial e imperial, a única religião oficialmente aceita era o catolicismo. Mais do que permitido, o culto católico era obrigatório, devendo batizar-se ou fazer profissão de fé católica quem tencionasse aqui viver. Tanto aqueles que chegavam voluntariamente, imigrantes esperançosos de reconstruir suas vidas, quanto aqueles que para cá foram trazidos escravizados, foram oficialmente considerados católicos. Os negros africanos eram batizados no porto de embarque ou de desembarque e aqui ingressavam enquanto cristãos e católicos. É evidente que o batismo católico era apenas a dimensão simbólica da violência que reduzia homens livres à condição de escravos, compulsoriamente trasladados da África ao Brasil e aqui condenados à mais degradante das condições sociais. Assim como o negro “aceitou” a condição de escravo, “aceitou” também a religião de seus senhores. Não havia alternativa contra o cativo senão a fuga individual ou coletiva, da de alto risco e de resultados freqüentemente desastrosos. Mas havia alternativa contra a imposição do catolicismo, CULTOS que era aceito de maneira apenas formal e superficial, mantendo os negros suas crenças originais. A manutenção de sua memória mítica foi fundamental para que o negro conseguisse manter sua dignidade de ser humano na desumana condição a que fora relegado.
Ano/Edição	Ano IV, nº 10 maio-ago/1991
Título	Migração e universo religioso
Autor/es	Luiz Roberto Benedetti
Resumo	São três irmãos. Residem em Sumaré, cidade-dormitório da região de Campinas. Cidade que a migração fez explodir; em menos de dez anos viu sua população quadruplicar. Os habitantes, pacatos, ao redor das figuras dominantes locais - pequenos produtores e pequenos comerciantes - cederam lugar a uma avalanche de rostos diferentes. Li, há alguns anos, um trabalho da professora Ecléa Bosi falando sobre a cultura do povo. Dessa cultura que não conseguimos entender porque não a entendemos nos seus gestos e no seu silêncio. Não é a cultura do discurso, da fala expressiva, mas do gesto significativo. Deste gesto e deste silêncio que se precisa saber ler e interpretar. Citava exemplo ‘O gesto cansado, expressivo

Ano/Edição	<p>por si mesmo de uma forma de se ver e de encarar o mundo. Ao mesmo tempo, eu pensava nos rostos expressivos dos migrantes que cruzam conosco dia a dia nas ruas. Nos rostos dos três irmãos a que me referia há marcas de alívio e deslumbramento. Alívio: “A gente tinha um pequeno sítio. Nele trabalhava a família inteira, o dia inteiro, o ano inteiro. Quando vinha a colheita, a gente ficava cinco, seis meses sem conseguir vender e quando conseguia tinha que aceitar o preço que o comprador queria pagar. Era muito duro porque a gente não tinha certeza de nada. Aqui é diferente”. Deslumbramento: trabalham os três juntos, o serviço não é pesado; na cidade tudo é novo. Doze horas por dia “zelando” por serviços gerais num condomínio. “A gente nem sente”... Saem juntos de casa, trabalham juntos, voltam juntos para casa. Há uma espécie de continuidade com o ritmo familiar do mundo em que saíram. Mas sem as incertezas que a vida camponesa oferece. Com salário pequeno, mas garantido. A cidade fascina. Deslumbra.</p> <p>Ano IV, nº 10 maio-ago/1991</p>
Título	O migrante encortçado e sua consciência religiosa
Autor/es	Maria Angela V. M. Furquim de Almeida
Resumo	<p>Neste artigo sobre representações religiosas de migrantes encortçados procura, a partir das condições materiais e socioculturais de existência, compreender e demonstrar o processo de formação da consciência religiosa. O conjunto dessas representações não é entendido como isolado e autônomo em relação à totalidade das representações socialmente construídas e verificadas. Ou seja, guarda íntima e inseparável relação com as demais representações e práticas sociais, políticas e econômicas. Neste sentido, os conteúdos da consciência religiosa estão relacionados à maneira pela qual o migrante encortçado apreende, interpreta e representa as condições materiais de existência, a si próprio, a sua vida, a vida de outros migrantes encortçados, a vida dos demais grupos sociais e suas inter-relações tanto no local de origem como em São Paulo. O campo de nossas investigações e pesquisas se restringe ao bairro do Bexiga. Este bairro se localiza na zona central de São Paulo.</p>
Ano/Edição	Ano IV, nº 10 maio-ago/1991
Título	Religião e religiões – um enfoque em chave gramsciana
Autor/es	José J. Queiroz
Resumo	Para não repetir conhecidas generalidades, preferi limitar o

Ano/Edição	tema a uma abordagem dialética, alinhavando Antônio Gramsci (1), insuperável na análise dos elementos superestruturais que compõem a sociedade, dentre os quais se destaca o fator religioso. Face às limitações de tempo e de espaço, não nutro nenhuma pretensão de esgotar o assunto e darei ênfase sobretudo à dialética erudito-popular na religião. Ano IV, nº 10 maio-ago/1991
Título	Forasteiros da dispersão: experiência de migrante e memória bíblica
Autor/es	Milton Schwantes
Resumo	Como livro, a Bíblia está concluída. A palavra “Bíblia” tende a evocar em nós a imagem de um livro, com capa, pronto. Mas, possivelmente, a figura que nos ocorre não seja a de um livro fechado, a de uma obra de estante. Pelo contrário, havemos de estar pensando também naquele livro aberto, sobre um altar ou na mão de algum pregador. Ou vêmo-lo debaixo do braço de um “irmão” a caminho do culto. É O que, hoje, caracteriza a Bíblia . Ela não é muito típica para bibliotecas, se bem que aí também esteja, em meio a outros livros, à espera de usuários. Ela antes se situa em meio à reunião de pessoas, sendo lida em público, sendo carregada pra lá e pra cá. Este vai-e-vem lhe é característico. É um “livro” a caminho, um texto que a gente “transporta”.
Ano/Edição	Ano IV, nº 10 maio-ago/1991
Título	Festividade de Nossa Senhora de Copacabana: motivo de união dos migrantes bolivianos na argentina
Autor/es	Isabel Laumonier
Resumo	A Argentina - tenta realizar uma breve aproximação da dinâmica dessa comunidade e lançar um pouco de luz sobre as estratégias que permitiram a tal coletividade fazer frente a uma dura realidade econômica, a uma política migratória equívoca e a preconceitos mais ou menos encobertos. Buscamos assinalar de que forma o espírito do “ayllu” (vide glossário) atua para além dos limites bolivianos e de que forma as redes de parentesco (carnal ou ritual) se estendem superando fronteiras. Tomamos como parâmetro o processo de desenvolvimento de uma festa religiosa, colocando em cena a movimentação de uma coletividade em torno de um fim comum: neste caso, a celebração da festa de N. S. de Copacabana, tal como se desenvolve há muitos anos em vários pontos do país, especialmente no Bairro de Vila Soldati.

Ano/Edição	<p>Buscamos assinalar de que forma o espírito do “ayllu” (vide glossário) atua para além dos limites bolivianos e de que forma as redes de parentesco (carnal ou ritual) se estendem superando fronteiras. Tomamos como parâmetro o processo de desenvolvimento de uma festa religiosa, colocando em cena a movimentação de uma coletividade em torno de um fim comum: neste caso, a celebração da festa de N. S. de Copacabana, tal como se desenvolve há muitos anos em vários pontos do país, especialmente no Bairro de Vila Soldati. Para explicar mais claramente o desenvolvimento da festa, dedicamos maior ênfase, neste artigo, a um Glossário, no qual se consignam diferentes termos referentes a objetos, pessoas ou situações próprias do evento. Por se tratar de um fato cultural vigente, e portanto dinâmico, ano após ano se produzem transformações, Cada celebração é em si um fato singular que expressa e atualiza as vivências e o mundo do grupo.</p> <p>Ano IV, nº 11, set-dez/1991</p>
Título Autor/es Resumo Ano/Edição	<p>O candomblé em São Paulo e a sacralização do espaço urbano</p> <p>Vagner Gonçalves da Silva</p> <p>Entre os fatores do crescimento do número de terreiros de candomblé, verificado a partir dos anos 60 em São Paulo, está a imigração de populações nordestinas que nesse período é intensa. Os adeptos vieram de regiões onde essa religião teve um desenvolvimento maior, como o Nordeste e posteriormente o Rio de Janeiro, em busca de melhores condições de vida. Chegando aqui principalmente para trabalhar, muitos deram continuidade à sua história de vida religiosa fazendo da reconstituição das “famílias-de-santo” e das “nações” religiosas uma importante estratégia de sobrevivência sob as novas condições de vida na metrópole.</p> <p>Ano VI, nº 15, jan-abril/1993</p>
Título Autor/es Resumo	<p>Os imigrantes portugueses e a devoção de Fátima em Paris</p> <p>Sidnei Marco Dornelas</p> <p>A imigração portuguesa em território francês está para completar 30 anos. Esta população constitui hoje o segundo maior grupo de estrangeiros depois dos argelinos. com cerca de 800 mil pessoas. Eles se concentram sobretudo na Região Parisiense. c têm uma presença considerável nas indústrias de construção civil e nos trabalhos de limpeza nos escritórios dos grandes centros. Apesar do grande número, eles passam quase despercebidos na</p>

Ano/Edição	<p>sua rotina de trabalho infatigável. Ao contrário dos imigrantes muçulmanos do norte da África, cuja presença é motivo de um Inal estar crescente entre os franceses- o português é apontado como um exemplo de imigrante que conseguiu se integrar com sucesso na sociedade francesa, trabalhador, obediente, discreto, branco, europeu, religioso, católico.</p> <p>Ano VII, nº 19, maio-ago/1994</p>
Título	A romaria do Divino Pai Eterno
Autor/es	Silvana Nascimento
Resumo	<p>Os grandes santuários brasileiros recebem romeiros em diversas épocas do ano, porém, em momentos especiais como o dia do santo padroeiro, Natal, Páscoa, o número de devotos aumenta consideravelmente. Nestes períodos, os centros de devoção ganham outro caráter. o de uma grande festa. Preenchendo de significados a trajetória que conduz ao santuário, a festa de romaria implica uma transformação de uma situação cotidiana para outra, temporária, deslocada do tempo e do espaço da rotina. Ela permite uma viagem — real e simbólica — que modifica, suspende a vida cotidiana para a criação momentânea de um outro mundo, especial, mágico, divino (Da Matta; 1985). Nesse sentido, a romaria está relacionada a uma certa itinerância característica que não se refere propriamente a uma migração porque os romeiros sempre retornam para a sua terra natal depois de visitar o santuário, com a certeza, ou o desejo, de voltar no ano seguinte. Além disso, as viagens geralmente acontecem num período determinado e, assim como nas festas, são cíclicas e repetem-se a cada ano. A pesquisa que venho desenvolvendo desde 1997 está justamente voltada para uma romaria que, todos os anos, dirige-se para o santuário de Trindade, no Estado de Goiás, durante a Festa do Divino Pai Eterno, na primeira semana de julho, uma das maiores e mais importantes da região, A romaria tem início na pequena cidade de Mossâmedes, a noroeste de Goiânia, e percorre 150 quilômetros por estradas de terra utilizando um importante e tradicional meio de transporte do sertão brasileiro: o carro de boi.</p>
Ano/Edição	Ano XI, nº31, maio-ago/1998. São Paulo
Título	A festa do Divino Espírito Santo entre os açorianos de São Paulo
Autor/es	Gustavo Adolfo P. Daltro Santos
Resumo	Vindos principalmente da ilha de São Miguel dos Açores, a

partir da década de 50, para trabalharem como empregados em uma tecelagem desse bairro paulistano, estes imigrantes desde então diversificaram suas atividades, concentrando-se porém, no setor pecuário, de laticínios e de comércio de carne. Atualmente há açorianos que se sobressaem no setor pecuário como grandes produtores e comerciantes de gado e leite. Além disso, ainda existe uma concentração de açorianos e descendentes expressiva no bairro de Vila Carrão e suas adjacências. No entanto, é importante notar que não é possível afirmar que a notada acima seja a única circunstância de chegada de açorianos a São Paulo, e ainda se faz necessário um estudo histórico da chegada desses imigrantes, assim como um levantamento de suas atividades principais. De qualquer forma, nosso interesse, mais do que fornecer um desenho detalhado dessa migração, com dados estatísticos, gráficos e reconstruções históricas, é mostrar como se rearticula no contexto da imigração no Brasil uma forma cultural e religiosa característica do arquipélago dos Açores: a Festa do Divino Espírito Santo. Trata-se de uma festa tradicional, celebrada anualmente nas ilhas açorianas, ao longo das semanas que antecedem e culminam no Pentecostes, festa católica celebrada 50 dias após a Páscoa. Aqui, pretendemos, através da descrição (ou da etnografia) de uma festa por nós observada em abril e maio de 1995, mostrar como a identidade açoriana é (re)construída em São Paulo, a partir desta festa que foi 'transplantada' por esses imigrantes 24 anos depois de sua chegada em São Paulo.

Ano/Edição

Ano XI, nº31, maio-ago/1998. São Paulo

Título

Migração religiosa afro-brasileira: de Porto Alegre para o MERCOSUL

Autor/es
Resumo

Ari Pedro Oro

Muitos anos antes da implementação da política de integração regional entre os países do sul do continente americano e da constituição do Mercosul. uma outra integração envolvendo Brasil, Argentina e Uruguai estava ocorrendo. Com efeito, se os esforços de integração visando a criação do Mercosul remontam ao retorno da democracia nos países mencionados. a partir de 1985, ainda nas décadas de 50 e 60). indivíduos. crenças e valores circulavam entre esses países. configurando uma situação que se acentuou nas décadas posteriores. Foram os pais e mães-de-santo do Rio Grande do Sul que desencadearam o processo de expansão da Umbanda e do

Ano/Edição	<p>Batuque para os países do Prata. Primeiramente aqueles radicados nas cidades fronteiriças com o Uruguai (como Santana do Livramento, nas décadas de 50 e 60) e com a Argentina (como Uruguaiana, nas décadas de 60 e 70) e depois os de Porto Alegre, a partir da década de 70. muito contribuíram para a migração das crenças e dos cultos afro-brasileiros para os países do Prata. a tal ponto que existe hoje cerca de mil terreiros na Argentina (Carozzi & Frigerio, 1997) e em torno de duzentos somente em Montevideú (Lopez, 1995), frequentados. mantidos e dirigidos majoritariamente por cidadãos desses países: Na sequência apresentaremos o perfil. as lembranças, as motivações pessoais e os significados agregados pelos agentes afro-brasileiros gaúchos ao processo de migração religiosa para os países do Prata.</p> <p>Ano XII, nº 33, jan-abril/1999. São Paulo-SP</p>
<p>Título</p> <p>Autor/es</p> <p>Resumo</p> <p>Ano/Edição</p>	<p>Quando los Dioses migran: religiones afro-brasileñas y neopentecostalismo en el MERCOSUR</p> <p>Maria Julia Carozzi</p> <p>El intercambio de religiones entre Brasil. Uruguay y Argentina. se ha caracterizado en las últimas décadas por el rol exportador del primer país en relación a los platinos). El Brasil ha exportado a los otros dos. tanto religiones afro-brasileñas - principalmente Umbanda y Batuque. y en menor medida Umbanda Omolokó y Candomblé como representantes de su contrincante, el neopentecostalismo de la guerra espiritual. en forma de filiales de la Iglesia Universal del Reino de Dios y Dios es Amor (Oro. 1998a). La historia del proceso de Unibandización y Batuquización del Plata. tal como lo llamara Oro, señalando con este término la centralidad que el Batuque ocupa entre las religiones afrobrasileñas del área. es como toda historia oralmente transmitida. sin registros escritos y sujeta a las libres interpretaciones y reelaboraciones de los protagonistas. difícil de precisar. Sin embargo. pueden distinguirse dos procesos que hunden sus raíces en las décadas del 50 y el 60. Ninguno de los dos implicó sino en una ínfima medida, la relocalización de padres o madres de santo brasileños. En cambio. abundaron los viajes iniciáticos de los platinos hacia el Brasil y estadias más o menos temporarias de brasileños para abrir ritualmente las casas de sus hijos platinos, trabajar con los clientes e hijos de santo de estos últimos e iniciar nuevos adeptos.</p> <p>Ano XII, nº 33, jan-abril/1999. São Paulo-SP</p>

Título	Sincretismo ou africanização? Os sentidos da dupla pertença
Autor/es	Josildeth Gomes Consorte
Resumo	A adesão dos africanos ao Cristianismo far-se-ia, ao longo dos trezentos anos em que durou o tráfico negreiro, através de muitos caminhos, sem que, no entanto, a mesma implicasse no abandono de suas crenças e práticas de origem. Nina Rodrigues, nos fins do século XIX, referiu-se ao catolicismo dos negros baianos, tão impregnado de marcas africanas como “Ilusões de Catequese.”. A associação entre crenças e práticas de origem africana e crenças e práticas católicas tornar-se-ia uma característica comum aos cultos afro-brasileiros, constituídos pelo Brasil afora, conhecidos como candomblé, macumba, xangô, batuque, casa das minas. Seu corolário, o sincretismo afro-católico, por sua vez se constituiria em objeto privilegiado de estudo dos que passaram a se interessar pela presença africana entre nós. Todavia, este sincretismo que, ao longo de cem anos tem representado um desafio para a academia e uma fonte de grande desconforto para a Igreja, tornou-se, recentemente, objeto de discussão também entre aqueles que sempre o praticaram. Sua recusa, a partir da década de 80, por lideranças religiosas dos mais expressivos candomblés de Salvador, criou um fato novo na história das relações dos cultos afro-brasileiros com a Igreja, com repercussões importantes sobre a busca de caminhos do negro no seu processo de inserção na sociedade brasileira. E deste processo que se ocupa o presente artigo, uma das muitas facetas do legado africano em nosso país.
Ano/Edição	Ano XIII, nº 36, jan-abril/2000. São Paulo

Título	Os arcturos – vizinhos do “mundo”
Autor/es	Camila Camargo Vieira; Alexandre do Nascimento Souza
Resumo	O universo cultural do negro no Brasil vem sendo marcado por tensões e transformações, desde a chegada dos primeiros escravos que vieram aqui expropriados de seu modo de vida livre e carregado de uma cosmologia muito própria. Desde o êxodo forçado dos africanos, a história do afro-brasileiro tem sido um contínuo de trocas, assimilações e reificações de seus modos e costumes, onde o culto ao sagrado tem sido o instrumento através do qual, de alguma forma, a memória da África se fez ouvir. Motivado pela impossibilidade de assumir seu modo de vida e toda ritualização a ele pertinente, e por espaços e brechas que vão sendo criados pelos escravos

Ano/Edição	dentro do sistema escravista na esfera da participação religiosa empreendida pelo catolicismo, o negro vindo da África passa a desenvolver uma nova religiosidade, pois, se de um lado não pode assumir como seu o catolicismo, por outro, é em torno da religião católica o local onde a herança do sagrado africano encontra o espaço de sua manifestação, Esse processo assume ares de salvação, na medida em que os negros escravos puderam se não manter, mas ao menos conviver com parte daquilo que lhes era essencial, parte significativa de sua cultura. Ainda que muitas vezes com outras vestes. Ano XIII, nº 38, set-dez/2000. São Paulo
Título	A marca do Islã na alimentação: ritos comensais durante o Ramadán em Porto Alegre
Autor/es Resumo	Leonora Silveira Pereira Originalmente concebida como uma religião dos povos árabes, o Islamismo atinge hoje ampla diversidade étnica e geográfica. Sua marca está impressa tanto na alimentação desses povos, quanto em outros aspectos da vida. A comida, nesse sentido, é importante porque representa um vínculo com o passado, a celebração das raízes, um símbolo de continuidade. É aquela parte da cultura do imigrante que sobrevive mais tempo, conservada até mesmo quando o vestuário, a música e a observância religiosa já foram abandonados. Embora frágil, por viver da atividade humana, a culinária não é facilmente destruída. A comida e o modo de prepará-la são transmitidos em cada família, tal como os genes. O Corão ⁵ proíbe a carne de porco, por considerá-lo um animal impuro, e o álcool. Fora isso, não há ascetismo de outra espécie. Ao contrário, o Corão diz que “(...)Deus quer nosso bem-estar e não o desconforto (...) (2.ª Surata, versículos 183-185). A grande exceção é o Ramadan, o 9.º mês do calendário lunar. Entre o nascer e o pôr-do-sol desse mês é proibido comer, beber, fumar e manter relações sexuais. À noite, essas proibições são suspensas. As famílias trocam convites e visitas. Assim, em diversos lugares, a vida noturna é animada e há boa comida e bebida enquanto muitos fiéis se reúnem nas mesquitas para passar a noite ouvindo a recitação do Corão. Segundo os muçulmanos, “o jejum simboliza o retiro que cada um deve fazer como fez o profeta Mohamed”. Neste artigo busco mostrar que os elementos simbólicos da alimentação islâmica — entendida como a que tem interditos — têm algo a dizer e a comunicar e que,

Ano/Edição	portanto, podem se constituir em veículos de conhecimento sobre o próprio Islamismo. Ano XV, nº 42, jan-abril/2002. São Paulo
Título	Sagrado: perene e atual
Autor/es	José Guilherme Cantor Magnani
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XVI, nº 46, maio-ago/2003. São Paulo
Título	A viagem da mata: espaço e tempo sagrados – movimentos socioreligiosos na Amazônia
Autor/es	Maria Antonieta da Costa Vieira
Resumo	Na religiosidade popular o sagrado muitas vezes imprime-se no espaço. É o caso das devoções populares que fazem das capelas, cruzeiros no caminho, acidentes geográficos lugares do sagrado, que rememoram acontecimentos, milagres, pessoas. São sacralizados também percursos, como é o caso das romarias e peregrinações que oferecem aos devotos a possibilidade de percorrer um caminho espiritual por meio do deslocamento espacial. Na situação que será analisada as peregrinações se tornam paradigmas para a construção de movimentos socioreligiosos. Trata-se de duas comunidades camponesas que se constituíram na década de 60, em Tocantins e no Sul do Pará, autodenominadas Missão de Maria da Praia e Romaria do Padre Cícero ¹ e que empreenderam uma viagem em direção ao centro do Pará à procura das Bandeiras Verdes ² por mais de 20 anos. Na exposição que segue procuro mostrar de que maneira a partir das noções de Romaria e Missão os grupos tornam sagrado o espaço percorrido, que vai se constituir em um eixo em torno do qual se articulam os movimentos. Neste contexto a andança camponesa, característica do campesinato de fronteira, é ressignificada ganhando o sentido de projeto religioso.
Ano/Edição	Ano XVI, nº 46, maio-ago/2003. São Paulo
Título	Vivências e religiosidade no seringal: representações do sagrado desenvolvidas pelos nordestinos nos seringais amazônicos (1940-1945)
Autor/es	Maria Liège Freitas Ferreira
Resumo	No período compreendido entre 1940/45 o governo de Getúlio Vargas, então presidente do Brasil, empreendeu uma política de arregimentação e recrutamento de trabalhadores

nordestinos (especialmente) para os seringais da Amazônia. Essa política foi denominada pelo governo de Batalha da Borracha; e tinha como estratégia, além de formar mão-de-obra disponível para as empresas seringalistas da Amazônia, a ocupação permanente do Oeste brasileiro; isto é, povoar a Amazônia dentro dos objetivos do Estado Novo, que era o de uma nação unificada em que toda região, ou espaço brasileiro deveria ser congregado ao projeto de brasilidade ou “Brasil Novo” elaborado pelos seus gestores. Para isso são elaboradas e implantadas políticas de atração de mão-de-obra para essa população prometendo a descoberta de um eldorado capaz de solucionar todos os problemas de sobrevivência dessa população. Assim, centenas de famílias nordestinas lotam os seringais amazônicos atraídas por uma propaganda de Estado e por empresários que apresentavam a Amazônia como a terra da fartura e da riqueza. Porém, as vivências impostas pela produção da borracha, aliadas ao sofrimento pela saudade dos familiares, das festas de vaquejadas e de padroeiros que deixou no Nordeste, remodelam as relações sociais desses nordestinos ao nível da afetividade, da constituição das famílias e da religiosidade. Portanto, este artigo busca apresentar os mecanismos de sobrevivência que esses migrantes tiveram que criar para sobreviver nos seringais amazônicos, tendo como eixo norteador as formas de representações do sagrado desenvolvidas por eles próprios diante da inexistência de um aparato clerical oficial (padres e igrejas) nos seringais que trabalhavam e moravam.

Ano/Edição

Ano XVI, nº 46, maio-ago/2003. São Paulo

Título

Christ Church: a primeira igreja étnica do Brasil

Autor/es

Thaddeus Blanchette

Resumo

No Rio de Janeiro, a presença inglesa tinha sido crescente desde os meados do século XVII quando os ingleses ganharam o direito de comerciar livremente com o Brasil. Com a abertura dos portos brasileiros, uma presença significativa de comerciantes britânicos e suas famílias foi estabelecida em ambos os lados da Baía de Guanabara. Em muitos sentidos, essa aglomeração pode ser considerada como uma das primeiras colônias étnicas de procedência europeia no Brasil. Embora não entendidos – e não se entendendo – como imigrantes, os membros da colônia britânica a carioca construíram uma rica vida comunitária na língua inglesa que abrangeu todos os aspectos de existência em terras *brasilis*, desde o batismo de

seus filhos em cerimônias feitas na língua materna, até o enterro dos mortos em seu cemitério em Gamboa. Por dois séculos, essa presença britânica marcou o cotidiano e os costumes do Brasil, fato notado por Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda. Uma das instituições centrais dessa colônia foi a Igreja Anglicana de *Christ Church*, atualmente localizada na Rua Real Grandeza, 99, no bairro de Botafogo. A história da *Christ Church* acompanha a expansão e a decadência da colônia britânica em torno da Baía de Guanabara. Sua existência continuou após a diminuição da colônia nos anos pós-Segunda Guerra, pois a igreja se situou como a pedra-chave da rede de instituições britânicas restantes centradas no Rio de Janeiro e fortaleceu suas ligações com a comunidade étnica de britânico descendentes ao seu redor. Nesse sentido, a *Christ Church* é algo muito além de uma simples casa de Deus: ela é a peça unificadora que articula, de forma sincrônica e diacrônica, os diversos ramos de uma presença britânica na cidade e em seus arredores.

Ano/Edição

Ano XVI, nº 46, maio-ago/2003. São Paulo

Título

Tradições religiosas e cultura no Brasil

Autor/es

Sidney Antonio da Silva

Resumo

Conhecido como um país onde a maioria de sua população declara ser católica, ou pelo menos afirma ter advindo de uma família onde se professa essa fé, o Brasil apresenta, no entanto, uma variedade de tradições religiosas herdadas dos povos ameríndios e africanos, as quais continuam vivas e dinamizando as expressões religiosas do povo brasileiro. Nesse sentido é comum encontrar pessoas que se declaram católicas e ao mesmo tempo transitam por outras tradições religiosas sem que isto constitua um problema para elas. Este texto tem como objetivo propor algumas questões sobre a dinâmica cultural presente na formação das tradições culturais e religiosas no Brasil, procurando mostrar as mútuas influências que umas exerceram sobre as outras no seu processo de configuração. Neste sentido, será preciso definir, em primeiro lugar, o que se entende por cultura e religião numa perspectiva antropológica, para depois tecermos algumas considerações sobre mudanças ocorridas no campo religioso brasileiro e, finalmente, através de um exemplo de uma prática pastoral realizada entre os bolivianos em São Paulo, fazermos algumas considerações sobre as implicações da ação da igreja junto ao

Ano/Edição	processo de reprodução cultural destes imigrantes. Ano XVI, nº 46, maio-ago/2003. São Paulo
Título	O culto aos baianos da umbanda
Autor/es	André Ricardo de Souza
Resumo	A umbanda tem realmente uma considerável capacidade de absorção e redefinição de traços religiosos diversos. Neste trabalho analiso o modo como ela utiliza esse recurso para ajustar-se eficientemente a diferentes contextos sociais. Nessa empreitada de adaptação, um guia chama a atenção: o baiano. Essa entidade, historicamente nova, cujo culto vem se destacando nos últimos 30 anos, assume características diferentes, de acordo com o estilo de vida do público participante nas giras. Busco compreender a emergência dessa entidade, sua crescente afirmação e popularização em dois contextos sociais distintos. A ideia da eficaz prestação de serviços parece ter grande importância no contexto social marcado pelo pluralismo e pela competição religiosa (Prandi, 1996-b). Foi meu objetivo, portanto, apreender como o universo umbandista de elementos simbólicos, sobretudo no que se refere a essa entidade espiritual, é modificado em função do serviço religioso prestado, que é moldado pelos padrões culturais e socioeconômicos locais. Para tanto estudei o jeito de ser e o significado de baianos de duas unidades de culto inseridas em áreas distintas: um terreiro de um bairro de classe média e outro da periferia paulistana. A pesquisa mostrou que essa entidade constitui um trunfo da umbanda para ser versátil e atraente, dentre as diversas opções religiosas da atualidade. A conversão a essa religião se dá, em grande parte, pela atribuição ao guia espiritual da solução de aflições cotidianas. Há um pano de fundo de aspectos culturais que propicia considerável identificação com os baianos.
Ano/Edição	Ano XVI, nº 46, maio-ago/2003. São Paulo
Título	Entre as demandas de Deus e as da sobrevivência: os brasileiros adventistas de Chino
Autor/es	Bernadete Beserra
Resumo	Em 26 de novembro de 2005, visitei a Igreja Adventista de Fala Portuguesa de Chino, grande Los Angeles, onde havia realizado pesquisa entre 1997 e 2000. Não vi o pastor David Bravo entre os que dirigiam o culto, mas soube, depois, que ele estava no Brasil, de férias. Reconheci alguns amigos e conhecidos do tempo da pesquisa, mas pelo menos metade,

Ano/Edição	<p>das cerca de 70 pessoas que assistiam ao culto naquele sábado, eram desconhecidas. Fiquei para o almoço e pude conversar demoradamente com Isac, Jaidete e Ester. O aconchego deles e o sabor da comida eram os mesmos de quando os visitei pela última vez antes de voltar ao Brasil, em junho de 2000. Tudo o mais parecia ter mudado. Numa área antes usada como estacionamento, construía-se um novo prédio, pelo menos três vezes maior do que aquele onde ainda se celebrava o culto sabatino. Isac e Jaidete responderam pacientemente às minhas indagações sobre as várias pessoas sobre quem perguntei. Alguns haviam voltado para o Brasil. Outros haviam se mudado para outros estados ou cidades. Mas novos membros haviam sido incorporados e, ao contrário do que imaginei a princípio pela quantidade de pessoas no culto, a igreja havia crescido e prosperado nos últimos 5 anos. Lembrei-me do Pastor Claudiner Mockiuti explicando-me sobre o desafio da manutenção de igrejas étnicas entre populações imigrantes (Beserra 2005c, pp. 110-112). Se o fluxo migratório diminui ou se interrompe, as chances de sobrevivência da igreja são bastante reduzidas. Os filhos dos imigrantes se aculturam e se filiam a igrejas de grupos dominantes. No caso dos Estados Unidos, os brasileiros adventistas da segunda geração se juntam a igrejas adventistas brancas, negras ou latinas, conforme a sua aparência e condições socioeconômicas os aproximem mais de cada um desses grupos ou conforme o pertencimento étnico-racial dos seus cônjuges ou amigos.</p> <p>Ano XIX, nº 55, maio-ago/2006. São Paulo-SP</p>
Título	Entre a Igreja do Brasil e da França: uma experiência com os portugueses em Paris
Autor/es Resumo	<p>Sidnei Marco Dornelas</p> <p>Neste texto, o autor faz uma releitura de sua experiência na França, como padre e pesquisador, em que ao mesmo tempo trabalhava pastoralmente junto a comunidades católicas de imigrantes portugueses, e realizava uma pesquisa sobre a atuação desses leigos portugueses no interior da Igreja francesa. A análise de vários depoimentos é feita no sentido de se compreender como se dá, atualmente, a inserção dos imigrantes no interior da Igreja Católica, cada vez mais caracterizada pela interculturalidade e pelo pluralismo de várias maneiras de vivenciar a fé.</p>
Ano/Edição	Ano XXII, nº 65, set-dez/2009. São Paulo

Título	A imigração armênia no Brasil e as comunidades em São Paulo
Autor/es Resumo	Sonia Maira de Freitas Este estudo tem por objetivo buscar o contexto histórico que determinou a vinda de armênios para o Brasil, sobretudo para o estado de São Paulo, bem como apresentar a história dessa imigração e a conseqüente constituição deste grupo étnico, tendo como base as narrativas e relatos dos próprios imigrantes e descendentes. Partindo do registro de suas memórias, na perspectiva de reconstruir parte da história social do processo imigratório para São Paulo, este artigo procura evidenciar a história dos armênios, particularmente os traços culturais e de que maneira este grupo étnico (re) construiu e vivenciou a sua identidade no país adotivo.
Ano/Edição	Ano XXVII, nº 75, jul-dez/2014. São Paulo-SP
Título	Homens judeus e relações de gênero na cidade de São Paulo
Autor/es Resumo	Ethel V. Kosminsky Neste trabalho, pretendemos discutir as relações de gênero, mostrando o lado daquele que é visto como “dominante”, isto é, o ponto de vista masculino. Pretendemos mostrar que o masculino não é único. Os homens e o masculino não constituem um grupo homogêneo, como se depreende das relações dos homens entre si, e das relações entre os homens e as mulheres. O nosso objetivo é, dentro dessa perspectiva, discutir as relações de gênero de entrevistados judeus, imigrantes e seus descendentes, residentes na cidade de São Paulo. Com essa finalidade, utilizando a técnica da “bola de neve”, coletamos entrevistas em profundidade com homens judeus de três faixas etárias, ocupando diferentes posições sociais e também de origens diversas no ano de 2004. A análise das entrevistas com mulheres judias será relacionada com as dos homens, buscando estabelecer comparações, diferenças e semelhanças. Muito embora esta seja uma pesquisa qualitativa, os seus resultados serão comparados com os resultados da análise demográfica referente a determinados padrões de comportamento encontrados no país.
Ano/Edição	Ano XXVII, nº 75, jul-dez/2014. São Paulo-SP

Título	Culto aos antepassados okinawanos: dicotomias na construção da identidade okinawano-japonesa no Brasil
Autor/es Resumo	Samara Konno Os okinawanos são um grupo de nacionalidade japonesa, mas com particularidades históricas e culturais, que se expressam, também, nas práticas do culto aos antepassados, chamado Sosen Suuhai. Assim, esse artigo tem por objetivo expor algumas das relações entre este culto e aspectos como família, comunidade, identidade e memória dos okinawanos no Brasil, a partir de entrevistas de história oral temática com praticantes do culto e de observação participante na comunidade okinawana da cidade de São Paulo, entre os anos de 2013 e 2014. Primeiramente, as relações históricas entre okinawanos e japoneses são apresentadas como pano de fundo da articulação entre culto, memória e identidade. Em um segundo momento são apresentadas associações do culto okinawano com características relativas à alegria e expansão, em oposição à sobriedade e hierarquia do culto japonês. Tal dicotomização dos significados do Sosen Suuhai se mostrou estratégica, tanto para a demarcação étnica, quanto para ressignificação da identidade okinawana no Brasil.
Ano/Edição	Ano XXVII, nº 75, jul-dez/2014. São Paulo-SP
Título	Daoismo e migração: imigração taiwanesa como início do daoismo no Brasil
Autor/es Resumo	Matheus Oliva da Costa Existe uma relação entre Daoismo e Brasil desde o período colonial, mas que se limitava a interações indiretas via textos e artes. É somente com a chegada de imigrantes chineses vindos de Taiwan que podemos dizer que o Daoismo chega ao Brasil enquanto uma tradição viva. O tipo de imigrante vindo de Taiwan se caracterizava por já ter conhecimentos profissionais, entre eles, práticas e conhecimentos tradicionais chineses. Neste estudo vamos mostrar como e quais manifestações daoistas tradicionais chegaram ao Brasil, mais especificamente, em São Paulo e no Rio de Janeiro. O objetivo é contextualizar histórica e sociologicamente a presença daoista que aqui chegou através de imigrantes taiwaneses.
Ano/Edição	Ano XXVIII, nº 77, jul-dez/2015. São Paulo

RETORNADOS

Título

Os “retornados”: gaúchos que voltaram da Amazônia

**Autor/es
Resumo**

José Vicente Tavares dos Santos

Os migrantes “retornados” constituem-se de populações do Sul que voltaram dos programas de colonização na Amazônia. desde meados dos anos 70, Ao se falar em gaúchos. incentivando uma densa identidade histórica, frequentemente se esquece que a parte meridional do território brasileiro se formou historicamente por populações movimento. cuja identidade. por conseguinte. sempre foi uma resultante instável de uma multiplicidade étnica e cultural. Desde os índios charruas e minuanos. nômades deslocando-se permanentemente pelo pampa. até os guaranis. em sua busca da terra sem males”, OU os caingangues, que foram aldeados desde meados do século passado, todas essas populações indígenas viveram em movimento. Os bandeirantes. no ciclo de presa do gado, ou na busca de escravos indígenas, eram grupos em constante deslocamentos. Não foi outro o comportamento dos primeiros habitantes lusitanos. pois a penetração militar até a Colônia de Sacramento. fundada em 1680. ou a fixação em Rio Grandes no século seguinte, deu-se por tropas que circulavam em combate com os espanhóis. No século seguinte. os colonos açorianos, que viriam a ser os primeiros camponeses meridionais, fizeram a longa travessia dos mares para vir a ser gaúchos. depois. A introdução do trabalho escravo. principalmente na economia do charque no sul do Estado, trouxe grandes levas de populações africanas. desde o final do século XVIII. protagonistas da trágica viagem intercontinental nos navios negreiros. No século XIX, foi a vez de outros viajantes, os colonos alemães. italianos e poloneses que vieram a ocupar o território meridional. desde 1824. Parte dessa população retomou, no início do século XX, outro fluxo populacional. para o oeste de Santa Catarina e o Sudoeste do Paraná. áreas que foram sendo ocupadas até os anos 50.

Ano/Edição

Ano VII, nº 19, maio-ago/1994

Título	“... quando a gente deixa o Brasil, a gente pensa que está fazendo a coisa mais difícil da vida. Mas, pode ter certeza que a volta é muito mais difícil que a vinda...” (Trecho de carta de emigrante brasileiro residente nos EUA)
Autor/es	Dirceu Cutti
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano VIII, nº22, maio-ago/1995. São Paulo
Título	Migração de retorno, o que é isso?
Autor/es	Sidnei Marco Dornelas
Resumo	Nos últimos tempos, muita expectativa tem-se criado em torno das tendências que o Censo de 1991 revelaria a propósito da mobilidade da população brasileira. Esta expectativa foi aumentada com a divulgação dos resultados preliminares do Censo, e as novidades que eles estampavam. Além do fato maior da queda vertiginosa das taxas de fecundidade e, conseqüentemente, da desaceleração do ritmo de crescimento da população como um todo. esses resultados apontava m na direção de uma redistribuição espacial da população. Certos indicadores surpreenderam: o saldo migratório negativo para o município de São Paulo, as evidências de uma desaceleração no crescimento das Regiões Metropolitanas (RMs), ou ainda, os sinais de uma desconcentração do processo de urbanização da população brasileira (que continua, mas num ritmo mais lento). Se esses resultados contrariam as previsões de um crescimento urbano cada vez mais concentrado. com RMs cada vez mais inchadas, por outro lado eles parecem conseqüentes com as características relevantes da década de 80, A chamada “década perdida” assistiu ao esgotamento da Fronteira Agrícola e Amazônica em todos os seus aspectos (projetos de colonização, grandes obras, etc), à crise econômica que levou a uma recessão crônica que reduziu as possibilidades de emprego urbano e industrial (bem como as oportunidades de ascensão social para as classes de baixa renda), à modernização agrícola que reduziu o emprego rural e intensificou a tendência à concentração fundiária. etc. A confluência desses fatores, somados à percepção de uma estabilização e mesmo crescimento da população nordestina em algumas sub-regiões do Nordeste(NE), levaram muitos a se perguntarem sobre a incidência de uma migração de retorno nesse processo de redistribuição da população brasileira. A facilidade com que essa hipótese sobre a emergência de uma migração de retorno nos anos 80 se difunde faz com

<p>Ano/Edição</p>	<p>que questões mais direcionadas sejam formuladas: como constatar empiricamente tal fenômeno? como medi-lo quantitativamente? como caracterizá-lo socialmente? Na verdade, tais questões mostram-se mais difíceis na medida em que se deseja sair do mero nível impressionista e afrontar a complexidade crescente dos processos sociais em curso atualmente no Brasil. Os dados preliminares do Censo revelam apenas a faceta mais superficial dessa surpreendente complexidade. A sociedade brasileira, urbana e diferenciada socialmente, pede que essa realidade em rápida mutação e de difícil compreensão seja abordada por diferentes ângulos e instrumentais de análise. Talvez a hipótese de uma migração de retorno possa contribuir para tal análise... Mas, então, de que retorno estamos falando?</p> <p>Ano VIII, nº22, maio-ago/1995. São Paulo</p>
<p>Título Autor/es Resumo</p> <p>Ano/Edição</p>	<p>Os movimentos de repatriamento</p> <p>Marcia Anita Sprandel</p> <p>Neste artigo, procuro chamar a atenção para um fenômeno recente no panorama das lutas sociais no campo: a reivindicação, pelo movimento social, do repatriamento de camponeses brasileiros que residem e trabalham em território de países limítrofes. Destaca-se o Movimento pelo Repatriamento dos Brasiguaios (MRB). criado em 1992, tendo como palavra de ordem ‘Brasil, uma Pátria para os Brasiguaios</p> <p>Ano VIII, nº22, maio-ago/1995</p>
<p>Título Autor/es Resumo</p>	<p>Estratégias familiares de emigração e retorno no nordeste</p> <p>Russell Parry Scott</p> <p>Como tradição historicamente estabelecida, a emigração desafia a criatividade de grupos domésticos para se organizarem localmente. Trabalhadores jovens, produzidos por estes mesmos grupos, constantemente se dispersam para regiões que prometem rendas maiores. Alguns mantêm contato com as suas famílias de origem e fazem remessas para ajudar. outros não. Depois de um período fora, alguns resolvem voltar. Este movimento populacional contribui para a criação de condições demográficas sistematicamente diferenciadas entre regiões. A articulação de estratégias familiares nestes espaços regionais evidencia como as famílias de áreas de emigração arcam com os custos dos fluxos migratórios (Arizpe 1982, Woortmann 1984. Wood e Carvalho 1993, Scott 1984a, 1988). Há uma inter-relação entre família, migração e estruturas de produção e de reprodução da força de trabalho. Enquanto</p>

	<p>a procriação e a obtenção de recursos que sustentam a vida constantemente renovam os grupos domésticos, levando a variadas composições e demandas materiais, a organização social de produção dominante limita severamente as opções abertas a membros da sociedade. Os empregadores lutam para diminuir os “custos da mão-de-obra”. Ao mesmo tempo, os trabalhadores enfrentam o dilema de como suprir as necessidades materiais e sociais dos seus grupos domésticos com níveis de renda irrisórios. O custo da reprodução da força de trabalho torna-se um problema doméstico em que o uso de diversas fontes de sustento é um imperativo absoluto. Desta forma, a ubiquidade do grupo doméstico no seu empenho de sobreviver beneficia não somente a si, mas também aos grupos que empregam o seu trabalho (Meillasoux 1977). Como “reprodutores da força de trabalho” os grupos domésticos forçosamente organizam-se parcialmente de acordo com um nível supra doméstico de organização da produção na qual os interesses básicos das unidades produtoras divergem dos seus próprios interesses. Afinal de contas, não há balanço de empresa nenhuma cujo dado fundamental seja o bem-estar material dos trabalhadores.</p>
Ano/Edição	Ano VIII, nº22, maio-ago/1995
Título Autor/es Resumo Ano/Edição	Eu morria de saudade de ver as quaresmeiras (Entrevista) Sérgio Kamada por Dirceu Cutti; Sidnei Silva Entrevista Ano VIII, nº22, maio-ago/1995
Título Autor/es Resumo Ano/Edição	“Eles vão fazer comigo o que eu fiz com meus pais” (Entrevista) Joaquim Heleno Costa por Dirceu Cutti Entrevista Ano VIII, nº22, maio-ago/1995
Título Autor/es Resumo	Abdelmalek Sayad: o desenraizamento feio lucidez Afrânio Raul Garcia Jr. Abdelmalek Sayad nasceu em um povoado de camponeses da região montanhosa da Cabília em 1933, entre as duas guerras mundiais; único filho homem de família modesta cujo pai havia sido escolarizado, assim como dois de seus tios, foi matriculado na escola francesa em 1941, durante a Segunda Guerra. Como explicou, a obstinação de seu pai lhe fez titular de grande privilégio: teve a oportunidade de estudar em escola que abria as portas para o sistema secundário e superior na França,

<p>Ano/Edição</p>	<p>não ficando condenado às fronteiras das escolas destinadas apenas às populações nativas. Para prosseguir os estudos secundários teve que viver em casas de familiares e amigos de cidade próxima de seu povoado de origem, pôde concluir este ciclo em liceu da periferia de Argel quando seu pai para lá se mudou. Findo o secundário, fez curso para a Escola Normal em Argel, estabelecimento prestigioso do ensino superior francês encarregado da formação de professores primários, onde os alunos dispunham de bolsas e de alojamentos especiais durante os estudos. Ingressou, assim, em estabelecimento de elite que só admitia recrutar 10% de seus efetivos entre os descendentes de população nativa. Após a formatura, ensinou em Argel e em locais conhecidos por serem sedes de comandos da Frente de Libertação da Argélia (FNL). Sua trajetória apresenta, portanto, as marcas daqueles a quem o sistema de ensino, associado a um forte investimento pessoal, em todas as acepções deste termo, proporciona os instrumentos de mobilidade ascendente no espaço social; mas como nada os destinava a ocupar as posições efetivamente conquistadas, a postura reflexiva constitui, nestes casos, tanto um meio de objetivar para tornar conhecido o universo de chegada quanto um instrumento de sócio análise.</p> <p>Ano XIII, nº Especial, janeiro/2000</p>
<p>Título Autor/es Resumo</p> <p>Ano/Edição</p>	<p>O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante</p> <p>Abdelmalek Sayad</p> <p>A ideia de retorno está intrinsecamente circunscrita à denominação e à idéia mesma de emigração e imigração. Não existe imigração em um lugar sem que tenha havido emigração a partir de um outro lugar; não existe presença em qualquer lugar que não tenha a contrapartida de uma ausência alhures. É a própria condição do humano, é a sua finitude que está em causa: não se pode estar presente simultaneamente em dois lugares diferentes, mas se pode ir de um lugar a outro, o espaço se deixa percorrer e permite, assim, uma multipresença sucessiva no tempo. Não se pode estar e ter estado ao mesmo tempo. O passado, que é o “ter-estado”, não pode jamais tornar-se novamente presente e voltar a estar-no-presente, a irreversibilidade do tempo não o permite.</p> <p>Ano XIII, nº Especial, janeiro/2000</p>

Título	As características genéricas ou as constantes do fenômeno migratório (O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante)
Autor/es	Abdelmalek Sayad
Resumo	Se fosse preciso conferir ao fenômeno migratório, em seu duplo aspecto de emigração e imigração, assim como em suas formas nacional e internacional, uma definição genérica ou suficientemente ampla para abranger especialmente todos os deslocamentos que vêm ocorrendo, ao menos após a metade do século XIX, não se encontraria melhor expressão que a metáfora seguinte, segundo a qual “a ordem da cidade sempre se alimentou da ordem rural, e a ordem da fábrica (ou do canteiro de obras) sempre se alimentou da ordem dos campos”.
Ano/Edição	Ano XIII, nº Especial, janeiro/2000
Título	A noção de retorno na perspectiva de uma antropologia total do ato de migrar (O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante)
Autor/es	Abdelmalek Sayad
Resumo	O imigrante só deixa de sê-lo quando não é mais assim denominado e, conseqüentemente, quando ele próprio assim não mais se denomina, não mais se percebe como tal. E a extinção desta denominação apaga, a um só tempo, a questão do retorno inscrito na condição do imigrante. Na verdade, não se trata, sob o pretexto do retorno, da questão mais fundamental da legitimidade intrínseca da presença daquele que é visto e designado como um imigrante?
Ano/Edição	Ano XIII, nº Especial, janeiro/2000
Título	O retorno do ausente: uma empreitada de toda a ausência (O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante)
Autor/es	Abdelmalek Sayad
Resumo	Ainda a propósito do retorno de Ulisses, este pode ser tomado como modelo do retorno (nostos) dos emigrantes. Mas, sob a condição de que, a exemplo de Ulisses, esses emigrantes simplesmente desejem retornar a seu ponto de partida, e trabalhem sempre para isso; também sob a condição de que, como Ulisses, eles saibam o que querem e, conseqüentemente, trabalhem para realizar o que querem; sob a condição de que, assim como Ulisses fizera durante o seu périplo no Mediterrâneo, eles vivam, pensem, ajam, constantemente no sentido do retorno o que significa dizer, então, que eles

Ano/Edição	partiram apenas para voltar, o retorno estando implícito ao próprio ato de emigrar, e, ao menos como intenção e, se possível, como comportamentos efetivos ²¹ , pré-existindo à partida; sob a condição ainda de que eles caminhem sem cessar e sempre um pouco mais nesta mesma direção e que, contra ventos e marés e sem se distrair, ou se desviar de rumo, apesar das numerosas armadilhas semeadas pelo trajeto, apesar das múltiplas tentações, seduções, corrupções possíveis, provas todas de que Ulisses triunfou, eles naveguem em direção ao mesmo vestígio, à mesma ilha, ao mesmo porto, à mesma cidade, Ítaca, que cada emigrante ou exilado carrega consigo. Ano XIII, nº Especial, janeiro/2000
Título	A ausência é uma falta (O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante)
Autor/es Resumo	Abdelmalek Sayad Frequentemente, a casa construída no país de origem não tem outra função que esta: recordar a presença desaparecida e negar este desaparecimento. Porém, por força de querer corrigi-la, atenuá-la, mascará-la, negá-la, exorcizá-la, não se estaria indicando-a, apontando-a, reforçando-a? No lugar de uma casa deixada vazia, não se construiria uma outra à qual se conferiria a missão simbólica de testemunhar que, apesar da emigração, permanecer-se-ia ali ²⁷ , mesmo condenando-a, ela também, a continuar vazia? São duas faltas das quais se esperava que uma compensasse a outra, mas que, aqui, acumulam-se frequentemente. No âmago de cada indivíduo, emigrar é como uma maneira de desertar e, no limite, uma forma de traição. Sempre paira sobre a emigração esse ar de suspeita, uma atmosfera de desconfiança interiorizada e reprimida, que se proíbe, salvo exceções, de manifestar ou de proclamar em alta voz. O emigrante não é, portanto, aquele que passou para o outro lado? E, mesmo que fosse por uma boa causa, não é aquele que aderiu ao campo oposto, qualquer que seja este campo, o dos ricos, dos poderosos, dos dominantes, e, em última análise, o campo dos adversários?
Ano/Edição	Ano XIII, nº Especial, janeiro/2000
Título	O retorno como produto do pensamento de Estado (O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante)
Autor/es Resumo	Abdelmalek Sayad Toda presença estrangeira, presença não-nacional dentro da nação, é pensada como presença necessariamente provisória,

Ano/Edição	<p>mesmo quando esse provisório possa ser indefinido, possa prolongar-se indefinidamente, criando, desta forma, uma presença estrangeira permanentemente provisória, ou em outros termos, uma presença durável, mas vivida por todos de maneira provisória, adequada aos olhos de todos por intenso sentimento do provisório. Presença provisória por natureza, o que também significa uma presença que se subordina a alguma razão que lhe é exterior, a alguma razão que lhe serve de álibi, e da qual ela retiraria seu significado e sua justificativa: esta razão, ou este álibi, constitui o trabalho, O trabalho é a razão de ser do imigrante, ele dá conta de sua presença que, na falta deste motivo, estaria confinada ao absurdo aos olhos da razão nacional, da razão do Estado Nacional. O trabalho contém em si, a partir de nossa representação atual do mundo, toda a inteligência do fenômeno migratório, da emigração e da imigração que, sem ele, seriam incompreensíveis e intoleráveis sob todos os pontos de vista, intelectual, ética, económica, cultural e, não apenas, politicamente.</p> <p>Ano XIII, nº Especial, janeiro/2000</p>
Título Autor/es Resumo Ano/Edição	<p>Imigração de trabalho e imigração de povoamento (O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante)</p> <hr/> <p>Abdelmalek Sayad</p> <p>Por comodidade de exposição, mais do que por razões de verdade sociológica, habituou-se a distinguir de maneira artificiosa, uma migração de trabalho de uma migração de povoamento. Evidentemente, esta oposição é rica de subentendidos e de pressupostos ideológicos, e até mesmo racistas. A imigração de trabalho, que não tem outra razão de ser que o trabalho, é uma imigração de adultos, de homens em sua maioria. Ela é pensada e definida como uma imigração essencialmente provisória, enquanto a realidade desmente esta representação que dela se faz; é uma imigração puramente instrumental, tolerada como um mal menor, mas jamais desejada; é reputada inassimilável.</p> <p>Ano XIII, nº Especial, janeiro/2000</p>
Título Autor/es Resumo	<p>Inserção e re-inserção: a continuidade de uma mesma relação de forças (O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante)</p> <hr/> <p>Abdelmalek Sayad</p> <p>Sem dúvida para uma compreensão mais total desse</p>

Ano/Edição	fenômeno, convém mudar de perspectiva. É preciso se colocar de agora em diante, não mais do ponto de vista intimista, das reações individuais, afetivas, das reações do coração que tomam frequentemente a forma de feridas, ou então do ponto de vista da análise impressionista objetiva ou subjetiva, da melancolia nostálgica. Trata-se da relação objetiva na qual se encontram, um frente ao outro, os países vinculados pelo ato migratório de indivíduos singulares ⁴⁵ . E a estrutura dessa relação, que está além e é de uma outra natureza que as reações dos agentes, que convém tomar em consideração, para compreender plenamente a significação da ambiguidade política associada à noção de retorno do imigrante. Ano XIII, nº Especial, janeiro/2000
Título	A reinserção como afirmação da identidade nacional do país de emigração (O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante)
Autor/es Resumo	Abdelmalek Sayad Sem dúvida, é preciso assinalar o lugar particular que ocupa a Argélia, primeiramente, na história da imigração na França há um século, a imigração argelina sendo o protótipo mesmo da imigração de origem colonial (imigração de trabalhadores coloniais, como foram designados por muito tempo); em seguida, no que se refere aos efetivos globais da população imigrante, a população argelina na França foi por muito tempo e talvez continue ainda a ser a mais numerosa, sobretudo se incluirmos os franceses de origem argelina que, por isto, não são mais considerados como estrangeiros (é o caso sobretudo, independentemente das naturalizações de adultos, de todas as crianças nascidas na França, a partir de janeiro de 1963). E, enfim, no imaginário coletivo francês - o que não deixa de ter importância, em razão principalmente das relações antes tumultuadas entre os dois países durante toda a história colonial e para além dela -, o fenômeno migratório representa para os dois países um prolongamento desta história.
Ano/Edição	Ano XIII, nº Especial, janeiro/2000
Título	Migrações e retornos: breve história das viagens, lutas, vitórias e sofrimentos de camponeses no nordeste mineiro
Autor/es Resumo	Eduardo Magalhães Ribeiro O objetivo deste artigo é analisar ligeiramente a história de lavradores que viveram experiências de trabalho urbano,

Ano/Edição	<p>rural, fronteira agrícola, exclusão urbana e assentamento. O artigo combina duas fontes de informações. Uma vem da literatura demográfica e histórica; traça o pano de fundo dos deslocamentos dos migrantes e sua lógica. Outra, resulta de pesquisas de campo realizadas em áreas urbanas da Grande Belo Horizonte e áreas rurais do Nordeste mineiro, e busca interpretar as vivências de lavradores. Embora a experiência concreta aqui discutida diga respeito aos assentados do Nordeste mineiro - e a eles e às lições que nos proporcionaram agradecimentos aqui a reflexão procura focar a circularidade entre cidade e campo nas trajetórias de lavradores e a proximidade continuada entre experiência urbana e luta por terra.</p> <p>Ano XIV, nº39, jan-abril/2001. São Paulo</p>
Título Autor/es Resumo Ano/Edição	<p>Imigração coreana: a questão da reemigração e do retorno</p> <p>Rafael Monteiro; Sênia Bastos</p> <p>O presente artigo busca discutir os temas da reemigração e do retorno no processo de imigração coreana no Brasil. Objetiva apresentar a discussão existente na literatura especializada sobre o tema da reemigração e do retorno dos coreanos, bem como as representações de nove imigrantes coreanos sobre esse processo. Constata-se que o contato, mesmo que pequeno, com a cultura brasileira, transformou-os de alguma maneira e, apesar da facilidade advinda da tecnologia que permite a aproximação e a realocação dos vínculos sociais pela família e amigos, o processo continua sendo traumático e doloroso.</p> <p>Ano XXIV, nº 69, jul-dez/2011. São Paulo</p>
Título Autor/es Resumo	<p>Crise econômica e retorno dos emigrantes da microrregião de Governador Valadares</p> <p>Sueli Siqueira; Mauro Augusto Santos</p> <p>O retorno faz parte do projeto migratório. desde o início do movimento de emigração para os EUA, a partir da Microrregião de Governador Valadares nos anos de 1960, muitos têm retornado da aventura migratória, contudo a crise na economia americana resultou num retorno em uma intensidade maior que a normal num fluxo migratório. Este artigo busca compreender as condições desse retorno. a metodologia utilizada foi de cunho qualitativo e quantitativo. Foram aplicadas 237 entrevistas estruturadas em 25 cidades da microrregião em emigrantes retornados no período de 2006 a 2011. Os dados permitem considerar que os</p>

Ano/Edição	<p>emigrantes eram jovens na faixa etária entre 21 e 30 anos, solteiros, e tinham como principal motivo de emigrar ganhar dinheiro, investir na sua cidade de origem e retornar numa situação econômica melhor. O principal motivo do retorno são as condições desfavoráveis para ganhar dinheiro e o acirramento da fiscalização quanto à documentação. a maioria não fez nenhum investimento no Brasil e retorna sem alcançar o projeto inicial. Buscam encontrar espaço no mercado de trabalho, contudo encontram dificuldades, devido aos anos de ausência, a defasagem de conhecimento e a baixa qualificação. Ano XXV, nº70, jan-jun/2012. São Paulo</p>
<p>Título Autor/es Resumo Ano/Edição</p>	<p style="text-align: center;">SAÚDE</p> <hr/> <p>SAÚDoEnça</p> <hr/> <p>Dirceu Cutti Editorial Ano VII, nº 20, set-dez/1994. São Paulo</p>
<p>Título Autor/es Resumo</p>	<p>Saúde do trabalhador: responsabilidade da sociedade brasileira</p> <hr/> <p>Maria Maeno Settimi; Katia Santos Dias de Castro; José Carlos do Carmo</p> <p>o conhecimento da relação entre trabalho e saúde data da antiguidade, se consideramos as observações realizadas pelos “cientistas” ou “sábios” da época. Eram observações que percebiam que determinados tipos de trabalho causavam certas doenças. embora não soubessem explicar com detalhes os mecanismos de produção da doença, Era assim “natural”, por exemplo. que homens que trabalhavam em pedreiras morressem por falta de ar após anos de trabalho. Com o passar dos séculos. os ‘ ‘cientistas” das diversas épocas realizaram investigações. desenvolveram metodologias de análise e, hoje podemos afirmar que a humanidade alcançou conhecimentos relativamente aprofundados sobre a relação saúde-trabalho. No caso acima, sabe-se perfeitamente que o agente causador da lesão pulmonar que resulta em falta de ar é a sílica. e muito se sabe de seu modo de ação no organismo o entanto. esse conhecimento acumulado não tem contribuído automática e proporcionalmente para o bem-estar do trabalhador.</p>

Ano/Edição	<p>notadamente nos países periféricos da economia mundial, como o Brasil. Assim, o fato de se saber que a exposição à sílica leva à silicose, não é suficiente para que não haja mais trabalhadores silicóticos doença pulmonar incurável. que frequentemente leva à morte lenta e sofrida: o fato de se saber até a exaustão que os rumos de chumbo intoxicam, não é suficiente para que se interrompa o processo de produção de trabalhadores intoxicados por chumbo. Para citar casos mais dramáticos- o fato de se saber que prensas sem proteção de sua zona de operação oferecem grandes riscos, e fazem parte das máquinas que mais amputam dedos e mãos, não impede que as fábricas continuem produzindo mutilados e até mortos. E o que dizer dos trabalhadores da construção civil que caem dos prédios em construção? É a crônica da morte anunciada.</p> <p>Ano VII, nº 20, set-dez/1994</p>
Título Autor/es Resumo	<p>Medicina alternativa – a experiência da diocese de Ji-Paraná</p> <p>Mari Solange Cella</p> <p>Diocese de Ji-Paraná abrange o centro-leste do Estado de Rondônia e O extremo oeste de Mato Grosso, perfazendo uma área de 250.000 km². É uma região de ocupação recente, cuja população é formada, na sua grande maioria, de migrantes vindos das mais diversas regiões do país. Foram atraídos por propagandas dos governos e incentivados por planos económicos criados para, entre outras razões, desafogar as tensões sociais do sul do Brasil. A década em que mais chegaram migrantes foi a de 80, cerca de 938 mil, porém as cidades tiveram sua maior taxa de crescimento na década de 70. Mato Grosso e Rondônia são Estados periféricos num país doente, As cidades se enchem de pessoas expulsas do campo, forçadas pela concentração de terras nas mãos de um pequeno grupo de latifundiários, pela falta de infraestrutura rural, escolas, postos de saúde, estradas, preços nos produtos. Abandonam os lugares onde moravam ou a posse que mantinham, trabalhando como meeiros, posseiros ou assalariados, quando não em regime de escravidão, em condições de miséria. Vêm para a cidade, em busca de vida melhor. Chegando às cidades, nem sempre encontram lugar e teto, passando a viver em locais subumanos, sofrendo coma falta de saneamento básico, desemprego, alto custo de vida, fornecimento precário de energia, taxas exorbitantes de luz e água, IPTU, transporte coletivo. Aí, não são mais lavradores,</p>

Ano/Edição	tampouco, operários. Muitas famílias mantêm seus filhos na cidade e os pais vivem num constante vai e vem entre as zonas rural e urbana, à procura de trabalho. Nessas condições de vida, saúde é muito mais que assistência médica, é luta pela conquista de vida digna. Ano VII, nº 20, set-dez/1994
Título Autor/es Resumo	Migrações sazonais e saúde do trabalhador Ivan Targino; Emília Moreira; Gláucia Ieno; Tereza Mitsunaga As análises aqui realizadas estão baseados e colhidas em três municípios da zona canavieira paraibana, a saber: Pedras de Fogo, Caaporá e Sapé. Durante o trabalho de campo, ficou ressaltada a importância dos fluxos migratórios sazonais para a formação da oferta de trabalho durante o período de colheita da cana-de-açúcar. Essa constatação levou a equipe se deter com mais cuidado sobre a questão, ampliando os propósitos iniciais. Esse artigo compreende quatro itens. No primeiro, discute-se a formação dos fluxos sazonais e sua importância sócio econômica. No segundo, apresenta-se um quadro geral das condições de trabalho e de vida desses trabalhadores. No terceiro analisa-se os principais fatores do desgaste dessa força de trabalho que afetam suas condições de saúde. O último item contém propostas e encaminhamentos que visam contribuir para a correção dos agravos à saúde dos trabalhadores de galpão.
Ano/Edição	Ano VII, nº 20, set-dez/1994
Título Autor/es Resumo	Aspectos psicossociais da saúde do trabalhador Edith Seligmann-Silva Neste artigo, trataremos principalmente da saúde em sua dimensão psicossocial. Mas convém esclarecer desde logo que é impossível separar saúde psicossocial de saúde física, assim como é impossível dissociar corpo e mente. O sofrimento humano é um só: o que atinge o corpo, atinge a vida mental e a sociabilidade, sendo que a recíproca também é verdadeira. Os impactos da migração sobre a saúde mental de quem vem trabalhar em terras estranhas é um assunto antigo e bastante polêmico. Inicialmente era considerado que a migração sempre acarretava ataques à identidade e determinava vivências de insegurança, ocasionalmente perturbações vinculadas a estas vivências e a sentimentos de perda e/ou de medo do desconhecido. Mais recentemente, verifica-se que a situação política,

Ano/Edição	<p>socioeconômica e familiar em que se processa a migração e a inserção em um novo contexto apresentam diferenças que se tornam decisivas para o grau de receptividade e segurança que serão vivenciados pelo migrante. A acolhida e as perspectivas percebidas com maior clareza quanto ao futuro são elementos cruciais. Então, a aceitação obtida pelo trabalhador que ingresse constituirá fator de grande importância para sua saúde psicossocial e para o desenvolvimento de uma nova vida.</p> <p>Ano VII, nº 20, set-dez/1994</p>
Título	<p>Tu tem olhado, quebranto? a medicina popular no contexto urbano</p>
Autor/es Resumo	<p>Maria Cecília Dias de Miranda; Marta Valéria Capacla</p> <p>objetivo deste artigo] é o de apresentar as principais características das práticas dos benzedores, situando esses agentes de cura enquanto especialistas da Medicina Popular, que combinam um saber tradicional a respeito dos cuidados com a saúde, com elementos da religiosidade popular. Os benzedores distinguem-se pela capacidade da cura, porque conforme afirmam possuem um dom, uma capacidade dada por Deus de colocar a seu favor forças “mágicas” presentes na essência do universo. Em outros termos o benzedor serve também como intermediário na relação entre o indivíduo e o sagrado, podendo, portanto, suplicar a providência divina nos casos de doença e necessidade de proteção espiritual. Para contextualizarmos as benzeduras no meio urbano, devemos verificar o espaço que essa prática ocupa no Sistema de Saúde. Podendo dividir esse sistema em dois subsistemas: - o não-institucionalizado (compreende a Medicina Popular, Medicina Alternativa) e o subsistema institucionalizado (compreende a Medicina Oficial -aquela ensinada nas universidades e praticada nos hospitais e unidades básicas de saúde). Será no subsistema não institucionalizado o lugar onde as benzeduras enquanto exemplo de Medicina Tradicional e Terapia Religiosa irão constituir seu campo de atuação e legitimidade. A Antropologia hoje procura entender todas essas atividades como sendo práticas de saúde atualíssimas, legítimas, extensamente praticadas no meio urbano e procuradas não apenas em razão do fator econômico e das dificuldades de acesso ao sistema oficial de saúde: os usuários escolhem seus itinerários terapêuticos principalmente em função de fatores culturais.</p>
Ano/Edição	<p>Ano VII, nº 20, set-dez/1994</p>

Título	As condições de saúde nos assentamentos do estado de São Paulo – uma abordagem preliminar
Autor/es Resumo	Luana Carandina No período de 1988 a 1992, equipes multiprofissionais de pesquisadores da UNESP realizaram um amplo projeto denominado ‘ Análise e Avaliação dos Projetos de Reforma Agrária e Assentamentos no Estado de São Paulo’. O objetivo era conhecer a realidade de vida e trabalho de uma população rural do Estado que tinha características próprias quanto a sua instalação nas terras, suas formas de organização, seu acesso e grau de participação no sistema de produção agrícola. O estudo das condições de saúde destes trabalhadores e de suas famílias foi um dos projetos específicos desenvolvidos dentro do projeto maior. Foram estudados 37 assentamentos em diversas regiões do Estado, que totalizaram 2.820 famílias e 14.092 pessoas. Não foram incluídos no estudo os agrupamentos de famílias em acampamentos e os das áreas de regularização fundiária do Vale da Ribeira, em situação de conflito à época do levantamento.
Ano/Edição	Ano VII, nº 20, set-dez/1994
Título	A busca da saúde na “Sala dos Milagres”
Autor/es Resumo	Zeny Rosendahl Em nossa sociedade, a busca pela saúde, frente aos conflitos e contradições sociais, materializados nos baixos salários, desemprego, falta de condições de alimentação, alto índice de violência e outros, não pode ser compreendida de modo isolado. Convive-se no cotidiano com as carências específicas de determinados grupos sociais e privilégios concentrados em outros grupos socioeconômicos. Na tentativa de universalizar todos os cidadãos para que tenham acesso à moradia, comida, saúde e previdência social, surgem movimentos populares, articulações de agentes envolvidos diretamente com a saúde popular e manifestações político-partidárias em defesa de uma política de saúde no Brasil. Para nós, geógrafos da religião, é possível reconhecer a busca pelas necessidades básicas nos espaços sagrados dos centros de romaria. O devoto é um homem religioso que tem fé e recorre ao sagrado, ao sentir-se ameaçado pelas contingências da vida ou quando se encontra diante do desespero e da inoperância das soluções humanas, procura nas divindades as soluções que deseja. A partir do estudo de caso envolvendo a prática religiosa no catolicismo popular, de “fazer” e ‘ pagar’ ‘ promessas, trataremos dessa

Ano/Edição	intimidade entre o crente e o divino. Constitui-se numa devoção tradicional e bastante comum no espaço sagrado e representa uma manifestação de fé que envolve o devoto e o santo numa relação direta, sem intermediários. Ano VII, nº 20, set-dez/1994
Título	Posto de saúde da Vila Gaúcha – pivô da organização comunitária
Autor/es	Flávio Helmann; Celsa Zucco; Erwin Hunter
Resumo	Fazemos aqui um relato da experiência de Ação Social Pastoral desenvolvida na Vila Gaúcha. uma das várias Vilas Populares de Porto Alegre, pelas Irmãs Carlistas da Província Imaculada Conceição, vinculadas ao Hospital Mãe de Deus. O trabalho junto a esta Vila organiza-se a partir de uma equipe multidisciplinar e efetiva-se através de lideranças comunitárias, abrangendo três áreas básicas: Saúde, Evangelização e Ação Social. Entretanto, a área da saúde constitui-se no eixo irradiador donde decorrem as demais ações.
Ano/Edição	Ano VII, nº 20, set-dez/1994
Título	Quando a razão se impõe, a barbárie é o caminho
Autor/es	Heinz Dieter Heidemann
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XVIII, nº 53, set-dez/2005. São Paulo
Título	O pathos no deslocamento: terreno de estranheza e psicose
Autor/es	Ademir Pacelli Ferreira
Resumo	Em recente novela, Glória Peres (TV globo-2005) retoma a atual questão da migração na sua vertente da clandestinidade e do tráfico humano, que representa uma atividade altamente lucrativa para as gangues. A autora privilegiou a ficção migrante tecida nos fios do sonho da América, na qual uma jovem ingênua tenta realizar um desejo fixado na infância. Nesta posição regressiva, nem mesmo a língua do país imaginário ela aprendeu. O Golden Gate que embalou a esperança de milhões de europeus no passado, é agora buscado através de arriscadas travessias tangidas pelos coiotes e tocaiadas pela polícia de controle. Independentemente da área de estudos, a questão do migrante, da loucura e a discussão das práticas psiquiátricas despertam grande interesse, já que são dimensões humanas fortemente inscritas no imaginário social. A experiência psicopatológica, o desatino, o sofrimento

psíquico, não são indiferentes a ninguém. Mas este lugar especial da loucura na existência humana, foi obliterado a partir da modernidade que decidiu excluí-la e segregá-la com a criação dos asilos. Quanto a migração e o migrante, apesar de estarem previstos na própria circulação moderna do capitalismo sem pátria e das cidades abertas, também têm sido objetos da repressão, discriminação e segregação. A abordagem clínica é a referência de construção deste texto, mas nesta, a dimensão do social está sempre incluída e é constituidora do sujeito. Analisaremos uma situação extrema vivida pelo indivíduo em sua trajetória migrante, ou seja, a sua tomada pela psicose e o seu encontro com a instituição psiquiátrica pela via da emergência. A partir da análise do drama do sujeito, das circunstâncias de sua crise e das modalidades de ofertas da sociedade, indicaremos certos desdobramentos sócio-políticos que resultaram destas reflexões. Seguiremos a ideia de que a questão da alteridade, do outro, da diferença, presentifica-se na clínica através de múltiplas formas, onde este outro que nos habita, o inconsciente, produz seus efeitos. A ruptura psicótica e a condição migrante aprofundam a duplicação do sujeito que, ao ser recebido e convidado a falar, poderá ser inserido no campo da relação dialética eu-outro e retomar o fio da comunicação. A partir do drama destes sujeitos, observamos que ao ser colocado no lugar da negatividade pela ótica da discriminação e da segregação, o migrante se torna acuado. Esta situação dificulta o seu intercâmbio com o meio. Historicamente sabemos o quanto tem sido importante esta troca de objetos, de signos e de símbolos para a constituição das referências subjetivas e alterativas (Simmel, 1908).

Ano/Edição

Ano XVIII, nº 53, set-dez/2005. São Paulo

Título

A simbolização das experiências de migração

Autor/es

Taeco Toma Carignato

Resumo

As implicações psicológicas da migração são inúmeras, muito marcantes e vêm obrigando os psicólogos, psicanalistas, psiquiatras e outros profissionais do setor a rever suas atuações. A história, a cultura, a política, enfim, as condições sociais e econômicas, estão cada vez mais presentes na pauta das chamadas áreas 'psi', pois o mundo interior do sujeito humano — não apenas do sujeito migrante — é constituído pelas suas relações com o mundo exterior, ou seja, pelas relações sociais, políticas, econômicas e culturais. Mesmo o conceito

psicanalítico de inconsciente, visto até a poucas décadas como entidade autônoma e a-histórica no sujeito humano, ganha novas dimensões nas reflexões dos psicanalistas inseridos na dimensão política — na verdade, todos estão inseridos mas nem todos aceitam essa realidade — da condição humana. E é com esta posição, a de que o inconsciente é social, que vou tratar, neste artigo, das incidências psíquicas da migração no sujeito migrante. Uma das primeiras questões que aparecem quando abordamos os problemas decorrentes da migração é o sentimento de desamparo — muitas vezes não reconhecido e não aceito — que o migrante experimenta em seu processo de mudança de país, de língua, de cultura, ou mesmo de uma região à outra no mesmo país. Esse sentimento é provocado pelas rupturas afetivas, sociais e culturais que envolvem o migrante, mesmo que ele faça questão das rupturas, partindo, em sua ilusão, na busca de um “novo mundo” que lhe parece promissor, acolhedor, ou mesmo, desafiador. A atração pelo “novo” e as “novidades” que ele passa a ter em sua “nova” existência podem fazer com que ele ignore e renegue as perdas. Pois o migrante perde principalmente o lugar na constelação familiar, social e cultural que ocupava antes de partir, lugar que nunca mais vai reencontrar mesmo que retorne à terra de origem.

Ano/Edição

Ano XVIII, nº 53, set-dez/2005. São Paulo

Título

Migração e implicações psicológicas – vivências reais para o indivíduo e o grupo

Autor/es
Resumo

Sylvia Dantas De Biaggi

Nesse artigo buscamos expor algumas contribuições dos estudos interculturais em psicologia acerca do fenômeno migratório, de forma breve e sucinta, e conceitos com os quais trabalhamos em nossa prática de intervenção psicossocial no Projeto de Orientação Intercultural, desenvolvido na Universidade de São Paulo. Através desse projeto oferecemos orientação e atendimento psicoterápico breve para imigrantes, brasileiros descendentes de imigrantes, brasileiros retornados e brasileiros que vão para fora do país. Os deslocamentos humanos fazem parte da história da humanidade. A busca por outras terras e outros horizontes sempre esteve presente em nossa espécie. Mas o que se busca, o que motiva essa mudança e quais são suas consequências para o indivíduo e o grupo? Em geral temos uma constelação de aspectos envolvidos na

Ano/Edição	<p>migração, incluindo condições macro e microeconômicas, assim como políticas, sociais, culturais, históricas e psicológicas. Dessa forma, não é à toa que estudiosos da migração possam explicar os fluxos migratórios e as razões pelas quais uns saem e outros não, a partir de diversos pontos de vista. Devemos, contudo, lembrar que estamos falando de um fenômeno complexo, um fato social completo e de natureza interdisciplinar (Sayad, 1998).</p> <p>Ano XVIII, nº 53, set-dez/2005. São Paulo</p>
<p>Título</p> <p>Autor/es</p> <p>Resumo</p>	<p>Francisco e sua família – aspectos do percurso terapêutico de um andino em São Paulo</p> <hr/> <p>Berenice Young</p> <p>Este artigo apresenta uma leitura sobre parcelas da história apresentada por um imigrante boliviano, conhecida no contexto de um atendimento terapêutico breve (oito sessões) no Serviço de Orientação Intercultural a imigrantes, descendentes, retornados e emigrantes em potencial do Programa de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da USP. Trata-se de um senhor boliviano de quase 50 anos, paciente identificado como portador de esquizofrenia paranoide', residente em São Paulo há, praticamente, trinta anos e usuário de um CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), que apresentava um quadro de esquecimento da história migratória, da vida no seu país de origem e da sua língua. O mesmo foi encaminhado por um psicólogo que, sensível a questões migratórias, julgou importante um trabalho que levasse em conta a sua imigração, que sempre fora deixada de lado nos tratamentos anteriores. Esse paciente já tivera crises psicóticas, mas vinha se mantendo sem elas há algum tempo, numa situação aparentemente estável, embora apresentando medos e inseguranças quanto à aceitação das outras pessoas. O profissional que o acompanhava, desconfiava do diagnóstico de esquizofrenia, porque o paciente mostrava muita capacidade de transmitir afeto e de se relacionar com seus colegas.</p> <p>Ano XVIII, nº 53, set-dez/2005. São Paulo</p>
<p>Título</p> <p>Autor/es</p> <p>Resumo</p>	<p>“...Estou agora no mundo dos vivos”- elaborando a experiência de migrar</p> <hr/> <p>Laura Satoe Ueno</p> <p>Este trabalho tem por objetivo relatar o processo de intervenção</p>

Ano/Edição	<p>psicossocial com uma brasileira de origem indígena, realizado num Serviço Público de Saúde Mental, onde o filho desta fora inicialmente apresentado como portador da demanda. Analisando as questões familiares psicodinâmicas surgidas, estas revelaram estar relacionadas a experiências migratórias desta mãe e a fenômenos transgeracionais. O espaço terapêutico foi utilizado na elaboração gradual dos conflitos no papel materno, identitários e culturais.</p> <p>Ano XVIII, nº 53, set-dez/2005. São Paulo</p>
Título	Saúde e segurança no trabalho do brasileiro em Massachusetts: a experiência do “Projeto Parceria” (Relato)
Autor/es	Tiago Jansen; Carlos Eduardo Siqueira; Andréia Barbosa
Resumo	Relato
Ano/Edição	Ano XIX, nº 55, maio-ago/2006. São Paulo-SP
Título	Um lugar para uma casa sem chão: escuta psicanalítica de uma família refugiada
Autor/es	Tania Biazoli de Oliveira; Larissa Pretti Costa; Belinda Mandelbaum
Resumo	<p>Este trabalho é fruto de um projeto de extensão universitária que se destinou a atender famílias na Casa do Migrante, albergue que dá acolhida a migrantes recém-chegados à cidade de São Paulo. Interessava-nos oferecer uma escuta psicológica a famílias migrantes, na qual o grupo familiar como um todo pudesse refletir sobre o impacto da migração na dinâmica familiar. Através de uma metodologia de base psicanalítica de atendimento familiar breve, ou seja, em cinco encontros semanais com a família tendo como foco as vivências ligadas ao processo migratório, proporcionávamos um espaço de escuta para que os membros da família pudessem refletir sobre este momento de transição. A proposta era oferecer encontros em que a dinâmica familiar pudesse aparecer e ser pensada conjuntamente, entre os familiares e nós, em torno das dificuldades suscitadas pela migração. Nosso objetivo era compreender a maneira singular como vivenciavam esta situação. Entre as famílias atendidas, destacamos aqui uma família de refugiados colombianos. Primeiramente, compreenderemos o migrante e a família albergada através dos referenciais teóricos que utilizamos neste trabalho, juntamente com as reflexões que só nos foram possíveis a partir de nossa prática. Em seguida, apresentaremos a família</p>

Ano/Edição	refugiada e, então. analisaremos os impactos do refúgio a partir dos encontros realizados conosco. A experiência migratória, marcada por sucessivas perdas, atravessou os encontros em nossa presença; começou com a despedida da terra de origem e terminou com a saída do albergue. Na última parte, destacaremos algumas reflexões sobre o enquadre do trabalho terapêutico familiar como forma de escuta a migrantes recém-chegados. Ano XXI, nº60, jan-abril/2008. São Paulo
Título Autor/es Resumo Ano/Edição	Rompendo fronteiras: os bolivianos e o acesso aos serviços de saúde na cidade de São Paulo Elaine Cristina Camilo da Silva Considerando que o Brasil é meta de migrantes vindos de países latino-americanos, asiáticos, africanos, evidencia-se a pertinência de um estudo sobre essa presença no âmbito das relações assistenciais, também na saúde. De fato, recentes publicações versam sobre a fruição do direito à saúde por estrangeiros (e brasileiros não residentes) na região de fronteira, entre o Brasil e os países do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL). Mesmo pretendendo ser um mercado comum, caracterizado pela livre circulação de pessoas, mercadorias, serviços e capital, no MERCOSUL permanece a ênfase no plano econômico (Dal Prá et al., 2007), porém, gradualmente, desde 1996, o Subgrupo de Trabalho II “Saúde” (SGT II) e a Reunião dos Ministros de Saúde — vêm trazendo para o debate o desafio da prestação dos serviços sociais, entre os quais o da saúde. Como parte desse processo, foi criado o Sistema Integrado de Saúde nas Fronteiras (SIS Fronteiras) ² , coordenado pela Secretaria Executiva do Ministério da Saúde. É um projeto nacional, que envolve todos os estados de fronteira com os países vizinhos da América do Sul, com o objetivo de integrar ações e serviços de saúde na região de fronteira, através de diagnósticos locais de saúde para subsidiar a elaboração do Plano Operacional. Ano XXII, nº 63, jan-abri/2009. São Paulo
Título Autor/es Resumo	Estresse e migração: um olhar a partir da imigração boliviana em São Paulo Lineth Hiordana Ugarte Bustamante; Elisa Brietzke; Raphael de Oliveira Cerqueira Na literatura, a experiência dos migrantes tem sido repetidamente identificada como associada a uma maior

Ano/Edição	<p>vulnerabilidade aos problemas de saúde mental (Foster et al., 2001). Embora não haja evidência epidemiológica definitiva a este respeito, geralmente se admite que a experiência migratória está associada a múltiplos estressores, o que pode prejudicar a saúde mental dos imigrantes (Takeushi et al., 2007). Essas experiências estressantes podem colocar os imigrantes em risco de problemas de saúde mental, como distúrbios depressivos, ansiedade, transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) e a chamada síndrome de estresse múltiplo crônico e múltiplo (síndrome de Ulises), um termo usado por alguns autores para descreva um conjunto de sintomas depressivos, somáticos e de ansiedade derivados da exposição a múltiplos estressores relacionados à experiência migratória (Achotegui, 2000). O objetivo deste estudo foi revisar a literatura disponível sobre exposição a fatores de estresse e fatores associados à vulnerabilidade e resiliência ao estresse das populações imigrantes, bem como descrever a experiência com o caso dos imigrantes bolivianos residentes em São Paulo.</p> <p>Ano XXX, nº 80, jan-jun/2017. São Paulo</p>
------------	--

SOCIABILIDADE

Título	Cotidiano de migrantes
Autor/es	Dirceu Cutti
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XVI, nº 47, set-dez/2003. São Paulo

Título	Urbanismo, urbanização e vida cotidiana
Autor/es	Flávia Elaine da Silva
Resumo	<p>Não é sem dificuldades que se tenta estudar a vida cotidiana. O percurso feito por alguns autores, tais como Henri Lefebvre e os situacionistas, não se deu de maneira suave. Fazer com que a vida cotidiana se constituísse em um campo fértil para os estudos sobre a nossa sociedade, moderna sociedade, sem que se perdesse de vista que o objetivo era a crítica à vida cotidiana não foi tarefa fácil. Inicialmente é preciso chamar a atenção para o fato de que a vida cotidiana se constitui por meio de uma ambiguidade, de um movimento mesmo,</p>

entre a colonização da vida do homem por estruturas sociais de poder - tais como o Estado, o Direito, a Economia - e um resíduo capaz de ler com agilidade este movimento limitador, e em algumas situações ou momentos, com força suficiente para reagir. Dessa forma, a vida cotidiana não chega para nós, hoje, a partir destes autores como algo congelado, não chega por definição, mas como um movimento, de uma vida tornada cotidiana. Significa dizer então que a vida cotidiana possui historicidade, o que não quer dizer necessariamente uma catalogação de pequenos atos e gostos do homem ao longo do tempo. Cotidiano no Egito, Cotidiano no século XVIII, milhões de cotidianos! Não se trata de uma história das curiosidades da vida cotidiana, mas de uma leitura mais potente, reveladora, sobre o mundo do trabalho, da urbanização e da proletarização. Esta historicidade também está relacionada com a possibilidade ou impossibilidade do resíduo se apresentar como elemento ativo e transformador da sociedade, pois nem todos os períodos históricos guardam em si a potência de transformação.

Ano/Edição

Ano XVI, nº 47, set-dez/2003. São Paulo

Título

Entre cotidianos: imigrantes africanos em Lisboa

Autor/es
Resumo

Neusa Maria Mendes de Gusmão

A trama histórica de Portugal e África e de seus relacionamentos, sempre se fez por diferentes caminhos, cujos indícios permitem compreender o cotidiano de sujeitos migrantes e diversos postos em relação. O caso dos moradores de um bairro degradado, a Quinta Grande, um bairro de lata da Freguesia da Charneca e, até final dos anos 90 do século XX, periferia da cidade de Lisboa, é exemplar. Hoje, a Quinta Grande não mais existe, posto que, em maio de 2001, seus moradores foram realojados num bairro de Habitação Social¹² (HS), ou bairro social como são chamados. O bairro social foi construído em área próxima ao antigo bairro, agora demolido e, é parte de um grande complexo habitacional de natureza mista — realojamento e condomínios particulares — chamado Alta de Lisboa. Expressão do avanço e modernização urbana sobre áreas de ocupação mais rarefeita, o bairro social é, também, expressão das chamadas políticas sociais originadas em razão da migração extra-comunitária, vista como problemática para os planos da União Europeia. Entre os dois momentos da existência da Quinta Grande e seu fim, histórias e vidas foram alteradas, configurando os nexos de um

Ano/Edição	foi empregue como colonos nas fazendas de café, mas o núcleo urbano, antes incipiente, não deixou também de se desenvolver no atendimento às necessidades comerciais, industriais e de serviços que a economia cafeeira requisitava (Truzzi, 2000). Ano XVI, nº 47, set-dez/2003. São Paulo
Título	Da acolhida solidária à hospitalidade comercializada: o turismo na Chapada Diamantina
Autor/es	Francisco Emanuel Matos Brito
Resumo	Neste artigo, além de realizamos uma breve retrospectiva histórica sobre a viagem e o turismo, também abordamos as mudanças experimentadas pela acolhida e pela hospitalidade tanto nos primórdios da viagem e a partir do advento do turismo, quanto na análise de uma situação concreta, tomando como exemplo a Chapada Diamantina. Na sua conotação religiosa a acolhida dos visitantes por parte dos hospedeiros se configurava num ato de bondade ou caridade. Mas, com o passar do tempo e com as mudanças ocasionadas nos costumes, alterações significativas se farão presentes nos vínculos estabelecidos entre os visitantes e visitados. Vale dizer que as viagens começaram sob a forma de peregrinações e “todas as religiões estimularam as viagens na crença de que são boas para a alma” (Zeldin, 1996, p.272). Mesmo durante as peregrinações, a relação entre visitantes e visitados nem sempre se pautava pela relação de solidariedade, transformando-se, muitas vezes, num encontro marcado por pesadas doses de comercialismo e exploração.
Ano/Edição	Ano XX, nº58, maio-ago/2007. São Paulo
Título	Meu irmão Adauto (Relato)
Autor/es	Ethel Kosminsky
Resumo	Relato
Ano/Edição	Ano XXVIII, nº 76, jan-jun/2015. São Paulo
TEMPORALIDADES E ESPAÇOS	
Título	Tempos e espaços
Autor/es	José Guilherme Cantor Magnani
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano VI, nº 15, jan-abril/1993. São Paulo

Título	Entre o rural e o urbano
Autor/es	Maria Cristina Silva Costa
Resumo	Migrantes rurais em expressiva maioria, os trabalhadores rurais temporários residentes em Ribeirão Preto/SP contam histórias de vidas retirantes dos que, em outros tempos, encontraram terra, trabalho e morada interligados e relacionados com a família. sob formas diversas. Do espaço e tempo que a memória reconstrói emergem as recordações do roçado e da criação de subsistência, incluídos nas relações tradicionais de colonato, do “trabalho independente”, da autonomia de ‘plantar na própria terra”. Nostálgicos, confrontando com as privações da vida atual, falam de um tempo de vida saciada, em que “a gente comia bem, morava em casa melhor, de tijolo, casa de fazenda”. A reconstrução imaginária do passado exclui conflitos e privações, seleciona atributos que alimentam a saudade da vida farta, do trabalho recriado em liberdade de “poder parar para descansar numa sombra e ouvir um passarinho cantar”. Os aspectos cooperativos e familiares do trabalho, vínculos afetivos, solidariedade e autonomia são enfatizados.
Ano/Edição	Ano VI, nº 15, jan-abril/1993. São Paulo
Título	Tempo de itinerância e espaço apropriado nos cerrados à Oeste
Autor/es	Francisco Emanuel Matos Brito
Resumo	Até a década de 60 a região Oeste da Bahia apresentava como principal atividade econômica a pecuária extensiva praticada pelos latifúndios, secundada por uma agricultura de subsistência presente nos minifúndios, consubstanciada nos cultivos de milho, feijão e arroz, aliada a uma pequena criação. Neste período a região em foco permanece praticamente isolada da Capital, das demais regiões do estado da Bahia e das áreas mais dinâmicas do país, como se fosse um espaço que se preservava e ao mesmo tempo aguardava a presença do capital agro-industrial com todo o seu séquito de transformações sobre as relações pré-existentes. O final dos anos 60 até a década seguinte. fará com que o tempo que até então passava lentamente, registrando mudanças quase imperceptíveis no espaço regional, ganhe uma velocidade significativa para poder acompanhar o rápido processo de transformações que se farão presentes a partir da instalação do 4º BEC-Bata1hão de Engenharia de Construção (I) o qual se encarregará da construção das rodovias BR-020 (Barreiras-Brasília) e BR-

Ano/Edição	242 (Barreiras-Salvador), que, atualmente cortam a região. Verifica-se, então, a implantação do perímetro irrigado pela CODEVASF nos municípios de Barreiras e São Desidério, que atrairá as empresas da construção civil; a implantação de projetos de reflorestamento e de destilarias com vistas ao Pró-Álcool e, finalmente, mas não menos importante, ocorre a vinda de empresários rurais da zona cacaueteira, de outras regiões do estado e fazendeiros pernambucanos que implantaram projetos agro-pecuários nas áreas de vale com recursos creditícios do FINOR, SUDENE e Banco do Nordeste. Ano VI, nº 15, jan-abril/1993
Título	Representações da liberdade...
Autor/es	Lúcia Helena de Oliveira Cunha
Resumo	Dizer do tempo do pescador artesanal é. antes demais nada, aludir às temporalidades que regem a vida social - aos diferentes ritmos humanos que marcam a história em cada época e lugar. Ao contrário do que é comumente suposto no imaginário ocidental dominante, o tempo não é algo físico - cronológico e linear -, posto pela ordem da natureza, como uma dimensão que se fixa de fora – por medidas externas -, independente dos homens. Como uma criação cultural, o tempo é, na verdade, imprimido, vivido e representado de modo peculiar em cada contexto histórico-social. Segundo observa Castoriadis, “cada sociedade tem sua maneira própria de viver o tempo, mas: cada sociedade é também uma maneira de fazer o tempo e de o fazer ser o que significa: uma maneira de se fazer ser como sociedade’ 1982:243). Assim, a categoria tempo - inscrita na ordem social ou da cultura - consiste em um importante indicador da rede de relações sociais prevaiente numa determinada sociedade.
Ano/Edição	Ano VI, nº 15, jan-abril/1993
Título	A cidade sem infância no universo pioneiro da soja
Autor/es	Odetta Carvalho de Lima Seabra; Sérgio Manuel Merêncio Martins
Resumo	Este ensaio reporta-se a uma cidade formada em área de recente expansão da soja. Cidade sem infância, ou, o que equivale dizer, cidade que nasce adulta, porque inscrita na lógica reprodutiva do capital financeiro internacional. Trata-se do núcleo urbano de Chapadão do Sul, no estado do Mato Grosso do Sul, cuja ocupação, a partir do início dos anos 70, é vivida por um movimento pioneiro

de gaúchos. oriundos principalmente de municípios como Ijuí, Erechim, Palmeira das Missões, Santo Augusto, entre outros. Famílias inteiras, grande parte delas de extração rural, lançaram-se a esta terra de horizontes desmesurados e nela implantaram um mundo febril. Estes pioneiros se autodescrevem como desbravadores... e de fato o são.

Ano/Edição Ano VI, nº 15, jan-abril/1993

Título **As cidades dos bóias-frias: o desdobramento do poder e controle da empresa**

Autor/es
Resumo

Maria Aparecida de Moraes Silva

Nas últimas décadas, o processo de urbanização na região agrícola de Ribeirão Preto (São Paulo) tem-se caracterizado por um forte crescimento demográfico tanto das cidades médias como daquelas cognominadas cidades-dormitórios, habitadas por trabalhadores rurais, conhecidos como boias-frias. Estas últimas, além dos migrantes rurais da região, receberam, neste período, um contingente enorme de trabalhadores provenientes de outras partes do país, principalmente do nordeste, norte do Paraná e Vale do Jequitinhonha (M. Gerais). Através dos dados estatísticos, tem-se observado que estas cidades tiveram um crescimento demográfico, em alguns casos, superior à média do Estado. nos últimos anos. O objetivo deste artigo não é o de se concentrar na explicação do processo de urbanização desta região. Propõe-se analisar as cidades habitadas pelos trabalhadores rurais como espaços sociais, isto é, como espaços socialmente diferenciados.

Ano/Edição

Ano VI, nº 15, jan-abril/1993

TRABALHO

Título **Mineiros no corte da cana na Região de Ribeirão Preto (SP)**

Autor/es
Resumo

José Giacomo Baccarin; José Jorge Gebara

Neste trabalho, procuramos estudar a migração sazonal para a região canavieira de Ribeirão Preto, de trabalhadores do Vale do Jequitinhonha. Verificamos suas condições de vida e trabalho, tanto na região de origem (o Vale), como na região de destino (a região de Ribeirão Preto). Comentamos também as

Ano/Edição	relações dos sazonais com os boias-frias da região de destino, especialmente de suas reivindicações por melhores condições de trabalho na cana-de-açúcar. Ano I, nº 1, maio-ago/1988. São Paulo
Título	Trabalhadores agrícolas temporários em luta pelo contrato único de trabalho
Autor/es Resumo	Oficina de Asistencia Social de la Iglesia - OASI Quando se fala de produção agrícola na Bolívia, quase se faz referência à cana-de-açúcar, algodão, arroz, que na zona oriental do país se desenvolveu intensamente a partir da Revolução Nacional de 1952. Diversificar a economia, substituir as importações e ampliar a fronteira agrícola foram os objetivos gerais propostos, encomendados à velha oligarquia feudal e à nova burguesia capitalista. A realização desses objetivos foi complementada com a mão de obra barata ... [dos migrantes]. O artigo propõe discutir esse processo de “desenvolvimento” e apontar para as capacidades de reação dos trabalhadores a partir de suas lutas e organização sindical.
Ano/Edição	Ano I, nº 1, maio-ago/1988. São Paulo
Título	“O trabalho dignifica o homem”, “o trabalho escraviza o homem”
Autor/es Resumo	Editorialistas de Travessia Editorial
Ano/Edição	Ano III, nº 8, set-dez/1990. São Paulo
Título	Como expulsar o camponês do proletário
Autor/es Resumo	Maria Aparecida de Moraes Silva Neste texto, nosso objetivo, será o de apreender os camponeses ² migrantes não como mera força de trabalho pronta, massa transformada, massa isomorfa para o capital. Busca-se a rejeição da passagem imediata da condição camponesa para a de proletário, como se se tratasse de um passe de mágica imposto e determinado pelo capital. Mesmo que, teoricamente, as unidades camponesas venham a “funcionar” como exército de reserva para esta agricultura capitalista, há que se considerar que a mutação do camponês em força de trabalho, logo, a mutação em trabalhador alienado, em tempo de corpos vai se delineando segundo retrabalho, insere-se num processo longo, necessariamente histórico, pleno das relações capitalistas. de meandros e sutilezas nem sempre visíveis e reconhecíveis.
Ano/Edição	Ano III, nº 8, set-dez/1990. São Paulo

Título	“Saúde e trabalho”: as especificidades do urbano e do rural
Autor/es	Lúcia Couto
Resumo	Neste artigo pretendemos discutir a forma dominante de tratar a relação SAÚDE E TRABALHO, elaborada segundo as necessidades específicas do universo urbano-industrial. O modelo médico que se desenvolveu de acordo com os interesses da burguesia industrial, tem se prestado a garantir a produtividade industrial e reforçar a dominação ideológica, ao mesmo tempo que excluiu de suas prioridades, os problemas de saúde dos trabalhadores rurais. Nosso propósito nesse estudo é discutir, desde uma perspectiva crítica, as concepções e práticas dominantes em medicina do trabalho, evidenciando seus limites de operacionalização e eficácia no que tange ao controle da nocividade do trabalho fabril, e principalmente, sua inaplicabilidade ao universo de trabalho rural.
Ano/Edição	Ano III, nº 8, set-dez/1990. São Paulo
Título	Trabalho por conta própria: sonho dos migrantes?
Autor/es	Marilda Aparecida de Menezes
Resumo	Em pesquisa realizada com migrantes residentes em São Paulo nos anos de 1982-84, verificamos que o desejo de trabalho por conta própria estava presente na maioria deles. Em geral atribuíam a esta atividade a possibilidade de ganho maior do que o salário fixo, além de lhes permitir liberdade, tendo em vista ser esta uma relação de trabalho sem a presença do patrão elou chefe, sem horários fixos e outras regras próprias da relação de trabalho assalariada. Constatamos que este desejo não representa algo abstrato, que só se expressa no pensamento do migrante, mas a importância do trabalho por g conta própria é evidente na realidade urbana, seja em capitais do Nordeste ou nas grandes metrópoles do Sudeste, como São Paulo e Rio de Janeiro.
Ano/Edição	Ano III, nº 8, set-dez/1990. São Paulo
Título	Paraíba e baianos: órfãos legítimos da cidade
Autor/es	Durval Muniz de Albuquerque Jr.
Resumo	Neste artigo abordaremos um dos aspectos até hoje negligenciados pela literatura que trata da história do migrante nordestino nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, ou seja, como entender historicamente a formação de estereótipos os mais contraditórios em torno destes migrantes na Região Sudeste e como estes contribuíram ou não para a inserção do trabalhador de origem nordestina no mundo do trabalho, mais particularmente como contribuíram para estes se identificarem

Ano/Edição	<p>ou não com a classe operária dessas cidades. Faremos pois, muito mais uma discussão com a historiografia sobre a formação da classe operária no Brasil pós 1930, que também foi responsável pela veiculação de uma série de estereótipos sobre o trabalhador de origem rural e migrante e ao mesmo tempo negligenciou em seus trabalhos os conflitos internos à própria classe, o seu processo de formação, entre estes, os provocados por preconceitos quanto a origem regional, étnica e social dos elementos recém incorporados ao mercado de trabalho.</p> <p>Ano III, nº 8, set-dez/1990. São Paulo</p>
Título Autor/es Resumo Ano/Edição	<p>Trabalho e propriedade: cem anos de ensino social da Igreja</p> <p>Inácio Neutzling</p> <p>No próximo ano celebra-se o centenário da encíclica Rerum Novarum (Das Coisas Novas) promulgada por Leão XIII a 15 de maio de 1891. Trata-se da primeira encíclica do que será denominado alternadamente de Doutrina ou Ensino Social da Igreja. A Doutrina ou Ensino Social da Igreja é a sistematização da reflexão que a Igreja faz, à luz do Evangelho, sobre a realidade social, política econômica e cultural da sociedade. Neste trabalho analisamos, de maneira sucinta, a evolução do Ensino Social da Igreja a partir da articulação propriedade e trabalho, conceitos chave no magistério social da Igreja. Distinguiremos duas etapas na evolução do Ensino Social da Igreja: O Ensino Social da Igreja no pré-concílio e o Ensino Social da Igreja no pós-concílio</p> <p>Ano III, nº 8, set-dez/1990. São Paulo</p>
Título Autor/es Resumo Ano/Edição	<p>Trabalho escravo – um relato de casos (Denúncia)</p> <p>Maria Cristina Vannucchi Leme</p> <p>Relato</p> <p>Ano III, nº 8, set-dez/1990. São Paulo</p>
Título Autor/es Resumo Ano/Edição	<p>Prefixos na contramão</p> <p>Dirceu Cutti</p> <p>Editorial</p> <p>Ano VI, nº 16, maio-ago/1993. São Paulo</p>
Título Autor/es Resumo	<p>Espaço de reprodução do trabalho informal, Estado e classes sociais</p> <p>Elson L. S. Pires</p> <p>É no início dos anos oitenta que surgem os principais</p>

Ano/Edição	<p>questionamentos contrários ao entendimento do «setor informal» como setor «marginal», «autônomo» de «fácil entrada» etc., como foi concebido na discussão dos anos setenta (I). É também nesse período que surge no Brasil um interesse maior por parte de pesquisadores das regiões mais desenvolvidas do país pelo tema, antes estudado apenas como um «problema do Nordeste», principalmente em cidades como Salvador e Recife. Neste artigo, procura-se destacar alguns aspectos da dinâmica conceitual e metodológica das discussões mais recentes, embasadas na questão das relações de trabalho por conta própria informal-autônomo e do assalariado-ilegal sem registro em carteira, como aproximações ao que aqui se considera como um fenômeno da «informalização» e «ilegalização» do mercado de trabalho no Brasil. Em outros contextos, estas relações foram e são tidas como «trabalho precário» «subemprego», ou mesmo como formas de «desemprego oculto pelo trabalho precário», o que mostra a complexidade da discussão teórico-metodológica e da articulação empírica que o tema exige.</p> <p>Ano VI, nº 16, maio-ago/1993. São Paulo</p>
------------	--

Título	Ambulantes do Largo 13
Autor/es	Bettina Duarte Monteiro; Rosimeire Guidoni; Tânia Barbosa Andreatta
Resumo	<p>Largo 13 de Maio, São Paulo. De início, uma confusão assustadora. Vozerio, música alta, gente andando rapidamente, ônibus, um moleque passa correndo. Seguro a bolsa com mais força. Alguém grita “a polícia!”. Puxo a bolsa mais perto do corpo. Não acontece nada. Vou andando no meio da multidão. Trombo no sujeito da frente, que pára olhando algo, resmungando e continuamos. Servindo de moldura a tudo isso, as barracas. Dezenas. Oferecendo de tudo: artigos eletroeletrônicos, importados, calcinhas, comidas, bebidas, roupas, jogos ilegais, brinquedos, bolsas. Uma profusão de sons e imagens. Devagar, percebo que a aparente caoticidade possui ordenação interna, lógica própria, num espaço quase completamente voltado para o trabalho. Movimentando grande quantidade de dinheiro todos os dias misturando economia formal e informal nem sempre harmonicamente, o Largo vai se delineando. As mercadorias são as mesmas no quiosque montado pela prefeitura, ou na barraca improvisada, coberta de plástico amarelo e furado. Deixo de olhar as mercadorias para olhar os vendedores. São ex-faxineiras, ex-garçons, ex-operários,</p>

Ano/Edição	<p>ex-profissionais liberais: desempregados. _Aquele que não foi marreteiro a vida inteira é um ex-qualquer coisa. Atualmente no mercado de reserva, faz bicos para sobreviver. Cercando: as lojas. Obscurecidas pelas barracas. O comércio tradicional declara verdadeiras guerras aos ambulantes na vã esperança de empurrá-los para longe. Na luta pelo espaço, as lojas tentam dirimir a “concorrência desleal” e os ambulantes tentam resistir. Neste shopping center a céu aberto, ninguém ganha a guerra. Quem são os ambulantes? Quem são esses comerciantes informais que resistem à formalidade do modo capitalista de produção? Qual sua relação com o grupo e com outros grupos? Qual o pedaço do ambulante? O que esse estudo pretende, na medida do possível, é dar um pouco de luz a estas questões.</p> <p>Ano VI, nº 16, maio-ago/1993. São Paulo</p>
Título Autor/es Resumo Ano/Edição	<p>A evolução recente do mercado de trabalho na grande São Paulo</p> <hr/> <p>Leila Tendrih; Sinésio Pires Ferreira</p> <p>crise econômica por que passa o país, acentuada a partir de 1990, teve intensos reflexos no nível de emprego e causou alterações importantes no mercado de trabalho em termos dos setores econômicos responsáveis pela absorção da força de trabalho, das estratégias de sobrevivência da população e dos níveis de rendimentos por ela auferidos. Para tentar avaliar a intensidade dessas mudanças e seus impactos sobre o conjunto dos trabalhadores da Grande São Paulo, serão utilizados os dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), desenvolvida pela Fundação Seade (Sistema Estadual de Análise de Dados) em conjunto com o Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), que é realizada desde 1984 para a Região Metropolitana de São Paulo (RMSP).</p> <p>Ano VI, nº 16, maio-ago/1993. São Paulo</p>
Título Autor/es Resumo	<p>Psicopatologia da recessão e do desemprego</p> <hr/> <p>Edith Seligmann Silva</p> <p>Nos períodos de recessão o sofrimento social, o sofrimento físico e o sofrimento mental geralmente são indissociáveis, muito embora muitas vezes tenham sido estudados em forma compartimentada e reducionista. Brenner e Mooney (1982) investigaram como as mudanças econômicas, tanto nas fases de crescimento quanto nas de recessão, têm afetado</p>

a saúde humana e, de modo especial, a saúde mental e a mortalidade por doenças cardiovasculares. O desemprego, por mais paradoxal que isso possa parecer, em verdade tem merecido pesquisas mais abrangentes e detalhadas nos países ricos do que no Brasil. Assim, um recente - estudo realizado na Holanda examinou importantes aspectos psicossociais relacionados com os reflexos do desemprego sobre a saúde coletiva, identificando alguns fatores estressantes relacionados com a deterioração da saúde e diferenciando-os segundo contexto urbano e contexto rural. Nos países onde as condições de trabalho e a organização do mesmo tem tido repercussões fortemente negativas para a saúde dos empregados, são especialmente importantes as desvantagens que se apresentam para os trabalhadores considerados como não qualificados. Enquanto se desenvolve a escalada mundial do desemprego, duas observações que vêm emergindo de diferentes investigações devem ser de início aqui assinaladas. Ambas dizem respeito à questão da correlação desemprego e alterações da saúde. Em primeiro lugar tem havido concordância em relação ao fato de que os riscos de desemprego aumentam para as pessoas que já apresentam manifestações de desgaste psíquico ou psico-orgânico. Em segundo lugar, existe um risco maior de que o desemprego assuma longa duração para estas pessoas, pois as alterações de saúde resultam em desvantagem na concorrência às vagas do mercado de trabalho.

Ano/Edição

Ano VI, nº 16, maio-ago/1993. São Paulo

Título

Economia informal e formação humana

Autor/es
Resumo

Nilton B. Fischer

A sobrevivência de homens e mulheres, migrantes e moradores das periferias urbanas no Brasil, vem dependendo cada vez mais de atividades produtivas do setor informal da economia. Conforme Médici e Souza Aguiar, “entre 1980 e 1990, a renda per capita brasileira caiu 6% em meio ao recrudescimento da inflação, desemprego e da crise fiscal do Estado. O setor informal do mercado de trabalho teve expressivos aumentos, num contexto onde as más condições de vida urbana se intensificaram ao sabor da violência e do explosivo crescimento das aglomerações de baixa renda’ (I). Neste artigo pretendemos fazer uma análise preliminar sobre a apropriação de categorias da economia pelos participantes dos projetos de educação popular (que têm se desenvolvido

Ano/Edição	em Porto Alegre, nos últimos cinco anos, com mulheres catadoras/recicladoras), suas relações com a ecologia, bem como o papel do Estado nesse processo. Ano VI, nº 16, maio-ago/1993. São Paulo
Título	Multidões sob controle
Autor/es	Frederico de Castro Neves
Resumo	Nos períodos de estiagem no Nordeste, é comum a criação, pelo governo, de frentes de trabalho. O nome pode mudar - Frentes de Emergência, Frentes de Serviço, Bolsões da Seca, etc. - mas não o seu caráter: a formação de núcleos “artificiais” de trabalho nos períodos em que a economia local se vê desestruturada. A análise desta questão tem, normalmente, seguido os mesmos princípios de organização das frentes, ressaltando sua função assistencial e sua importância na manutenção do sistema econômico como um todo. Daí as críticas acadêmicas se concentrarem na eficácia produtiva ou no direcionamento social das obras executadas, reforçando os protestos sindicais a respeito das condições de trabalho, salários, etc. Gostaríamos de abordar um aspecto pouco enfatizado por estas análises: as frentes como parte de um conjunto de dispositivos disciplinares que buscam incorporar o trabalhador pobre ao universo da produção de mercadorias, ao ritmo intenso e frenético da divisão do trabalho, ao tempo linear do patrão. Para isso é necessário introjetar neste homem as noções fundamentais de trabalho produtivo e de tempo útil.
Ano/Edição	Ano VI, nº 16, maio-ago/1993. São Paulo
Título	O sonho, a nova técnica e a nova ética
Autor/es	Heinz Dieter Heidemann
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano VII, nº18, jan-abril/1994. São Paulo
Título	Produção flexível – seus reflexos sobre o trabalho e o território
Autor/es	Hermes Magalhães Tavares
Resumo	Os economistas capitalistas desenvolvidas passam, desde os anos 70, por acentuados processos de reestruturação, que repercutem no espaço territorial, com implicações, igualmente, na mobilidade da torça de trabalho. Esses processos, evidentemente, ocorrem no âmbito das estratégias de ajuste face à crise do capitalismo, que atravessa as últimas duas décadas. Neste texto, propomo-nos tratar desses

Ano/Edição	aspectos da reestruturação econômica nos países centrais e dos reflexos mencionados. Ano VII, nº18, jan-abril/1994. São Paulo
Título	Novas tecnologias para que?
Autor/es	Suzanna Sochaczewski
Resumo	No Brasil, há mais ou menos dez anos, sindicatos, comissões de fábrica, o Dieese e, mais recentemente, as Centrais Sindicais vêm estudando, discutindo e negociando a introdução de inovações tecnológicas. O fato das chamadas novas tecnologias fazerem parte do cotidiano de fábricas e escritórios dá aos trabalhadores conhecimento e autoridade para se pronunciar sobre seus efeitos no trabalho e na sociedade. Essa reflexão e essa luta em torno desta questão estão presentes em inúmeros documentos sindicais – resoluções de congressos, relatórios de seminários, estudos especiais, pautas de reivindicação - que mostram o ponto de vista próprio dos trabalhadores nessa questão. Longe de se opor ao avanço tecnológico, os trabalhadores o veem como fruto do exercício do trabalho e patrimônio da humanidade. Estabelecem, entretanto, condições e apontam pré-requisitos para que as novas tecnologias possam trazer benefícios para todos. Em primeiro lugar, reivindicam que os ganhos de produtividade devem ser compartilhados por toda a sociedade através de aumentos reais de salários e diminuição dos preços de produtos e serviços.
Ano/Edição	Ano VII, nº18, jan-abril/1994. São Paulo
Título	Mercado de trabalho e reestruturação produtiva na indústria – o Brasil no limiar do Séc. XXI
Autor/es	Elson L. S. Pires
Resumo	A grande maioria dos empregados assalariados sem carteira de trabalho assinada encontra-se nos mercados competitivos de produção de mercadorias, ou seja, nos ramos da atividade econômica onde é grande o número de firmas ou microempresas produzindo as mesmas mercadorias e gerando os mesmos serviços. Tal característica de funcionamento deste mercado, por exemplo, impede que os proprietários aumentem seus preços acima da média praticada pelos competidores, sob o risco de perder fatias significativas de poder no mercado. No Brasil, essas empresas estão voltadas para o mercado interno, o que faz com que suas margens de lucro dependam essencialmente do nível de atividade da

Ano/Edição	<p>econômica e da distribuição de renda na sociedade. Pelas estimativas da Pesquisa Mensal de Emprego-PME do IBGE, no conjunto das seis maiores regiões metropolitanas do país: o aumento dos empregados assalariados sem carteira deve ter contribuído para manter o desemprego aberto estável na indústria de transformação na década em torno de 4%, exceto na crise de 1983-84 quando atingiu taxas mais elevadas (6% e 7%).</p> <p>Ano VII, nº18, jan-abril/1994. São Paulo</p>
Título	<p>Progresso técnico e trabalho migrante no setor sucroalcooleiro da região de Ribeirão Preto</p>
Autor/es Resumo	<p>Francisco Alves</p> <p>Todos os anos na safra de cana-de-açúcar aflui para a região de Ribeirão um grande número de trabalhadores migrantes. São trabalhadores de diferentes regiões que vêm em busca de trabalho. Alguns têm neste trabalho a oportunidade de complementar a renda e garantir a sua reprodução como pequenos produtores em suas regiões de origem. Para outros, a migração é uma forma de busca de outras condições de reprodução, para viabilizar a sua mudança ‘definitiva ‘ em outro momento, Para outros, ainda, é uma viagem sem volta, vêm e ficam, trazem as esposas, noivas e nunca mais retornam. Existem outros casos de trabalhadores que vêm uma única vez e não voltam mais no ano seguinte. Estes trabalhadores são em grande parte provenientes de regiões nas quais a reprodução se dá em condições difíceis, quer pela escassez de trabalho, quer pelas dificuldades de manterem-se como produtores independentes, devido à impossibilidade de acesso à terra para reproduzirem-se autonomamente. Estes trabalhadores são mineiros, em geral do grande Vale do Jequitinhonha, da Bahia. de outros estados do Nordeste, etc., mas são também paranaenses. matogrossenses e até de outras cidades do Estado de São Paulo. Há uma enorme dificuldade em saber qual o mineiro e de onde exatamente provêm estes trabalhadores. Há total escassez e falta de informações confiáveis sobre as dimensões do trabalho migrante no Brasil. Apenas se sabe que existem e que no período da safra as pensões, os muquifos, os alojamentos das próprias empresas e as casas da periferia são ocupadas por estes trabalhadores. Alguns Vêm por conta própria, outros foram contratados na própria região de origem, quer por um empreiteiro (gato), quer por um trabalhador como eles com contato regular em alguma usina,</p>

Ano/Edição	<p>ou fornecedor de cana, Alguns vão direto para os alojamentos das usinas e outros vão para pensões e muquifos. Outros ainda vão provisoriamente para casas de parentes e amigos, até que consigam emprego. Outros reúnem-se com grupos, em geral compostos de primos, parentes e amigos da mesma cidade e alugam uma casa, constituindo uma «república», tornando-se «queima-lata» (traballidores que preparam em casa sua própria comida). Dada esta diversidade de situações e de locais de origem e de formas de viagem e contratos de trabalho, qualquer tentativa de generalização sobre os migrantes enfrenta o enorme risco de tornar-se ineficiente para caracterizar este importante contingente de trabalhadores. O objetivo deste artigo é mostrar as características do progresso técnico no setor sucroalcooleiro, para refletir sobre os seus efeitos para este enorme contingente de trabalhadores que todos os anos chega à região de Ribeirão Preto.</p> <p>Ano VII, nº18, jan-abril/1994. São Paulo</p>
<p>Título</p> <p>Autor/es</p> <p>Resumo</p> <p>Ano/Edição</p>	<p>A especialização e adaptação da força de trabalho na agricultura moderna</p> <p>Maria Madalena Zocoller Borba</p> <p>Os debates acadêmicos sobre as modernas tecnologias que vêm sendo utilizadas pela agricultura brasileira pós 60 têm sido encaminhados no sentido de analisar, de modo mais enfático, as transformações capitalistas de base produtiva agrícola e das relações sociais de produção e trabalho com a modernização. Pouca atenção tem sido dada às alterações nos processos de trabalho e na qualificação da mão-de-obra rural, quando da adoção desse padrão tecnológico moderno. Por outro lado, existe o senso comum de que tecnologias modernas exigem uma população trabalhadora mais qualificada, mais instruída. Esse discurso está também presente na fala dos produtores rurais quando clamam por trabalhadores com um grau maior de qualificação e instrução para a agricultura e por políticas governamentais de qualificação da força de trabalho rural. No entanto, autores como SALM e BRAVERMANN, apontam para uma tendência oposta, ou seja, teoricamente os avanços tecnológicos no capitalismo possibilitam maior divisão e especialização do trabalho de modo que o trabalho vai se tornando mais simples, o seu conteúdo empobrecido e daí a desqualificação da força de trabalho no processo.</p> <p>Ano VII, nº18, jan-abril/1994. São Paulo</p>

Título	Glossário – tecnologia, qualidade, produtividade
Autor/es	Dieese
Resumo	Trata-se de um glossário – termos técnicos utilizados pelo Dieese.
Ano/Edição	Ano VII, nº18, jan-abril/1994. São Paulo
Título	Dekasseguis: trabalhadores nipo-brasileiros no Japão
Autor/es	Elisa Massae Sasaki
Resumo	O termo japonês dekasegui diz, respeito às pessoas que vão trabalhar fora da residência. Nos tempos remotos, era empregado aos emigrantes do Norte e Nordeste do Japão que se dirigiam para as regiões mais desenvolvidas como Tokyo e Osaka, à procura de trabalho. Este mesmo termo é empregado no fenômeno em estudo. que é a ida (ou a volta?) dos descendentes de japoneses para o país de origem. Chamaremos de Nikkei todos aqueles descendentes de japoneses nascidos fora do Japão.
Ano/Edição	Ano VIII, nº 21, jan-abril/1995. São Paulo
Título	Migrantes na construção civil em João Pessoa (Relato de experiência)
Autor/es	Arivaldo José Sezyshta; Verônica Pessoa
Resumo	Relato de experiência
Ano/Edição	Ano XIV, nº 40, maio/2001. São Paulo
Título	Migração num mundo do trabalho em transformação
Autor/es	Sidnei Marco Dornelas
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XIV, nº41, set-dez/2001. São Paulo
Título	Migração e reforma agrária: desconstituição e constituição laboral de trabalhadores rurais
Autor/es	José Gilberto de Souza; Wirley Jerson Jorge; José Jorge Gebara
Resumo	Este artigo apresenta resultados da pesquisa “Avaliação do Programa de Crédito Especial para a Reforma Agrária – PROCERA - 1995-1996” ¹ (Jorge, W. J. et al. 1999), realizada em dez estados da federação onde foram entrevistados 888 assentados, no período de maio de 1996 a fevereiro de 1997, que obtiveram aprovação de projetos técnicos junto ao PROCERA, no ano de 1993. O interregno de tempo (1993 – 1996/97) está relacionado ao período médio de maturação dos projetos e início das suas amortizações após 2 anos de carência. Este texto apresenta reflexões mais incisivas acerca

Ano/Edição	<p>da importância da migração e do acesso a terra na constituição e desconstituição laboral de trabalhadores rurais. Os dados da pesquisa revelam, na análise dos perfis dos assentados, a trajetória de vida como migrante e assentado rural, constituindo práticas laborais, diferenciadas, no processo de luta pela vida e formação cidadã.</p> <p>Ano XIV, nº41, set-dez/2001. São Paulo</p>
<p>Título</p> <p>Autor/es</p> <p>Resumo</p> <p>Ano/Edição</p>	<p>Recrutamento de trabalhadores migrantes na cana de açúcar no estado de Pernambuco</p> <hr/> <p>Marilda Aparecida de Menezes</p> <p>Este artigo trata do recrutamento de trabalhadores migrantes sazonais na plantation açucareira no Estado de Pernambuco, na região chamados “corumbas”. Toma-se como estudo de caso os camponeses provenientes da Região Agreste do Estado da Paraíba, que migram desde princípios do século XX, para trabalhar em diversas atividades em engenhos e usinas de cana de açúcar na Zona da Mata, norte do Estado de Pernambuco. Foram selecionados na região de origem, o município de Fagundes, no Estado da Paraíba e a Usina São José, no município de Igarassu, Estado de Pernambuco. A literatura geralmente explica que a contratação de camponeses-trabalhadores migrantes (Menezes, 1997) resulta de diferenças entre a quantidade de trabalho requerida em cada uma das fases do ciclo agrícola. Durante a colheita, demanda-se um número grande de trabalhadores, em comparação com as fases de cultivo e limpeza da cana-de-açúcar, e esse trabalho não poderia ser suprido, apenas, com a mão-de-obra local. Embora essa explicação seja verdadeira, o recrutamento intensivo dos camponeses trabalhadores migrantes, após um período no qual se verifica o seu declínio, também se explica pela racionalização e controle político da força de trabalho, para alcançar altos níveis de produtividade e lucratividade (Novaes, 1993, PJ 15).</p> <p>Ano XIV, nº41, set-dez/2001. São Paulo</p>
<p>Título</p> <p>Autor/es</p> <p>Resumo</p> <p>Ano/Edição</p>	<p>Um novo modo de ser (inclusive migrante): flexi-existência “just in time”</p> <hr/> <p>Heinz Dieter Heidemann</p> <p>Editorial</p> <p>Ano XVI, nº45, jan-abril/2003. São Paulo</p>

Título	Flexibilização das relações de trabalho na agricultura paulista – a citricultura em São Paulo
Autor/es Resumo	Paulo Roberto Correia da Silva; José Jorge Gebara Uma característica marcante do complexo agroindustrial citrícola do Brasil é a elevada concentração geográfica e econômica da atividade. O Estado de São Paulo é responsável por 80% da produção nacional, ficando o restante da produção dispersa pelos demais Estados da União. Mesmo dentro de São Paulo, a citricultura é muito concentrada, já que a produção é mais relevante em 4 das 14 Regiões Administrativas existentes. Economicamente, o setor caracteriza-se por ser oligopólico no setor industrial e oligopsônico no agrícola. A produção de laranja dispersa em aproximadamente 19 mil produtores, enquanto a produção industrial concentra-se em apenas 11 empresas processadoras. Dentre essas, Cutrale, Citrosuco, Coimbra e Cargill dominavam 80% do valor das exportações (Kalatzis, 1997). Para compreender as mudanças nas relações de trabalho desse setor é importante analisar as características sociológicas dos trabalhadores envolvidos, a evolução recente da economia brasileira, bem como seus efeitos sobre as atividades agrícolas, ainda que seja de uma maneira breve, como será feito.
Ano/Edição	Ano XVI, nº45, jan-abril/2003. São Paulo
Título	Flexibilização do trabalho: a rispidez do capital internacional
Autor/es Resumo	Marta da Silveira Luedemann No Brasil e demais países da América Latina, a flexibilização do trabalho surge como a possibilidade de eliminação de direitos adquiridos pelos trabalhadores do mercado formal, com contrato de trabalho. No Brasil, a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) regulamenta o trabalho formal, garantindo férias remuneradas por 30 dias, 13 ^o salário, fundo de garantia por tempo de serviço, licenças maternidade e paternidade, aposentadoria por tempo de serviço, etc. Essa flexibilização adquire dimensões críticas quando o exército industrial de reserva (EIR), ou seja, o número de desempregados e subempregados aumenta de maneira a contribuir com o enfraquecimento do poder de barganha da classe trabalhadora. O capital intensifica a taxa de exploração em locais onde a organização sindical é fraca ou nula, e nos grandes centros industriais disciplina os trabalhadores com a ameaça do desemprego, diante do aumento contínuo do EIR.

Ano/Edição	<p>Nesse contexto, os contingentes de imigrantes tanto podem contribuir para a precarização do trabalho, como constituírem fonte de aumento da taxa de exploração: “Nos EUA, o ramo de confecções foi apontado no Financial Times pelo próprio Secretário do Trabalho, Robert Reich, como um reduto de trabalho escravo disfarçado, conhecido como <i>sweatshops</i>, no qual imigrantes orientais ou ‘chicanos’ são submetidos a jornadas de 18 horas de trabalho” (Meneleu Neto, 1996, p. 92). Desde a 2ª Guerra Mundial, a Alemanha abastece seu mercado de trabalho com imigrantes turcos, a Inglaterra com indianos, a França com africanos e os EUA com latino-americanos. O Brasil garantiu o trabalho informal e a manutenção do seu exército industrial de reserva nos grandes centros industriais com as migrações internas, e na década de 1990 com os imigrantes bolivianos completando as fileiras do trabalho superexplorado.</p> <p>Ano XVI, nº45, jan-abril/2003. São Paulo</p>
Título Autor/es Resumo	<p>Dekassegui-koo – trabalhadores brasileiros no Japão</p> <p>Clarilton Ribas</p> <p>Este texto trata de um lado obscuro do toyotismo; para além de sua perspectiva mais conhecida emerge um universo de relações de trabalho que em nada lembra o emprego vitalício, o salário elevado, o plano da carreira etc. com o qual estamos habituados a reconhecer a contratualidade no Japão. Trata-se dos trabalhadores imigrantes. Entre estes trabalhadores de contrato precário e de condições de trabalho tayloristas, é bastante conhecido, ainda que pouco pesquisado cientificamente, o movimento importante de trabalhadores descendentes elou casados com descendentes de japoneses, que se deslocam até o Japão em busca de oportunidades de emprego. São imigrantes que provêm de países atrasados economicamente, com rendas per-capita que vão de US\$ 210 (Bangladesh) até US\$ 2.680 (Brasil), comparativamente a uma renda percapita de US\$ 25.430 no Japão (Watanabe, 1997). Avalia-se que cerca de 200 mil brasileiros estejam hoje no Japão nesta condição, além de coreanos, chineses, outros latino-americanos etc. A predominância é de trabalhadores brasileiros, mesmo porque se trata da maior colônia de japoneses em todo o mundo, estimada em cerca de dois milhões de japoneses e seus descendentes. Watanabe (1997) dirigiu uma pesquisa sobre o fenômeno de kassegui brasileiro e apresenta, entre muitos dados, a predominância dos brasileiros relativamente à América do Sul.</p> <p>Ano XVI, nº45, jan-abril/2003. São Paulo</p>

Título	Capacitação e mobilidade profissional de migrantes de Minas Gerais na construção civil de São Paulo, 1960/1970
Autor/es	Eduardo Magalhães Ribeiro; Flávia Maria Galizoni; Thiago de Paula Assis
Resumo	Este é o assunto deste artigo: analisar a trajetória urbana de lavradores mineiros que migraram para a capital de São Paulo nas décadas de 1960 e 1970. Saindo do campo, principalmente do alto Jequitinhonha, com pouca escolaridade, nenhum dinheiro e muita vontade de trabalhar, entraram na construção civil, conseguiram ascender profissionalmente ocupando cargos de oficiais, e, boa parte das vezes, amealharam rendimentos que serviram para engordar seus patrimônios nas comunidades de origem, quando retornaram. A pesquisa que originou o artigo foi realizada entre 2000/2001 com migrantes retornados ao nordeste mineiro, todos eles filhos de sitiantes ou antigos agregados moradores livres de fazendas - que trabalharam em São Paulo nos anos 1960/ 1970 . Foram feitas entrevistas e consulta à literatura, procurando unir duas perspectivas de análise: de um lado, os estudos sobre movimentos migratórios de mineiros, que perceberam lavradores saindo do campo, expulsos pela modernização agrária, pelo conservadorismo rural e pela impossibilidade de sobrevivência digna na sua terra; de outro lado buscou a colaboração dos estudos, geralmente sobre urbanização, que os viram chegar às cidades, principalmente a São Paulo, e perder-se numa multidão de “nortistas”, em cujo meio foram, pelo menos nos anos 1970, maioria.
Ano/Edição	Ano XVI, nº45, jan-abril/2003. São Paulo
Título	Flexibilidade e mobilidade nas agroindústrias de carne do Oeste Catarinense
Autor/es	Carlos José Espínola
Resumo	As agroindústrias processadoras de suínos e aves, originadas modestamente a partir de pequenos capitais locais, transformaram Santa Catarina em um dos maiores polos produtores de carne do mundo. Na suinocultura o estado “barriga-verde” respondeu, em 2001, por 665 mil toneladas produzidas e 210 mil exportadas (80% das exportações brasileiras). Na avicultura, o estado abateu em 2001 cerca de 642,9 milhões de aves (2º colocado no ranking nacional) e liderou as exportações com 479,4 mil toneladas, ou seja, 38,4% do total de frango exportado pelo Brasil (ICEPA, 2002). Esse dinamismo foi resultado de estratégias operacionais

Ano/Edição	que combinavam flexibilização nas relações de trabalho, mobilidade social (referente aos movimentos de indivíduos de uma camada para outra na hierarquia social, implicando em mudança de ocupação e status), rotas de investimentos, reconversão produtiva, integração vertical, etc. Ano XVI, nº45, jan-abril/2003. São Paulo
Título	Migração e trabalho no mundo contemporâneo – uma experiência acerca da migração de kassegui
Autor/es Resumo	Fábio Kazuo Ocada A pergunta que norteia o desenvolvimento deste estudo diz respeito às razões que levam o migrante de kassegui a migrar para o Japão, submetendo-se a condições de trabalho consideradas ‘sujas, perigosas e pesadas’. A natureza desta indagação é intrínseca à própria condição social do pesquisador. Portanto, para a leitura deste trabalho é preciso ter em vista o fato de que o autor deste estudo é neto de imigrantes japoneses e vivenciou, a partir da década de 90, o momento em que o fenômeno da migração de kassegui adentrou seu círculo familiar, tornando-se uma realidade cotidiana efetiva. Este antecedente condicionou a opção por este tema de investigação. Faltava, porém, o conhecimento empírico da realidade. Nesse sentido, o Japão se apresentava como um destino inevitável, um lugar que encerrava as “respostas” para os problemas materiais e existenciais. Todas as circunstâncias indicavam, ao pesquisador, que havia chegado a sua hora de partir. A estratégia individual empregada consistiu em converter esta situação, que se apresentava como algo “inevitável”, em uma rica experiência sociológica. Na condição de trabalhador arubaito, ou seja, mão-de-obra temporária, subcontratada durante os meses de maior demanda do mercado. A vivência desta rotina de trabalho foi decisiva para os rumos da pesquisa.
Ano/Edição	Ano XVI, nº45, jan-abril/2003. São Paulo
Título	Provisório, instável e precário
Autor/es Resumo Ano/Edição	Heinz Dieter Heidemann Editorial Ano XXI, nº 61, maio-ago/2008. São Paulo
Título	Buscar dinheiro fora de casa
Autor/es Resumo	Verena Sevá Nogueira A migração é uma prática comumente utilizada por grupos

Ano/Edição	<p>camponeses para reprodução e permanência na sua terra, à qual se sentem ligados por laços de pertencimento, reportando-se a ela como morada. Aracatú é um município que convive há muito tempo com o fenômeno social da migração, Localiza-se em região geográfica semi-árida do sudoeste do estado da Bahia, localmente identificada como sertão. Ter migrado ou ter algum parente vivendo fora é quase pleonasma, não constituindo uma especificidade de nenhuma categoria social. Os aracatuenses deslocam-se basicamente para a região sudeste brasileira, para os estados de Minas Gerais e São Paulo.</p> <p>Ano XXI, nº 61, maio-ago/2008. São Paulo</p>
Título	Quadra fechada: uma iniciativa de cortadores de cana de Cosmópolis
Autor/es	Ellen Gallerani Corrêa
Resumo	O presente artigo tem como objetivo apresentar um sistema de controle da produção elaborado pelos cortadores de cana, em conjunto com a entidade sindical que representa a categoria, na cidade de Cosmópolis, localizada no interior do Estado de São Paulo, que tem como finalidade tanto garantir que os trabalhadores recebam exatamente por aquilo que produziram quanto assegurar o real valor do peso e do preço da tonelada da cana, uma vez que é a partir destas duas variáveis que se calcula o salário dos cortadores de cana.
Ano/Edição	Ano XXI, nº 61, maio-ago/2008. São Paulo
Título	Cortadores de cana e os (não) direitos
Autor/es	Maria Aparecida de Moraes Silva
Resumo	O objetivo neste texto é tecer algumas considerações sobre a situação concreta dos trabalhadores rurais, particularmente, os cortadores de cana, no estado de São Paulo, levando-se em conta não somente a não observância dos direitos trabalhistas como também a não efetividade dos direitos humanos do trabalho, no contexto da atual fase de desenvolvimento da produção canavieira marcada pela presença de grandes grupos empresariais, nacionais e estrangeiros. As discussões serão articuladas em torno dos seguintes eixos: surgimento e evolução dos direitos humanos; medidas adotadas pelas empresas visando ao aumento da produtividade do trabalho; a legislação trabalhista, especificamente a NR 31 e seu descumprimento; a ação do MP e MPT, novos sujeitos no processo de alargamento do campo das contradições entre capital e trabalho.
Ano/Edição	Ano XXI, nº 61, maio-ago/2008. São Paulo

Título	A migração e o trabalhador migrantes nas páginas do Cá e Lá
Autor/es	Sérgio Daniel Nasser
Resumo	A década de 1980 é um momento importante para problematizar a questão da migração temporária e permanente para a região de Ribeirão Preto. A chegada de vários trabalhadores de diversas regiões do país no local suscitou discussões sobre as transformações do espaço e sobre o direito de pertencimento na região. Nesse processo, o surgimento da Pastoral do Migrante de Guariba, no início dos anos 1980, e a proliferação dos centros de triagens em Ribeirão Preto e Franca, em 1989, apontam o conflito e as variadas concepções sobre como o espaço da região deveria se transformar e quais sujeitos deveriam ocupá-lo. No artigo centro as atenções na análise do boletim Cá e Lá, a fim de perceber as construções sobre a questão da migração e sobre a imagem do migrante no periódico.
Ano/Edição	Ano XXI, nº 61, maio-ago/2008. São Paulo
Título	Trabalhadores temporários, trabalhadores o tempo todo: o deslocamento para a safra de café na região do cerrado mineiro
Autor/es	Maria Andréa Angelotti Carmo
Resumo	A região do Triângulo Mineiro e do Alto Paranaíba, desde o final da década de 1970, passou por um processo de reorganização e utilização da terra em que se destaca, a partir de então, a produção do café. Esta produção foi possível graças aos programas de desenvolvimento do cerrado implantados na área de fronteira agrícola no final da década de 1970 e início de 1980, como os programas PADAP (Programa de Assentamento Dirigido do Alto Paranaíba), o POLOCENTRO (Programa de Desenvolvimento do Cerrado) e o PRODECER (Programa de Cooperação Nippo-Brasileira de Desenvolvimento do Cerrado), cujas estratégias eram de tornar a região uma área produtora.
Ano/Edição	Ano XXI, nº 61, maio-ago/2008. São Paulo
Título	Trabalho e exclusão: o mundo dos peões “rodados” na Amazônia
Autor/es	Vitale Joaroni Neto
Resumo	Quando Dom Pedro Casaldáliga divulgou sua primeira carta pastoral como Arcebispo da Prelazia de São Félix do Araguaia (Casaldáliga, 1971) impôs um desafio aos estudiosos da sociedade brasileira. A Amazônia, nesse período, alvo privilegiado das ações do Governo Militar, passou a sofrer um processo estimulado de ocupação por migrantes do Sul,

Ano/Edição	<p>naquilo que ficou conhecido como processo de colonização e que se propunha como substitutivo à reforma agrária. Todavia, um grande número de migrantes do Nordeste veio em busca de trabalho nas agropecuárias que se estabeleciam por toda a região. Os incentivos de organismos governamentais como a SUDAM (Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia) e a SUDECO (Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste) atraíram para a Amazônia (e para o Mato Grosso em particular), centenas de empresas com projetos variados. No caso do Araguaia mato-grossense, empresas aparentemente distantes do setor da pecuária (Indústrias de automóveis, Bancos e ligadas ao setor de telecomunicações), adquiriram grandes áreas na região, passando a desmatá-las para iniciar a criação de gado bovino.</p> <p>Ano XXI, nº 62, set-dez/2008. São Paulo</p>
Título Autor/es Resumo Ano/Edição	<p>Um espaço demarcado: os carregadores piauienses no Terminal da CEAGESP</p> <p>Sueli de Castros Gomes</p> <p>A migração de nordestinos para a metrópole de São Paulo foi um dos fluxos mais acentuados no território nacional, fruto de um modelo econômico desigual e combinado entre as regiões Nordeste e Centro Sul. Detivemo-nos a estudar especialmente uma grande rede social de piauienses que se inseriram no mundo do trabalho na condição de carregadores no terminal de abastecimento da Grande São Paulo. Esses nordestinos demarcam a sua territorialidade, expressa na relação de trabalho, na sua origem e na sua residência.</p> <p>Ano XXI, nº 62, set-dez/2008. São Paulo</p>
Título Autor/es Resumo	<p>“Emolar em Jaraguá do Sul não dá pé”</p> <p>Ancelmo Schörner</p> <p>Esmolar em Jaraguá do Sul não dá pé”, “Não estamos acostumados a isso”, “O sonho virou pesadelo”. Estas são expressões que encontramos em jornais) de Jaraguá do Sul/SC e região desde os anos de 1990 e são resultado de uma intensa veiculação de propagandas e discursos negativos sobre os migrantes. Entre 29/09/2003 e 31/10/2003 pesquisamos no Arquivo Histórico Municipal de Jaraguá do Sul Eugênio Victor Schmockel em 4.177 jornais com datas de edição entre 1969 e 2003. Em nossa pesquisa o objetivo era analisar como a imprensa local e regional tratava as questões da migração. Os dados coletados possibilitaram não apenas</p>

Ano/Edição	<p>reconstituir em suas grandes linhas a História de Jaraguá do Sul de um determinado período, como também apreender a problemática da migração. Segundo Costa (2000, p. 107), é preciso valer-se do material veiculado pela imprensa² local, mas ler nas entrelinhas, buscar o não explícito, fazer a contra leitura para resgatar a voz dos que foram silenciados pela oficialidade. Contudo, é importante que essas fontes jornalísticas sejam complementadas com outras fontes, como as orais, que podem ser utilizadas não apenas para preencher lacunas documentais, mas para iluminar pontos obscuros e colocar questões que possam fornecer outros ângulos que não aqueles da negatividade moral construída pelos discursos mais diretamente comprometidos com o poder, nos quais os migrantes são de uma incômoda visibilidade.</p> <p>Ano XXI, nº 62, set-dez/2008. São Paulo</p>
<p>Título</p> <p>Autor/es</p> <p>Resumo</p> <p>Ano/Edição</p>	<p>Precisa-se: bolivianos na indústria de confecções em São Paulo</p> <hr/> <p>Carlos Freire da Silva</p> <p>Este texto discute a situação de trabalho dos bolivianos na indústria de confecções em São Paulo. Procura-se analisar como as mudanças que ocorreram neste setor de atividades colaboraram para que este fluxo migratório assumisse as dimensões e as características que tem hoje. No final dos anos 80 e, principalmente, no decorrer dos anos 90, a produção de vestuário na cidade passou por um processo de transformação profunda, com a intensificação das terceirizações na gestão de mão-de-obra. O número de empregos formais neste setor diminuiu drasticamente, passando de 180 mil em 1988 para apenas 80 mil em ou seja, menos da metade (Pochmann, 2004). Estes números não remetem uma perda de dinamismo do setor, ou uma suposta saída em massa destas empresas da cidade, e nem mesmo algum tipo de implemento tecnológico poupador de mão-de-obra. Neste período, a participação deste setor na economia da cidade aumentou e ganhou destaque pelo seu desempenho (Kontic. 2007). Ao mesmo tempo, se difundiam pela periferia da cidade, em algumas partes específicas da zona leste e norte, oficinas de costura subcontratadas que prestam serviços terceirizados às empresas confeccionistas do Brás e do Bom Retiro, fazendo aumentar o peso de trabalho informal,</p> <p>Ano XXII, nº 63, jan-abri/2009. São Paulo</p>

Título	Análise do deslocamento pendular para o trabalho do município de Colombo para Curitiba (PR)
Autor/es	Gislene Santos
Resumo	Este artigo analisa o movimento pendular no aglomerado metropolitano de Curitiba. Metodologicamente, através dos dados censitários de 1980 e 2000, e do uso da entrevista semi-estruturada verifica-se um significativo trânsito cotidiano de uma população provinda de Colombo para trabalhar em Curitiba. Ao longo do texto, destaca-se que este fluxo pendular se insere em longo processo histórico, no qual homens e mulheres se deslocam, ao longo de gerações, em um movimento ininterrupto e inconcluso, decorrente de um processo marcado por modernizações produtivas regionais. Nos anos 1970, migrantes rurais para os centros urbanos; atualmente emergem como moradores da periferia metropolitana e empregados, em Curitiba, no setor de serviços domésticos urbanos. Conclui-se, neste vai-e-vem diário, que a escala metropolitana rompe os seus limites administrativos e políticos para a circulação do trabalhador mas, ao mesmo tempo, as cidades configuram-se por distintas funções econômicas, o que nos obriga a pensar em ações políticas solidárias entre os lugares e os habitantes citadinos.
Ano/Edição	Ano XXII, nº64, maio-ago/2009. São Paulo
Título	Apresentação (Ed. 67 – “Os desejáveis”)
Autor/es	Helion Pova Netto
Resumo	Apresentação
Ano/Edição	Ano XXIII, nº 67, jul-dez/2010. São Paulo
Título	Jovens universitários brasileiros nas linhas de produção japonesas
Autor/es	William Fugii
Resumo	A partir de meados da década de 1980, teve início o fluxo migratório de nipo-brasileiros para o Japão, que ficou conhecido como Movimento Decasségui. Ao longo de pouco mais de duas décadas de existência, a expressividade desse fluxo pode ser conhecida, por meio dos inúmeros estudos realizados sobre o tema. Pesquisadores de diversas áreas do conhecimento analisaram o fenômeno, a partir das diversas abordagens que ele comporta: econômica, social, cultural, psicológica, jurídica, linguística, tributária, educacional, etc. Este artigo privilegiou o exame da etapa recente do movimento decasségui, caracterizada pela crescente participação de jovens universitários nele

<p>Ano/Edição</p>	<p>inseridos. São apresentadas, entre outros aspectos, as razões que levaram as empresas japonesas que utilizam mão-de-obra imigrante a direcionarem seu olhar para esses jovens, bem como as estratégias das agências recrutadoras para atrair esse segmento da comunidade nipo-brasileira. Em outras palavras, procura-se compreender como os jovens universitários nipo-brasileiros, sob a fachada de programa de férias, estágio ou algo parecido, tem sido arrematados para o trabalho nas linhas de produção no Japão.</p> <p>Ano XXIII, nº 67, jul-dez/2010. São Paulo</p>
<p>Título</p> <p>Autor/es Resumo</p> <p>Ano/Edição</p>	<p>Sobre a mobilidade internacional de trabalhadores qualificados: Brasil no foco de Quebec</p> <hr/> <p>Tatiana Accioly</p> <p>Atualmente, a importação de mão de obra estrangeira qualificada se mostra como estratégia de crescimento produtivo e mercadológico, tanto nos países mais desenvolvidos, como nos menos desenvolvidos. Seguindo tendências mundiais de captação de imigrantes qualificados para a formação da sonhada sociedade de conhecimento, o Quebec estabeleceu, em 2008, no Brasil, na cidade de São Paulo, o Escritório de Imigração do Quebec, tendo como objetivo fundamental atrair o profissional qualificado brasileiro para trabalhar, residir e se naturalizar como cidadão canadense. O interesse do Quebec por profissionais qualificados brasileiros, bem como o estabelecimento de seu Escritório de Imigração no Brasil inserem os brasileiros no circuito internacional de mão de obra qualificada.</p> <p>Ano XXIII, nº 67, jul-dez/2010. São Paulo</p>
<p>Título</p> <p>Autor/es Resumo</p> <p>Ano/Edição</p>	<p>Trabajadores migrantes del Cono Sur de America Latina residentes em Argentina e Brasil</p> <hr/> <p>Gabriela Adriana Sales</p> <p>Este artículo sintetiza las conclusiones de estudios previos que identifican las diferencias y transformaciones en la educación y en el perfil laboral de los nuevos y viejos migrantes regionales censados en Argentina y Brasil. También se refiere a la sobreeducación y a los diferenciales salariales de los trabajadores migrantes y nativos.</p> <p>Ano XXIII, nº 67, jul-dez/2010. São Paulo</p>

Título	Apresentação (Ed. 68 – haitianos, judeus, bolivianos, sulistas, sudanês, refugiados, alojamentos, Igreja)
Autor/es	Helion Pova Netto; Dirceu Cutti
Resumo	
Ano/Edição	Ano XXIV, nº 68, jan-jun/2011. São Paulo
Título	Estratégias de inserção produtiva dos migrantes do sul do Brasil no Mato Grosso no período pós-1990
Autor/es	Cristiano Desconsi
Resumo	Este trabalho trata do processo migratório do Sul do Brasil para o Mato Grosso no período pós-1990. Partimos do pressuposto de que este fluxo migratório apresenta uma heterogeneidade de grupos sociais com suas experiências que produzem relações que se modificam em cada período histórico. O objetivo central é analisar os caminhos e as estratégias de “entrada” no Mato Grosso desencadeadas pelos atuais pequenos proprietários rurais. A partir da análise das trajetórias, na primeira parte é construída uma contextualização que dialoga com o processo de desenvolvimento desencadeado na região; num segundo momento aprofunda a análise sobre a “chegada” desses atores sociais no Mato Grosso. Os atores sociais designados de “pequenos” se movimentam no ponto de destino buscando espaços de inserção produtiva e locais de residência. As lutas pelo acesso à terra e ao trabalho são centrais neste aspecto, exigindo dos atores uma avaliação constante de qual o “melhor lugar” para permanecer ou estabelecer nova etapa migratória.
Ano/Edição	Ano XXIV, nº 68, jan-jun/2011. São Paulo
Título	O fim do uso do alojamento nos grandes canteiros de obras de São Paulo como instrumento de flexibilização do trabalho
Autor/es	Marcos Vinícius Spolle
Resumo	Até a década de 1980, o alojamento era considerado a “porta de entrada” do migrante na cidade. Porém, a partir da década de 1990, a indústria da construção civil passa a não utilizá-lo com frequência, o que remeteu à investigação das causas e consequências do fim do uso desse instrumento de aliciamento, controle e exploração capitalista, na reprodução da força de trabalho do migrante dentro da metrópole. O artigo trata, ainda, da relação entre o fim do alojamento e o processo de flexibilização da produção capitalista, como um dos instrumentos de desregulamentação dos direitos trabalhistas, ou a antecipação da desregulamentação formal.
Ano/Edição	Ano XXIV, nº 68, jan-jun/2011. São Paulo

Título	O capital da esperança: a experiência dos trabalhadores na construção civil de Brasília. Gustavo Lins Ribeiro. Brasília: Ed UNB, 2008. (Resenha)
Autor/es	Por Sidnei Marco Dornelas
Resumo	Resenha
Ano/Edição	Ano XXIV, nº 68, jan-jun/2011. São Paulo
Título	Migrações e segmentação do mercado de trabalho: o caso da migração brasileira para Portugal
Autor/es	João Peixoto; Catarina Egreja
Resumo	Neste texto são revistos os padrões de inserção dos migrantes brasileiros no mercado de trabalho em Portugal. É argumentado que as oportunidades laborais disponíveis se encontram, na maior parte dos casos, entre os segmentos menos atrativos do mercado de trabalho e que predominam situações de precariedade laboral. a concentração naqueles segmentos prejudica as possibilidades de integração plena na sociedade portuguesa. Esta evidência decorre da observação de algumas variáveis relacionadas com o emprego (participação económica, condição de atividade, posição na ocupação, profissão, ramo de atividade e situação contratual) e desemprego. São ainda identificadas as características individuais dos migrantes que mais se relacionam com os diferentes padrões de inserção laboral. a principal base empírica utilizada é um inquérito a migrantes brasileiros em Portugal realizado em 2009.
Ano/Edição	Ano XXV, nº70, jan-jun/2012. São Paulo
Título	Imigrantes africanos solicitantes de refúgio na indústria avícola halal brasileira
Autor/es	Allan Rodrigo de Campos Silva
Resumo	O artigo enfoca o caso de imigrantes africanos que são solicitantes de refúgio e trabalham como sangradores de frangos em uma rede de frigoríficos no Brasil. Suas trajetórias apresentam graves violações de direitos, com envolvimento em relações de trabalho degradantes, ligadas a uma condição jurídica que os mantém presos a uma situação de provisoriedade permanente, como eternos solicitantes de refúgio.
Ano/Edição	Ano XXVI, nº 73, jul-dez/2013. São Paulo
Título	Duas histórias de migrantes sobre educação, trabalho e moradia na periferia paulistana (1960 e 1980)
Autor/es	Adriana Santiago Rosa Dantas

Resumo	Este artigo discute a inserção de migrantes internos na periferia de São Paulo, vindos em condições educacionais e sociais parecidas, mas em tempos distintos, nas décadas de 1960 e 1980. Os dados analisados fazem parte de uma pesquisa realizada em Ermelino Matarazzo, na periferia leste da cidade de São Paulo, que recebeu migrantes nordestinos a partir da década de 1940. No texto, são comparadas duas moradoras, dentre as dezoito entrevistas da pesquisa, analisando-se sua inserção na cidade de São Paulo em relação à educação, trabalho e moradia.
Ano/Edição	Ano XXVI, nº 73, jul-dez/2013. São Paulo
Título Autor/es Resumo	Migrantes na costura em São Paulo: paraguaios, bolivianos e brasileiros na indústria de confecções Tiago Rangel Côrtes; Carlos Freire da Silva O objetivo deste texto é discutir a inserção de migrantes transnacionais na costura. Defende-se que os problemas relacionados às condições de trabalho, às violações e situações a que são submetidos os trabalhadores não decorrem da origem nacional dos migrantes, mas sim do modo como se associa a migração à organização do trabalho nessa indústria reestruturada. A primeira parte do texto aborda a afinidade existente entre os modos como se estruturam a produção pulverizada de vestimentas em oficinas de costura e os atuais fluxos migratórios transnacionais. Num segundo momento são traçadas algumas comparações entre a organização de oficinas de costura de bolivianos, paraguaios e brasileiros e o perfil de seus trabalhadores, sendo que o grande diferencial das oficinas de migrantes se deve ao modo pelo qual se articulam as condições de trabalho, a moradia e a intermediação migratória. Ao considerar a presença de paraguaios no setor, busca-se deslocar a problematização étnica ou da origem nacional desses trabalhadores e evidenciar o funcionamento desse mecanismo de exploração de trabalho que, ao mesmo tempo, permite a inserção de migrantes transnacionais na vida urbana de São Paulo.
Ano/Edição	Ano XXVII, nº 74, jan-jun/2014. São Paulo
Título Autor/es Resumo	Falhas e sustentabilidade do sistema laboral temporário Graziano Battistella Países tradicionais de imigração buscam políticas de migração permanente e concedem, todo ano, certo número de vistos para a residência permanente. Os procedimentos para

Ano/Edição	<p>concessão de vistos, os requerimentos para obtê-los e a sua distribuição variam de país para país. Mas, o objetivo comum é permitir que imigrantes residam em seus territórios. Contudo, na verdade, todos os países têm algum modelo de migração temporária. Esse tipo de movimento tem recebido muita atenção nos últimos 10 a 15 anos. Trata-se de um interesse que lança novas questões sobre as vantagens e desvantagens da migração laboral, sua sustentabilidade e a possibilidade de uma abordagem da migração temporária baseada em direitos. Esse artigo irá examinar experiências históricas de migração temporária e sua recente volta. Também analisará esse movimento na Ásia, concernindo seus quatro modelos diferentes e incluindo suas vantagens e desvantagens. O artigo será concluído apontando elementos para uma abordagem da questão migratória baseada em direitos.</p> <p>Ano XXVIII, nº 76, jan-jun/2015. São Paulo</p>
Título Autor/es Resumo Ano/Edição	<p>Legalmente necessários, socialmente (in)desejados: imigrantes brasileiros no mercado de trabalho japonês</p> <hr/> <p>Katiani Tatie Shishito; Mariana Shinohara Roncato</p> <p>Este artigo analisa os condicionantes sociais da relação entre o Estado japonês e o imigrante, a fim de problematizar principalmente duas questões: qual foi (qual é) o papel do Estado japonês em relação à recepção dos imigrantes em seu país? Como ocorre a inserção destes no mercado da força de trabalho? Para responder a tais indagações, consideramos as reflexões sobre: i) as principais políticas migratórias de abertura ou restrição aos imigrantes durante os séculos XX e XXI; ii) a relação do mercado da força de trabalho com estas políticas destinadas aos imigrantes e iii) por fim, como ocorreu a inserção destes imigrantes no mercado de trabalho japonês.</p> <p>Ano XXVIII, nº 76, jan-jun/2015. São Paulo</p>
Título Autor/es Resumo	<p>Profissionais transnacionais no setor petrolífero</p> <hr/> <p>Genilson Estácio da Costa</p> <p>Este artigo se propõe a analisar como as modalidades migratórias internacionais fomentadas pelo setor de petróleo e gás se inserem no quadro teórico geral sobre migração internacional. Para tanto, utiliza-se como estudo de caso o estado do Rio de Janeiro, maior produtor de hidrocarbonetos do Brasil, e mais especificamente as cidades do Rio de Janeiro e de Macaé. A partir de trabalhos de campo, foi possível verificar que as características do deslocamento realizado pelos</p>

Ano/Edição	<p>profissionais imigrantes no setor em estudo, como a ausência de mudança de residência e seu aspecto temporário, fazem com que surjam dificuldades teóricometodológicas em sua análise e demonstram a necessidade de superação das visões tradicionais sobre mobilidade populacional internacional.</p> <p>Ano XXVIII, nº 76, jan-jun/2015. São Paulo</p>
Título	Análise matricial da mobilidade ocupacional: o caso dos imigrantes chilenos no Paraná
Autor/es	Rene Castro Berardi
Resumo	<p>Neste trabalho será apresentada uma análise matricial da mobilidade ocupacional dos imigrantes chilenos no estado do Paraná, Brasil, no período 1980 até 2011. Foi considerado como processo de mobilidade a posição profissional que tinham no país de origem e a posição obtida no Brasil. A metodologia utilizada foi a de Matrizes de Mobilidade, quantificando a mobilidade ascendente, descendente, imobilidade e condições de êxito e não-êxito. O trabalho conclui que o fato de imigrar para o Brasil permitiu que os imigrantes chilenos obtivessem condições de crescer profissionalmente, já que se movimentaram para categorias iguais e superiores com relação à que ocupavam no Chile, o qual foi resultante da abertura mostrada pelo mercado de trabalho brasileiro para a maioria dos imigrantes, assim como do bom nível profissional disponível.</p>
Ano/Edição	Ano XXVIII, nº 76, jan-jun/2015. São Paulo
Título	Imigração haitiana e a relação com comunicação, consumo e trabalho
Autor/es	Cristóvão Domingues de Almeida
Resumo	<p>O artigo tem como objetivo debater comunicação, consumo, trabalho enquanto processo de mediação dos imigrantes haitianos em São Paulo e compreender de que forma os haitianos se articulam para superar as desvalorizações, a precarização e a informalidade, uma vez que muitos deles têm qualificações, mas desenvolvem atividades laborais aquém das suas formações profissionais. Com base em observação e entrevista em profundidade com os haitianos é possível constatar que eles mantêm as expectativas de acesso ao mundo do trabalho e o desejo de melhorar as condições de vida, sendo que para isso mobilizam-se em redes migratórias. Evidenciamos que os usos e as articulações, através da comunicação face a face e das plataformas digitais, ajudam</p>

Ano/Edição	a superar as situações de desvalorização da força vital do trabalho, garantindo a permanência, fortalecendo as lutas e melhorando as condições de vida. Ano XXX, nº 80, jan-jun/2017. São Paulo
Título Autor/es Resumo Ano/Edição	<h2 style="text-align: center;">VIOLÊNCIA</h2> <hr/> Migração e violência: quem tem medo da asa branca? Fermino Fecchio O texto aponta vinculações entre o inchaço populacional nas grandes cidades no bojo dos fluxos migratórios a partir de 1950, por um lado, e, por outro, a falta de planejamento urbano que teve como consequência direta a marginalização social dos migrantes nas periferias e cortiços das grandes cidades. Ademais, busca-se refletir sobre a expropriação do capital, o processo de estigmatização, preconceito de classe e racial sobre os trabalhadores migrantes, a quem são atribuídas ações violentas e delitos criminosos, ainda que as estatísticas de secretarias municipais e estaduais de justiça atestem que ações de violência não partem dos migrantes. Ano I, nº 2, set-dez/1988. São Paulo-SP
Título Autor/es Resumo Ano/Edição	O negro escravo como imigrante forçado Clóvis Moura O artigo destaca que o problema do processo imigrantista no Brasil nunca foi analisado considerando-se o negro africano um imigrante compulsório, que foi trazido para o Brasil através da chamada “diáspora negra, já definida como a “maior migração forçada da história”. A economia colonial exigia a mão-de-obra escrava como elemento fundamental para dinamizar a sua estrutura, e, por isto, foram organizadas companhias marítimas encarregadas de transportar e comercializar milhões de seres humanos. Por uma série de razões, a África foi o local escolhido para se realizar esta pilhagem genocídica e o seu território transformado no palco da mais bárbara caçada humana da história. Ano I, nº 2, set-dez/1988. São Paulo-SP

Título	Da violência do crime ao crime da violência
Autor/es	Editorialistas de Travessia
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano II, nº 4, maio-ago/1989. São Paulo
Título	A mão armada da classe dominante
Autor/es	Hélio Bicudo
Resumo	A violência é hoje, e não apenas hoje, mas também no passado, uma constante do cotidiano. É a violência, no caso brasileiro, um produto – um subproduto – de um sistema socioeconômico substancialmente injusto, que contamina todas as atividades do homem, na linha de submetê-lo e de contê-lo, em nome dos privilégios que uma minoria alcançou, mediante a espoliação da maioria, privilégios esses que não se deseja ver, sequer, esmaecidos.
Ano/Edição	Ano II, nº 4, maio-ago/1989. São Paulo
Título	Crime em Belém e crime no mundo: por que?
Autor/es	Roberto A. O. Santos
Resumo	Na maior cidade da Amazônia repete-se o fenômeno hoje corrente em todo o mundo ocidental: cresce a quantidade dos “crimes dos privilegiados” e a dos “crimes dos marginalizados”. Uma teoria procura explicar como isso está ligado diretamente à desigualdade social e inversamente à integração cultural; e que não há razão para dar grande ênfase ao papel do migrante na violência urbana.
Ano/Edição	Ano II, nº 4, maio-ago/1989
Título	Violência urbana e justiça criminal
Autor/es	Sérgio Adorno
Resumo	De todas as formas de violência que hoje grassam na sociedade brasileira, a violência criminal é a única que parece merecer foro público. Nos últimos anos, acirrou-se o debate a propósito das medidas de contenção e de repressão ao crime. Ao sentimento de insegurança a que se encontra imerso o cidadão médio brasileiro vem se associar o crescimento, que se supõe vertiginoso, da violência criminal. A suspeita de que o movimento de criminalidade sofreu substanciais alterações, seja devido ao aumento da massa de ilícitos penais, seja devido a mudanças experimentadas nos padrões emergentes de criminalidades com a consolidação do crime organizado, alimenta a expectativa daqueles que apostam em futuras situações incontroláveis.
Ano/Edição	Ano II, nº 4, maio-ago/1989

Título	Linchamentos: a vida por um fio
Autor/es	José de Souza Martins
Resumo	Na história da desagregação da ordem social e política e da crise das instituições, como a polícia e a justiça, no Brasil, a partir de certo momento da ditadura militar, até hoje, os linchamentos constituem um capítulo fundamental. Neste artigo, reúno dados de um levantamento sobre linchamentos e tentativas de linchamento ocorridos num período de dez anos, de 1979 a 1988, incluindo quatro casos avulsos registrados entre 1970 e 1978. Apresento, apenas, uma primeira descrição sociológica do material, de modo a definir um esboço preliminar de onde, quando, porque e como se dá esse tipo de violência, que expressa tão acentuadamente a crise social.
Ano/Edição	Ano II, nº 4, maio-ago/1989
Título	A violência, o crime e a justiça
Autor/es	Daniel Rech
Resumo	Infelizmente, no Código Penal Brasileiro, tem-se aceito como normal a identificação da autoria, conjugando a questão da responsabilidade na mesma pessoa que executou e mandou executar crimes, de tal maneira que são pouquíssimos os casos na história penal brasileira em que foram condenados os autores e os respectivos mandatários. Neste artigo, não se trata de discutir a questão da co-autoria, normalmente composta de pessoas do mesmo nível social do autor, nem da questão da inimputabilidade, mas de co-participação na ação criminosa
Ano/Edição	Ano II, nº 4, maio-ago/1989
Título	Gente “sem eira nem beira”
Autor/es	Agostinho Duarte de Oliveira; Cenise Monte Vicente
Resumo	Existem muitos tipos de migrantes. Não nos determos nos bem sucedidos; pelo contrário, nossa atenção recairá sobre os marginalizados, os excluídos, os “desclassificados”; numa palavra, aquela gente “sem eira nem beira”. Caracteriza-se a migração, para a maior parte do povo brasileiro, por seu caráter involuntário. Para uma parcela, porém, do contingente que é forçado a sair de sua terra, aqueles que pela frente terão como destino certo a sarjeta, migrar é, antes de tudo, exílio, desterro; é a condenação ao desenraizamento máximo.
Ano/Edição	Ano II, nº 4, maio-ago/1989

Título	Este povo também quer viver (Relato de experiência)
Autor/es	Alderon Pereira da Costa
Resumo	(Relato de experiência)
Ano/Edição	Ano II, nº 4, maio-ago/1989
Título	“Hay que endurecerse, pero sin perder la ternura jamás” – (Che)
Autor/es	Dirceu Cutti
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano V, nº 13, maio-ago/1992
Título	Este filme o Brasil já viu
Autor/es	Marcos Vinícius Jorge de Freitas
Resumo	Há quase 140 anos - mais precisamente em 1855 - ocorreu a última execução no Brasil. Um fazendeiro fluminense foi executado pela suposta chacina da família de sua jovem amante. Descobertos os culpados após a execução, houve tamanha comoção que o Imperador passou daí em diante a comutar todas as penas para galés perpétuas, pena hoje folclórica e motivo de blagues em comédias cinematográficas dos anos 20, não tão divertida assim para os condenados, obrigados a usar grossas correntes nos pés, ou com pesos ou ligando a outro sentenciado, enquanto realizavam trabalhos públicos. A pena de morte só foi formalmente abolida em 1890, com a promulgação de novo Código Penal, já na República. Mas pode-se dizer que a pena de morte no Brasil teve dois momentos: um antes da outorga da Constituição de 1824 e outro depois. Estes diferentes “tomentos envolvem não só a independência de Portugal, mas toda uma nova postura filosófica frente aos delitos e às penas, postura essa cristalizada pelo jurista italiano Cesare Beccaria, em sua célebre obra “Dos Delitos e das Penas”, de 1704.
Ano/Edição	Ano V, nº 13, maio-ago/1992
Título	Opinião dos alunos de Direito da Universidade de São Paulo - USP
Autor/es	Ana Lúcia Pastore Schritzmeyer
Resumo	O tema Pena de Morte, ao lado de muitas outras complexas questões, é um assunto que, de algum modo e com diferentes intensidades, chega até cada um de nós, seja através de noticiários, de conversas ou mesmo da constatação de que o falado é concreto, palpável e pode nos atingir diariamente.

Ano/Edição	Apesar da gravidade do tema, no entanto, parece que com a mesma força e intensidade com que ele nos atinge também nos abandona. Nesse ir e vir de lucidez é provável que fiquem, ao menos, algumas inquietações. A pesquisa apresentada neste artigo almeja não mais do que contribuir para o incremento dessas inquietações e não menos do que afirmar que o tema Pena de Morte está muito próximo de nós perpassando nossa esfera de atuações e de responsabilidades. Ano V, nº 13, maio-ago/1992
Título Autor/es Resumo	Pena de morte e violência Paulo Sérgio Pinheiro Em consequência das gravíssimas desigualdades econômicas e sociais que caracterizam o amplíssimo hiato, quase sem rupturas, faz sécu10s, entre as classes dominantes e a maioria da população, hoje no Brasil está vigente um regime de apartheid dos pobres. Este regime quase não necessita de leis porque está firmemente consolidado nas práticas de uma sociedade hierarquizada que se manifesta por uma cultura autoritária sui generis, dissimulada por uma ideologia de conciliação. Mas, se alguns grupos, mais do que outros, nesses contingentes estão submetidos à discriminação e à violência ilegal, são eles os negros e as mulheres, além das crianças. É justamente nesse contexto que a proposta de introdução da pena de morte na legislação penal brasileira deve ser avaliada: o estado de criminalidade e da violência no Brasil; quem são as vítimas da violência no Brasil; quais os remédios judiciais disponíveis. A justificativa simplista apresentada pe10s defensores da pena de morte, que encontra largo respaldo por parte da população, é que a pena de morte seria um instrumento válido para lutar contra a criminalidade e a violência ilegal. Ao contrário dessas expectativas, como aqui veremos, a pena de morte, sem solucionar nenhum dos problemas que a população quer ver resolvidos, contribuiria para agravar ainda o arbítrio contra a população pobre e sua insegurança.
Ano/Edição	Ano V, nº 13, maio-ago/1992
Título Autor/es Resumo	Democracia e pena de morte: as antinomias de um debate Sérgio Adorno Não são poucos aqueles que julgam que a criminalidade urbana é hoje maior e mais violenta que no passado, digamos que há trinta ou quarenta anos. Trata-se de um juízo manifesto nas pesquisas de opinião pública e amplamente alardeado pela mídia eletrônica e pela imprensa escrita. A velocidade

Ano/Edição	<p>com que as informações chegam ao público de expectadores faz com que o perigo se apresente muito próximo: está nas esquinas mal iluminadas, nas vias movimentadas, nas escolas, nos estabelecimentos comerciais, dentro das residências. Todos têm uma história a relatar: já foram vítimas de alguma ofensa criminal, na melhor das hipóteses um furto sem graves consequências. Quando não foram protagonistas vivos dos acontecimentos, seus parentes e amigos já o foram. O rumor não lhes é estranho.</p> <p>Ano V, nº 13, maio-ago/1992. São Paulo</p>
Título Autor/es Resumo Ano/Edição	<p>Plebiscito: uma proposta inconstitucional</p> <p>Hélio Bicudo</p> <p>Muito se tem afirmado de que não se pode negar a apreciação plebiscitária da pena de morte, segundo os melhores princípios que inspiram a organização do Estado Democrático. Muitos políticos que durante a ditadura militar desdenhavam por completo a vontade popular, afirmam, agora, que não se pode negar ao povo a decisão de tão relevante questão. Existe nessa posição muito de hipocrisia e de má-fé.</p> <p>Ano V, nº 13, maio-ago/1992. São Paulo</p>
Título Autor/es Resumo Ano/Edição	<p>Um olhar sob a ótica da razão e da fé</p> <p>Márcio Fabri dos Anjos</p> <p>Em meio a um assunto tão debatido, o que nos chama atenção aqui é a reflexão ética sobre a pena de morte. A ética é uma ciência que assume critérios e analisa os valores envolvidos na ação humana, transformando-os em razões para agirmos. Por isso mesmo, ela nos leva a concluir pelo sim ou pelo não de nossas ações. Então, o que nos interessa neste artigo é sondar critérios e razões em torno da pena de morte. Com base na inspiração da fé cristã. Como não é possível ser completo, sem tornar esse artigo pesado, vamos examinar alguns grupos de razões, sua forma e sua validade.</p> <p>Ano V, nº 13, maio-ago/1992. São Paulo</p>
Título Autor/es Resumo	<p>Como nasce um justiceiro</p> <p>Ariovaldo Malaquias</p> <p>São inúmeros os problemas com os quais os migrantes se defrontam nas grandes metrópoles. Bem como são inúmeras e variadas as estratégias forjadas pelos mesmos para fazerem frente à imperiosa necessidade de sobrevivência. No macro universo que constitui a Grande São Paulo, baseado em</p>

Ano/Edição	<p>minha dissertação de mestrado - "O Cotidiano do Morador da Favela de Heliópolis "i procurarei descrever uma das facetas que envolve o dia-a-dia dos habitantes de Heliópolis na dura batalha pela vida: a convivência com o mundo do crime e da violência. Trata-se, antes de mais nada, de um olhar muito próximo dos fatos e, sobretudo, a partir de dentro dos mesmos quando quem fala são os próprios moradores.</p> <p>Ano VIII, nº 23, set-dez/1995. São Paulo</p>
Título	"Quero, mas não posso". "Não quero, mas devo"
Autor/es	Dirceu Cutti
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano IX, nº25, maio-ago/1996. São Paulo
Título	A violência como fator migratório – silêncios teóricos e evidências históricas
Autor/es	Carlos B. Vainer
Resumo	<p>Se às guerras somarmos todas as outras formas através das quais os estados nacionais intervêm para impor ou impedir deslocamentos e localizações de populações, talvez possamos começar a fazer uma ideia mais clara do fenômeno. Recente relatório do Banco Mundial calcula que as grandes barragens cuja construção se inicia a cada ano em todo o mundo deslocam compulsoriamente nada menos de 4 milhões de pessoas. Grandes projetos urbanos e de vias de transporte, por sua vez, acrescentam anualmente a este contingente mais 6 milhões. Entre 1983 e 1993, segundo o mesmo relatório, entre 80 e 90 milhões de pessoas foram reassentadas involuntariamente. O interesse destes dados é evidente: eles mostram que os deslocamentos forçados, longe de constituírem uma exceção própria a momentos críticos como as guerras, são uma constante. É o próprio Banco Mundial quem, preocupado em rebater as críticas por seu envolvimento em grandes projetos, lembra que os deslocamentos compulsórios são uma realidade constitutiva do próprio processo de desenvolvimento capitalista. Reassentamentos involuntários têm sido um companheiro de viagem do desenvolvimento através da história e têm sido indelevelmente inscritos na evolução tanto dos países industriais quanto dos países em desenvolvimento ' (World Bank, 1994, p. i). Conclusão: em se tratando de deslocamentos compulsórios, a guerra do desenvolvimento tem sido tão implacável quanto as guerras propriamente ditas. E suas vítimas, sem dúvida alguma, bem mais numerosas.</p>

Ano/Edição	<p>Como então explicar o retumbante silêncio a este respeito por parte da literatura teórica e histórica sobre migrações? Esta é uma das perguntas que pretendemos suscitar neste texto, lançando um olhar sobre as principais correntes analíticas que competem no campo dos estudos sobre movimentos migratórios. Em seguida, de forma mais ilustrativa que demonstrativa, alinhamos elementos que sugerem a importância dos fenômenos associados à ação coercitiva na configuração dos padrões contemporâneos de mobilização e distribuição espaciais de populações. Ao final, sistematizamos algumas indagações ao pensamento neoliberal.</p> <p>Ano IX, nº25, maio-ago/1996. São Paulo</p>
Título Autor/es Resumo	<p>Os imigrantes poloneses em São Paulo pela lente do DEOPS</p> <p>Erick Reis Goldiauskas Zen</p> <p>O propósito deste artigo é estudar as atividades políticas dos poloneses radicados no Estado de São Paulo, sob a vigilância da Polícia Política, entre os anos 1930 e 1950. Para tal, utilizamos os arquivos do Departamento de Ordem Política e Social (DEOPS/SP), sob a guarda do Arquivo do Estado. Procuramos compreender as lutas internas a esta comunidade, iniciadas a partir de diferenças políticas, principalmente entre comunistas e anti-comunistas. São analisadas a produção e a circulação de periódicos e de literatura política, impressos no Brasil, assim como em outros países da América e da Europa</p> <p>Ano XXIII, nº 66, jan-jun/2010. São Paulo</p>
Título Autor/es Resumo	<p>Tráfico de pessoas para exploração sexual: um esboço de revisão bibliográfica</p> <p>Sidnei Marco Dornelas</p> <p>O artigo busca fazer um ensaio de revisão bibliográfica sobre o tema do tráfico de pessoas para exploração sexual, tendo presente que se trata de um campo de debates intenso e polêmico, ainda em formação. Divide-se em três partes: exposição da literatura institucional, em que predomina uma abordagem jurídica e política de organismos internacionais e nacionais; a interpretação das ciências sociais, na linha da sociologia, antropologia e estudos culturais; a produção de ONGs e entidades da sociedade civil, em especial da Igreja Católica, que se manifestam a partir de sua inserção no terreno de ação. As publicações analisadas são predominantemente acessíveis pela internet, procurando dar atenção especial para três publicações relevantes na área do direito penal, dos</p>

Ano/Edição	estudos culturais e de uma pesquisa mobilizada por uma rede internacional de ONGs, entre o Brasil, a República Dominicana e o Suriname. Ano XXIV, nº 69, jul-dez/2011. São Paulo
Título	Tráfico de mulheres: um novo/velho drama amazônico
Autor/es	Lúcia Isabel da Conceição Silva; Marcel Theodoor Hazeu
Resumo	Este artigo aborda o tráfico de mulheres da Amazônia para o Suriname, baseado na pesquisa trinacional sobre Tráfico de Mulheres do Brasil e da República Dominicana para o Suriname, realizada entre 2007 e 2008 sob a coordenação da ONG sociedade dos Direitos sexuais Amazônia – SO Direitos. O estudo ouviu 15 mulheres brasileiras e 8 mulheres dominicanas que vivenciaram a situação de tráfico em clubes no Suriname. Neste texto discutem-se as situações de violações vivenciadas por essas mulheres antes e durante a situação de tráfico. Uma das conclusões do estudo é a percepção da relação entre a situação das mulheres e o contexto das relações de gênero na Amazônia, assim como resultantes das políticas de desenvolvimento implementadas na região.
Ano/Edição	Ano XXV, nº 71, jul-dez/2012. São Paulo

Normas para apresentação de textos

Travessia – Revista do Migrante deixou de ser monotemática e os artigos podem ser enviados a qualquer momento.

Tamanho: 10 a 20 laudas, fonte *times new roman*, tamanho 12, com breve Resumo e três palavras-chave (em inglês e português ou espanhol). A *Travessia* publica textos em espanhol.

Notítulo, não colocar nota, e para a identificação do autor, utilizar asterisco; quando houver mais de um autor, a revista respeitará a ordem constante no texto recebido. Não transformar em nota o que é fonte bibliográfica, inserir no próprio texto (sobrenome do autor, data e, quando necessário, a paginação).

Nas referências bibliográficas, relacionar apenas as fontes citadas no artigo, em ordem alfabética e se houver repetição de um mesmo autor, obedecer a ordem cronológica.

Seguir as normas da ABNT, destacando os títulos em itálico; no caso de artigos em revistas, fazer constar: local, volume, número, páginas, mês, ano (nesta ordem). Na citação de fonte eletrônica, colocar o endereço entre <...> e a data de acesso.

Os textos devem ser inéditos e seu envio implica na cessão de direitos autorais e de publicação à revista *Travessia*; o conteúdo é de inteira responsabilidade dos autores, porém, o Conselho Editorial reserva-se o direito de selecionar os que serão publicados, efetuar correções de ordem normativa, gramatical e ortográfica, bem como sugerir alterações.

Podem ser organizados dossiês e enviados à *Travessia*.

Além de artigos, a revista recebe resenhas, relatos, crônicas, contos...

Texto publicado dá direito a dez exemplares da edição.

TRAVESSIA agora também ON LINE

Um acervo sem data de vencimento

Já são mais de 70 edições lançadas, com conteúdos para estudo, informação e pesquisa que jamais perdem sua validade. Para aquisição de números anteriores, o valor unitário baixa de acordo com a quantidade solicitada. Aproveite a promoção e pague praticamente a valor da postagem. Entre diretamente em contato conosco.

Valor da assinatura

(2 números por ano)

Nacional

- por 1 ano.....R\$ 20,00
- por 2 anos.....R\$ 35,00
- por 3 anos.....R\$ 45,00

Exterior

- por 1 ano.....U\$ 20,00
- por 2 anos.....U\$ 35,00

Forma de pagamento

Depósito nominal à: **Pia Soc. dos Miss. de S. Carlos**

Banco Bradesco; Agência 515-0; c/c 23083-9

Após efetuar o depósito, informe por e-mail o valor, a data do depósito, finalidade do mesmo, seu endereço atualizado, sua profissão e/ou área de atuação.

Entre em contato conosco através do e-mail cem@missaonspaz.org ou através do novo portal acesse os últimos números da revista **TRAVESSIA** através do site: www.revistatravessia.com.br

www.missaonspaz.org

Seja um(a) Colaborador(a)

Pensou migrante, pensou *Travessia!*

Pensou diferente, pensou *Travessia!*

De estrada palmilhada, por um Conselho Editorial atuante, lá se vão de trinta anos mais.

A temática para a qual você estendeu o seu olhar, é mais do que cantante: **Os migrantes**

Politicamente..... || ora desejados, ora indesejados - sempre estiveram na ordem do dia e, na atualidade, transformaram-se em tema das agendas internacionais de governos;

Culturalmente..... || alguns são homenageados, vangloriados; outros, a maioria, discriminados, vítimas de preconceito, quando não de xenofobia;

Economicamente.. || são integrantes, como fator de maior visibilidade, de um dos eixos constitutivos da modernidade - a mobilidade do trabalho;

Teoricamente..... || abordados a partir de diferentes enfoques, nem sempre conseguem ser suficientemente abarcados.

Se seu horizonte não míngua nos limites do acadêmico, dispute este espaço, pois a *Travessia* transita para além das estantes.

Você encontra aqui um espaço ágil e flexível para socialização

dos seus estudos acadêmicos

da sua produção literária

da sua atuação militante.

A qualquer momento você pode enviar a sua colaboração.

*Dos/as migrantes cabem,
na ginga da Travessia,
as amostras da empiria,
os embates da teoria,
as lutas do dia a dia,
os sonhos da poesia.*

travessia@missaonspaz.org

cem@missaonspaz.org

www.revistatravessia.com.br

www.missaonspaz.org

Sumário

Albergado
Ambiente
Associações
Crianças
Cultura
Educação
Emigração/imigração
Família
Fronteiras
Gênero
Gerações
Grandes obras
Habitação/moradia
Identidade
Imprensa/mídia
Indígenas
Indocumentação
Literatura
Memória
Mercosul
Metrópole
Migração Sul-Sul
Mulheres
Nomadismos
Outros temas
Pastoral do migrante
Política
Preconceito/xenofobia
Questão agrária
Redes
Refugiados
Religião
Retorno
Saúde
Sociabilidades
Temporalidades
Trabalho
Violência

travessia@missaonspaz.org
www.revistatravessia.com.br
www.missaonspaz.org

ISSN 0103-5576



0103-5576